UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Fátima Rocha Luiz Vianna

A REPRESENTAÇÃO DA FELICIDADE NO PENSAMENTO OCIDENTAL

Rio de Janeiro
Dezembro 2005

FÁTIMA ROCHA LUIZ VIANNA

A REPRESENTAÇÃO DA FELICIDADE NO PENSAMENTO OCIDENTAL

Tese Apresentada ao Programa de Pós-Graduação
do Instituto de Psicologia do Centro de Filosofia
e Ciências Humanas da Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Como Requisito Parcial Para
Obtenção do Título de Doutor em Psicologia.

Orientador: Doutor Carlos Américo Alves Pereira.

Rio de Janeiro

Dezembro 2005

V617 Luiz Vianna, Fátima Rocha

A representação da felicidade no pensamento ocidental /Fátima Rocha Luiz Vianna. Rio de Janeiro: [s.n.], 2005.

xi, 195 f.: 31 cm

Orientador: Carlos Américo Alves Pereira

Tese (doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, 2005.

Referencias bibliografias p.187

1. Psicologia. 2. Psicologia social. 3. Felicidade. – Tese.

I. Pereira, Carlos Américo Alves. II. Universidade. Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD 150

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da USS/RJ.

FÁTIMA ROCHA LUIZ VIANNA

A REPRESENTAÇÃO DA FELICIDADE NO PENSAMENTO OCIDENTAL

Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 2005.

Doutor Carlos Américo Alves Pereira, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Doutora Maria Philomena da Cunha Gebran, Universidade Severino Sombra

Doutora Luiza Santos Moreira da Costa, Universidade Federal Fluminense

Doutora Élide Siegelmann, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Doutor Edson Alves de Souza Filho, Universidade Federal do Rio de Janeiro

A meus pais, Osmar e Thaïs,
pelo seu amor e por terem me ensinado valores
imprescindíveis para minha formação e para
que eu pudesse acreditar que meus esforços
valeriam a pena.

A meus filhos, Carolina e Felipe,
pelo seu amor e por estarem sempre comigo,
me apoiando e me incentivando a continuar
diante das adversidades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço

Especialmente, ao Prof. Dr. Carlos Américo Alves Pereira, mais que um orientador, um incentivador e amigo, que me guiou no desenvolvimento deste trabalho.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com os quais tive a oportunidade de conviver e com quem muito aprendi.

À Ana, funcionária da Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pelas orientações, pela paciência com que esclareceu todas as minhas dúvidas e pelo auxílio sempre prestimoso.

Aos colegas docentes e funcionários da Universidade Severino Sombra, pelo incentivo e pelo reconhecimento de meu empenho no cumprimento de meus compromissos acadêmicos.

A todos os meus amigos, que me incentivaram e com os quais aprendi muitas lições para minha vida pessoal e profissional.

À minha família – pais, filhos, irmãs, cunhados, sobrinhos, tios e primos - que soube, em cada momento, me amar, compreender e incentivar para que eu pudesse realizar os meus sonhos.

A Deus, por ter me iluminado e guiado em meus caminhos, me protegendo nessa trajetória.

“É necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la.”

Epicuro, séc. IV a.C., Carta a Meneceu

RESUMO

LUIZ VIANNA, Fátima Rocha. A representação da felicidade no pensamento ocidental. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

Estudo teórico qualitativo de Psicologia Social, dos aspectos essenciais ao estado de felicidade, analisou conceitos relativos ao significado de ser feliz, expressos pelos mais significativos representantes do pensamento ocidental. O campo da Psicologia da Felicidade tem investigado tópicos relativos: aos componentes do bem-estar subjetivo, como satisfação, afeto prazeroso e baixo nível de afeto desprazeroso; aos modelos teóricos explicativos do bem-estar subjetivo, como as *bottom-up theories*, relativas à influência dos fatores extrínsecos sobre a felicidade, como das variáveis demográficas, e as *top-down theories*, relativas à influência dos fatores intrínsecos sobre a felicidade, como as relações entre personalidade e bem-estar subjetivo, as teorias de discrepância e sobre os processos de adaptação e *coping*; à relação entre cognição e emoção e sua influência sobre o bem-estar subjetivo; às diferenças transculturais no bem-estar subjetivo; e a Psicologia Positiva. Considerando os conceitos de felicidade como representações sociais, porque produzidos na cultura a partir das comunicações interpessoais cotidianas, enquanto os indivíduos organizavam sua realidade social, o estudo teve como objetivos: verificar os aspectos contidos nas idéias que permaneceram, ao longo da história, como essenciais ao significado de ser feliz, no que respeita à transição de uma racionalidade inaugurada na Antiguidade e seu processo progressivo à racionalidade atual; e avaliar os aspectos contidos nas idéias sobre a felicidade que, transcendendo a história da humanidade, parecem rerepresentar-se periodicamente, enquanto representação. O material utilizado constou de livros e artigos de periódicos científicos sobre felicidade, qualidade de vida e bem-estar subjetivo, com ênfase em autores como Diener, Csikszentmihalyi e Seligman; obras dos autores representativos das principais correntes filosóficas e literárias do pensamento ocidental; e obras em que se encontraram citados conceitos referentes à felicidade. O método envolveu o levantamento bibliográfico; revisão da literatura em Psicologia Social sobre felicidade, bem-estar subjetivo e satisfação com a vida; coleta e análise de conteúdo dos conceitos de felicidade, sua classificação em elementos de significação e sua distribuição em categorias temáticas. O exame das fontes documentais resultou no levantamento de quatrocentos e sessenta conceitos de felicidade, submetidos à Análise de Conteúdo. A partir do processo de classificação temática dos conceitos de felicidade, através da interpretação do seu significado psicológico, identificou-se cento e trinta e cinco elementos de significação, agrupados em oito categorias temáticas. Os elementos de significação mais recorrentes foram: Social, Virtude, Religiosidade, Conhecimento, Condições subjetivas, Prazer, Amizade, Amor, Ação. O estabelecimento do diálogo entre os elementos de significação e o referencial teórico, através do cruzamento dos dados, possibilitou uma abrangente exploração dos resultados e sua interpretação, na compreensão da relação entre os aspectos psicossociais relativos à felicidade, ao bem-estar subjetivo e à satisfação com a vida e as noções que permaneceram como idéias essenciais do estado de “ser feliz”.

ABSTRACT

LUIZ VIANNA, Fátima Rocha. A representação da felicidade no pensamento ocidental. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

Qualitative theoretical study of Social Psychology, of the essential aspects to the happiness state, was analysed relative concepts to the meaning of being happy, expressed for most significant represented in occidental person thought. The field in Psychology of the Happiness has investigated topics about: to the components of subjective well-being, as satisfaction, pleasant affection and low level of unpleasant affection; to the clarifying theoretical models of subjective well-being, as botton-up theories, related to the influence of the extrinsic factors about happiness, as of the demographic variable, and top-down theories, related to the influence of intrinsic factors about happiness, as the relations between personality and subjective well-being, the theories of discrepancy and on the processes of adaptation and coping; to the relation between cognition and emotion and its influence on subjective well-being; to the transcultural differences in subjective well-being; and Positive Psychology. Considering the happiness concepts as social representations, because produced in the culture from the daily interpersonal communications, while the individuals organized their social reality, the study had the objective: to verify the aspects contained in ideas that had remained, throught the history, as essential to the meaning of being happy, in that it respects to the transition of a rationality inaugurated in the Seniority and its gradual process to the current rationality; and to evaluate the aspects contained in ideas about happiness that, exceeding the history of the humanity, seem to re-present themselves periodically, while representation. The material used consisted in books and scientific articles about happiness, quality of life and subjective well-being, with emphasis in authors as Diener, Csikszentmihalyi and Seligman; representative authors works of main philosophical and literary chains of accidental thinkings; and works where had found cited referring concepts about happiness. The method involved the bibliographical survey; revision of literature in Social Psychology about happiness, subjective well-being and satisfaction with the life; collections and analysis of the contents about happiness concepts, its classification in elements of meaning and its distribution in thematic categories. The examination of the documentary sources resulted in the survey of four hundred and sixty concepts of happiness, submitted to the Analysis of Content. From the process of thematic classification of the happiness concepts, through the interpretation of its psychological meaning, it was identified one hundred and thirty and five elements of meaning, grouped in eight thematic categories. The most recurrent elements of meaning had been: Social, Virtue, Religiosity, Knowledge, Subjective conditions, Pleasure, Friendship, Love, Action. The establishment of the dialogue among the meaning elements and the theoretical references, through the crossing of data, became possible an including exploration of the results and its interpretation, in the understanding of the relation among relative the psychosocial aspects related to happiness, subjective well-being and to the satisfaction with the life and the slight knowledge that had been as essential ideas of the state of "being happy".

LISTA DE QUADROS

Número	Título	Página
1	Os Trechos/Fragmentos sobre Felicidade	56
2	Os Elementos de Significação	129
3	As Categorias Temáticas e sua Descrição	131
4	As Categorias Temáticas e os Elementos de Significação	132

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	ix
Seção	Página
INTRODUÇÃO	1
1. REVISÃO DA LITERATURA	6
1.1 A FELICIDADE NA PSICOLOGIA	6
1.1.1 A Psicologia Positiva	7
1.1.2 Os Componentes do Bem-estar Subjetivo	8
1.1.2.1 O Afeto Positivo e o Afeto Negativo	13
1.1.2.2 A Satisfação	17
1.1.3 Os Modelos Teóricos Explicativos do Bem-estar Subjetivo	18
1.1.3.1 As <i>Top-down Theories</i>	18
1.1.3.1.1 As Teorias Relativas à Personalidade	19
1.1.3.1.1.1 Os Modelos de Temperamento	21
1.1.3.1.1.2 O Modelo do Equilíbrio Dinâmico	22
1.1.3.1.1.3 Os Modelos de Congruência	23
1.1.3.1.1.4 Os Modelos Cognitivos	23
1.1.3.1.1.5 Os Modelos de Metas	24
1.1.3.1.1.6 Os Modelos de Socialização da Emoção	25
1.1.3.1.2 As Teorias Relativas à Discrepância	28
1.1.3.1.2.1 As Teorias de Comparação Social	29
1.1.3.1.2.2 As Teorias sobre Aspirações Modestas	30
1.1.3.1.2.3 As Teorias de Discrepância nas Metas	30
1.1.3.1.3 As Teorias Relativas aos Processos de Adaptação e <i>Coping</i>	31
1.1.3.2 As <i>Botton-up Theories</i>	33
1.1.3.2.1 As Variáveis Sócio-demográficas	34
1.1.4 O Fluxo	42
1.2 A TEORIA DA VIDA COTIDIANA E A FELICIDADE	42

1.3 A RELAÇÃO ENTRE COGNIÇÃO E EMOÇÃO E SUA INFLUÊNCIA SOBRE O BEM-ESTAR SUBJETIVO	45
1.4 AS DIFERENÇAS TRANSCULTURAIS NO BEM-ESTAR SUBJETIVO	45
1.5 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	49
2. RESULTADOS	56
2.1 OS TRECHOS/FRAGMENTOS SOBRE FELICIDADE	56
2.2 A CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA	128
2.2.1 Os Elementos de Significação	128
2.2.2 O Sistema de Categorias	129
3. DISCUSSÃO	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS	183
REFERÊNCIAS	187
REFERÊNCIAS BÁSICAS	187
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES	192

INTRODUÇÃO

A presente tese ‘A Representação da Felicidade no Pensamento Ocidental’, apresentada ao programa de doutorado em Psicologia, do Instituto de Psicologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, representa uma investigação dos aspectos essenciais ao estado de felicidade, através da análise de trechos ou fragmentos, relativos ao significado de ser feliz, retirados das obras dos mais diversos pensadores, ao longo da história do desenvolvimento do pensamento ocidental.

O novo campo de investigação aberto sobre a felicidade, o bem-estar subjetivo, a satisfação com a vida e a qualidade de vida tem crescido rapidamente e vem contribuindo para uma melhor compreensão da maneira como os diferentes níveis de sentimentos de prazer e de desprazer, os objetivos de vida, os estilos cognitivos e as variadas características de temperamento e estados de humor, entre outros aspectos, exercem influência nos modos de se definir o que vem a ser felicidade e uma vida satisfatória.

Embora segundo Diener, Suh e Oishi (1997), as circunstâncias externas pareçam ser pouco marcantes na determinação do sentimento de bem-estar subjetivo dos indivíduos, em função, até certo ponto, da capacidade humana de adaptação às contingências ambientais, é necessário considerar a influência que determinadas características do contexto histórico e cultural exercem sobre a maneira como as pessoas apreciam e definem o sentimento de felicidade, a partir da adoção de costumes e imagens e, portanto, de representações sociais.

Considerando os trechos/fragmentos sobre felicidade retirados das obras como representações sociais, porque foram produzidos na cultura a partir das comunicações interpessoais cotidianas, enquanto os indivíduos organizavam sua realidade social, o presente estudo teve como alvo principal verificar os aspectos contidos nas idéias sobre a felicidade que permaneceram, ao longo da nossa história, como essenciais ao significado de ser feliz. Assim, a finalidade da presente investigação é identificar os aspectos que têm permanecido comuns, ao longo da história, na conceituação do estado de ser feliz, isto é, seus significados remanescentes, no que respeita à transição de uma racionalidade inaugurada na Antigüidade e seu processo progressivo à racionalidade atual, na tentativa de nos debruçar sobre aspectos do psiquismo que se caracterizam como sendo essencialmente humanos.

O estudo também almejou alcançar os objetivos, especificamente, de percorrer as principais correntes do pensamento ocidental, buscando o que há de comum entre os diferentes trechos/fragmentos sobre o estado de felicidade retirados das obras, para uma verificação do que permaneceu, ao longo da história, como essencial ao significado de ser

feliz; e de cruzar aspectos concernentes à felicidade e ao bem-estar subjetivo dos atuais estudos da psicologia social, com os resultados encontrados na análise de conteúdo dos trechos/fragmentos sobre felicidade retirados das obras, com o intuito de avaliar quais aspectos contidos na idéia sobre a felicidade, transcendendo a história da humanidade, parecem reapresentar-se periodicamente, enquanto representação.

O material utilizado foi composto de livros e artigos de periódicos científicos sobre felicidade - principalmente na área da Psicologia Social, em suas correntes contemporâneas, com ênfase em autores como Ed Diener, Mihaly Csikszentmihalyi e Martin E. P. Seligman, e respectivos colaboradores, entre outros, e relativos às Representações Sociais; fontes documentais¹ - obras de autores representativos das principais correntes filosóficas e literárias do pensamento ocidental, da Antiguidade à atualidade; e obras em que se encontraram citados trechos/fragmentos referentes à felicidade retirados das obras.

Tanto as fontes documentais quanto os autores foram selecionadas a partir da sua importância na tradição cultural do ocidente, em cada período histórico² distinto: Antiguidade (considerada do Século VIII a.C. até o ano 476 d.C.), Idade Média (de 476 a 1453), Idade Moderna (de 1453 a 1789) e Idade Contemporânea (de 1789 aos dias atuais).

Ao longo do trabalho, o conceito de história no qual nos baseamos é o da Escola dos Anais, que privilegia a longa duração e as estruturas, traz à luz a história das mentalidades e se abre a outras ciências humanas. Essa nova história apresenta duas perspectivas fecundas: a 'longa duração' e as 'estruturas'. A 'longa duração' refere-se ao estudo do tempo longo, porque as permanências e mudanças, que são importantes para a compreensão histórica, não podem ser detectadas no curto prazo (Chaves, 2000). A esse respeito, segundo Le Goff (1998, p.36), Braudel destacou o estudo das “ forças permanentes que atuam sobre as vontades humanas, que pesam sobre elas sem que elas disso se apercebam, que as vergam nesta ou naquela direção”. Para Le Goff (1998, p.45) “a história caminha mais ou menos depressa, porém as forças profundas da história só atuam e se deixam apreender no tempo longo. [...] A história do curto prazo é incapaz de apreender e explicar as permanências e as mudanças.” Braudel (2002) explica que a história de longa duração é uma maneira de observar o passado suprimindo uma parte da história vivida, eliminando o que é breve, individual, simples

¹ Ao longo deste estudo consideramos “fonte primária” qualquer fonte de consulta, qualquer obra que forneça informação a um pesquisador, ou seja, as evidências do passado (como livros, cartas, diários, documentos registrados em cartórios etc.); e consideramos “fonte secundária” qualquer texto escrito a partir da análise das fontes primárias (como livro, documento, dicionário, enciclopédia etc.) utilizado como fonte de consulta.

² Ao longo deste estudo os períodos históricos são considerados de acordo com a divisão tradicional adotada no Ocidente com o objetivo de facilitar o estudo da história humana.

oscilação, episódio. “Para recriar uma paisagem de história segundo perspectivas intermináveis, multisseculares.” (p.356)

E as ‘estruturas’, consideram que é preciso identificar e analisar o que permanece ao longo do tempo, embora envolvido por mudanças (Le Goff, 1998). Braudel (2002) chama estrutural a história que está sob o signo da duração, da repetição, da insistência; a estrutura é “o que, na massa de uma sociedade, resiste ao tempo, perdura, escapa das vicissitudes, sobrevive com obstinação e sucesso.” (p.356) A estrutura não é imobilidade rigorosa; só parece imóvel em relação ao tudo o que, em torno dela, se move, evolui mais ou menos depressa; portanto, é preciso estudar o que muda lentamente e o que se chama de estruturas.

De acordo com Pomian (1998),

A estrutura ou, antes, as estruturas – porque, na linguagem dos historiadores, essa palavra só existe no plural – são fenômenos geográficos, ecológicos, técnicos, econômicos, sociais, políticos, culturais, psicológicos, que permanecem constantes durante um longo período ou que só evoluem de maneira quase imperceptível. A conjuntura são as flutuações de amplitude diversas que se manifestam nesse contexto. Em outras palavras, a estrutura é definida implicitamente enquanto conjunto de injunções, de limites ou de barreiras, que impedem que as diferenças variáveis, cujas flutuações constituem a conjuntura, se elevem acima de certo teto. As mudanças de estrutura, que consistem em inovações que possibilitam transcender as antigas injunções, têm um caráter de transformações qualitativas, de rupturas de continuidade. O tempo das estruturas é lentíssimo, quase imóvel; a rigor, poderíamos dizer que, dentro de cada tipo de estrutura, ele é quase estacionário. Entretanto, quando se comparam as estruturas que se sucedem, vê-se que é quase nesse nível que se situam as transformações irreversíveis: as mutações que transformam um tipo de estrutura em outro. (p.113)

A nova história, de acordo com Ariès (1998), se revela como uma história total, considerando aspectos sociais, econômicos, demográficos, antropológicos e psicológicos; e procura abordar cada sociedade com maior profundidade. Para tanto, leva em conta o sistema das mentalidades, que coloca o foco de análise nas mentalidades de cada época, revela a compreensão que as pessoas têm acerca da sua realidade e pode ser apreendido na análise do processo histórico. Subjacentes aos fatos há mentalidades que são diferentes tanto em relação aos vários momentos da história de uma sociedade, como nas diversas culturas (Chaves, 2000). Nessa perspectiva, preocupa-se, entre outros aspectos, com a percepção diferencial dos valores pelos vários grupos sociais e a subjetividade humana deixa de ser considerada como invariável, mas como um aspecto cambiante do contexto histórico-social global (Cardoso e Brignoli, 1983 *apud* Chaves, 2000).

Não foi nossa finalidade, no presente trabalho, elaborar um estudo histórico propriamente dito. No entanto, tendo em vista que as diferentes áreas do conhecimento sobre o comportamento humano são complementares, consideramos enriquecedor que a pesquisa

psicológica possa ser orientada por uma abordagem epistemológica que recorra a outras áreas do conhecimento para o esclarecimento do seu objeto específico de estudo. Nesse sentido, corroboramos a opinião de Chaves (2000), de que a Psicologia aperfeiçoará o conhecimento que produz e contribuirá para o aperfeiçoamento dos conhecimentos das outras áreas humanas. Na perspectiva, então, de que as estruturas psicológicas são duráveis, nossa intenção foi, tão somente, desenvolver nossa investigação levando em conta a longa duração do conceito de felicidade, e não trabalhar com movimentos conjunturais.

Em se tratando de um estudo analítico qualitativo, de cunho teórico, o procedimento empregado envolveu o levantamento bibliográfico, com a busca dos livros e artigos de periódicos científicos, através do acesso a bibliotecas universitárias, bibliotecas especializadas e via Internet; a revisão da literatura – tanto sobre a Psicologia da Felicidade como das Representações Sociais, objetivando o estabelecimento de um abrangente referencial teórico para o estudo, pelo qual se procurou cobrir, num amplo espectro, a literatura especializada pertinente a essas áreas específicas, para dela fazer emergir os aspectos psicossociais relacionados à felicidade, ao bem-estar subjetivo e a satisfação com a vida; a coleta dos dados - realizada através da seleção e leitura das fontes documentais primárias e secundárias e o concomitante levantamento dos trechos/fragmentos sobre felicidade retirados das obras, visando à determinação do material a ser submetido à análise de conteúdo; e a análise de conteúdo - dos trechos/fragmentos sobre felicidade retirados das obras, considerados enquanto representações sociais da felicidade, pela qual pretendeu-se alcançar uma análise qualitativa de significados remanescentes do tema, uma vez que reincidem em diferentes épocas, abrangendo a sua classificação em elementos de significação e sua distribuição em categorias temáticas.

O exame das fontes documentais primárias e secundárias resultou no levantamento de 460 (quatrocentos e sessenta) trechos/fragmentos de obras que se referem à felicidade, posteriormente submetidos à Análise de Conteúdo. A partir do processo de classificação temática dos trechos/fragmentos sobre felicidade retirados das obras, através da interpretação do seu significado psicológico, identificou-se 135 (cento e trinta e cinco) elementos de significação, que foram agrupados em 08 (oito) categorias temáticas, de diferentes dimensões de análise, o que nos permitiu estabelecer uma correspondência entre o nível dos dados inferidos da análise de conteúdo sobre os trechos/fragmentos sobre felicidade e o nível teórico dos dados levantados da psicologia social a respeito do tema da felicidade, do bem-estar subjetivo, da satisfação com a vida e da qualidade de vida, pelo estabelecimento de um diálogo com o referencial teórico.

Assim, a exploração do material possibilitou sua abrangente interpretação, através do cruzamento dos dados, ou seja, dos aspectos psicossociais relativos aos estudos sobre a felicidade, o bem-estar subjetivo e a satisfação com a vida da atual Psicologia Social, com as noções que permaneceram como idéias essenciais do estado de “ser feliz”.

1. REVISÃO DA LITERATURA

1.1 A FELICIDADE NA PSICOLOGIA

A palavra felicidade, derivada do latim *fēlicitās, fēlicitātis*, no sentido etimológico tem recebido as acepções prosperidade, dita, ventura (Houaiss, 2004) e fortuna, satisfação (Cunha, 1986), e em todas as épocas da história do pensamento ocidental encontramos reflexões acerca da idéia de felicidade presentes nas obras de pensadores das mais diversas origens e orientações. Tanto profetas, como poetas e filósofos, como aponta Csikszentmihalyi (1999), vislumbraram verdades importantes, expressas no vocabulário conceitual de sua época, cujo significado precisa ser redescoberto e reinterpretado a cada geração.

No curso de sua história, por muitas décadas, a ciência psicológica deu pouca ênfase ao estudo da felicidade e as inferências e considerações sobre o assunto estiveram por longo tempo circunscritas no âmbito da literatura e, principalmente, da filosofia.

Até meados do século XX, os psicólogos relutavam em estudar a felicidade, porque o paradigma behaviorista reinante nas ciências sociais sustentava que emoções subjetivas eram vagas demais para que fossem objetos apropriados de pesquisa científica. Mas à medida que o ‘empirismo árido’ no meio acadêmico foi amainando nas últimas décadas, permitindo que a importância das experiências subjetivas pudesse ser novamente reconhecida, o estudo da felicidade foi retomado com um novo vigor. (Csikszentmihalyi, 1999, p. 26)

Somente no final do século XX, pesquisadores na área da Psicologia Social voltaram sua atenção para o estado de felicidade, o bem-estar subjetivo, a satisfação com a vida e a identificação de afetos positivos e negativos relacionados, em última instância, com o que podemos denominar de qualidade de vida. Assim, apenas há poucos anos a felicidade tornou-se objeto sistemático de estudo científico no seio da Psicologia.

Myers e Diener (1997) no artigo *The science of happiness* argumentam:

Although the scientific pursuit of happiness has recently mushroomed, speculations about happiness are ages-old. [...] In the centuries since, some sages have suggested that happiness comes from living a virtuous life, and others, from indulging pleasures; some that it comes from knowing the truth, and others, from preserving illusions; some, that it comes from restraint, and others, from purging oneself of pent-up rage and misery. The list goes on, but the implication is clear: to discover the truth about happiness, we must ask how these competing ideas relate to reality. In short, we must study happiness scientifically. (p.2)³.

³ Embora a investigação científica da felicidade tenha crescido muito rápido recentemente, as especulações sobre felicidade são antigas. [...] Em séculos passados, alguns filósofos sugeriram que a felicidade vem de viver uma vida virtuosa, outros, de favorecer prazeres; alguns que vem de saber a verdade, outros, de preservar as ilusões; alguns, que vem da restrição, e outros, de purgar a si mesmo da ira e da miséria. A lista vai longe, mas a

Os primeiros estudos voltados para a felicidade e o bem-estar, desenvolvidos no âmbito de uma Psicologia Positiva, conforme apontados por Seligman e Csikszentmihalyi (2000), foram os escritos de Watson sobre paternidade efetiva de 1928, o trabalho de Jung sobre preocupação e procura do significado da vida, de 1933, os estudos sobre felicidade no casamento de Terman, Buttenwieser, Ferguson, Johnson e Wilson, de 1938 e os trabalhos sobre dons e talentos inerentes de Terman, de 1939.

De acordo com Seligman (2004), durante a segunda metade do século XX, a psicologia voltou sua atenção para investigações em torno de um único tópico – a doença mental – e agora chegou a vez de uma ciência que procura entender a emoção positiva, desenvolver força e virtude, e oferecer orientação para uma ‘vida boa’ – a Psicologia Positiva. Também segundo Diener (1984), durante décadas os psicólogos ignoraram amplamente o bem-estar subjetivo positivo, enquanto a infelicidade humana era explorada profundamente. Apenas na década de 1970, cientistas sociais e do comportamento corrigiram essa situação e estudos teóricos e empíricos emergiram de uma forma incrivelmente rápida. Em 1973 o *Psychological Abstracts International* começou a listar ‘felicidade’ como um termo indexado e em 1974 o periódico *Social Indicators Research* foi fundado com um grande número de artigos dedicados ao bem-estar subjetivo. (Pereira, 1997)

1.1.1 A Psicologia Positiva

Atualmente, a Psicologia Positiva se desenvolve sobre três pilares: 1) o estudo da emoção positiva; 2) o estudo dos traços positivos (forças, virtudes e habilidades, como a inteligência e a capacidade atlética); 3) o estudo das instituições positivas, como a democracia, a família e a liberdade (que dão suporte às virtudes que, por sua vez, apóiam as emoções positivas) (Seligman, 2004). Na edição especial de comemoração da virada do milênio da revista *American Psychologist*, editada pela *American Psychological Association*, Seligman e Csikszentmihalyi (2000) apresentam um retrato variado e complexo das contribuições que puderam ser incluídas sob a rubrica dessa nova área da Psicologia, preocupada com a experiência subjetiva positiva.

De acordo com Seligman e Csikszentmihalyi (2000), no que se refere à experiência positiva, procura-se responder a questão: “O que faz um momento melhor que o outro?”

implicação é clara: para descobrir a verdade sobre a felicidade, temos que nos perguntar como estas idéias se relacionam com a realidade. Em resumo, nós temos que estudar a felicidade cientificamente.

Enquanto Kahneman (1999) considera a qualidade hedônica da experiência corrente como o pilar básico da Psicologia Positiva, Diener (2000) coloca o foco sobre o bem-estar subjetivo, Massimini e Delle Fave (2000) sobre a experiência ótima, Peterson (2000) sobre o otimismo, Myers (2000) sobre a felicidade e Ryan e Deci (2000) sobre a autodeterminação. Por sua vez, Taylor, Kemeny, Reed, Bower e Gruenewald (2000) e Salovey, Rothman, Detweiler e Steward (2000) investigam o relacionamento entre emoções positivas e a saúde física.

No que diz respeito ao tema da personalidade positiva, o denominador comum entre todas as abordagens apresentadas é a perspectiva dos seres humanos como auto-organizados, autodirigidos, seres adaptáveis. Enquanto Ryan e Deci (2000) colocam seu foco sobre a autodeterminação, Baltes e Staudinger (2000) o colocam sobre a esperança e Vaillant (2000) sobre as defesas maduras. Por outro lado, tanto Lubinski e Bendor (2000), quanto Simonton (2000), Winner (2000), Larson (2000) e Gardner, Michelson e Solomon (2000) focalizam a *performance* excepcional, como a criatividade e o talento. (Seligman e Csikszentmihalyi, 2000)

E no que tange às comunidades⁴ positivas e às instituições positivas, partindo-se do reconhecimento de que tanto as pessoas quanto as experiências estão envolvidas em um contexto social, tanto Buss (2000), quanto Massimini e Delle Fave (2000) descrevem a perspectiva evolucionária que dá forma à experiência humana positiva. Myers (2000), por seu turno, descreve as contribuições dos relacionamentos sociais para a felicidade e Schwartz (2000) reflete sobre a necessidade de normas culturais que aliviem os indivíduos da responsabilidade da escolha. E enquanto Larson (2000) enfatiza a importância de atividades voluntárias para o desenvolvimento de jovens e Winner (2000) aponta para o efeito das famílias no desenvolvimento do talento. (Seligman e Csikszentmihalyi, 2000)

1.1.2 Os Componentes do Bem-estar Subjetivo

Para Diener, Suh, Oishi (1997), o campo de pesquisa sobre o tema da felicidade, bem-estar subjetivo, satisfação com a vida e qualidade de vida tem investigado como as pessoas avaliam suas vidas e inclui o estudo de variáveis como vida satisfatória, satisfação no casamento, ausência de depressão e ansiedade, emoções e estados de humor positivos e está

⁴ Ao longo deste estudo consideramos o vocábulo “comunidade” como qualquer conjunto populacional considerado como um todo, em virtude de aspectos geográficos, econômicos e/ou culturais comuns. (Ferreira, 1986)

interessado em sentimentos de bem-estar relativamente duradouros, e não em emoções passageiras.

The literature on SWB [subjective well-being] is concerned with how and why people experience their lives in positive ways, including both cognitive judgments and affective reactions. As such, it covers studies that have used such diverse terms as happiness, satisfaction, morale, and positive affect.⁵ (Diener, 1984, p.542)

O termo ‘felicidade’ tem sido utilizado abrangendo significados distintos, entre os quais se inclui a alegria momentânea, a satisfação com a vida e o prazer em longo prazo, além de ser utilizado pelo senso comum representando o bem-estar subjetivo. Embora a felicidade, o bem-estar subjetivo, a satisfação e a qualidade de vida sejam estados subjetivos inter-relacionados, podem ser discriminados, grosso modo, da seguinte forma: felicidade: como o estado subjetivo em que há a preponderância dos afetos positivos sobre os afetos negativos; bem-estar subjetivo: como o sentimento de conforto e harmonia; satisfação: como o sentimento experimentado quando da conquista de um objetivo, através do uso e da ampliação dos conhecimentos; e qualidade de vida, de acordo com a Organização Mundial da Saúde: como a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações (WHOQOL, 2004).

Os estudos acerca do bem-estar subjetivo têm utilizado os mais diversos termos, tais como: felicidade, satisfação, estado de espírito e afeto positivo, além de também ser considerado a avaliação subjetiva da qualidade de vida⁶. O bem-estar subjetivo refere-se ao que as pessoas pensam e como elas se sentem sobre suas vidas, sendo definido em termos da experiência interna do indivíduo, isto é, é avaliado a partir da perspectiva do próprio indivíduo, a partir de seu próprio quadro de referência. Em consequência, suas crenças acerca do seu próprio bem-estar e felicidade são de fundamental importância para essa avaliação. Além disso, o bem-estar subjetivo focaliza os estados afetivos numa perspectiva em longo prazo, não somente nos humores momentâneos. O interesse está nos humores das pessoas ao longo do tempo, ainda que esses estejam sujeitos a alterações à medida que novos eventos aconteçam (Diener, Suh e Oishi, 1997).

Ao avaliar sua própria vida, a pessoa o faz de forma cognitiva (por exemplo, quando a pessoa faz um julgamento avaliativo consciente sobre aspectos de sua satisfação em relação a

⁵ A literatura sobre o SWB [bem-estar subjetivo] abrange como e por que as pessoas experimentam suas vidas de um modo positivo, incluindo julgamentos cognitivos e reações afetivas. Como tal, cobre estudos que têm usado termos diversos tais como felicidade, satisfação, moral [disposição de ânimo] e afeto positivo.

⁶ No que tange a diversidade de termos será respeitada a terminologia utilizada por cada autor em seus estudos.

sua vida como um todo, ou quando faz julgamentos sobre aspectos específicos como o lazer ou o trabalho) ou em forma de afeto⁷ (por exemplo, quando a pessoa experimenta emoções e estados de humor prazerosos ou desprazerosos). Portanto, o bem-estar subjetivo é uma avaliação tanto cognitiva quanto emocional da própria existência. E quando dizemos que uma pessoa possui alto nível de bem-estar subjetivo nos referimos ao fato dela estar experimentando satisfação de vida e emoções de contentamento e alegria com frequência e emoções como tristeza e raiva pouco frequentes; em contrapartida, uma pessoa possui baixo nível de bem-estar subjetivo quando não está satisfeita com a vida e sente emoções negativas como raiva ou ansiedade frequentemente (Diener, 1984; Diener, Suh, Oishi, 1997; Diener, Suh, Lucas, Smith, 1999; Diener, Lucas, 2000). Embora esses componentes sejam considerados separadamente, segundo Diener e Lucas (2000), eles geralmente se inter-relacionam, o que sugere a existência de um *constructo* de bem-estar subjetivo de ordem superior.

De acordo com Pereira (1997), foi em Cantril (1965) e em Abrams (1973) que se verificou a “tendência em caracterizar o constructo de bem-estar sob o enfoque da subjetividade.” E, além disso,

Do ponto de vista empírico, muitos estudos conduzidos na área de qualidade de vida e bem-estar subjetivo prontamente confirmam a plausibilidade teórica quanto a uma configuração multidimensional do constructo bem-estar subjetivo (e. g., Campbell, 1976; Campbell, Converse e Rodgers, 1976; Diener, 1984; Larsen, Diener e Emmons, 1985; Glatzer, 1987; Glatzer e Mohr, 1987; Chamberlain, 1988; Riff, 1989). (Pereira, 1997, p.36)

Para Diener (1984), as definições de bem-estar subjetivo e felicidade podem ser agrupadas em três categorias: a primeira categoria concebe o bem-estar através de critérios externos, tais como, virtude ou santidade; a segunda investiga os questionamentos sobre o que leva as pessoas a avaliarem suas vidas em termos positivos; e a terceira, considera o bem-estar como sendo o estado que denota uma preponderância dos afetos positivos sobre os negativos.

First, well-being has been defined by external criteria such as virtue or holiness. Coan (1977) reviewed the varying conceptions of the ideal conditions that have held sway in different cultures and eras. In normative definitions happiness is not thought of as a subjective state, but rather as possessing some desirable quality. Such definitions are normative because they define what is desirable. [...]

Second, social scientists have focused on the question of what leads people to evaluate their lives in positive terms. This definition of subjective well-

⁷ O termo ‘afeto’ representa os sentimentos que possuem uma qualidade prazerosa ou desprazerosa, incluindo os humores (geralmente, mais duradouros do que as emoções e com causas desconhecidas) e as emoções (frequentemente, mais breves e mais intensas do que os humores, possuindo uma causa clara) (Giacomoni, 2002).

being has come to be labeled life satisfaction and relies on the standards of the respondent to determine what is the good life. [...]

A third meaning of happiness comes closest to the way the term is used in everyday discourse – as denoting a preponderance of positive affect over negative affect (Bradburn, 1969). This definition of subjective well-being thus stresses pleasant emotional experience this may mean either that the person is experiencing mostly pleasant emotions during this period of life or that the person is predisposed to such emotions, whether or not he or she is currently experiencing them. (Diener, 1984, p.543)⁸

Ainda segundo Diener (1984), a área do estudo do bem-estar subjetivo abrange uma ampla extensão do bem-estar, da agonia ao êxtase, não se limitando apenas aos estados como depressão ou desesperança. A área de estudos não se volta apenas para as causas da depressão e ansiedade, mas também para os fatores que diferenciam as pessoas felizes das moderadamente felizes e extremamente felizes.

Da década de 1980 em diante, o estudo do bem-estar subjetivo tem demonstrado avanços consideráveis nos seus modelos explicativos estruturais. Inicialmente, Andrews e Withey, em 1976, apresentaram como componentes do bem-estar subjetivo: o julgamento de satisfação de vida e o afeto positivo e negativo. A felicidade é descrita como o resultado da presença freqüente de afeto positivo e da relativa ausência de afeto negativo. A satisfação de vida é vista como o componente cognitivo que complementa a felicidade, dimensão afetiva do funcionamento positivo. O componente cognitivo refere-se aos aspectos racionais e intelectuais, enquanto o componente afetivo envolve os componentes emocionais, a soma dos humores e emoções. Ryff e Keyes, em 1995, compuseram um modelo teórico do bem-estar psicológico com seis dimensões: autonomia, domínio do ambiente, crescimento pessoal, relações positivas com os outros, objetivo de vida e auto-aceitação, e comparam este modelo com outros indicadores freqüentemente utilizados, como o afeto positivo, o afeto negativo e a satisfação com a vida. (Giacomini, 2002)

Na perspectiva de Diener, Suh e Oishi (1997), o bem-estar subjetivo é definido como uma ampla categoria de fenômenos que inclui as respostas emocionais das pessoas, os

⁸ Primeiro, o bem-estar tem sido definido através de critérios externos, tais como virtude ou santidade. Coan (1977) reviu as variadas concepções das condições ideais que tiveram influência em diferentes culturas e eras. Em definições normativas a felicidade não é pensada como um estado subjetivo, mas antes como o possuir alguma qualidade desejável. Tais definições são normativas porque definem o que é desejável. [...]

Em segundo, os cientistas sociais focalizaram a pergunta o que leva as pessoas a avaliar suas vidas em termos positivos. Esta definição do bem-estar subjetivo tem sido denominada de satisfação com a vida e confia nos padrões dos respondentes para determinar o que é a vida boa. [...]

Um terceiro significado de felicidade é o mais próximo da maneira com que o termo é usado no discurso diário - como denotando uma preponderância do afeto positivo sobre o afeto negativo (Bradburn, 1969). Esta definição do bem estar subjetivo, portanto, enfatiza a experiência emocional agradável, podendo significar que a pessoa está experimentando emoções agradáveis durante a maior parte de seu período da vida ou que a pessoa está predisposta a tais emoções, ou se ele ou ela não as estão experimentando atualmente. (Diener, 1984, p.543)

domínios de satisfação e os julgamentos globais de satisfação de vida. E do ponto de vista de Campbell (1976) a “[...] satisfação depende mais basicamente de processos mentais cognitivos do que de processos afetivos, emocionais.” (p. 119)

Um aspecto de fundamental relevância, como indicam Diener, Suh e Oishi (1997), é a distinção entre bem-estar subjetivo e saúde mental. É o bem-estar subjetivo necessário e suficiente para a saúde mental? O bem-estar subjetivo não é sinônimo de saúde mental ou saúde psicológica. Uma pessoa em estado de delírio pode estar feliz e satisfeita com sua vida; no entanto, nós não podemos dizer que ela possui saúde mental. Uma pessoa que não está a par de seus próprios motivos e emoções pode dizer que é feliz, mas nós não a considerariamos possuindo saúde psicológica completa. Assim, o bem-estar subjetivo não é uma condição suficiente para o bem-estar psicológico. Entretanto, embora não seja essencial para saúde mental, é uma condição desejável.

Observa-se em Diener, Suh e Oishi (1997) que, apesar do nível de satisfação de vida ser razoavelmente estável, as causas do bem-estar subjetivo não são universais, pois diferem entre as pessoas e podem mudar com o tempo, dependendo dos seus valores, dos seus desejos, do sucesso em atingir seus objetivos e da utilização de estratégias que sejam compatíveis tanto com suas personalidades quanto com os seus ambientes, assim como dependem dos dispositivos situacionais. Além disso, a congruência entre a busca de atividades e o contexto social leva, geralmente, a experiências emocionais positivas. Por outro lado, tanto as atividades como os objetivos de vida são influenciados pela fase de desenvolvimento vivida pelo indivíduo e por suas necessidades individuais. Em decorrência, os conteúdos dos seus objetivos podem diferir quanto à eficácia em produzir bem-estar subjetivo, sendo alguns tipos mais benéficos que outros; as metas comprometidas com o atendimento das suas necessidades básicas podem produzir bem-estar subjetivo em longo prazo (dado que as pessoas não podem ser felizes se sentem fome, estão em perigo ou em isolamento crônicos); e os objetivos que satisfazem necessidades intrínsecas (como autonomia, relacionamento e competência) são bons preditores de bem-estar subjetivo.

Tanto em Diener, Suh, Oishi (1997) como em Diener, Suh, Lucas e Smith (1999) encontramos que o bem-estar subjetivo deve ser visto como uma área de interesse geral ao invés de um único construto específico. Os autores, em relação aos componentes do bem-estar subjetivo, distinguem basicamente três componentes primários: satisfação, afeto prazeroso (sentimento agradável ou positivo) e baixo nível de afeto desprazeroso (sentimento desagradável ou negativo); os três componentes formam um fator global de variáveis inter-relacionadas. No entanto, cada um dos três componentes poder ser subdividido. A satisfação

global com a vida pode ser dividida em satisfação nos vários âmbitos da vida, como no lazer, no amor, na amizade e outros. O sentimento agradável, em emoções e humores específicos, como alegria, carinho e amor-próprio. E o sentimento desagradável, em emoções e estados de humor específicos, tais como vergonha, culpa, tristeza, raiva e ansiedade. E propõem que, de modo geral, há uma tendência para as pessoas experimentarem níveis semelhantes de bem-estar em diferentes aspectos de suas vidas. Além disso, Diener e Lucas (2000) apontam para uma estabilidade em longo prazo no montante de emoções prazerosas e desprazerosas que as pessoas experimentam.

There appears to be some long-term stability in the amounts of pleasant and unpleasant emotions that people experience. People experience some level of affect, with its concomitant hedonic tone, virtually all of their waking moments, but rarely experience intense emotions. It is perhaps for this reason that the amount of time people experience pleasant versus unpleasant affect is weighted heavily when people report their happiness. (Diener e Lucas, 2000, p.3)⁹

1.1.2.1 O Afeto Positivo e o Afeto Negativo

Com relação aos componentes do bem-estar subjetivo ‘Afeto Positivo’ e ‘Afeto Negativo’, segundo Watson, Clark e Tellegen, em 1988, os humores e as emoções (que juntos se denominam afeto) representam as avaliações das pessoas sobre os eventos que ocorrem em suas próprias vidas. O afeto positivo reflete o quanto uma pessoa está se sentindo entusiasmada, ativa e alerta. Altos níveis de afeto positivo representam um estado de alta energia, total concentração e satisfação, enquanto baixos níveis de afeto positivo são caracterizados por tristeza e letargia. O afeto negativo, por sua vez, é uma dimensão geral de angústia e insatisfação que incluem uma variedade de estados de humor aversivos, como raiva, culpa, desgosto e medo. Baixos níveis de afeto negativo representam um estado de calma e serenidade. Segundo Tellegen, em 1985, esses dois fatores representam dimensões do estado afetivo que se relacionam com as dimensões de traços afetivos emocionalmente positivos ou negativos. (Giacomoni, 2002).

Estudiosos da área, conforme encontramos em Pereira (1997), divergem tanto quanto ao número de dimensões ou componentes constitutivos do bem-estar subjetivo, como quanto

⁹ Parece haver alguma estabilidade em longo prazo nas quantidades de emoções agradáveis e desagradáveis que as pessoas experimentam. As pessoas experimentam algum nível de afeto, com seu tom hedônico concomitante, virtualmente em todos os momentos de vigília, mas raramente experimenta emoções intensas. É talvez por esta razão que a quantidade de tempo em que as pessoas experimentam afeto agradável versus desagradável pesa muito quando as pessoas relatam sua felicidade. (Diener e Lucas, 2000, p.3)

aos tipos de integrantes dos domínios componentes de bem-estar subjetivo. São propostas três modalidades de componentes, consideradas isolada ou conjuntamente: “1) nível de *satisfação com a vida*, 2) nível dos *estados afetivos* e 3) *fatores psicossociais* da saúde mental.” A dimensão de satisfação de vida é retratada como um indicador do nível de avaliação cognitiva da experiência de vida.

Mas Campbell (1976, p.119) chama-nos a atenção para o fato de que: *ao se caracterizar a medida de satisfação de vida como cognitiva, isto não quer dizer que nela esteja completamente ausente algum componente afetivo, ou seja, satisfação depende mais basicamente de processos mentais cognitivos do que de processos afetivos, emocionais.* (Pereira, 1997, p.36-37)

Pereira (1997) apresenta uma subdivisão sugerida por Glatzer (1987, p.25), na qual, de acordo com seu *status* de especificidade com a vida, a satisfação de vida pode referir-se a três sub-níveis:

a) nível de satisfação frente a características específicas das condições particulares de vida (e. g., satisfação com o número de cômodos da residência, com sua localização, com as dimensões do espaço físico dos cômodos, etc.); b) nível de satisfação com a totalidade de conteúdos particulares da vida (e. g., satisfação com a moradia, satisfação com o trabalho, satisfação com a saúde, satisfação com a educação, etc.); e c) nível de satisfação com a totalidade dos domínios gerais de vida — denominada, exclusivamente, *satisfação de vida*, ou satisfação com a vida em geral, ou ainda satisfação de vida como um todo. (Pereira, 1997, p.37)

O outro componente do bem-estar subjetivo, o nível dos *estados afetivos* da experiência, de acordo com Pereira (1997), é um indicador emocional da avaliação subjetiva da vida, sobre o qual existe enorme controvérsia quanto ao número de dimensões do afeto e quanto a sua representação, mono ou bipolar, caracterizando-se por duas correntes: “a) o estado afetivo, ou sentimento emocional, está estruturado por uma configuração uni, bi, tri, ou n dimensional bipolares e b) o estado afetivo se estrutura de forma bi, tetra, ou n dimensional unipolares.” (Pereira, 1997, p.37)

Assim, é unidimensional bipolar na configuração de Brandstätter (1983) e Eckennode (1984) em Agradabilidade vs. Desagradabilidade. Bidimensional bipolares na configuração de Watson e Tellegen (1985) em Alto afeto positivo vs. Baixo afeto positivo e Alto afeto negativo vs. Baixo afeto negativo; na de Russell e Mehrabian (1977) e Russell (1979) em Agradabilidade vs. Desagradabilidade e Alta ativação vs. Baixa ativação; e na de Meddis (1972) em Ativação geral vs. Desativação/sono e Alta ativação vs. Desativação geral. E inúmeras dimensões bipolares, dentre as quais três são principais, na configuração de Osgood (Osgood, Suci e Tannenbaum, 1957; Osgood, May e Miron, 1975) em Avaliação (+E vs. -E) — agradável vs. desagradabilidade, Potência (+P vs. -P) — forte vs. fraco, e Atividade (+A vs. -A) — ativo vs. passivo. É bidimensional unipolares na configuração de Bradburn (1969), de Beiser (1974), de Moriwaki (1974), de Bryant e Veroff (1982), de Zevon e Tellegen (1982), de Diener e Emmons (1984), entre outros, em Afeto positivo e Afeto negativo. E tetradimensional

unipolares na configuração de Thayer (1967) em Ativação geral, Alta ativação, Desativação/sono e Desativação geral. E oito dimensões unipolares em Bartlett e Izard (1972): “*Activity*”, “*Deliberateness*”, “*Tension*”, “*Impulsiveness*”, “*Control*”, “*Self assurance*”, “*Extraversion*” e “*Pleasantness*”. (Pereira, 1997, p.37-38)

Ainda segundo Pereira (1997, p.38), “sobre o componente *estados afetivos* da experiência, dois aspectos são muito importantes na sua ocorrência subjetiva: a) intensidade do afeto e b) frequência do afeto.” A intensidade do afeto refere-se à força ou peso com que ocorre; e a frequência do afeto refere-se ao número de vezes que ocorre um tipo de afeto, durante períodos de tempo. A frequência da ocorrência do afeto positivo, assim como do afeto negativo, tem sido apontada como um melhor indicador de bem-estar subjetivo do que a sua intensidade de ocorrência.

Pereira (1997), assim como Diener (1984), também aponta para uma outra controvérsia: a questão sobre a plausibilidade da independência relativa entre afeto positivo e afeto negativo. E cita os estudos de Brenner (1975), Kammann, Christie, Irwin e Dixon (1979) e Kammann, Farry e Herbison (1982), que encontraram correlações significativas inversas entre afeto positivo e afeto negativo, indicando que são dependentes; os estudos que replicaram os achados de Bradburn (1969) sobre a independência entre afeto positivo e negativo, como de Beiser (1974), Bryant e Veroff (1982), Zevon e Tellegen (1982), Diener e Emmons (1984); e os estudos que consideraram a frequência do afeto, positivo e negativo, como Diener (1984), Diener, Larsen, Levine e Emmons (1985), Larsen, Diener e Emmons (1985) e Larsen e Diener (1987), revelando que as correlações entre as frequências de ocorrência dos dois tipos de afeto são fortes e inversas — “um tipo de afeto deve suprimir o outro, ou seja, quanto mais frequentemente uma pessoa experimenta, por exemplo, afeto positivo, menos frequentemente ela experimenta afeto negativo” (Diener e Emmons, 1984; Diener, Larsen, Levine e Emmons, 1985, *apud* Pereira, 1997, p.38).

Equivale a dizer, segundo Pereira (1997), que os dois afetos variam inversamente na característica de suas frequências; quanto à característica de intensidade do afeto positivo e intensidade do afeto negativo, correlacionam-se forte e diretamente; mas frequência e intensidade de afeto não se correlacionam — frequência relaciona-se com medidas de bem-estar subjetivo, mas intensidade não, como indica o estudo de Larsen, Diener e Emmons, de 1985.

No entanto, Pereira (1997, p.38) observa que Larsen e Diener, em 1987, “têm considerado que, embora a característica de intensidade de afeto não deve influenciar o nível de bem-estar subjetivo, deve influir em sua qualidade”. Além disso, a felicidade, também

apontada como um componente afetivo do bem-estar subjetivo — mas não exclusivamente afetivo, pois contém cognição — é a predominância da frequência de ocorrência do afeto positivo sobre o afeto negativo (Fordyce, 1983, 1988; Diener, 1984; Argyle, 1989; Strack, Argyle e Schwarz, 1991, *apud* Pereira, 1997)

E ainda o componente *fatores psicossociais* da saúde, conforme Pereira (1997), também são abordados como modalidades de indicadores do bem-estar subjetivo: auto-estima, timidez, *locus* de controle, alienação, desamparo, desesperança, estresse, ansiedade, apatia, otimismo, esperança, motivação, entre outros.

Diener e Lucas (2000) demonstram que as pessoas avaliam suas condições de vida diferentemente, não somente em função de suas expectativas e de seus valores, mas também em função das suas experiências prévias. Nesse sentido, propõe Csikszentmihalyi (1999), se a qualidade da vida de uma pessoa é determinada pelo conteúdo da sua experiência de viver, e esta experiência ocorre no tempo, são essenciais as suas decisões sobre o modo como o seu tempo será investido, pois apesar das limitações impostas pela cultura, é possível fazer escolhas pessoais, controlando e administrando o seu tempo entre três tipos principais de atividades: (a) atividades produtivas - como o que deve fazer para gerar energia para sua sobrevivência e conforto (como trabalhar e estudar); (b) atividades de manutenção – como os cuidados com a casa e com a alimentação (cozinhar, limpar, fazer compras), e os cuidados pessoais (tomar banho, vestir-se); e (c) atividades de lazer – como assistir TV, leitura, ocupar-se com *hobbies*, esportes, filmes, contato social e repouso.

Em Diener e Lucas (2000) encontramos que as pessoas fazem seus julgamentos de bem-estar baseados mais na frequência do afeto prazeroso e menos em sua intensidade. Eles argumentam que emoções positivas intensas parecem ser menos importantes do que experiências de bem-estar em longo prazo, devido ao fato das emoções intensas serem raras e, em geral, possuírem elevados custos. Tanto em Diener, Larsen, Levine e Emmons (1985) como em Schimmack e Diener (1997), encontramos que indivíduos que experimentam afetos prazerosos intensamente também apresentam uma tendência para experimentar emoções desprazerosas na mesma intensidade, o que poderia explicar o pequeno efeito da intensidade dos afetos nos julgamentos de bem-estar global.

Tal como certos eventos podem afetar as pessoas de modos diversos, segundo Diener e Lucas (2000), quando as pessoas avaliam seu bem-estar, dependendo de seus objetivos e personalidades, suas reações aos acontecimentos também são bastante diferentes dependendo da proporção de suas emoções prazerosas e desprazerosas em relação ao tempo ao longo do qual elas ocorrem. Esses autores sustentam também que, quando as pessoas julgam o seu

bem-estar, a avaliação da proporção de suas emoções prazerosas e desprazerosas em relação ao tempo desempenha um papel central, porque as pessoas parecem ter sentimentos durante praticamente todo o tempo em que estão em estado de vigília. Tais sentimentos têm um peso considerável na avaliação do bem-estar, pois contribuem, agradavelmente ou não, para experiências pessoais ininterruptas. No entanto, raramente essas emoções são intensas e, talvez por esta razão, as pessoas atribuem um grande peso à avaliação da quantidade de tempo em que experimentam afetos prazerosos ou não, quando falam sobre sua felicidade. Dessa forma, uma pessoa sente um alto nível de felicidade se experimenta uma vida satisfatória e alegria freqüente e se, ao mesmo tempo, experimenta emoções desprazerosas com menor freqüência.

Assim, o afeto forma dois fatores separados e fortes e, em relação a cada um deles, as pessoas que experimentam muito um tipo de afeto tendem também a experimentar outras emoções na mesma intensidade. Isso indica a existência de alguma estabilidade em longo prazo nos níveis das emoções prazerosas e desprazerosas vivenciadas pelas pessoas. Sendo raras as experiências de emoções intensas, é valorizada a permanência de um nível de afeto constante. (Diener e Diener, 1998 *apud* Giacomoni, 2002) Além disso, medidas do bem-estar subjetivo e da satisfação com a vida fornecem forte evidência de que o bem-estar subjetivo é um fenômeno relativamente global e estável, não simplesmente um julgamento momentâneo baseado em influências passageiras. (Pavot, Diener, Colvin e Sandvik, 1991)

1.1.2.2 A Satisfação

Em relação ao componente do bem-estar subjetivo ‘Satisfação’, encontramos dois níveis de avaliações cognitivas da satisfação com a vida: uma avaliação global da própria vida e uma avaliação específica de diferentes domínios da vida. Além disso, Lucas, Diener e Suh (1996) concluíram que a satisfação com a vida é discriminável dos afetos positivo e negativo; o afeto positivo é discriminável do afeto negativo; a satisfação com a vida é discriminável do otimismo e da auto-estima; e o otimismo é separável das medidas de traço do afeto negativo.

O termo ‘satisfação com a vida’ refere-se a um processo de julgamento e tem sido definida como uma avaliação global que a própria pessoa faz da sua vida (Pavot, Diener, Colvin e Sandvik, 1991), uma avaliação geral da qualidade de vida da pessoa a partir de seus próprios critérios escolhidos. Essa avaliação é feita por meio de um julgamento que depende da comparação das circunstâncias reais da vida do indivíduo com as circunstâncias que foram

eleitas como um padrão apropriado; ou seja, o julgamento do quão satisfeito está com a sua vida atual é baseado na comparação com um padrão que determinou para si próprio e não com um padrão imposto externamente. (Diener, Emmons, Larsen e Griffin, 1985 *apud* Giacomoni, 2002)

De acordo com Lucas, Diener e Suh (1996), o processo de avaliação cognitiva da vida como um todo se dá quando a pessoa, ao avaliar sua satisfação com a vida, examina os aspectos reais da sua vida - ela pesa os aspectos bons e ruins e chega a um julgamento de satisfação de vida em geral. Este julgamento de natureza global possui as características da estabilidade temporal e do fato de não ser completamente dependente do estado emocional da pessoa no momento da avaliação.

O julgamento cognitivo da satisfação com a vida, além da avaliação da vida como um todo, pode ser feito pela avaliação específica dos diferentes domínios da vida do indivíduo, como trabalho, lazer e casamento. Diener (1984) destaca a importância da avaliação da satisfação com a vida também a partir de domínios, em vista dos resultados dos estudos apontarem para os domínios mais próximos e mais relevantes eleitos pelas pessoas como os que mais influenciam seu bem-estar subjetivo. Além disso, Diener (1984) se refere também à sensibilidade dos domínios nas avaliações transculturais.

1.1.3 Os Modelos Teóricos Explicativos do Bem-estar Subjetivo

Diener (1984) apresenta algumas das diferentes abordagens e modelos teóricos explicativos do bem-estar subjetivo, dividindo-os em dois blocos de concepções distintas: as *Top-Down Theories* e as *Bottom-Up Theories*. Nas teorias *Bottom-Up*, o foco é colocado na identificação dos fatores externos, situacionais, que afetam a felicidade. E nas teorias *Top-Down*, o foco recai sobre os processos internos do indivíduo, como valores pessoais.

1.1.3.1 As *Top-down Theories*

As *Top-Down Theories* do bem-estar subjetivo, relacionadas aos fatores intrínsecos do indivíduo, assumem que há uma predisposição global para interpretar as situações, as experiências de vida, de um modo positivo, e essa propensão influencia as interações que o indivíduo tem com o mundo. Em outras palavras, a pessoa aproveitaria os prazeres porque é

feliz e não vice-versa. (Diener, 1984) Portanto, para a abordagem *top-down* da felicidade, a interpretação subjetiva que uma pessoa faz dos eventos é que influencia o seu bem-estar subjetivo; em tal perspectiva, traços globais de personalidade são entendidos como influenciando o modo como as pessoas reagem aos eventos.

1.1.3.1.1 As Teorias Relativas à Personalidade

Nessa vertente, três conjuntos de teorias têm investigado, nas últimas décadas, como ocorre o processo de interpretação dos eventos e suas relações com a avaliação da vida: os diferentes modelos das teorias de personalidade, as teorias de discrepância e as teorias relativas aos processos de adaptação e *coping*. (Giacomoni, 2002)

No que diz respeito aos modelos teóricos explicativos da relação entre a personalidade e o bem-estar subjetivo, Diener (1984) e Diener e Lucas (1999) apresentam a personalidade como um dos mais fortes preditores de bem-estar subjetivo. Seus resultados confirmam o modelo *top-down* de funcionamento do bem-estar subjetivo, onde um *constructo* de traço de felicidade global influencia os sentimentos do indivíduo com relação aos domínios específicos; e a satisfação do indivíduo para com os domínios específicos da vida é influenciada tanto por seus fatores de personalidade específicos relativos àqueles domínios, como pelo seu nível geral de bem-estar subjetivo.

Ao examinar o grau em que os modelos de personalidade de ordem mais elevada diferem das representações sociais diárias da personalidade e ao analisar as variações intersubjetivas na organização de teorias diárias da personalidade, Semin e Chassein (1985) argumentam que os modelos hipotético-dedutivos da personalidade dependem primeiramente de descrições ordinárias da língua e não constituem modelos de uma ordem mais elevada, sugerindo que o desenvolvimento de tais modelos depende primeiramente do contexto lingüístico, mais do que considerações extralingüísticas da interação. Seus estudos examinam a relação entre dois conceitos de pessoa: as representações sociais da pessoa, isto é, as “indicações e explanações originadas na vida diária no curso de comunicações inter-individuais” (Moscovici, 1981, *apud* Semin e Chassein, 1985), e as representações 'científicas' da pessoa, desenvolvidas com base em métodos hipotético-dedutivos de pesquisa da personalidade (por exemplo: Cattell e Scheier, 1961; Eysenck, 1970a; Guildford, 1959; Vernon, 1950, *inter alia*, *apud* Semin e Chassein, 1985).

Semin e Chassein (1985) apontam para o fato dos modelos científicos da personalidade serem fundados, em primeira instância, em concepções do senso comum e para

estudos recentes que colocam em dúvida a validade empírica e o fundamento lógico subjacentes à afirmação de que os modelos hipotético-dedutivos da personalidade substituem conceitos do senso comum da personalidade. Indicam um considerável número de investigações que mostraram que as respostas às escalas psicometricamente sofisticadas estão mediadas pela similaridade semântica entre os artigos da escala e que a similaridade semântica percebida entre os artigos replica as propriedades estruturais dos inventários da personalidade que implicam a existência de convenções diárias normativas da personalidade. E afirmam que “taken together, the various strands of research suggest that there is a high degree of conceptual overlap between 'scientific' and common sense theories of personality.” (Semin e Chassein, 1985, p.3)¹⁰

Quanto às razões teóricas para esta sobreposição conceptual entre concepções do senso comum e científicas da personalidade, Semin e Chassein (1985) apresentam:

1) a crítica da suposição de que o emprego de métodos psicométricos 'sofisticados' assegura objetividade, traz ordem aos dados e serve a finalidades verificatórias, isto é, de que com o uso de procedimentos psicométricos um modelo da personalidade pode ser desenvolvido para substituir descrições 'assistemáticas' de senso comum ou da linguagem ordinária, em termos de abstração, generalidade e validade; estas suposições são consideradas enganadoras, dado que a ordem é fornecida com as convenções normativas que são parte da língua diária, uma ordem pré-analítica, contida no que se compreende como senso comum, o conhecimento social compartilhado, o sistema das implicações compartilhadas pelos membros de uma cultura; assim, as implicações entre descrições diferentes da pessoa, como são encontradas em inventários da personalidade, derivam-se, na maior parte, das convenções normativas da língua. Isto significa que os modelos psicométricos da personalidade são representações sociais da personalidade, mais do que constructos que substituam o senso comum e possam ser considerados caindo no domínio da 'cognição social';

2) de uma perspectiva histórica, as tipologias da personalidade e do temperamento foram uma característica comum da cultura ocidental desde suas origens – como a doutrina dos temperamentos de Galeno, que serviu como sistema básico até após o Renascimento, e os trabalhos de Kant e de Wundt, que contêm suposições sobre a organização dos temperamentos e da personalidade; inclusive, no parecer de Eysenck (1970a *apud* Semin e Chassein, 1985), haveria uma continuidade das antigas teorias gregas do temperamento às mais modernas, no que tange a organização conceptual dos termos e dos relacionamentos

¹⁰ “Tomadas em conjunto, as várias linhas de pesquisas sugerem que há um grau elevado de sobreposição conceptual entre teorias 'científicas' e do senso comum da personalidade.” (Semin e Chassein, 1985, p.3)

semânticos estruturais particulares existentes entre eles, fornecendo um modelo que contem as características gerais das concepções da personalidade mais contemporâneas assim como das antigas.

De acordo com Semin e Chassein (1985), se se considera que as descrições lingüísticas sobre a pessoa constitui a base do conhecimento diário, assim como dos inventários e instrumentos de avaliação das propriedades dos indivíduos, e se tais descrições não são usadas aleatoriamente na vida diária, então devem indicar estrutura, isto é, que estão firmadas sobre regras, por exemplo, de classificação, de correspondência, de relação. Além disso, a organização dos termos que designam os traços é influenciada pelo contexto lingüístico fornecido pela disposição dos itens.

Além disso, Semin e Chassein (1985) argumentam quanto ao grau notavelmente baixo de variação intersubjetiva e o grau elevado de correspondência intercultural na representação semântica de expressões sobre a pessoa. O contexto altamente contido e exclusivamente semântico dentro do qual os julgamentos de similaridade são feitos significa que se está verificando praticamente *definições de dicionário* das expressões sobre a pessoa, referente a uma estrutura do conhecimento que as pessoas extraem. É importante notar que tais estruturas do conhecimento constituem abstrações idealizadas que são tanto precondições, quanto conseqüências do uso de linguagem pessoal no discurso diário; e esta forma de conhecimento abstrato está disponível ao senso comum. Dessa forma, as representações científicas da personalidade são definições de dicionário dos termos empregados. E concluem que os modelos científicos não só não são superiores, em qualquer sentido, como também são altamente específicos e referem-se a um domínio caracterizado por estruturas de conhecimento historicamente estabelecidas.

Diener e Lucas (1999) apresentam os principais modelos explicativos da relação entre a personalidade e o bem-estar subjetivo divididos em: modelos de temperamento, modelos de congruência, modelos cognitivos, modelos de metas e modelos de socialização da emoção.

1.1.3.1.1.1 Os Modelos de Temperamento. Os proponentes do modelo de temperamento, como Eysenck (1967), Gray (1981), Larsen e Ketelaar (1991), e Headey e Wearing (1989), *apud* Diener e Lucas (1999), postulam uma determinante biológica do bem-estar subjetivo, cujas bases se assentam nos estudos sobre temperamento, entendido como uma tendência biologicamente determinada, e nos estudos sobre hereditariedade.

Os estudos do efeito do temperamento sobre o bem-estar subjetivo, como encontramos em Diener, Suh, Oishi (1997), têm apontado para uma forte base genética tanto para o

sentimento agradável quanto para o desagradável, principalmente em pesquisas realizadas com gêmeos idênticos que foram separados no nascimento e criados em ambientes diversos. Sugerem, além disso, que a intensidade emocional (tanto para as emoções agradáveis quanto para as desagradáveis) pode influenciar a qualidade da felicidade e que o otimismo, a auto-estima e a extroversão são características de personalidade em geral presentes em pessoas felizes. Assim, o temperamento conduz os comportamentos que contribuem de forma distinta para o bem-estar subjetivo.

As investigações sobre o temperamento, como em Rothbart e Ahadi (1994) e Digman e Shmelyov (1996) *apud* Diener e Lucas (1999), apresentam evidências de que os estilos emocionais característicos emergem no início do desenvolvimento, possuem uma base biológica, mantêm-se estáveis ao longo do tempo e provêm os pilares das dimensões da personalidade adulta. Algumas pesquisas comprovam a correspondência entre os estilos emocionais iniciais do desenvolvimento e os traços de personalidade adulta.

Nos estudos sobre a relação entre a herança genética de características de personalidade e o bem-estar subjetivo, como em Tellegen, Lykken, Bouchard, Wilcox, Segal, and Rich (1988) *apud* Diener e Lucas (1999), os pesquisadores investigam a importância da influência do ambiente familiar inicial. Os resultados indicam que mesmo quando gêmeos monozigóticos crescem em lares diferentes apresentam medidas muito similares de bem-estar subjetivo; por outro lado, gêmeos dizigóticos que cresceram na mesma casa apresentam, em média, menor similaridade nos seus padrões de bem-estar.

1.1.3.1.1.2 O Modelo do Equilíbrio Dinâmico. Nesse modelo explicativo do bem-estar subjetivo, proposto por Headey e Wearing (1989 *apud* Diener e Lucas, 1999), a pessoa possui uma linha base de felicidade determinada pelo temperamento e constituída pelo *continuum* extroversão-neuroticismo e seus sistemas de punição e recompensa.

Although events can move people temporarily away from the baseline, individuals' reward and punishment systems will eventually return them to their baseline level. Because of biologically determined set-points of reactivity to stimuli, people's reward and punishment systems adapt to the positive or negative stimuli, and the individual thereafter returns to his or her baseline of SWB. (Diener e Lucas, 1999, p.8)¹¹

¹¹ Embora os eventos possam mover as pessoas temporariamente para longe da linha base, os sistemas de recompensa e punição dos indivíduos retorná-los-ão eventualmente a seu nível da linha base. Por causa dos repertórios biologicamente determinados de reatividade aos estímulos, a recompensa e os sistemas da punição da pessoa adaptam-se aos estímulos positivos ou negativos e o indivíduo retorna depois disso a sua linha base de Bem-Estar Subjetivo. (Diener e Lucas, 1999, p.8)

Embora os acontecimentos e as circunstâncias da vida possam afastar a pessoa da linha base, ela apresenta a tendência de retornar para seu nível básico. Estudos como os de Headey e Wearing (1989 *apud* Diener e Lucas, 1999) e Suh, Diener e Fujita (1996), comprovam essa tendência adaptativa do funcionamento da personalidade, investigando sobre o bem-estar de pessoas que passaram por eventos traumáticos, tão severos a ponto de causar uma transformação na vida da pessoa (como se tornar paraplégico ou tetraplégico), indicando a capacidade das pessoas de se adaptarem às novas circunstâncias, como encontramos também em Diener, Suh, Oishi (1997) com relação às pessoas portadoras de deficiências físicas que conseguem adaptar-se mesmo quando submetidas a severas condições de vida.

1.1.3.1.1.3 Os Modelos de Congruência. Entre as teorias explicativas da relação da personalidade com o bem-estar subjetivo os modelos de congruência, postulam que a adaptação pessoa-ambiente é responsável pelas influências da personalidade sobre o bem-estar subjetivo. Estes modelos afirmam que as pessoas somente experimentam altos níveis de bem-estar subjetivo quando suas personalidades se ajustam aos seus ambientes. Diener, Sandvik, Pavot e Fujita (1992 *apud* Diener e Lucas, 1999), encontraram que os extrovertidos vivem menos frequentemente sozinhos e trabalham mais frequentemente em ocupações sociais. Pavot, Diener e Fujita (1990 *apud* Diener e Lucas, 1999), encontraram que os extrovertidos eram mais felizes do que introvertidos em situações sociais ou sozinhos, e tanto os extrovertidos quanto os introvertidos eram mais felizes em situações sociais do que em situações solitárias. Assim, para Diener e Lucas (1999), embora as pessoas respondam às vezes positivamente quando nos ambientes que são compatíveis com suas personalidades, os efeitos da personalidade sobre o bem-estar subjetivo se estendem além do que pode ser explicado por modelos de congruência.

1.1.3.1.1.4 Os Modelos Cognitivos. Segundo Diener e Lucas (1999), os modelos cognitivos atribuem os efeitos da personalidade sobre o bem-estar subjetivo aos altos níveis de processamento de informações. Estes teóricos postulam que o modo como processamos a informação acerca das recompensas e punições, mais do que nossas sensibilidades biológicas a estes estímulos, determinam nosso bem-estar.

An early theory of these cognitive mediational structures is the Pollyanna Principle (Matlin & Gawron, 1979). The Pollyanna Principle states that people process pleasant information more accurately and efficiently than less pleasant information. For example: people expose themselves more frequently to pleasant stimuli than to unpleasant stimuli; they recognize pleasant stimuli faster; they judge pleasant stimuli to be more frequent; they

use pleasant words more often; they supply a greater number of free associates to pleasant stimuli; they recall pleasant items more accurately; they recall pleasant items earlier in a list; and they process pleasant information more rapidly. (Diener e Lucas, 1999, p.10)¹²

Segundo Diener e Diener (1996 *apud* Diener e Lucas, 1999), a tendência geral para pensamentos positivos explicaria porque a maioria das pessoas relata níveis positivos de bem-estar subjetivo. A estratégia cognitiva para o aumento de bem-estar está baseada na habilidade em focar informação positiva. Nesse sentido, Lyubomirsky e Tucker (1998 *apud* Giacomoni, 2002) relatam que apesar de pessoas felizes e infelizes experienciarem eventos de vida similares, as felizes os vêem de uma forma mais favorável.

1.1.3.1.1.5 Os Modelos de Metas. Apresentado por teóricos como Nancy Cantor, Brian Little, Eric Klinger e Robert Emmons (*apud* Diener e Lucas, 1999), os modelos de metas sustentam que a personalidade não consiste simplesmente de traços, mas também dos objetivos nos quais os indivíduos empenham-se tipicamente. De acordo com estes investigadores, somente podemos compreender a personalidade de um indivíduo se compreendermos as coisas na vida que motivam seus comportamentos. Os objetivos podem ser examinados em um nível amplo tal como os seus valores, em um nível um tanto mais estreito tal como as suas tarefas da vida, ou em um nível bem mais estreito tal como os seus interesses atuais. Em cada nível de compreensão, o conteúdo dos objetivos, a maneira com que os objetivos são abordados e o sucesso ou a falha com que os objetivos são alcançados pode ter um efeito no bem estar dos indivíduos. Assim, a personalidade inclui as metas que as pessoas usualmente lutam por alcançar em suas vida se essas metas servem como um padrão de referência para o sistema afetivo, pois as pessoas reagem de forma positiva quando fazem progressos em suas metas e reagem negativamente quando falham nesse processo.

Nesse contexto, tanto Csikszentmihalyi (1999) como Diener, Suh, Oishi (1997) indicam que a qualidade de vida e o bem-estar subjetivo dependem também do que a pessoa faz efetivamente para ser feliz; ou seja, se desenvolve metas que dão significado à sua existência e se usa plenamente a sua capacidade intelectual, ou o seu potencial, para atingir

¹² Uma antiga teoria dessas estruturas cognitivas mediacionais é o princípio de Pollyanna (Matlin & Gawron, 1979). O princípio de Pollyanna declara que as pessoas processam a informação agradável mais acurada e eficientemente do que a informação menos agradável. Por exemplo: as pessoas expõem a si mesmas mais freqüentemente aos estímulos agradáveis do que aos estímulos desagradáveis; elas reconhecem estímulos agradáveis mais rapidamente; julgam estímulos agradáveis serem mais freqüentes; usam palavras agradáveis mais freqüentemente; fornecem um número maior de associações livres aos estímulos agradáveis; recordam itens agradáveis mais acuradamente; recordam itens agradáveis antes que outros em uma lista; e processam a informação agradável mais rapidamente. (Diener e Lucas, 1999, p.10)

objetivos e satisfazer suas necessidades; no entanto, transcendem os limites do hedonismo ao refletirem valores mais profundos do que o prazer físico e emoções efêmeras.

Emmons (1986 *apud* Diener e Lucas, 1999), estudando os esforços pessoais, que ele define como o tipo característico de meta que os indivíduos tentam alcançar com seu comportamento diário, encontrou que as características dos esforços pessoais predizem de formas distintas os componentes do bem-estar subjetivo. Em seus resultados, o afeto positivo foi associado com o valor das metas passadas e o grau de esforço que as metas exigiram; o afeto negativo foi associado com a baixa probabilidade percebida de sucesso e com a presença de metas ambivalentes; e a satisfação com a vida foi relacionada à importância da meta, às expectativas de sucesso dos esforços e à falta de conflito entre as diferentes metas. Ele encontrou também que os conflitos entre as metas conduzem a baixas no bem-estar subjetivo.

Diener, Suh, Oishi (1997) têm confirmado empiricamente as crenças de estóicos, ascetas, budistas e outros que crêem que o grau de envolvimento psicológico de uma pessoa com seus objetivos e suas circunstâncias de vida pode influenciar a intensidade de suas reações; o bem-estar subjetivo parece ser maior quando as pessoas se concentram em objetivos tangíveis, não focalizando atenção exclusivamente em objetivos difíceis e distantes, e se são otimistas acerca do futuro.

Na abordagem dos modelos de metas que investiga as estratégias de resolução de problemas que as pessoas utilizam para alcançar seus objetivos, Cantor (1994 *apud* Diener e Lucas, 1999) sustenta que as metas são determinadas pelas circunstâncias de vida da pessoa e pelas expectativas da cultura, tanto quanto por suas necessidades individuais mais idiossincráticas. As pessoas podem atingir suas metas de inúmeras formas; contudo, pessoas com altos níveis de bem-estar subjetivo são aquelas que desenvolvem estratégias efetivas para as atingir dentro dos limites das expectativas culturais e das circunstâncias vitais.

Diener e Fujita (1995) afirmam que os recursos pessoais correlacionam-se mais fortemente com o bem-estar subjetivo quando são relevantes para os esforços idiográficos pessoais de um indivíduo. Além disso, encontram não só uma tendência das pessoas escolherem os esforços pessoais para os quais têm recursos relevantes, como também que o grau de congruência entre os objetivos dos indivíduos e os seus recursos é preditivo de bem-estar subjetivo.

1.1.3.1.1.6 Os Modelos de Socialização da Emoção. Desenvolvidos por estudiosos como Malatesta, Grigoryev, Lamb, Albin e Culver (1986 *apud* Diener e Lucas, 1999), os modelos de socialização da emoção examinam os modos como os processos tais como o

condicionamento clássico, a aprendizagem instrumental e a imitação afetam as emoções. Através da socialização, as mães ensinam a seus filhos como modular os seus estados emocionais e seu comportamento expressivo em conformidade com as normas culturais. Esses pesquisadores descobriram que as crianças entre dois anos e meio e sete anos e meio apresentam um aumento linear no afeto prazeroso e uma diminuição no afeto desprazeroso ao longo do desenvolvimento. A socialização da emoção pode ser afetada pela cultura, bem como pelas diferenças individuais entre mães e filhos. Dessa forma, diferenças na forma e na quantidade de expressão de afeto podem ser explicadas pelos processos de socialização da emoção.

Csikszentmihalyi (1999) aponta para a importância do modo como uma pessoa experimenta o que faz, porque, em certo aspecto, suas emoções são os elementos mais subjetivos da consciência, assim como são, por outro lado, os conteúdos mais objetivos da mente, pois a sensação física que experimenta quando está, por exemplo, apaixonada, envergonhada, assustada ou feliz pode ser mais real do que aquilo que observa no mundo exterior. De acordo com o autor “a felicidade é o protótipo das emoções positivas” (Csikszentmihalyi, 1999, p.26). Além disso, pela evolução da consciência auto-reflexiva, o ser humano desenvolveu um grande número de sentimentos sutis e se originalmente as emoções serviam como sinais sobre o mundo externo agora são, muitas vezes, separadas de qualquer objeto real e desfrutadas por si mesmas. Ao mesmo tempo, Diener e Lucas (2000) sugerem que as pessoas apresentam uma memória pouco acurada para experiências emocionais - o que nos remete à idéia de que sejam fugazes.

De acordo com Csikszentmihalyi (1999), as emoções negativas, como tristeza, medo, ansiedade ou tédio, produzem “entropia psíquica” (ou conflito de consciência), um estado em que a atenção e a energia psíquica são usadas para restaurar uma ordem interior subjetiva; em contrapartida, as emoções positivas, como felicidade, força ou alerta, produzem “negaentropia psíquica” (ou “entropia negativa”), um estado em que a atenção e a energia psíquica podem fluir livremente para qualquer pensamento ou tarefa em que se escolhe investir. Quando a pessoa prefere focalizar atenção em uma determinada tarefa, ela forma uma intenção e estabelece uma meta e o tempo que despende e o grau de interesse com que a mantém dependem da sua motivação. Disto decorre que as intenções, metas e motivações são manifestações da negaentropia psíquica, pois concentram a energia, estabelecem prioridades e criam ordem na consciência; enquanto a intenção focaliza a energia psíquica em curto prazo, as metas se situam em longo prazo. Além disso, é importante aprender a administrar as

próprias metas, pois (parafraseando William James) a proporção entre as expectativas e os sucessos determina a auto-estima do indivíduo.

Ao expor os resultados de sua investigação a respeito dos estados subjetivos, Engelmann (1978) evidencia, entre aqueles que investigaram ou pensaram a respeito das emoções - dos pensadores gregos aos teóricos da psicologia contemporânea - a necessidade de se estabelecer distinções entre estas e os conceitos afins: afetos, sentimentos, paixões e estados de ânimo¹³. E observa não haver concordância entre os teóricos a respeito de tal diferenciação. Em obras representativas da imensa literatura que trata desses fenômenos, Engelmann (1978) procurou verificar a maneira pela qual se tem caracterizado teoricamente aquilo que é referido pelos termos de emoção, sentimento, estado de ânimo, afeto e paixão, tendo encontrado as seguintes caracterizações teóricas:

“Trata-se de fenômenos de consciência e/ou comportamentos e/ou fenômenos fisiológicos internos, neurais e/ou viscerais, e/ou constructos teóricos e/ou meros títulos para capítulos; que se apresentam sob forma de entidades discretas independentes e/ou como pontos num contínuo; que se evidenciam por serem invulgarmente intensos e/ou também pouco intensos e de intensidade média; que se caracterizam por acompanhar impulsos em geral desimpedidos e/ou acompanharem a interrupção de impulsos e/ou acompanharem conflitos entre impulsos; que envolvem percepção da situação externa e/ou percepção de ocorrências internas ao organismo e/ou percepção de ocorrências internas e externas, simultaneamente e/ou em seqüência, e que são basicamente mecanismos que atuam no sentido de adaptar o organismo ao meio e/ou ocorrências totalmente desprovidas de função adaptativa e/ou fenômenos que, conforme as circunstâncias, são adaptativos ou não adaptativos”. (Engelmann, 1978, p.57)

Ainda no mesmo estudo, Engelmann (1978) apresenta o resultado de um levantamento do que já foi observado no organismo relativamente a “emoções e/ou...”. Tendo em vista a natureza da observação, classifica esses fenômenos em: (1) movimentos, posturas e modificações do organismo diretamente observáveis - que envolvem tanto comportamentos descritos sem referência a aspectos qualitativos dos movimentos envolvidos, quanto comportamentos descritos levando em conta aspectos qualitativos dos movimentos descritos, envolvendo todo o corpo ou parte dele, e a modificação na coloração da superfície do corpo; (2) movimentos e modificações do organismo observáveis apenas por intermédio de instrumentos – envolvendo observações de natureza fisiológica e observações de natureza bioquímica; e (3) produtos de movimentos do organismo diretamente observáveis – produtos de movimentos de eliminação do organismo; produtos dos movimentos vocais ou de escrever: produtos dos movimentos de vocalização considerados sob o ponto de vista exclusivamente

¹³ Sem se preocupar com a definição desses vocábulos, Engelmann (1978) usa a simbolização “emoções e/ou...” como abreviatura do conjunto de termos: emoções, sentimentos, estados de ânimo, afetos e paixões.

acústico, produtos de movimentos de escrever considerados sob o ponto de vista exclusivamente gráficos, produtos de movimentos vocais ou de escrever observados em termos das categorias lingüísticas nas quais podem ser inseridos (1. produtos da fala e da escrita com aspectos semânticos não relacionados com os dos termos teóricos utilizados para descrever o que indicam, 2. produtos da fala e da escrita com aspectos semânticos relacionados com os dos termos teóricos utilizados para descrever o que indicam: relatos verbais livres e relatos verbais padronizados); e produtos de comportamentos de “criação artística”¹⁴.

1.1.3.1.2 As Teorias Relativas à Discrepância

As Teorias de Discrepância propõem que os indivíduos, ao avaliarem suas vidas, comparam-se a vários padrões incluindo as outras pessoas, as condições passadas, as aspirações, os níveis ideais de satisfação, as necessidades e as metas (Michalos, 1985 *apud* Giacomoni, 2002). O julgamento das satisfações baseia-se nas discrepâncias entre as condições atuais reais e esses padrões de comparação. A discrepância que envolve uma comparação superior (quando o padrão é mais elevado) resulta na diminuição da satisfação, enquanto, uma comparação em direção inferior ocasionará um aumento da satisfação.

Carver, Sutton e Scheier (2000) apresentam a *Self-Discrepancy Theory*, a qual sustenta que as pessoas relacionam suas percepções de seus eus reais a diversos *self*-guias. Dois tipos de *self*-guias são de importância particular: os ideais e os deveres. Os ideais são qualidades que a pessoa deseja incorporar - aspirações, esperanças, desejos positivos para o *self*. Cumprir um ideal significa alcançar algo que é intrinsecamente desejado. E os deveres, em contraste, são definidos por um sentido de obrigação, de responsabilidade. O dever é o que alguém sente compelido ser, mais do que deseja intrinsecamente ser. O dever é em si mesmo um valor positivo, ao qual as pessoas tentam se conformar. Entretanto, cumprir um dever também significa implicitamente evitar uma auto-desaprovação punitiva ou a desaprovação dos outros. Os deveres parecem, assim, intrinsecamente ter uma qualidade de duplo motivo, assemelhando-se a uma tentativa de evitar um valor indesejado por aproximar-se de um valor desejado.

The importance of the ideal-ought distinction in the literature of self-discrepancy theory derives from the fact that these two self-guides relate to different aspects of affective experience. Discrepancy between the perceived actual self and the ideal self is associated with dysphoria and dejection.

¹⁴ Aspas do autor.

Discrepancy between the actual self and the ought self is associated with anxiety and other agitation-related affects (presumably because of the sense of impending punishment). (Carver, Sutton e Scheier, 2000, p.4)¹⁵

1.1.3.1.2.1 As Teorias de Comparação Social. No bojo das teorias de discrepância, as teorias de comparação social definem comparação social como um processo de pensamento sobre a informação de uma ou mais pessoas em relação ao *self*. Na comparação social estão envolvidos três processos: a aquisição de informação social, o pensamento sobre a informação social e a reação às comparações sociais. A origem das informações sociais pode estar em pessoas próximas, em pessoas conhecidas, nos meios de comunicação/informação ou até mesmo em pessoas imaginárias. O processo de pensamento sobre as informações sociais inclui a observação de similaridades, de diferenças ou ambas, entre o outro e o *self*. As reações ao exame de comparações sociais envolvem uma variedade de respostas cognitivas, afetivas ou comportamentais e, não necessariamente, a percepção de contraste entre si mesmo e os outros. (Wood, 1996 *apud* Giacomoni, 2002)

A hipótese, de acordo com Michalos (1985 *apud* Diener e Lucas, 2000), é de que o nível de bem-estar subjetivo de uma pessoa é em parte determinado por comparações que ela faz com padrões. Frequentemente, os padrões da pessoa vêm de observar os outros em torno de si ou de recordar o que, eles mesmos, eram no passado. Se a pessoa excede estes padrões, será feliz e satisfeita, mas se ficar aquém dos seus padrões experimentará níveis baixos de bem-estar emocional (Michalos, 1985 *apud* Diener e Lucas, 2000). Em anos recentes, a pesquisa da comparação social começou a reconhecer que o processo de fazer comparações sociais é mais sutil do que acreditado originalmente. As pessoas não olham simplesmente ao redor e não julgam sua felicidade por sua distância acima ou abaixo de seus amigos e vizinhos em domínios relevantes; em vez disso, as pessoas escolhem seus alvos para a comparação, a informação a que eles atendem, e a maneira que usam esta informação de maneiras complexas. (Diener e Fujita, 1997 *apud* Diener e Lucas, 2000)

Além disso, o processo de aquisição das informações sociais pode ser influenciado pela personalidade e/ou pela *performance* do indivíduo. Na dinâmica desse processo a pessoa compara-se a outras quando acredita que isso vai fazê-la sentir-se melhor e afasta-se de

¹⁵ A importância da distinção ideal-dever na literatura da teoria da teoria da autodiscrepância deriva-se do fato de que estes dois *self*-guias se relacionam aos diferentes aspectos da experiência afetiva. A discrepância entre o *self* real percebido e o *self* ideal é associada com a mal-estar e a depressão. A discrepância entre o *self* real e o dever é associada com a ansiedade e outros afetos negativos relacionados (presumivelmente, por causa do sentido da punição iminente). Cada uma destas associações é original-ele existe mesmo após controlar para a discrepância alternativa. (Carver, Sutton e Scheier, 2000, p.4)

comparações com outros quando pensa que isto a fará sentir-se mal. Lyubomirsky e Ross (1997 *apud* Giacconi, 2002) concluíram que pessoas felizes, em geral, tendem a usar somente comparações em direção inferior, enquanto pessoas infelizes tendem a fazer comparações em ambos os sentidos.

O processo de pensamento sobre as informações sociais também apresenta relações com a personalidade. Por exemplo, pessoas otimistas tendem a focar pessoas que tiveram um desempenho pior do que o delas, enquanto pessoas deprimidas e pessimistas focam pessoas que apresentaram um desempenho superior; pessoas felizes tendem a tornarem-se mais felizes à medida que o número de comparações aumenta, enquanto pessoas infelizes tornam-se menos felizes ainda. Por outro lado, outras evidências apontam para o fato de que os processos de comparação social também são intermediados por fatores intrínsecos e não pelo número de comparações. (Diener e Lucas, 1999)

1.1.3.1.2.2 As Teorias sobre Aspirações Modestas. Entre as teorias de discrepância, as teorias sobre aspirações modestas sugerem que a discrepância entre a aspiração de uma pessoa e o estado em que se encontra relaciona-se com o bem-estar subjetivo. (Michalos, 1985 *apud* Giacconi, 2002) Assim, as altas aspirações conduzem à infelicidade porque a pessoa se sente desencorajada pela grande diferença entre o estado em que ela está e aquele por ela desejado. Entretanto, ambos os níveis de aspirações, os elevados e os baixos, podem ser prejudiciais para o bem-estar subjetivo. Estudos realizados por Emmons e Diener (1985 *apud* Giacconi, 2002), apontam para o nível de aspiração em si como não sendo um bom preditor de bem-estar subjetivo; e, em vez disso, o fato de ter sido ajustado de forma realística e de acordo com os recursos pessoais parece ter mais peso (Diener e Fujita, 1995). Também Carver e Scheier (1998 *apud* Giacconi, 2002) encontraram que, no processo de aquisição de aspirações, tanto pessoas com altas aspirações quanto com baixas podem estar satisfeitas na medida em que elas estejam fazendo progressos em suas metas.

1.1.3.1.2.3 As Teorias de Discrepância nas Metas. Também entre as teorias de discrepância, as teorias de discrepância nas metas corrobora a importância das metas na vida das pessoas. O envolvimento com um conjunto de metas pessoais dão não só um sentido de domínio pessoal, como também um sentido de estruturação e significado da vida diária. Ademais, ter metas pode ajudar a pessoa a enfrentar (*coping*) os problemas da vida diária e a manter o bem-estar pessoal e social nos momentos adversos (Diener, Suh, Lucas e Smith, 1999 *apud* Giacconi, 2002). A abordagem afirma que a discrepância entre as metas e as condições atuais de vida

das pessoas influencia a quantidade de afeto positivo e negativo que elas experimentam. Nessa perspectiva, o contexto parece exercer um papel importante, principalmente o componente representado pela cultura em que a pessoa está inserida. As metas conduzem mais facilmente à felicidade quando elas são indicadas e corroboradas pela cultura ou pela subcultura à qual a pessoa pertence.

Encontramos em Diener, Suh, Oishi (1997) um contraste entre as teorias que sustentam ser o bem-estar subjetivo o resultado da satisfação das necessidades humanas universais básicas e as teorias de contexto, que enfatizam que os fatores que influenciam o bem-estar subjetivo variam de acordo com o tempo e entre as pessoas, e que as circunstâncias em que as pessoas vivem é que servirão de base para a avaliação positiva ou negativa dos eventos da vida, em lugar de universais biológicos. O contexto é considerado de diferentes maneiras: 1) na teoria da adaptação, é a vida passada da pessoa; 2) nos modelos de comparação social, são os outros sociais para os quais a pessoa está atenta; e 3) na abordagem do objetivo, são as metas pessoais conscientes.

Csikszentmihalyi (1999) diferencia três contextos sociais, nos quais a maioria das pessoas passa períodos de tempo mais ou menos iguais, em seu cotidiano: 1) o contexto composto de estranhos, colegas de trabalho ou de estudo - nessa esfera pública de ação os atos do indivíduo são avaliados pelos outros, ele compete por recursos e é possível estabelecer relacionamentos de colaboração; é a mais importante para o desenvolvimento do potencial do indivíduo, pois apesar dos riscos serem maiores ocorre um maior crescimento; 2) o contexto formado pela família do indivíduo, um grupo de pessoas com quem cria laços especiais de proximidade, com quem se sente seguro e para com quem tem um grau maior de responsabilidade; e 3) o contexto definido pela ausência de outras pessoas – a solidão; quer goste dela ou não, várias obrigações da vida diária exigem que a pessoa fique sozinha e que aprenda a lidar adequadamente com a solidão, ou a qualidade da sua vida será prejudicada.

1.1.3.1.3 As Teorias Relativas aos Processos de Adaptação e *Coping*

A teorias de adaptação e *coping* focalizam tanto os processos de adaptação ou habituação em condições contínuas, como a forma como enfrentamos as situações estressantes (*coping*), apresentados como componentes centrais nas teorias de bem-estar subjetivo. Mas enquanto o *coping* pressupõe uma ênfase no papel ativo da pessoa, a adaptação (como a habituação) é um processo biológico passivo e automático. O processo de adaptação pressupõe um ajuste do organismo às situações e os eventos recentes apresentam maior

impacto no bem-estar do que os eventos passados. Segundo Suh, Diener e Fujita (1996) as pessoas adaptam-se a muitos eventos em um período de tempo relativamente curto, menos de três meses. Estudos realizados por Diener, Suh, Lucas e Smith (1999 *apud* Giacomoni, 2002), sobre pessoas que se tornaram portadoras de necessidades especiais, demonstram a capacidade de adaptação após dois meses da ocorrência do evento negativo. Entretanto, estudos sobre a morte de entes queridos, como de Stroebe, Stroebe, Abakoumkin e Schut (1996 *apud* Giacomoni, 2002), relatam um período de até dois anos para o retorno de níveis de bem-estar positivos.

Algumas estratégias de *coping* correlacionam-se consistentemente com o bem-estar subjetivo, entre elas as crenças espirituais, dar significado positivo aos eventos, as reavaliações positivas, o *coping* voltado para o problema (Folkman, 1997; Headey e Wearing, 1989b *apud* Giacomoni, 2002). E McCrae e Costa (1986 *apud* Giacomoni, 2002) relatam que as pessoas com altos níveis de bem-estar utilizam comportamentos de *coping* como a ação racional, a procura de ajuda, o extrair força da adversidade e a fé.

Myers e Diener (1997), argumentam que as pessoas ativamente religiosas apresentam menor probabilidade de se tornarem delinqüentes, abusar de drogas e álcool, divorciar-se e cometer o suicídio, e relatam também um nível mais elevado de felicidade - as pessoas altamente espirituais apresentam duas vezes mais probabilidade de se declarar como mais felizes do que aquelas com menor compromisso espiritual. Estudos por eles analisados indicam que a felicidade e a satisfação da vida se elevam significativamente como resultado da afiliação e da frequência religiosas e com o comparecimento na adoração. Entre as pessoas idosas, encontraram que um dos melhores preditores da satisfação com a vida é a religiosidade.

Os estudos que sondaram a conexão entre a fé e a capacidade de lidar com uma crise indicam: mulheres que ficaram viúvas recentemente e que participam de cultos religiosos regularmente relatam mais alegria em suas vidas do que viúvas religiosamente inativas; mães profundamente religiosas de crianças incapacitadas são menos vulneráveis a depressão do que suas contrapartes não religiosas; e pessoas que têm fé também recuperam o nível de felicidade mais rapidamente após ter sofrido divórcio, desemprego ou uma doença séria. (Myers e Diener, 1997)

A explicação destas ligações positivas entre a fé e o bem estar, esclarecem Myers e Diener (1997), inclui os relacionamentos próximos de suporte apreciados freqüentemente por pessoas ativas em suas comunidades de fé, no sentido do significado e da finalidade que muitas pessoas derivam de sua fé e da motivação para focalizar além do seu próprio *self*.

Foram encontradas consistentemente duas vezes mais pessoas que apresentam a prática de se engajar em obras sociais voluntárias e quatro vezes mais pessoas que se envolvem em ações de caridade entre os participantes semanais da igreja, quando comparados com os que não participam. Uma visão religiosa do mundo pode oferecer respostas às perguntas mais profundas da vida e uma avaliação otimista dos eventos de vida. Além disso, a fé oferece esperança quando as pessoas enfrentam o terror da morte.

Assim, as teorias de *coping* estão baseadas na idéia de que, a fim de lidar com os problemas, as pessoas felizes desencadeiam pensamentos e comportamentos que são adaptáveis e úteis, visto que na média as pessoas infelizes enfrentam as dificuldades de maneiras mais destrutivas. (Diener, Suh, Oishi, 1997) Por exemplo, as pessoas felizes são mais prováveis de ver o lado favorável dos acontecimentos, de lutar diretamente contra os problemas e procurar a ajuda de outras pessoas, enquanto as pessoas infelizes são mais prováveis de entregar-se à fantasia e responsabilizar os outros, além de evitar trabalhar com os problemas. Ademais, em Diener, Suh, Oishi (1997) encontramos que as pessoas podem aumentar seu bem-estar subjetivo pelo controle de seus pensamentos.

For example, perhaps SWB can be increased by believing in a larger meaning or force in the universe. Support for this proposition comes from findings showing that on average religious people are happier than nonreligious people (e.g., Ellison, 1991; Myers, 1992; Pollner, 1989). Further, SWB is higher if a person concentrates on attainable goals, and does not focus attention exclusively on distant, difficult goals (Emmons, 1986, 1992). Finally, one can heighten SWB by being optimistic about one's future (Scheier & Carver, 1993). (Diener, Suh e Oishi, 1997, p5)¹⁶

1.1.3.2 As *Botton-up Theories*

Relacionadas aos fatores extrínsecos ao indivíduo, ou seja, às influências situacionais, as *Botton-Up Theories* do bem-estar subjetivo (Diener, 1984) apontam para a idéia de que a felicidade é simplesmente a soma de vários pequenos prazeres. De acordo com esta visão, quando uma pessoa julga se sua vida é feliz, alguns cálculos mentais são usados para fazer o

¹⁶ Por exemplo, talvez o bem-estar subjetivo possa ser aumentado quando se acredita em um significado ou uma força maior no universo. Sustentação para esta proposição vem dos resultados que mostram que, em média, as pessoas religiosas são mais felizes do que as não religiosas (por exemplo, Ellison, 1991; Myers, 1992; Pollner, 1989) Além disso, o bem-estar subjetivo é mais elevado se uma pessoa se concentra em objetivos atingíveis, e não focaliza sua atenção exclusivamente nos objetivos distantes, difíceis (Emmons, 1986, 1992). Finalmente, a pessoa pode elevar seu bem-estar subjetivo sendo otimista sobre seu futuro (Scheier & Carver, 1993). (Diener, Suh e Oishi, 1997, p5).

balanço entre os prazeres e os sofrimentos. Uma vida feliz, neste ponto de vista, é meramente um acúmulo de momentos felizes.

Desde o início as teorias do bem-estar subjetivo tem estado preocupadas em identificar como os fatores externos, as situações e as variáveis sócio-demográficas afetavam a felicidade. Estas abordagens partem do pressuposto de que existe uma série de necessidades humanas universais e básicas e que a satisfação destas necessidades viabiliza a felicidade. Outros fatores associados por essas teorias são as experiências de eventos prazerosos diários relacionados ao afeto positivo, assim como eventos desprazerosos associados a afetos negativos. Ademais, a satisfação e a felicidade resultariam do acúmulo desses momentos específicos, dessas experiências felizes (Diener, Sandvik e Pavot, 1991 *apud* Giacomoni, 2002). Nessa abordagem do bem-estar subjetivo, as circunstâncias objetivas da vida deveriam ser os primeiros preditores da felicidade das pessoas.

1.1.3.2.1 As Variáveis Sócio-demográficas

Quanto às relações entre as variáveis sócio-demográficas, os eventos e o bem-estar subjetivo, embora Csikszentmihalyi (1999) afirme que o modo como uma pessoa vive dependa, em grande parte, de seu sexo, sua idade e sua posição social, pois a casualidade do seu nascimento a coloca numa cultura que determina suas experiências, estudos relativos aos fatores demográficos, expostos em Diener, Suh, Oishi (1997), sobre variáveis como idade, educação, sexo e etnia, apresentam uma fraca relação com o bem-estar subjetivo. Contudo, em relação à variável ‘casamento’, os resultados revelam que pessoas casadas, de ambos os sexos, sentem mais felicidade do que as que nunca se casaram e as que estão divorciadas ou separadas.

Estudos de felicidade e satisfação têm encontrado um pequeno aumento na felicidade com a idade, especialmente no domínio trabalho (Argyle, 1999 *apud* Giacomoni, 2002). Segundo Bradburn (1969 *apud* Giacomoni, 2002), quando foram utilizadas medidas afetivas nas pesquisas, a felicidade tendeu a aumentar com a idade, mais especificamente para afeto positivo do que para afeto negativo. Por outro lado, em um recente estudo transcultural (Diener e Suh, 1998 *apud* Giacomoni, 2002), entre as medidas de satisfação de vida, afeto prazeroso e afeto desprazeroso, somente afeto prazeroso declinou com a idade. A satisfação de vida permanece estável ao longo do tempo, apesar do declínio da renda pessoal e da mudança de *status* civil (a maioria fica viúvo ou se separa). Autores como Campbell,

Converse e Rodgers (1976 *apud* Giacomoni, 2002) sugerem que este fato é evidência de que as pessoas, em geral, reajustam suas metas à medida que envelhecem.

Ryff (1991 *apud* Giacomoni, 2002) relatou que adultos mais velhos, comparados com mais jovens, possuem uma aproximação maior entre o seu ideal de vida e a sua autopercepção. Apesar das pessoas mais velhas, em geral, apresentarem pior estado de saúde, tenderem a receber salários menores após a aposentadoria e poucas ainda estarem casadas, elas ainda são mais satisfeitas. Os resultados de Campbell, Converse e Rodgers (1976 *apud* Giacomoni, 2002) apontam para o fato de que pessoas mais velhas apresentam menores aspirações de vida. Além disso, outros fatores contribuem para a satisfação, como o aumento de atividades religiosas nessa fase do desenvolvimento, que é indicador de altos níveis de satisfação com a vida.

Estudos que correlacionaram o nível educacional com medidas de felicidade, através do número de anos de estudos ou de graus de titulação obtidos, encontraram uma correlação positiva pequena. Em estudos transculturais, foi observado que a educação apresenta um efeito maior nas populações de países mais pobres; isto é, a educação está mais fortemente relacionada ao bem-estar subjetivo em indivíduos com as mais baixas rendas (Diener, Sandvik, Seidlitz e Diener, 1993 *apud* Giacomoni, 2002). Parte dessa relação, entre educação e bem-estar subjetivo, deve-se provavelmente a uma covariação da educação com a renda e o *status* ocupacional (Witter, Okun, Stock e Haring, 1984 *apud* Giacomoni, 2002), pois ambas as variáveis são apontadas como causas de felicidade (Argyle, 1999 *apud* Giacomoni, 2002).

A variável classe social é definida por Argyle (1999, *apud* Giacomoni, 2002) como “o nível na sociedade em que o indivíduo é aceito; isto é uma função do status ocupacional e também renda, educação, local de moradia e estilo de vida”. Os estudos transculturais têm encontrado que os efeitos de classe social são maiores sobre o afeto positivo principalmente em sociedades altamente estratificadas, ou seja, onde existe uma má distribuição de renda. Segundo Argyle (1999 *apud* Giacomoni, 2002), o efeito da classe social sobre a felicidade é devido a um efeito múltiplo de melhores trabalhos, melhores moradias, relacionamentos e lazer.

Quanto à questão do dinheiro fazer as pessoas felizes, tanto em Diener, Suh, Oishi (1997) como em Csikszentmihalyi (1999), encontra-se uma fraca relação entre a renda e a satisfação com a vida e um padrão misto de evidências relativo aos efeitos de um sobre o outro. Indivíduos que aumentaram ou diminuíram suas rendas não mudaram em termos de

bem-estar subjetivo, parecendo que a influência entre essas variáveis ocorre apenas quando as necessidades físicas estão em jogo e que o aumento da riqueza faz pequena diferença para a felicidade. Assim, os dados indicam que, ultrapassado o limite da pobreza, os recursos acrescentados não aumentam de modo significativo a probabilidade de uma pessoa ser feliz.

O efeito da variável renda sobre a felicidade em países mais pobres é maior. A explicação para os efeitos da renda sobre o bem-estar subjetivo, segundo Argyle (1999 *apud* Giacomoni, 2002), está no fato das pessoas mais ricas terem maior acesso a melhores alimentos, moradias, meios de transporte, educação, lazer e acesso à assistência médica, o que resulta num melhor estado de saúde física e mental e em uma personalidade mais capacitada. Por outro lado, estudos revelaram que pessoas que obtiveram um aumento expressivo em suas rendas num curto período de tempo, não apresentaram aumentos significativos em seus níveis de bem-estar subjetivo (Diener, Sandvik, Seidlitz e Diener, 1993 *apud* Giacomoni, 2002). Quando ocorrem mudanças na renda, o bem-estar subjetivo pode temporariamente aumentar ou diminuir; entretanto, as teorias de adaptação sugerem que, ao longo do tempo, a pessoa vai adaptar-se ao seu novo nível de renda.

Alguns resultados apontam para o fato de que nem sempre o efeito de aumento de renda é percebido como positivo. Estudos de Argyle (1999 *apud* Giacomoni, 2002) sobre pessoas que receberam grandes quantidades de dinheiro em um pequeno intervalo de tempo, como atletas e ganhadores de loterias, revelaram que mudanças positivas de renda resultaram em muito estresse (mudança de *status* social acarretou mudança de bairro, mudança de estilo de vida, perda de referencial e de apoio social), acabando por eliminar os efeitos positivos da prosperidade. Diener, Suh, Lucas e Smith (1999 *apud* Giacomoni, 2002) alertam também para o papel do materialismo no estudo da variável renda sobre bem-estar subjetivo, pois quando pessoas valorizam o dinheiro mais do que outros valores essas pessoas, em geral, são menos satisfeitas com as suas vidas e com os seus padrões.

A variável casamento tem sido descrita como um dos correlatos mais fortes da felicidade e do bem-estar subjetivo. Pessoas casadas ou que vivem juntas são, em média, mais felizes e estão em melhores condições de saúde física e mental, do que as pessoas que vivem sozinhas, que nunca se casaram e que estão viúvas ou separadas. A satisfação com o casamento também prediz a felicidade e a satisfação global da vida. Entretanto, o casamento também pode ser uma grande fonte de estresse e violência, pois por ser um relacionamento intenso e complexo, também pode acarretar fortes efeitos negativos. Os benefícios do casamento são diferentes para homens e mulheres: as contribuições são maiores para a saúde

física e mental dos homens; e ocorrem grandes benefícios para as emoções positivas de ambos; os filhos, em geral, são uma grande fonte de satisfação e felicidade, passado o estresse do período do nascimento. A explicação dos benefícios do casamento, segundo Argyle e Furnham (1983 *apud* Giacomoni, 2002), está na grande fonte de suporte social, tanto emocional quanto material, que ele representa para a maioria das pessoas, mais do que amigos ou parentes.

A variável etnia, quando cruzada com o bem-estar subjetivo, é muito afetada por outras variáveis. Estudos realizados por Campbell, Converse e Rodgers (1976 *apud* Giacomoni, 2002) nos Estados Unidos, indicaram que os negros são menos felizes do que brancos. Para Argyle (1999 *apud* Giacomoni, 2002), o baixo nível de felicidade das minorias étnicas deve-se, basicamente, às baixas rendas, a pouca educação e ao baixo *status* de trabalho. Quando essas variáveis são controladas, o efeito da raça é reduzido ou quase inexistente.

Dos estudos sobre desemprego e aposentadoria, tem sido retirados os resultados sobre a influência dos benefícios da variável emprego sobre a felicidade. As pessoas desempregadas apresentam níveis menores de satisfação do que aqueles que estão trabalhando. (Campbell, Converse e Rodgers, 1976 *apud* Giacomoni, 2002) Em geral, os desempregados não sabem o que fazer com seu tempo livre, apresentando pioras em seus estados de saúde mental e física. Além disso, as taxas de suicídios, depressão e alcoolismo são maiores entre os desempregados. O efeito do desemprego é maior após um período longo de tempo, para os homens, para os solteiros e para as pessoas das classes trabalhadoras. Quando os efeitos do desemprego sobre a renda são controlados, os seus efeitos sobre a felicidade também diminuem, mas ainda assim permanecem. A baixa da auto-estima é um dos efeitos negativos mais comprometedores do desemprego (Argyle, 1999 *apud* Giacomoni, 2002).

Quanto aos aposentados, foi observado que, em geral, são mais felizes do que as pessoas que estão trabalhando, sendo percebida uma pequena baixa nos indicadores de satisfação logo após a aposentadoria, que são recuperados em seguida. As pessoas que se mostram mais felizes na aposentadoria são aquelas que se aposentaram de forma voluntária, estão com boa saúde física, não sofreram uma grande perda de renda e, principalmente, desenvolvem atividades e possuem interesses, como aquelas que, por exemplo, fazem trabalhos voluntários, participam de grupos de lazer etc. (Argyle, 1999 *apud* Giacomoni, 2002). Os achados sobre desemprego e aposentadoria demonstram os benefícios positivos do

trabalho relacionados à possível fonte de apoio social, à possibilidade de estruturação do tempo e à contribuição para a vida social e para a auto-imagem.

Nos estudos da variável lazer, como um domínio de satisfação de vida, em relação com o bem-estar subjetivo, encontrou-se que o lazer se correlaciona positivamente com a felicidade (Argyle, 1999 *apud* Giacomoni, 2002). Os resultados demonstram que o lazer prediz o aumento nos níveis de bem-estar, assim como, o lazer na adolescência prediz satisfação na vida adulta. Em relação aos tipos de lazer, encontramos que o esporte e os exercícios físicos produzem grande aumento no nível de bem-estar subjetivo, que se deve, em parte, ao aumento da liberação das endorfinas, mas também devido à oportunidade de interação social, à experiência de sucesso experimentada pelo ato físico e ao sentimento de auto-eficácia muitas vezes envolvido. Uma grande quantidade de atividades realizadas em grupo (como clubes sociais, times, corais, aulas de dança etc.) pode ser fonte de felicidade, principalmente, para pessoas extrovertidas, em função de tais atividades preencherem e satisfazerem necessidades, assim como, promoverem apoio social e integração social, além de serem ótimas indutoras de estados de humor (Argyle, 1999 *apud* Giacomoni, 2002). A variável educação também apresenta efeitos sobre o lazer, uma vez que a educação é fonte de muitos tipos de lazer, colocando os indivíduos em contato com a arte, a música, a leitura e os esportes.

Como já apontado anteriormente, algumas pesquisas indicam que a felicidade é maior em pessoas que são religiosas, quando comparadas com as não religiosas. Nesse sentido, o impacto da religião sobre o sentimento de bem-estar foi encontrado como sendo maior nas pesquisas realizadas nos Estados Unidos do que na Europa. De acordo com Argyle (1999 *apud* Giacomoni, 2002), este efeito também é maior em pessoas mais velhas, negras, mulheres e em protestantes quando comparados com católicos. Entre as causas apontadas por Argyle (1999 *apud* Giacomoni, 2002) como responsáveis pela influência da religião sobre o bem-estar subjetivo está, por um lado, o fato de que a igreja é uma grande fonte de suporte social para seus membros e promove comportamentos de boa saúde física (menor incidência de bebidas alcoólicas, de uso de drogas e de sexo promíscuo); por outro lado, está o sentimento de aproximação de Deus, sendo que essa relação também prevê apoio social através de crenças na existência, na unidade, em objetivos de vida etc.

Ellison (1991 *apud* Giacomoni, 2002) sugere que o benefício da religião é principalmente cognitivo, promovendo uma estrutura interpretativa na qual a pessoa pode obter sentido para as suas experiências. A religião, segundo Diener, Suh, Lucas e Smith

(1999, *apud* Giacomoni, 2002) aumenta os sentimentos de eficácia, controle e segurança, promovendo grande benefício para os aspectos cognitivos do bem-estar subjetivo. Poloma e Pendleton (1990 *apud* Giacomoni, 2002), investigando as relações entre os conceitos de bem-estar e religiosidade, apresentam a religião como um dos domínios de bem-estar e sustentam que a satisfação com a religião é importante tanto para a satisfação de vida global quanto para o bem-estar existencial. E Diener, Suh e Oishi (1997) sugerem que, na média, as pessoas religiosas são mais felizes do que as não religiosas, o que parece justificar a preocupação de certas tradições filosóficas e religiosas com o pensamento construtivo, pois talvez direcione os estados de humor e as emoções.

Estudos como os desenvolvidos por Suh, Diener e Fujita (1996), têm investigado o impacto dos eventos da vida sobre o bem-estar subjetivo, nos quais os eventos negativos têm recebido maior atenção devido ao seu impacto potencial ameaçador sobre o bem-estar subjetivo. Entre os principais eventos positivos arrolados como causas da felicidade encontramos os relacionamentos com amigos, os prazeres básicos da comida, da bebida e do sexo, além das experiências de sucesso (Argyle, 1999 *apud* Giacomoni, 2002). Entre os tipos de eventos, os familiares são os mais encontrados. Entretanto, segundo o estudo de Larson (1990 *apud* Giacomoni, 2002), as pessoas encontram-se em melhores humores quando estão na companhia de amigos, quando comparados com os momentos em que estão com a família ou sozinhas. Além disso, felicidade correlaciona-se com o número de amigos, incluindo a frequência dos encontros, a ida a festas e danceterias, assim como o fato de pertencer a clubes e times. Esses efeitos de interação social são mais fortes em pessoas extrovertidas. A frequência do ato sexual também se correlaciona com a felicidade, assim como a satisfação com a vida sexual, o estar apaixonado e a frequência de interações com o(a) esposo(a).

Quando ocorrem mudanças acentuadas nas circunstâncias de vida de uma pessoa, ou ela se vê diante de novos acontecimentos, que implicam alterações bruscas em seu bem-estar subjetivo, Diener, Suh, Oishi (1997) demonstram que, em geral, desencadeia-se um processo de adaptação, pelo qual a pessoa inicialmente reage com intensidade, mas com o tempo habitua-se e retorna ao nível de bem-estar anterior.

The idea of adaptation is that people initially react strongly to new life events or circumstances, but over time habituate and return to baseline. For example, a positive event such as winning the lottery boosted one's mood, but the person is likely to over time return to his or her original level. Thus, in context theories, events are not seen to have an inherent value, but instead

are believed to be evaluated against a backdrop of other factors. (Diener, Suh & Oishi, 1997, p.9)¹⁷

Tais autores citam, por exemplo, os ganhadores de loteria que, depois de algum tempo, não se mostram significativamente mais felizes do que as outras pessoas, e as pessoas portadoras de deficiências físicas que conseguem adaptar-se mesmo quando submetidas a severas condições de vida. Enquanto Diener, Suh, Oishi (1997) sugerem uma tendência a retornar ao estado original de bem-estar subjetivo, que parece depender do temperamento do indivíduo, Csikszentmihalyi (1999, p.29) argumenta, por sua vez, que “com o tempo algumas pessoas passam a se considerar felizes, independentemente das condições externas, enquanto outras se acostumam a se sentir menos felizes, não importa o que lhes aconteça”. Apesar de algumas condições ambientais influenciarem continuamente o bem-estar subjetivo e a idéia de adaptação possa abrandar o seu impacto, esta pode não ser completa ou não ocorrer em todas as circunstâncias. (Diener, Suh, Oishi, 1997) Entretanto, as influências situacionais exercem um efeito claro sobre o bem-estar emocional. (Diener e Lucas, 2000)

No que tange à influência e o efeito dos eventos de vida e atividades no bem-estar subjetivo, Diener, Sandvik e Pavot (1991 *apud* Giacomoni, 2002) argumentam, por sua vez, que as experiências positivas intensas não produzem impacto muito forte sobre a felicidade, devido, em parte, pela sua raridade. Schwarz e Strack (1991 *apud* Giacomoni, 2002) propõem que os julgamentos de bem-estar (da felicidade) são baseados em ‘eventos passados hedonicamente relevantes’, cujo efeito depende do quão acessíveis eles estão, considerando que os eventos mais recentes produzem mais impacto do que eventos passados. Os eventos passados também podem produzir efeitos de comparação, uma vez que os eventos felizes do passado podem ser transformados em infelizes no presente.

O estado de humor também pode afetar a avaliação de bem-estar subjetivo. Segundo Argyle (1999 *apud* Giacomoni, 2002), pessoas com humor positivo procuram a companhia de outros, existindo uma relação de causalidade nessa direção. Estudos como o de Pavot, Diener, Colvin e Sandvik (1991) têm utilizado medidas de lembranças de eventos de vida, tanto positivos como negativos, para acessar bem-estar subjetivo em longo prazo. Seidlitz e Diener (1993), ao investigarem a memória para os eventos de vida positivos e negativos, partiram da

¹⁷ A idéia da adaptação é que as pessoas inicialmente reagem fortemente aos novos eventos ou circunstâncias de vida, mas com o tempo se habitua e retorna excesso ao nível básico. Por exemplo, um evento positivo tal como ganhar na loteria levantou o humor, mas é provável que a pessoa, com o tempo, retorne a seu nível original. Assim, em teorias do contexto, os eventos não são vistos para ter um valor inerente, mas acredita-se que devam ser avaliados contra um cenário de outros fatores. (Diener, Suh & Oishi, 1997, p.)

simples indagação de por que pessoas felizes relembram mais os eventos positivos, ao invés dos negativos, quando comparadas às pessoas infelizes.

Headey, Holmstrom e Wearing (1984 *apud* Giacomoni, 2002) verificaram que eventos de vida favoráveis predizem modestos aumentos no bem-estar subjetivo e os eventos de vida adversos predizem diminuições. Sendo assim, indivíduos felizes podem lembrar mais eventos positivos e menos negativos simplesmente devido à frequência com que eles experimentam esses eventos. Seidlitz e Diener (1993) propõem outra explicação para as diferenças de lembranças entre as pessoas felizes e infelizes. Eles argumentam que pessoas felizes interpretam os eventos de forma mais positiva do que pessoas infelizes. Uma vez que diferenças individuais na interpretação de tais eventos correspondem a diferenças individuais no bem-estar subjetivo, tais diferenças interpretativas também poderiam explicar as diferenças nas lembranças de pessoas felizes e infelizes.

Na apreciação de Diener, Suh e Oishi (1997) as pessoas felizes além de experimentarem com maior frequência os eventos como positivos, principalmente os desejáveis em sua cultura, apresentam uma propensão para interpretar os acontecimentos ambíguos como bons e parecem perceber os acontecimentos ‘neutros’ mais positivamente do que as pessoas com baixo nível de bem-estar subjetivo. E, apesar de seus problemas e tragédias, Csikszentmihalyi (1999) afirma que as pessoas tendem a descrever a si mesmas muito mais como felizes do que infelizes.

Com relação às variáveis de competência, a atratividade física possui um efeito intenso no bem-estar subjetivo, principalmente em mulheres jovens (Agnew, 1984 *apud* Giacomoni, 2002). No entanto, são as habilidades sociais que apresentam o efeito mais forte, quando comparadas com outras variáveis de competência. Argyle e Lu (1990 *apud* Giacomoni, 2002) encontraram que as pessoas extrovertidas são felizes devido às suas excelentes capacidades de assertividade.

E a saúde física também é entendida como preditor de bem-estar, ainda que apresente um efeito pequeno. Pessoas em melhores condições físicas são capazes de fazer mais coisas que desejam e, em geral, estão ativas social e fisicamente. (Okun, Stock, Haring e Witter, 1984 *apud* Giacomoni, 2002)

1.1.4 O Fluxo

Por sua vez, Csikszentmihalyi (1999) argumenta que o envolvimento em atividades interessantes e prazerosas proporciona bem-estar subjetivo, na medida em que provê um nível ótimo de novas informações ao indivíduo e produz uma experiência altamente aprazível de “fluxo”, caso o desafio da atividade seja equivalente às habilidades da pessoa. O conceito de “experiência de fluxo” (“experiência ótima” ou “negaentropia psíquica”), desenvolvido por Csikszentmihalyi (1999), corresponde à serenidade experimentada quando desejos, intenções e pensamentos participam do mesmo evento - o que sentimos, o que desejamos e o que pensamos se harmonizam. Esses momentos excepcionais são descritos como uma sensação de ação sem esforço, equivalente a “atingir o auge”, o “êxtase”, o enlevo estético. O fluxo costuma ocorrer quando a pessoa se concentra num conjunto claro de metas que exigem dela respostas compatíveis com suas habilidades, oferecendo-lhe um feedback imediato do seu desempenho.

O fluxo costuma ocorrer quando uma pessoa encara um conjunto claro de metas que exigem respostas apropriadas. As atividades que induzem o fluxo podem ser chamadas de ‘atividades de fluxo’ porque tornam mais provável que a experiência ocorra. Ao contrário da vida cotidiana, as atividades de fluxo permitem que uma pessoa se concentre em metas límpidas e compatíveis. Outra característica das atividades de fluxo é que elas oferecem um feedback imediato; elas deixam claro o seu desempenho. O fluxo tende a ocorrer quando as habilidades de uma pessoa estão totalmente envolvidas em superar um desafio que está no limiar de sua capacidade de controle. Experiências ótimas geralmente envolvem um fino equilíbrio entre a capacidade do indivíduo de agir e as oportunidades disponíveis para a ação. (Csikszentmihalyi, 1999, p.36-37)

1.2 A TEORIA DA VIDA COTIDIANA E A FELICIDADE

Numa tentativa de compreender a formação da subjetividade humana a partir do processo de socialização, a teoria da vida cotidiana de Agnes Heller (Chaves, 2000; Rossler, 2004), aborda as relações entre a estrutura da vida cotidiana e as formas cotidianas de pensamento e ação. O processo de socialização se inicia desde o momento em que o indivíduo nasce em um contexto cultural circunscrito, no qual deve passar por um processo de apropriação em-si e, então, poder se objetivar enquanto indivíduo.

Heller (1989, 1994) divide a vida social humana em dois grandes âmbitos: o da vida cotidiana e o âmbito das esferas não-cotidianas da atividade social. A vida cotidiana é constituída a partir de três tipos de objetivações do gênero humano (objetivações genéricas em-si), que constituem a matéria-prima para

a formação elementar dos indivíduos: a linguagem, os objetos (utensílios, instrumentos) e os usos (costumes) de uma dada sociedade. Já as esferas não-cotidianas se constituem a partir de objetivações humanas superiores (objetivações genéricas para-si), isto é, mais complexas, como as ciências, a filosofia, a arte, a moral e a política. (*apud* Rossler, 2004. p.102)

Para Heller (*apud* Rossler, 2004), a cotidianidade consiste no espaço de satisfação das necessidades essenciais do indivíduo e, portanto, as atividades cotidianas são basicamente determinadas por motivações de caráter particular. Por sua vez, as atividades não-cotidianas são determinadas por motivações genéricas, que aludem à universalidade do gênero humano. A autora ainda destaca que, ao longo da formação dos indivíduos em sua vida cotidiana, estruturam-se determinadas formas de pensamento, de sentimento e de ação típicas dessa esfera da vida social e necessárias para a própria reprodução da existência do indivíduo.

A vida cotidiana é, segundo Heller (Chaves, 2000), o espaço vital de todo indivíduo, no qual precisa apropriar-se de normas e regras que encontra no contexto cultural em que nasce, a partir da aprendizagem do uso de objetos, do seguimento dos costumes e da linguagem, processos que ocorrem na esfera das objetivações em-si, que lhe permitem objetivar-se enquanto indivíduo culturalmente maduro. Na esfera de objetivações em-si o indivíduo desenvolve a razão prática, que lhe permite discriminar de acordo com uma hierarquia de categorias de valor, sendo que o bem vem sempre em primeiro lugar; ou seja, nessa esfera o indivíduo desenvolve o bom senso. No entanto, o seguimento de normas e regras da esfera de objetivações em si precisa suprir a vida humana com significado, e isto ocorre na esfera de objetivações para-si.

A esfera de objetivações para-si, a partir da absorção do excedente cultural da experiência subjetiva, confere significado às normas e regras heterogêneas da esfera de objetivações em-si, estabelecendo a sua unidade. O contato com as objetivações para-si - as religiões, as artes, as ciências e as filosofias - fornecem uma visão de mundo significativa, que permite ao indivíduo desenvolver a razão teórica que, segundo Heller (1985 *apud* Chaves, 2000), permite ao indivíduo transcender o pensamento teórico cotidiano, próprio da esfera de objetivações em-si, e desenvolver a crítica e a reflexão.

Assim, de acordo com Heller (1994), o para-si da vida cotidiana se caracteriza em dois tipos, a felicidade e a vida sensata. “La felicidad es el para-nosotros de la vida cotidiana en el sentido de la realización limitada. Es un para-nosotros concluso, que por principio no es

posible desarrollar, edificar ulteriormente, que es en si un término y un limite.”¹⁸ (p.415) Na Antigüidade clássica, recorda Heller, a felicidade estava no centro da ética, porque o mundo era o da realização limitada (seus limites não eram para serem superados, mas representavam um ponto extremo), assim como a personalidade antiga era uma individualidade limitada - neste mundo a felicidade era o máximo bem. Em Platão, por exemplo, encontramos o conceito de felicidade do instante - os instantes de realização se obtém no amor e na contemplação do belo (das idéias). Na Antigüidade, aponta Heller (1994), a realização limitada — a felicidade — é considerada como uma categoria positiva. No entanto, a partir de Renascimento esta forma limitada de realização vai perdendo cada vez mais seu conteúdo de valor. A partir de então ser feliz significa criar uma vida em contínua transformação, repleta de contínuos conflitos, em contínua superação de si mesmo, fazendo dela algo que é definitiva e univocamente para-si.

En la vida del hombre moderno la transformación de la realidad en un para-nosotros implica también enfrentarse con los conflictos del mundo, la perenne superación del presente, la conquista de lo nuevo *in statu nascendi* y todas las pérdidas que en tales operaciones puede sufrir el particular: es decir, también la infelicidad. (Heller, 1994, p.415)¹⁹

No entender de Heller (1994), a felicidade mesmo adquirindo, como para-si da vida cotidiana, um acento de valor negativo, não perdeu totalmente importância na vida cotidiana dos indivíduos, tendo permanecido intacta a função que lhe assinalou Platão de para-si do instante, sem que o instante assuma o significado de algo último, de uma condição de vida. A união no amor, a contemplação do belo, a realização de uma obra, a firmeza de ânimo etc., continuam produzindo um forte sentido do para-si da vida. Porém a vida não se limita a estes instantes, que constituem os grandes momentos da vida cotidiana, mas que não esgotam seu perene ser-para-si. Já a satisfação está contraposta à felicidade, segundo Heller (1994), dado que aquela não se deriva do para-si da realidade, da vida em geral, senão da satisfação do sentimento de agradabilidade e de utilidade. Por isso, inclusive quando provém do fato de ser útil a outro homem, a satisfação é um tipo de condição de grau inferior em relação à felicidade.

¹⁸ “A felicidade é o para-si da vida cotidiana no sentido da realização limitada. É um para-si conclusivo, que por princípio não é possível desenvolver, construir posteriormente, por ser em si um término e um limite.”¹⁸ (Heller, 1994, p.415)

¹⁹ Na vida do homem moderno a transformação da realidade em um para-si implica também se defrontar com os conflitos do mundo, a perene superação do presente, a conquista do novo *in statu nascendi* e todas as perdas que em tais operações pode sofrer o indivíduo: ou seja, também a infelicidade. (Helle, 1994, p.415)

1.3 A RELAÇÃO ENTRE COGNIÇÃO E EMOÇÃO E SUA INFLUÊNCIA SOBRE O BEM-ESTAR SUBJETIVO

Quanto à relação entre cognição e emoção, tanto em Diener, Suh, Oishi (1997) quanto em Csikszentmihalyi (1999), observa-se que a qualidade real da vida de uma pessoa e seu bem-estar subjetivo - o que ela faz e como se sente quanto a isso – podem ser determinados por seus pensamentos e emoções, assim como pelas interpretações que dá aos processos químicos, biológicos e sociais; isto é, pelo modo como percebe e concebe o mundo.

Resultados de pesquisas apresentados por Diener, Suh, Oishi (1997) indicam que as pessoas podem abrandar ou intensificar suas emoções em função do que pensam e, assim, experimentar emoções mais ou menos intensas. Lazarus (1991b, 1999; *apud* Giacomoni, 2002) apresenta um modelo composto de cognição, emoção e motivação, em que as três funções estão sempre juntas e são interdependentes. A cognição, na forma de uma avaliação (que envolve significado), está sempre relacionada com a emoção, independente de qual estado mental ou ato surja dessa emoção. Lazarus indica uma relação causal circular entre a emoção e a cognição: a emoção é consequência de uma transação na qual pensamento e motivação atuam com papéis causais essenciais; contudo, as causas estão contidas no efeito, formando o círculo causal.

1.4 AS DIFERENÇAS TRANSCULTURAIS NO BEM-ESTAR SUBJETIVO

No que concerne às Diferenças Transculturais no Bem-Estar Subjetivo, as investigações buscam os possíveis fatores explicativos das diferenças no bem-estar subjetivo entre as nações. Em geral, tais estudos se baseiam nos níveis médios de medidas de bem-estar subjetivo. Diener e Suh (1999) argumentam que analisar diferenças de bem-estar subjetivo entre as nações a partir das médias justifica-se uma vez que existem fatores que possuem alguma influência no bem-estar subjetivo de todas as pessoas em uma nação.

Em estudos transculturais da relação entre bem-estar material e felicidade, Diener, Suh, Oishi (1997) relatam que: 1) os indivíduos que vivem em nações pobres apresentam níveis de felicidade ligeiramente abaixo do ponto neutro e os que vivem em países ricos, onde há liberdade, direitos humanos e ênfase no individualismo, apresentam alto nível de bem-estar subjetivo; 2) as culturas individualistas (que enfatizam a autonomia do indivíduo e os seus motivos pessoais) e as coletivistas (onde o funcionamento harmonioso do grupo é considerado

mais importante do que o indivíduo e há a crença de que os motivos e emoções individuais devem ser secundários) constroem seus julgamentos de satisfação de vida de maneiras diferentes; e 3) apesar de nas culturas individualistas os relatos de bem-estar subjetivo global serem altos em aspectos como o casamento, as taxas de divórcio são elevadas, como também as de suicídio.

Csikszentmihalyi (1999) também observa que as pessoas que vivem em países que gozam de estabilidade política e têm melhor situação econômica consideram-se mais felizes; no entanto, pondera que, por mais que uma cultura valorize o individualismo, os outros com os quais se convive ainda determinam em grande parte a qualidade de vida, porque o cotidiano não é definido apenas pelo que se faz e os atos e sentimentos de uma pessoa são sempre influenciados por outras, estejam ou não presentes; além disso, há diferenças culturais quanto à intensidade com que alguém é influenciado pelos outros, ou pela opinião internalizada dos outros, nos momentos em que está sozinho.

Os resultados das investigações indicam a prosperidade econômica como um dos mais fortes preditores de bem-estar subjetivo das nações. Num estudo do bem-estar subjetivo correlacionado com as características sociais, econômicas, e culturais em cinquenta e cinco nações, Diener, Diener e Diener (1995) encontraram a renda elevada, o individualismo, os direitos humanos e a igualdade social fortemente correlacionadas entre si e com o bem-estar subjetivo. A riqueza conta mais nos países mais pobres e apresenta um efeito de decréscimo nos países mais ricos. Veenhoven (1991 *apud* Giacomoni, 2002) também encontrou uma alta correlação entre a riqueza das nações e seus níveis de bem-estar subjetivo. Assim, nos estudos transculturais confirma-se a relação entre renda e bem-estar subjetivo.

Segundo Pereira (1997), historicamente, o movimento de indicadores sociais de qualidade de vida, iniciado nos Estados Unidos, França, Reino Unido e Suécia, teve a função de superar a avaliação do bem-estar de uma nação pelo Produto Nacional Bruto (PNB). A utilização de um índice estritamente econômico, o PNB *per capita*, havia conduzido ao

estabelecimento da crença segundo a qual quanto maior o crescimento econômico de uma nação em desenvolvimento, maior bem-estar experimentaríamos seus habitantes. No entanto, de acordo com Rattner (1979), a concentração de renda em poder dos mais ricos, proporcionou o estabelecimento de um estado de desigualdade e injustiça tão intenso, que muitas pessoas, mais freqüente e intensamente, passaram a experimentar formas de depressão, desamparo, desesperança e alienação, além de outras tantas passarem a cultivar o materialismo exagerado, o imediatismo e a ganância, algumas centradas na inveja e no ciúme. (Pereira, 1997, p.33-34)

Ainda segundo Pereira (1997), Rattner apresentou quatro objeções à utilização do PNB como medida *per se* do bem-estar:

1. PNB não pode ser identificado como satisfação psíquica, não havendo convergência entre afluência material e felicidade; 2. o PNB *per capita* se constitui em um índice, não revelando particularidades sobre a distribuição de riquezas entre os habitantes de uma nação; 3. o valor monetário de mercado de bens e serviços não está necessariamente relacionado com seu conteúdo de bem-estar; e 4. atividades não comerciais são excluídas do PNB. (Rattner, 1979, *apud* Pereira, 1997, p.34)

Além de variáveis como indicadores de direitos humanos e indicadores de igualdade das nações, Diener, Diener e Diener (1995) descobriram que o grau em que as nações suprem as necessidades biológicas básicas de seus cidadãos (como a expectativa média de vida, a baixa mortalidade infantil, o acesso a alimentos, as facilidades sanitárias e a percentagem da população que possui água potável) correlaciona-se positivamente com as médias de bem-estar subjetivo. Outra variável que se correlaciona intensamente com o bem-estar subjetivo é o individualismo, uma variável cultural que integra a dimensão individualismo-coletivismo proposta por Hofstede (1980 *apud* Giacomoni, 2002). As culturas divergem em suas prioridades para o grupo e para o indivíduo.

Nas culturas individualistas há uma ênfase nos sentimentos e pensamentos da pessoa e é permitida mais liberdade para o indivíduo, que se orienta a partir de suas próprias metas e desejos. Nas culturas coletivistas a prioridade é dada ao grupo (geralmente, a família ou as amizades), existindo uma grande distinção entre o grupo e os outros. Os coletivistas possuem menos liberdade de expressão e freqüentemente submetem seus sentimentos ao grupo. O estudo de Suh, Diener, Oishi e Triandis (1998 *apud* Giacomoni, 2002) revelou que, além da diferença na importância do bem-estar subjetivo para individualistas e coletivistas, as pessoas de diferentes culturas julgam a sua satisfação de vida de forma distinta. Os individualistas tendem a avaliar suas experiências emocionais de forma mais intensa, enquanto os coletivistas enfatizam os fatores interpessoais ao fazerem julgamentos de satisfação de vida. As normas sociais que ditam o nível de bem-estar subjetivo apropriado influenciam o julgamento da satisfação de vida de uma pessoa da cultura individualista. Dessa forma, as pessoas não somente pesam diferentemente os domínios de suas vidas ao fazerem julgamentos da satisfação de vida, mas também se voltam mais para informações externas ou internas ao elaborarem suas avaliações.

Diener, Suh, Oishi (1997), por seu turno, relatam que os indivíduos que vivem em países ricos, onde há liberdade, direitos humanos e ênfase no individualismo, apresentam alto nível de bem-estar subjetivo. As culturas individualistas (que enfatizam a autonomia do indivíduo e os seus motivos pessoais) e as coletivistas (onde o funcionamento harmonioso do grupo é considerado mais importante do que o indivíduo e há a crença de que os motivos e

emoções individuais devem ser secundários) constroem seus julgamentos de satisfação de vida de maneiras diferentes.

No entanto, dos resultados dos estudos (Diener e Suh, 1999) emerge um paradoxo: apesar de nas culturas individualistas os relatos dos níveis de bem-estar subjetivo global serem mais altos do que nas coletivistas em aspectos como o casamento, as taxas de suicídio são muito mais elevadas nas sociedades individualistas; e, embora os individualistas relatem níveis mais elevados de satisfação com suas vidas privadas, divorciam-se muito mais freqüentemente do que os coletivistas. Diener e Suh (1999) argumentam que a explicação para esse paradoxo pode estar nos custos e benefícios da liberdade individual. Nas nações coletivistas observam-se maiores níveis de suporte social devido às extensões da família, o que alivia as conseqüências do estresse e, conseqüentemente, diminui as taxas de suicídio. Além disso, como nas sociedades individualistas ser feliz é uma importante meta na vida, as pessoas cometem mais suicídio quando não conseguem se sentir felizes.

Segundo Diener e Suh (1999), outro fator cultural que também aparece como influenciando as diferenças entre as nações é a forma de ver as emoções.

It can be seen that in the Latin nations such as Colombia, there is a tendency to view pleasant emotions as desirable, and unpleasant emotions as relatively inappropriate. In contrast, in Confucian cultures such as China, there tends to be relatively more acceptance of unpleasant emotions and relatively less acceptance of pleasant emotions. These normative differences are also evident in life satisfaction. For life satisfaction, respondents were asked how the ideal person would respond to five items on a 7-point scale. In China, the ideal level of life satisfaction is considered to be neutrality - neither satisfied nor dissatisfied. In contrast, in Spain, Colombia, and Australia, respondents view the ideal as strong satisfaction with life. Diener e Suh (1999, p.9)²⁰

²⁰ Pode-se observar que nas nações latinas, tal como a Colômbia, existe uma tendência para ver as emoções prazerosas como desejáveis e emoções desprazerosas como relativamente inapropriadas. Em contraste, nas culturas confucionistas, como a Chinesa, existe uma tendência relativamente maior para a aceitação de emoções desprazerosas e relativamente menor para a aceitação de emoções prazerosas. Essas diferenças normativas são também evidentes na satisfação com a vida. Para a satisfação com a vida, os entrevistados perguntados quanto a seu ideal pessoal respondiam a cinco itens em uma escala de 7 pontos. Na China, o nível ideal de satisfação com a vida é considerado neutro – nem satisfeito nem insatisfeito. Em contraste, na Espanha, na Colômbia e na Austrália, as entrevistados concebem o ideal como uma intensa satisfação com a vida. Diener e Suh (1999, p.9)

1.5 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS (R.S.)

A noção de representação, como mediação da ordem simbólica, diz Spink (1995), torna-se central nas disciplinas que estudam o mundo social, sendo focalizada ora como objeto de estudo ora como instrumento imprescindível para acessar esse objeto. Na Psicologia Social, as representações nos remetem à questão do conhecimento como processo, cuja elaboração é considerada na perspectiva do indivíduo, na sua singularidade, e são essencialmente dinâmicas; como produtos de determinações tanto históricas como do aqui-e-agora; e têm função de orientação, enquanto conhecimentos sociais que situam o indivíduo no mundo e definem sua identidade social. As representações, explicita Leme (Spink, 1995), são valorativas e respondem a ordens morais locais, com uma conotação afetiva; são conhecimentos práticos e estão orientadas para o mundo social, fazendo e dando sentido às práticas sociais.

De acordo com Serge Moscovici (2003, p.31), “nossas reações aos acontecimentos, nossas respostas aos estímulos, estão relacionadas à determinada definição, comum a todos os membros de uma comunidade à qual nós pertencemos.” Segundo o autor, as representações possuem duas funções:

- a) Em primeiro lugar, elas *convencionalizam* os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. Todos os novos elementos se juntam a esse modelo e se sintetizam nele. [...]
- b) Em segundo lugar, representações são *prescritivas*, isto é, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado. (Moscovici, 2003, p.34-36)

Além disso: “enquanto essas representações, que são partilhadas por tantos, penetram e influenciam a mente de cada um, elas não são pensadas por eles; melhor, para sermos mais precisos, elas são re-pensadas, re-citadas e re-apresentadas”. (Moscovici, 2003, p.37)

Segundo Moscovici (Sá *In* Spink, 1995, p.19), “o termo Representações Sociais designa tanto um conjunto de fenômenos quanto o conceito que os engloba e a teoria construída para explicá-los, identificando um vasto campo de estudos psicossociológicos”. As R.S. formam um grupo de conceitos, explicações e afirmações que têm origem no cotidiano das comunicações interpessoais; de acordo com Leme (Spink, 1995), são “teorias” internalizadas que servem para organizar a realidade. A R.S. é a verbalização das concepções do indivíduo sobre o mundo que o cerca, donde pode-se detectar seus valores, ideologia e

contradições; caracteriza-se como um comportamento observável e registrável, a um só tempo individual e social. Com a teoria das R.S., Moscovici demonstra a indissociação entre indivíduo, grupo e sociedade (Lane *In* Spink, 1995).

Souza Filho (1992, p.429) nos coloca que, no entender de Echabe e Rovira,

por representação social entende-se um saber informal originado no dia a dia para lidar com um assunto, pessoa ou objeto, quando este é estranho, abstrato ou ambíguo, a fim de torná-lo familiar, garantir comunicação unívoca no interior do grupo, e interagir com outros indivíduos e grupos externos. Contrariamente aos modelos psicossociológicos que costumam encarar o tratamento de informação como um processo sobretudo individual, a proposta moscoviciano pretende situá-lo no interior de grupos e da sociedade, sem os quais não se pode compreender adequadamente os processos de circulação, assimilação ou indiferença em relação à informação (Echabe & Rovira, 1989).

Para Sawaia (Spink, 1995) o conceito de representação já compõe o discurso das ciências sociais e parte do pressuposto epistemológico de que o conhecimento cria a realidade objetiva – o dado empírico é um fenômeno humano, histórico, e o homem, agindo sobre o mundo, o interpreta, transformando-o. O conceito de R.S. aponta a necessidade de partir das relações sociais para compreender como e porque os homens agem e pensam de determinada maneira, afirmando o caráter histórico da consciência. “Vidas individuais não são realidades abstraídas de um mundo social; pelo contrário, elas só tomam forma e se constroem em relação a uma realidade social” (Guareschi; Jovchelovitch, 2000, p.19).

É importante salientar, como Sá (Spink, 1995), tanto os comportamentos individuais quanto os fatos sociais, em sua concretude e singularidade histórica – ou seja, os conteúdos dos fenômenos psicossociais e a influência dos contextos sociais sobre os comportamentos, estados e processos individuais, e a participação destes na construção das próprias realidades sociais, cabendo à Psicologia Social descobrir a estrutura e os mecanismos internos das representações. Wagner (Guareschi; Jovchelovitch, 2000) observa que na pesquisa em R.S. encontram-se dois usos distintos do conceito de representação: (1) como sistema de conhecimento de indivíduos enquanto representativos de grupos específicos – o interesse está nas características das R.S. distribuídas entre os sujeitos; e (2) como atributos das unidades sociais per se – o interesse está no processo coletivo e no produto social do discurso e da comunicação; a escolha entre eles depende tanto do interesse explicativo quanto do procedimento de avaliação adotado pelo pesquisador.

No dia-a-dia das relações interpessoais, os assuntos que chamam a atenção, o interesse e a curiosidade das pessoas, solicitando sua compreensão, são veiculados através de explicações que articulam diferentes questões em uma estrutura global de implicações, a qual

reúne informações e julgamentos de valor, recolhidos nas várias experiências pessoais e grupais - esses conjuntos de conceitos, afirmações e explicações são, demonstra Sá (Spink, 1995), as R.S., pelas quais se interpreta e constrói as realidades sociais. A mobilização das R.S. acontece em todas as ocasiões e lugares onde as pessoas se encontram informalmente e se comunicam. Segundo Wagner (Guareschi; Jovchelovitch, 2000) o fenômeno abordado nas R.S. é da ordem dos diferentes tipos de teorias populares, do senso comum e dos saberes cotidianos.

Moscovici considera os indivíduos como pensadores ativos que, a partir de inúmeros episódios cotidianos de interação social, “produzem e comunicam incessantemente suas próprias representações e soluções específicas para as questões que se colocam a si mesmos” (Sá *In* Spink, 1995, p.28). Lane (Spink, 1995) mostra que a elaboração de uma R.S. implica, necessariamente, intercâmbio entre as intersubjetividades e o coletivo, na construção de um saber que não se dá apenas como um processo cognitivo, mas que contém aspectos inconscientes, emocionais e afetivos; a mediação emocional se dá, principalmente, em função dos vínculos estabelecidos com os grupos sociais. Além disso, o conceito de R.S. define um fato empírico inequívoco, impregnado de valores, afetos e concepções, com a vantagem epistemológica de superar a tradicional fragmentação do ser humano e a estéril dicotomia indivíduo-sociedade. O caráter simbólico e imaginativo dos saberes sociais, apontam Guareschi e Jovchelovitch (2000), faz emergir a dimensão dos afetos, pois quando os sujeitos sociais estão envolvidos com a tarefa de entender e dar sentido ao mundo, o fazem com emoção; portanto, a construção da significação simbólica é tanto um ato de conhecimento quanto um ato afetivo.

Souza Filho (1992, p.429) salienta que o modelo teórico proposto por Moscovici “apresenta algumas dimensões, nos níveis simbólico e social”.

No plano simbólico, considera todas as possibilidades de produção de significado de um sujeito a respeito de um assunto ou objeto qualquer, o que inclui a atitude em relação ao mesmo e leva em consideração as relações entre os significados mencionados, ou a constituição do campo de representação. Já no plano da interação social, Moscovici propôs três determinantes principais para a produção de representações sociais (Herzlich, 1972): a pressão à inferência exercida pelos grupos junto a seus membros, no sentido de tomar posição ou elaborar um saber informal a respeito de um assunto ou objeto importante para o funcionamento do grupo — para atingir metas, por exemplo; a focalização sobre o assunto ou objeto segundo o seu interesse ou situação social vivida grupalmente, não necessariamente consciente, como é o pertencer objetivamente a um grupo sexual (cf. Fry, 1972); e a informação tomada objetivamente sobre o assunto ou objeto, sendo desigualmente distribuída na sociedade e determinando a subjetividade de um grupo particular a esse respeito.

Moscovici distingue duas classes coexistentes de universos de pensamento: (1) os universos consensuais – que correspondem às atividades intelectuais da interação social cotidiana que produzem as R.S.; e (2) os universos reificados - circunscritos, onde se produzem e circulam as ciências e o pensamento erudito, com sua objetividade, rigor lógico e metodológico, teorização abstrata, compartimentalização em especialidades e estratificação hierárquica - ambos atuam simultaneamente para moldar a nossa realidade. Moscovici atribuiu às R.S. uma estrutura de dupla natureza, ou desdobrada em duas faces indissociáveis – conceptual (ou simbólica) e figurativa – que indica em toda figura um sentido e em todo sentido uma figura, e pela qual busca compreender “como a representação se atualiza em uma organização psicológica particular”; representar uma coisa não é “simplesmente duplicá-la, repeti-la ou reproduzi-la; é reconstruí-la, retocá-la, modificar-lhe o texto” (Sá *In* Spink, 1995, p.33).

Dessa configuração estrutural das representações, segundo Sá, Leme e Sawaia (Spink, 1995), Moscovici caracterizou seus processos formadores: a objetivação e a ancoragem. Objetivar é a função de duplicar um sentido por uma figura, dar materialidade a um objeto abstrato, “naturalizá-lo”, reproduzir um conceito em uma imagem. Consiste numa “operação imaginante e estruturante”, pela qual se dá uma “forma” – ou figura – específica ao conhecimento acerca do objeto, tornando concreto o conceito abstrato. A objetivação é a transformação de abstrações, noções, idéias e imagens em coisas concretas e materiais que constituem a realidade. Ancorar é a função de duplicar uma figura por um sentido, fornecer um contexto inteligível ao objeto, interpretá-lo. É a integração cognitiva do objeto representado a um sistema de pensamento social preexistente, incluindo as transformações implicadas. As representações já disponíveis acolhem as novas representações, redundando no enraizamento social da representação e de seu objeto. Para Moscovici ancorar é classificar e denominar; aí não cabe a neutralidade, posto que cada objeto e ser deve ter um valor e assumir um determinado lugar numa hierarquia. A ancoragem é um processo social que traz para categorias e imagens conhecidas o que ainda não está classificado e rotulado, pela assimilação de novas informações a um conteúdo cognitivo-emocional preexistente.

Segundo Souza Filho (2004, p.257-258),

a objetivação se realiza a partir de várias fases: inicialmente acontece uma seleção e descontextualização, na qual os assuntos são relidos com base em certos critérios culturais e normativos e acabam sendo selecionadas aquelas informações que concordam com o sistema de valores que predomina no ambiente dos sujeitos. Posteriormente, a formação do “núcleo ou esquema figurativo” completa a tarefa de relacionar o assunto com uma imagem ou figura palpável. Finalmente, através da naturalização, o que até então era

uma noção estranha/ambígua/abstrata, torna-se evidência ao tomar corpo num objeto com o qual a idéia é associada, adquirindo uma forma determinada e reconhecível.

Na ancoragem, esclarece Sá (Spink, 1995), a “classificação” dá-se pela escolha de um dos modelos guardados na nossa memória, com o qual comparamos o objeto a ser representado, e decidimos se ele pode ou não ser incluído na classe em questão; é uma comparação, que generaliza ou particulariza, pela qual resolvemos se o objeto se inclui ou se afasta da categoria, com base na coincidência ou na divergência em relação aos aspectos distintivos do modelo. Assim, confirma Leme (Spink, 1995), dentre os elementos que compõem uma categoria, o modelo (ou protótipo) é aquele que melhor a define. Já a “denominação”, observa Sá (Spink, 1995), significa tirar alguma coisa do anonimato para incluí-la num complexo de palavras específicas, localizando-a na matriz de identidade da nossa cultura, o que gera três conseqüências: (a) uma vez denominada, a pessoa ou coisa pode ser descrita e adquire certas características, tendências etc.; (b) ela se torna distinta de outras pessoas ou coisas através dessas características e tendências; e (c) ela se torna o objeto de uma convenção entre aqueles que a adotam e partilham.

Sá (Spink, 1995) afirma que nos universos consensuais são confirmadas crenças e interpretações adquiridas, que corroboram, mais do que contradizem, a tradição. A dinâmica dos relacionamentos é de familiarização, onde objetos, indivíduos e eventos são percebidos e compreendidos em relação a paradigmas prévios. A realidade social é criada quando o novo se incorpora aos universos consensuais; passando a ser familiar; perde a novidade e torna-se socialmente conhecido e real. Se isto ocorre sob o peso da tradição, da memória e do passado, não significa que não estejam sendo acrescentados novos elementos à realidade consensual, ou que não se estejam produzindo mudanças no sistema de pensamento social. “Os processos que engendram R.S. estão embebidos na comunicação e nas práticas sociais: diálogo, discurso, rituais, padrões de trabalho e produção, arte, em suma, cultura” (Jovchelovitch *In* Guareschi; Jovchelovitch, 2000, p.79).

A precisão conceitual da R.S. e o seu caráter dinâmico de processo fornecem ao pesquisador a segurança necessária de um dado empírico, aponta Lane (Spink, 1995), que mantém vínculos tanto com as condições sociais como com as condições individuais de existência, permitindo procedimentos de análise que aprofundem o conhecimento dos psiquismos singulares, constituídos em suas multideterminações. O indivíduo é concebido como um todo, onde o singular e a totalidade social são indissociáveis, e ao elaborar e comunicar suas representações recorre a significados socialmente construídos, mas com sentidos pessoais decorrentes de suas experiências cognitivas e afetivas.

A teoria das R.S. de Moscovici oferece, sugere Sawaia (Spink, 1995), uma poderosa alternativa de pesquisa ao privilegiar os mecanismos sociocognitivos que intervêm no processo de produção do conhecimento e seu estudo orienta-se, hoje, para a dimensão do imaginário e do afetivo. Transpondo a dicotomia cognição-emoção, sua análise tem sido enriquecida com a participação da memória afetivo-emocional, onde os afetos colocam o sistema representacional num estado receptivo, permitindo assimilar novos elementos que contribuem para sua expressão e transformação, que vão se inscrevendo no contexto do diálogo interacional, no qual podem ocorrer tanto mudança quanto conservação.

A Psicologia Social ao pensar as R.S. como uma forma de conhecimento prático, observa Spink (Spink, 1995), busca entender seu papel na instituição da realidade consensual e sua função sócio-cognitiva de integração da novidade e de orientação das comunicações e das condutas. É necessário também compreender como o pensamento individual se imbrica no social e como se modificam mutuamente, assim como o impacto das correntes de pensamento, em determinadas sociedades, na elaboração das R.S., e sua transformação sob a pressão das forças sociais. A complexidade do fenômeno das R.S. possibilita a convivência de diferentes vertentes de pesquisa e a aplicação de recortes diversos, permitindo que as R.S. sejam enfocadas enquanto “produto”, emergindo como pensamento constituído, cujo estudo visa apreender seus elementos constitutivos: as informações, imagens, opiniões, crenças etc. Além disso, na análise dimensional do seu conteúdo, podem ser adotados procedimentos também diversificados para a coleta e a análise dos dados, como o uso de material espontâneo, já cristalizado em produções sociais, tais como livros, documentos e memórias. Uma das formas de coleta de dados, apresentada por Souza Filho (Spink, 1995), reúne material simbólico a respeito de um tema situado socialmente, através de dados já disponíveis em textos, desde que produzidos para outra finalidade que não a da pesquisa e criados por iniciativa do autor. O tema, de forma geral, foi representado por certos grupos, transmitido socialmente e reelaborado por outros grupos e indivíduos, a partir de um fundo cultural e social comum. Ao pesquisador se apresenta a tarefa de reunir todos os significados (re)produzidos a respeito do tema delimitado.

Spink (Spink, 1995) indica que a polimorfia intrínseca das R.S., ou seja, a diversidade de formas que assumem, por vezes revela a coexistência de representações arcaicas (resíduos do acervo cumulativo das produções culturais inscritas no imaginário social) e representações novas (produtos do encontro cotidiano com a ciência que circula através dos meios de comunicação), o que gera questões a serem respondidas sobre a existência de elementos universais nas representações de objetos socialmente valorizados. E, comprometida com

situações sociais naturais e complexas, a pesquisa sobre as R.S. é, necessariamente, uma pesquisa qualitativa, o que não contradiz as noções de objetividade, considerando-se: (1) a fidedignidade dos dados, sendo possível - no caso de fenômenos sujeitos à historicidade – a obtenção de dados semelhantes pelo o uso de diferentes instrumentos de coleta; e (2) a validade, pelo uso de métodos de aprofundamento da análise, visando a maior segurança na interpretação.

Com base no que propõe Moscovici, Souza Filho conclui que

a tarefa básica de um estudo de R.S. é explicitar elementos de sentido isolados ou combinados em construtos representacionais; produzidos, mantidos e extintos em função de condições sociais específicas vividas por indivíduos e grupos. Desse modo, essas unidades de sentido e de contexto (discursiva e social) são inventariadas segundo métodos de análise de conteúdo e de discurso. (Spink, 1995, p.113)

2. RESULTADOS

2.1 OS TRECHOS/FRAGMENTOS SOBRE S DE FELICIDADE.

O levantamento dos trechos/fragmentos referentes à felicidade foi realizado através da seleção e da leitura das fontes documentais - tanto das obras de autores representativos das principais correntes filosóficas e literárias do pensamento ocidental, da Antiguidade à atualidade, quanto das obras em que se encontraram citados trechos/fragmentos sobre felicidade. Do exame das fontes documentais foram levantados 460 (quatrocentos e sessenta) trechos/fragmentos sobre felicidade que foram, posteriormente, submetidos à Análise de Conteúdo. Os trechos/fragmentos sobre felicidade apresentados no Quadro 1., considerados enquanto representações sociais da felicidade, serviram de base para se alcançar a análise qualitativa dos significados remanescentes do tema.

Quadro 1. Os trechos/fragmentos sobre Felicidade.

ANTIGÜIDADE		
(considerada do Século VIII a.C. a 476 d.C.)		
<i>Autor</i>	<i>Obra</i>	<i>Trecho/Fragmento</i>
Thales (625-?a.C.) - filósofo grego	Vida de Tales	“Feliz é o são de corpo, dotado de inteligência e abundante de riquezas.” (Diógenes Laércio, p.28)
Heráclito (540-475 a.C.)	Sobre a Natureza (Alberto Magno)	“Heráclito disse que se felicidade estivesse nos prazeres do corpo, diríamos felizes os bois, quando encontram ervilhas para comer.” (p.85)
		<i>Elemento de significação</i>
		- Saúde - Inteligência - Riqueza - Não-prazer

- filósofo grego				
Ésquilo (525- 456a.C.) - autor teatral grego	Agamemnon _____	"Só é feliz de fato o homem cuja vida transcorre até o fim serenamente próspera." "Triste sorte do ser humano: sua felicidade assemelha-se a um leve esboço; chega a infelicidade, passa a borracha, e o desenho se desfaz."	- Prosperidade - Frágil	
Anaxágoras (500-428 a.C.) - filósofo grego	Fragmentos	"De todos aqueles que consideramos felizes, não há um que o seja."	- Ilusão	
Empédocles (490-435 A.C.) - filósofo grego	Purificações	"Feliz o que de entranhas divinas adquiriu tesouro, e misero o que sobre deuses obscura opinião mantém." (p.243)	- Religiosidade	
Eurípedes (480-406 a.C.) - escritor grego	As Suplicantes Electra	"Ninguém é feliz toda sua vida." "Entre os mortais somente é feliz aquele que não sofre infortúnios e está contente com sua sorte." "Enquanto uma pessoa não deixar esta vida sem conhecer a dor, não se pode dizer que foi feliz."	- Breve - Não-sofrimento - Não-sofrimento	
Sófocles (486-406 a.C.) - teatrólogo grego	Édipo Rei	"Sendo mortal, deves pensar com a consideração posta no último dia e não julgar feliz a nada antes que chegue ao término de sua vida sem haver sofrido nenhuma desgraça."	- Não-sofrimento	
Sócrates (470-399 a.C.) - filósofo grego	As Tarquineas Vidas dos Filósofos (Diógenes Laércio)	"A felicidade, ainda que venha tarde, quando alguém se inteira dela, lhe proporciona prazer." "Em todo o caso, casai-vos. Se vos couber em sorte uma boa esposa, sereis felizes; se vos calhar uma má, tornar-vos-eis filósofos, o que é excelente para os homens."	- Prazer - Casamento	

<p>Tucídides (460-396 a.C.) - historiador grego</p>	<p>A Guerra do Peloponeso</p>	<p>“Ponham a felicidade na liberdade e a liberdade na bravura.”</p>	<p>- Liberdade</p>
<p>Demócrito (460-370 a.C.) - filósofo atomista grego</p>	<p>Sobre a Boa Disposição ou Bem-Estar</p>	<p>“Não é pelo corpo, nem pela riqueza que os homens são felizes, mas pela retidão e muita sabedoria.” (p.330)</p> <p>“A felicidade não mora em rebanhos nem em ouro.” (p.341)</p> <p>“[...] quem admira os que possuem e são chamados felizes pelos outros homens e os têm presentes a toda hora em seu pensamento, sempre é forçado a empreender uma nova tarefa e a lançar-se por desejo de algo, na realização de uma ação irremediável que as leis proibem. Por isso, é preciso não ficar pensando muito naquelas coisas, mas com base nessas, ter ânimo comparando a própria vida com a dos que vivem pior e dar-se por feliz pensando no que eles e no sofrem e no quanto é a tua condição e a sua vida.” (p.343)</p>	<p>- Boa conduta - Sabedoria - Não-Riqueza - Não-sofrimento</p>
<p>Platão (428-347 a.C.) - filósofo racionalista grego</p>	<p>O Banquete</p>	<p>“[...] de todos os deuses o Amor é o mais antigo, o mais augusto de todos, o mais capaz de tornar o homem virtuoso e feliz durante a vida e após a morte.” (p.106)</p> <p>“[...] é quando busca o bem pelas vias da sabedoria e da justiça, em nós ou nos deuses, que Eros manifesta todo o seu poder e nos proporciona uma felicidade perfeita, tornando-nos capazes de viver em paz com os nossos semelhantes e com aqueles que nos são superiores - os deuses.” (p.119)</p> <p>Eros: “Este deus é, dentre todas as divindades, o maior amigo dos homens; presta-lhes grande auxílio e procura servir-lhes de médico na cura de doenças cuja completa extinção importaria na maior de todas as felicidades possíveis.” (p.120)</p>	<p>- Amor - Sabedoria - Justiça - Saúde</p>

		<p>Eros: “Se obtivermos sua amizade e lhe conquistarmos as boas graças, haveremos de descobrir e encontrar aqueles a quem amamos, felicidade só propiciada a poucos entre os vivos. [...] a humanidade encontraria a perfeita felicidade se abandonasse às injunções do amor [...]” (p.127)</p>	- Amor
		<p>“Se formos piedosos para com os nossos deuses, Eros nos conduzirá ao antigo estado natural, nos há de curar e nos assegurará perfeita felicidade.” (p.128)</p>	- Religiosidade
		<p>“Aqueles cuja fecundidade reside no corpo dirigem-se de preferência às mulheres e assim realizam a sua maneira de amar, acreditando que pela criação de filhos atingem a imortalidade, a celebridade e a felicidade eternas.” (p.153)</p>	- Família
	A República	<p>“A justiça é virtude e sabedoria, e a injustiça maldade e ignorância [...]. Então, a alma justa e o homem justo viverão bem, e o injusto, mal. [...] Mas sem dúvida o que vive bem é feliz e venturoso, e o que não vive bem, inversamente. [...] Logo, o homem justo é feliz, e o injusto é desgraçado.” (p.43)</p>	- Justiça
		<p>Entre as espécies de bem: “Em qual delas colocas a justiça? Acho que na mais bela, a que se deve estimar por si mesma e pelas suas conseqüências quem quiser ser feliz.” (p.44)</p>	- Justiça
		<p>O homem honesto: “[...] um homem assim se basta perfeitamente a si mesmo para viver feliz e que, diferentemente dos outros, precisa muito pouco de outrem.” (p.60)</p>	- Auto-suficiência

	<p>“Os guardiões assalariados instalados na cidade: “[...] nem de resto tínhamos fundado a cidade com o fito de que esta raça, apenas, fosse especialmente feliz, mas que o fosse, tanto quanto possível, a cidade inteira. Supúnhamos na verdade, que seria numa cidade desta espécie que se encontraria mais a justiça, e na mais mal organizada que, inversamente, se acharia a injustiça: observando-as, determinaríamos o que há muito estamos a procurar. Ora, presentemente estamos a modelar, segundo cremos, a cidade feliz, não tomando à parte um pequeno número, para os elevar a este estado, mas a cidade inteira [...]. Deste modo, quando toda a cidade tiver aumentado e for bem administrada, consentir a cada classe que participe da felicidade conforme a sua natureza.” (p.100)</p>	<p>- Compartilhada</p>
	<p>“Se descobrires uma vida melhor do que governar, para os que devem governar, podes conseguir um Estado bem administrado. Pois só nesse mandarão aqueles que são realmente ricos, não em dinheiro, mas naquilo em que deve abundar quem é feliz – uma vida boa e sensata.” (p.216)</p>	<p>- Vida boa - Sensatez</p>
	<p>“[...] o melhor e o mais justo é o mais feliz, e que esse homem é o mais adepto da realeza e rei de si mesmo; e que o pior e o mais injusto é o mais desgraçado, e esse, por sinal o mais tirânico, é o que mais tiraniza a si e à cidade?” (p.279)</p>	<p>- Justiça</p>
	<p>“Crendo que a alma é imortal e capaz de suportar todos os males e todos os bens, seguiremos sempre o caminho para o alto, e praticaremos por todas as formas a justiça com sabedoria, a fim de sermos caros a nós mesmos e aos deuses, enquanto permanecermos aqui; e, depois de termos ganho os prémios da justiça, [...], seremos então felizes.” (p.319)</p>	<p>- Justiça</p>

<p>Aristóteles (384-322 a.C.) - filósofo empirista grego</p>	<p>Ética a Nicômaco</p>	<p>“[...] tendo em vista o fato de que todo conhecimento e todo trabalho visa a algum bem, quase todos estão de acordo, pois tanto o vulgo, como os homens de cultura superior dizem que esse bem supremo é a felicidade e consideram que o bem viver e o bem agir equivalem a ser feliz; [...]” (p. 19-20)</p> <p>“Pode-se dizer, com efeito, que existem três tipos principais de vida: a vida que acabamos de mencionar [a vida agradável], a vida política e a vida contemplativa. Um exame dos tipos principais de vida mostra que as pessoas de maior refinamento e de índole mais ativa identificam a felicidade com a honra, pois a honra é, pode-se dizer, o objetivo da vida política.” (p.21)</p> <p>“Ora, parece que a felicidade, acima de qualquer outra coisa, é considerado esse sumo bem. Ela é buscada sempre por si mesma e nunca no interesse de uma outra coisa; enquanto a honra, o prazer, a razão, e todas as demais virtudes, ainda que as escolhemos por si mesmas (visto que as escolheríamos mesmo que nada delas resultasse), fazemos isso no interesse da felicidade, pensando que por meio dela seremos felizes. Mas a felicidade ninguém a escolhe tendo em vista uma outra virtude, nem, de uma forma geral, qualquer coisa além dela própria.” (p.25-26)</p>	<p>- Vida boa - Boa conduta</p>
			<p>- Honra</p>
			<p>- Virtude</p>

		<p>“Definimos a auto-suficiência como aquilo que, em si mesmo, torna a vida desejável por não ser carente de nada. E é desse modo que entendemos a felicidade; além disso, a consideramos a mais desejável de todas as coisas, e não como um bem entre outros, pois, em caso contrário, é evidente que ela se tornaria mais desejável mediante a adição até do menor bem que fosse, uma vez que dessa adição resultaria um bem maior, e quando se trata de bens, é sempre mais desejável o maior. Assim, a felicidade é algo absoluto e auto-suficiente, e a finalidade da ação.” (p.26)</p> <p>“[...] o bem do homem vem a ser a atividade da alma em consonância com a virtude e, se há mais de uma virtude, em consonância com a melhor e mais completa entre elas. Mas é preciso acrescentar “em uma vida inteira”, pois uma andorinha não faz verão, nem um dia tampouco; e da mesma forma um só dia, ou um curto espaço de tempo, não faz um homem feliz e venturoso.” (p.27)</p> <p>“[...] o homem feliz vive bem e age bem, visto que definimos a felicidade como uma espécie de boa vida e boa ação.” (p.29)</p> <p>“Com efeito, algumas pessoas identificam a felicidade com a virtude, outras com a sabedoria prática, outras com uma espécie de sabedoria filosófica, e outras, ainda, a identificam com tudo isso, ou uma delas, acompanhadas do prazer, ou sem que lhe falte o prazer, e finalmente outras incluem a prosperidade exterior. Também nossa concepção se harmoniza com a dos que identificam a felicidade com a virtude geral ou com alguma virtude particular, pois a felicidade é a atividade conforme a virtude.” (p.29)</p>	<p>- Auto-suficiência</p> <p>- Durável</p> <p>- Vida boa</p> <p>- Boa conduta</p> <p>- Virtude</p>
--	--	--	--

	<p>“[...] a felicidade é, portanto, a melhor, a mais nobre e a mais aprazível coisa do mundo, e esses atributos não devem estar separados como na inscrição existente em Delos: ‘das coisas, a mais nobre é a mais justa, e a melhor é a saúde; porém a mais doce é ter o que amamos.’ Todos esses atributos estão presentes nas mais excelentes atividades, e entre essas - a melhor -, nós a identificamos como felicidade.” (p.30)</p>	<p>- Prazer</p>
	<p>“Porém, como dissemos, a felicidade necessita igualmente dos bens exteriores, pois é impossível, ou pelo menos não é fácil, praticar ações nobres sem os devidos meios. Em muitas ações usamos como instrumentos os amigos, a riqueza e o poder político; e há coisas cuja ausência empana a felicidade — como a estirpe, a boa descendência, a beleza.” (p.30)</p>	<p>- Recursos materiais</p>
	<p>“De fato, o homem de muito má aparência, ou mal-nascido, ou solitário e sem filhos, não tem muitas probabilidades de ser feliz, e tê-las-ia ainda menos se seus filhos ou amigos fossem extremamente maus, ou se a morte lhe houvesse roubado bons filhos ou bons amigos. Como dissemos, pois, o homem feliz parece necessitar também desse tipo de prosperidade, [...].” (p.30)</p>	<p>- Beleza - Família</p>
	<p>“Se alguma dádiva os homens recebem dos deuses, é razoável supor que a felicidade seja uma graça divina, e certamente o mais divino de todos os bens humanos, visto ser o melhor. [...] Contudo, mesmo que a felicidade não seja uma graça concedida pelos deuses, mas nos venha como um resultado da virtude e de alguma espécie de aprendizagem ou exercício, ela parece incluir-se entre as coisas mais divinas, pois aquilo que constitui o prêmio ou a finalidade da virtude, parece ser o que de melhor existe no mundo, algo de divino e abençoado.” (p.30)</p>	<p>- Religiosidade</p>

	<p>“[...] a felicidade também deve ser partilhada por grande número de pessoas, pois quem quer que não esteja mutilado em sua capacidade para a virtude pode conquistá-la por meio de um certo tipo de estudo e de esforço.” (p.30)</p> <p>“[...] felicidade é uma certa atividade da alma conforme a virtude. Dos outros bens, alguns devem necessariamente estar presentes como condições prévias da felicidade, e outros são naturalmente coadjuvantes e úteis como instrumentos.” (p.30)</p> <p>“[...] para a felicidade é preciso não apenas virtude completa, mas também uma vida completa, visto que muitas mudanças e vicissitudes de toda sorte ocorrem no decorrer da vida, e o mais próximo pode ser vítima de grandes infortúnios na velhice, e a ninguém ocorreria dizer que é feliz aquele que experimentou tais vicissitudes e terminou tão miseravelmente.” (p.32)</p> <p>“[...] porque a felicidade para nós é algo de permanente e não facilmente sujeito a mudanças, enquanto cada indivíduo pode sofrer muitas voltas da roda da fortuna. É evidente que, se fôssemos seguir o passo de duas vicissitudes, deveríamos chamar o mesmo homem ora de feliz, ora de infeliz, fazendo dele uma espécie de camaleão.” (p.33)</p> <p>“O sucesso ou o fracasso na vida não depende dos valores da fortuna, mas, como dissemos, a vida humana também deve contar com eles; porém o que constitui a felicidade são as atividades virtuosas, e as atividades viciosas nos conduzem à situação oposta.” (p.33)</p>	<p>- Social</p> <p>- Virtude</p> <p>- Virtude - Vida completa</p> <p>- Durável</p> <p>- Virtude</p>
--	--	---

	<p>“[...] nenhuma função humana é dotada de tanta permanência como as atividades virtuosas, que são consideradas até mais duradouras que o próprio conhecimento das ciências. E as mais elevadas entre essas atividades são as mais duradouras, porque os homens felizes de bom grado e com muita constância lhe dedicam os dias de sua vida; e esta parece ser a razão de não as esquecermos.” (p.33)</p> <p>Atividade virtuosa: “O atributo em apreço, portanto, pertencerá ao homem feliz, que o será por toda a vida, pois estará sempre, ou quase sempre, empenhado na ação ou na contemplação do que é conforme a virtude, e suportará as vicissitudes da vida com a maior nobreza e decoro, se é “verdadeiramente bom” e “irrepreensivelmente tetragonal.” (p.33)</p> <p>“[...] embora os incidentes felizes ou infelizes não pesem muito na balança, uma grande e freqüente quantidade de sucesso tornará nossa vida mais feliz, não apenas porque isso, por sua própria natureza, fez aumentar a beleza da vida, mas também porque pode ser usado de maneira nobre e boa; ao contrário, muitos e constantes reveses poderão aniquilar e mutilar a felicidade, pois além de serem acompanhados de dor, impedem muitas atividades.” (p. 33-34)</p> <p>“Se as atividades são, como dissemos, o que dá caráter à vida, nenhum homem feliz pode tornar-se desgraçado, porque ele jamais praticará atos odiosos ou ignóbeis.” (p.34)</p>	<p>- Virtude</p> <p>- Virtude - Durável</p> <p>- Sucesso</p> <p>- Boa conduta</p>
--	---	---

	<p>“Desse modo, o homem feliz jamais poderá vir a se tornar desgraçado, [...] E tampouco sua sorte será inconstante ou muito desigual, pois não se deixará desviar muito facilmente de sua felicidade por quaisquer desventuras triviais, mas somente por muitas e grandes; nem se sofreu muitas e grandes desgraças, recuperará em curto espaço de tempo a sua felicidade.” (p.34)</p> <p>“Entendemos por virtude humana não a do corpo, mas a da alma; e também dizemos que a felicidade é uma atividade da alma.” (p.37)</p> <p>“Além disso, o desejo se relaciona com os fins, e a escolha com os meios. Por exemplo, <i>desejamos</i> ter saúde, mas <i>escolhemos</i> os atos que nos tornarão saudáveis, desejamos ser felizes, e confessamos esse desejo, mas não podemos dizer acertadamente que ‘escolhemos’ ser felizes, pois, em geral, a escolha parece relacionar-se com as coisas que estão ao nosso alcance.” (p.61)</p> <p>“Nas disposições sobre todos os assuntos, as leis visam à vantagem comum, seja a de todos, seja a dos melhores ou aqueles que detêm o poder ou algo semelhante, de tal modo que, em certo sentido, chamamos justos os atos que tendem a produzir e a preservar a felicidade e os elementos que a compõem para a sociedade política.” (p.104-105)</p> <p>“É assim que a sabedoria filosófica produz felicidade, pois sendo ela uma parte da virtude inteira, torna o homem feliz por estar na sua posse e de atualizar-se.” (p.142)</p>	<p>- Perseverança</p> <p>- Virtude</p> <p>- Desejo</p> <p>- Compartilhada</p> <p>- Sabedoria</p>
--	--	--

	<p>“O estudo do prazer e do sofrimento não somente estabelecemos que a virtude e o vício morais relacionam-se a sofrimentos e prazeres, como a maioria pensa que a felicidade envolve prazer; e é por isso que foi dado ao homem feliz um nome derivado de uma palavra que significa prazer.” (p.164)</p> <p>“Se certos prazeres são maus, isso não impede que o sumo bem seja algum prazer, da mesma forma que o sumo bem pode ser uma espécie de conhecimento, embora certas espécies de conhecimentos sejam más. Talvez seja até necessário, se a cada disposição pode corresponder uma atividade desimpedida, que, sendo a felicidade a atividade sem obstáculos de todas as nossas disposições ou de algumas delas, seja essa disposição a coisa mais digne de nossa escolha; e essa atividade é o prazer.” (p.167)</p> <p>“Por isso, todas as pessoas pensam que a vida feliz deve ser agradável e introduzem o prazer no seu ideal da felicidade — e, aliás, não sem razão, uma vez que nenhuma atividade é perfeita quando impedida, e a felicidade é uma coisa perfeita. É por isso que o homem feliz necessita dos bens do corpo e dos bens exteriores, ou seja, os da fortuna, para não ser obstados nesses campos.” (p.168)</p> <p>“Mas parece estranho, quando se atribui tudo o que é bom ao homem feliz, não lhe dar amigos, que são considerados os maiores bens exteriores.” (p.209)</p>	<p>- Prazer</p> <p>- Prazer</p> <p>- Prazer</p> <p>- Amizade</p>
--	---	--

	<p>“Não seria menos estranho fazer do homem sumamente feliz um solitário, pois ninguém desejaria ser o dono do mundo se para isso a condição fosse viver só, pois o homem é um ser político e está em sua natureza viver em sociedade. Portanto, mesmo o homem bom deverá viver em companhia de outros, visto possuir ele as coisas que são boas por natureza. E certamente é melhor passar os dias com amigos e pessoas boas que com estranhos ou companheiros casuais. Desse modo, o homem feliz necessita de amigos.” (p.211)</p> <p>“[...] como dissemos, a felicidade é uma atividade, e a atividade, obviamente, é algo que se faz e que não está presente desde o início como algo que nos pertencesse. Se a felicidade consiste em viver e estar em atividade, e a atividade do homem bom é virtuosa e agradável em si, como dissemos no início, e o fato de uma coisa ser nossa é um dos atributos que a tornam agradável, e podemos observar o nosso próximo melhor que a nós mesmos, e suas ações, melhor do que as nossas, e se as ações dos homens virtuosos que são seus amigos são agradáveis às pessoas boas – se de fato é assim, o homem sumamente feliz necessitará de amigos dessa espécie, já que o seu propósito é contemplar ações dignas e ações que sejam suas, e as ações de um homem bom e amigo têm ambas essas qualidades.” (p.211)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Social - Amizade
		<ul style="list-style-type: none"> - Ação - Viver

		<p>“Ademais, considera-se que o homem feliz deve ter uma vida agradável. Ora, se ele fosse um solitário a vida lhe seria penosa, pois não é fácil a quem está só estar continuamente em atividade; entretanto, com outros e visando aos outros, isso se torna mais fácil. Portanto, em companhia de outras pessoas, sua atividade será mais contínua e agradável em si mesma, como deve ser para um homem sumamente feliz; [...]” (p.210-211)</p> <p>“De outro modo, tirando a felicidade dos guerreiros, Sócrates pretende que o legislador deve fazer a felicidade do Estado inteiro. Ora, não é possível que todo o Estado seja feliz, se todos os cidadãos, se a maioria deles, se até poucos não gozam a felicidade. Pois não sucede com a felicidade o que se passa com os algarismos que constituem um número par: uma soma pode dar um número par, e nenhuma de suas partes precisa sê-lo. Contudo, no caso da felicidade isso não é possível.” (p.48)</p> <p>“A finalidade do Estado é a felicidade da vida. Todas essas instituições visam a felicidade. A cidade é uma reunião de famílias e pequenos burgos que se associam para desfrutarem juntos uma existência inteiramente feliz e independente.” (p.94)</p> <p>“Admitamos, portanto, que para o homem não existe ventura maior do que a virtude e a razão, e que, igualmente, por isso, ele deve regular o seu procedimento. [...]. Uma consequência fundada nos mesmos motivos é ser o Estado perfeito concomitantemente feliz e próspero. Ora, não é possível ser feliz quando não se faz o bem, e o bem nunca é possível, tanto para um homem quanto para um Estado, sem a virtude e a razão.” (p.119)</p>	<p>- Agradável - Social</p> <p>- Social</p> <p>- Compartilhada</p> <p>- Virtude - Conhecimento</p>
	<p>A Política</p>		

	<p>“Devemos estudar se a ventura do indivíduo é ou não a mesma que a do Estado. É claro que é a mesma, e não há quem deixe de concordar com isso. Todos os que baseiam a ventura do indivíduo na riqueza afirmam que o Estado é venturoso quando é rico; os que querem antes de tudo o poder despótico, afirmarão que um Estado venturoso é aquele cujo poder se estende sobre o maior número possível de súditos; se o indivíduo é apreciado pela sua virtude, sobretudo, ter-se-á como o Estado mais feliz o mais venturoso.” (p.120)</p> <p>“Constituindo a felicidade coisa bastante excelente, e cifrando-se na prática da virtude, além do mais sucedendo com freqüência que uns possuem uma grande parcela de ventura e outros uma parcela pequena ou mesmo nenhuma, aí está, de modo evidente, a razão de toda essa diversidade de Estados e governos.” (p.131)</p> <p>“É evidente que todos os homens desejam a virtude e a felicidade; porém alguns podem alcançá-las, outros não (assim o deseja o acaso ou a natureza). A virtude precisa de alguma quantidade de meios, que precisa ser pequena para os que são melhor dispostos, e maior para aqueles que possuem disposições menos favoráveis. Outros, por fim, extraviam-se desde o início na busca da ventura, ainda que tenham todas as faculdades requeridas, já que a finalidade que nós nos propomos é a busca da melhor constituição, já que a melhor constituição é a que oferece melhor administração da cidade, e que a melhor administração da cidade é a que lhe oferece a maior quantidade de ventura [...]” (p.140)</p>	<p>- Social</p> <p>- Virtude</p> <p>- Social</p>
--	--	--

	<p style="text-align: center;">—</p>	<p>“A felicidade consiste em ações perfeitamente conformes à virtude, e entendemos por virtude não a virtude relativa, mas a virtude absoluta. Entendemos por virtude relativa a que diz respeito às coisas necessárias e por virtude absoluta a que tem por finalidade a beleza e a honestidade.”</p> <p>“A felicidade é para quem se basta a si próprio.”</p> <p>“A felicidade e a saúde são incompatíveis com a ociosidade.”</p> <p>“O essencial para a nossa felicidade é a nossa condição íntima; e desta somos nós os amos.” (p.14)</p> <p>“Nem a posse das riquezas nem a abundância das coisas nem a obtenção de cargos ou o poder produzem a felicidade e a bem-aventurança; produzem-na a ausência de dores, a moderação nos afetos e a disposição de espírito que se mantenha nos limites impostos pela natureza.”(p.17)</p> <p>“Não são os convites e as festas contínuas, nem a posse de meninos ou de mulheres, nem de peixes, nem de todas as outras coisas que pode oferecer uma suntuosa mesa, que tornam agradável a vida, mas sim o sóbrio raciocínio que procura as causas de toda a escolha e de toda a repulsa e põe de lado as opiniões que motivam que a maior perturbação se apodere dos espíritos. De todas estas coisas, o princípio e o maior bem é a prudência, da qual nascem todas as outras virtudes; ela nos ensina que não é possível viver agradavelmente sem sabedoria, beleza e justiça, nem possuir sabedoria, beleza e justiça sem doçura. As virtudes encontram-se por sua natureza ligadas à vida feliz, e a vida feliz é inseparável delas.” (p.19)</p>	<p>- Virtude</p> <p>- Auto-suficiência</p> <p>- Ação</p> <p>- Condições subjetivas</p> <p>- Não-sofrimento</p> <p>- Temperança</p> <p>- Condições subjetivas</p> <p>- Prudência</p>
<p>Epicuro (341-270 a.C.) - filósofo atomista grego</p>	<p>Antologia de Textos</p>		

		<p>“De todas as coisas que nos oferece a sabedoria para a felicidade de toda a vida, a maior é a aquisição da amizade.” (p.20)</p> <p>“Não é ao jovem que se deve considerar feliz e invejável, mas ao ancião que viveu uma bela vida. O jovem na flor da juventude é instável e é arrastado em todas as direções pela fortuna; pelo contrário, o velho ancorou na velhice como em um porto seguro e os bens que antes esperou cheio de ansiedade e de dúvida os possui agora cingidos com firme e agradecida lembrança.” (p.20)</p> <p>“A felicidade e a virtude são duas irmãs que não se separam jamais.”</p>	<p>- Amizade</p> <p>- Velhice</p> <p>- Virtude</p>
	<p>Carta a Meneceu (<i>Sobre a Felicidade</i>)</p>	<p>“Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz.” (p.21)</p> <p>“É necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la.” (p.23)</p> <p>“[...] dentre os desejos, há os que são naturais e os que são inúteis; dentre os naturais, há uns que são necessários e outros, apenas naturais; dentre os necessários, há alguns que são fundamentais para a felicidade, outros, para o bem-estar corporal, outros, ainda, para a própria vida. E o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo.” (p.35)</p>	<p>- Conhecimento</p> <p>- Perseverança</p> <p>- Desejo</p>

	<p>“É por essa razão que afirmamos que o prazer é o início e o fim de uma vida feliz. Com efeito, nós o identificamos como o bem primeiro e inerente ao ser humano, em razão dele praticamos toda escolha e toda recusa, e a ele chegamos escolhendo todo bem de acordo com a distinção entre prazer e dor.” (p.37)</p> <p>“[...] a prudência é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a própria filosofia; é dela que originaram todas as demais virtudes; é ela que nos ensina que não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça sem felicidade.” (p.45)</p> <p>“Porque as virtudes estão intimamente ligadas à felicidade, e a felicidade é inseparável delas.” (p.47)</p> <p>“[...] será que pode existir alguém mais feliz do que o sábio, que tem um juízo reverente acerca dos deuses, que se comporta de modo absolutamente indiferente perante a morte, que bem compreende a finalidade da natureza, que discerne que o bem supremo está nas coisas simples e fáceis de obter, e que o mal supremo ou dura pouco, ou só nos causa sofrimentos leves?” (p.47)</p> <p>“A sorte [...] o sábio não crê que ela proporcione aos homens nenhum bem ou nenhum mal que sejam fundamentais para uma vida feliz, mas, sim, que dela pode surgir o início de grandes bens e de grandes males. A seu ver, é preferível ser desafortunado e sábio, a ser afortunado e tolo.” (p.49)</p> <p>“Feliz é quem se esconde e vive obscuro.”</p>	<p>- Prazer</p> <p>- Prudência</p> <p>- Beleza</p> <p>- Virtude</p> <p>- Sabedoria</p> <p>- Sabedoria</p> <p>- Solidão</p>
--	---	--

<p>Menandro (342-291 a.C.) - dramaturgo e poeta grego</p>	<p>_____</p>	<p>“Feliz daquele que encontrou um amigo digno desse nome.”</p>	<p>- Amizade</p>
<p>Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.) - escritor e estadista romano</p>	<p><i>Loelius Seu De Amicitia</i> (Diálogo Sobre a Amizade ou Da Amizade)</p>	<p>“Em todo caso, que Cipião haja nascido, é o que faz a nossa felicidade e será para Roma, enquanto ela existir, um tema de alegria. Assim, pois, como já tenho dito, o destino foi inteiramente favorável a Cipião. Só foi cruel para mim. Fui o primeiro a entrar na vida e terei de sair também por primeiro. Todavia, a lembrança da nossa amizade é para mim tão grata, que tenho por felicidade o viver por haver vivido com Cipião.” (p.5)</p> <p>“A felicidade de um amigo dilata um coração virtuoso, assim como o contrai uma desventura.” (p.13)</p> <p>“Pois nada existe que procure mais seus semelhantes e que mais força tenha para atraí-los do que a natureza. Assim, é a meu ver constante, Fannius e Scévola, que entre as pessoas de bem existe necessariamente a afeição, e que lá está o princípio da amizade indicado pela natureza. Porém esta mesma afeição se estende a todos os homens; porque não é inhumana a virtude, nem exclusiva, nem desdenhosa; de todos cuida, pois venho-la defender a povos inteiros, velar pela sua felicidade.” (p.13)</p>	<p>- Amizade</p>

		<p>“É, digo, numa tal sociedade que se encontram todos os bens desejáveis, a honestidade, a glória, a tranquilidade e a alegria da alma, todos os bens, em uma palavra, que tornam a vida feliz, e sem a qual ela não poderia sê-lo. Se quisermos esta felicidade suprema, apliquemo-nos à virtude, sem a qual não poderíamos adquirir nem a amizade, nem um outro objeto dos nossos desejos.” (p.21)</p> <p>“Viver feliz não é mais do que viver com honestidade e rectidão.”</p> <p>“Não consiste a felicidade na alegria, nem na lascívia, nem no riso, nem na trapaça, companheira da leviandade, senão que reside muitas vezes na triste firmeza e constância.”</p> <p>“Não é feliz quem não se considera como tal.”</p> <p>“A felicidade é como o vidro; tem, como ele, o brilho e a fragilidade.”</p> <p>“Filho lego-te a virtude, a pena que não mente. Outros ensinar-te-ão a felicidade.”</p> <p>“Feliz de quem pôde conhecer o mistério do mundo!”</p> <p>"Feliz aquele que conseguiu compreender as causas dos fenômenos."</p> <p>"Nada é feliz sob todos os aspectos."</p> <p>"Não terás razão em chamar feliz àquele que muito possui."</p> <p>"Feliz aquele que longe dos negócios, / Como a antiga raça dos homens, / Cultiva os campos paternos com seus bois, / Isento de toda usura."</p> <p>"Ninguém deve ser chamado feliz antes da morte e da sepultura."</p>	<p>- Virtude</p> <p>- Virtude</p> <p>- Condições subjetivas</p> <p>- Auto-percepção</p> <p>- Frágil</p> <p>- Virtude</p> <p>- Conhecimento</p> <p>- Conhecimento</p> <p>- Parcial</p> <p>- Não-riqueza</p> <p>- Não-riqueza</p> <p>- Durável</p>
	<i>De Officiis</i>		
	<i>De finibus</i>		
Públio Siro (85-43 a.C.) - romano	Sentenças		
Virgílio (70-19 a.C.) - poeta romano	Geórgicas		
Horácio (Quintus Horatius Flaccus) (65-8 a .C.) - poeta romano	Odes		
	Épodes		
Ovídio	Metamorfoses		

<p>(Publius Ovidius Naso) (43 a .C.-17 d.C.) - poeta romano</p>	<p>Heroides</p>	<p>“Felizes, aqueles a quem a experiência ajuda.”</p>	<p>- Experiência</p>
<p>Lúcio Aneu Sêneca, o Jovem (4 a.C.-65 d.C.) - filósofo estóico latino, escritor</p>	<p>Da vida bem-aventuada</p> <p>Cartas a Lucílio</p>	<p>“O homem feliz é aquele que graças à razão nada tem nem deseja nada.”</p> <p>“Sem saúde moral ninguém pode ser feliz.”</p> <p>“Não se pode acreditar que é possível ser feliz procurando a infelicidade alheia.”</p> <p>“A felicidade só chega ao homem que não põe sua felicidade no poder alheio.”</p> <p>“Meu bem-amado Lucílio, conjuro-te a tomar o único partido que pode garantir a felicidade. Dispersa e pisoteia os esplendores de fora, as suas promessas, os seus lucros; volta o olhar para o vero bem; sê feliz mercê do teu próprio cabedal. [...] O ávido desejo do verdadeiro bem não oferece risco algum. [...] é a boa consciência, as intenções virtuosas, as rectas acções, o desprezo pelos eventos fortuitos, o desenvolvimento tranqüilo e regular de uma existência que anda por um só caminho.”</p>	<p>- Não-desejo</p> <p>- Virtude</p> <p>- Social</p> <p>- Individual</p> <p>- Virtude</p> <p>- Boa conduta</p>
<p>Hercules Oetaeus</p>	<p>Phoenissae</p>	<p>“Ó morte, tu persegues os felizes e foges dos infelizes.”</p> <p>“Felizes aqueles a quem a sorte favorável deu tão boas mães!”</p>	<p>- Efêmera</p> <p>- Família</p>
<p>Plutarco (45-125) - prosador grego</p>	<p>O banquete dos sete sábios</p>	<p>“A felicidade não consiste nas bênçãos externas da fortuna, senão na perfeição interna e na riqueza do espírito.”</p>	<p>- Condições subjetivas</p>
<p>Tácito (55-120)</p>	<p>História</p>	<p>“A prosperidade põe a prova às almas com os aguilhões mais agudos, porque as misérias se suportam, porém a felicidade nos põe a perder.”</p>	<p>- Não-prosperidade</p>

- historiador grego		<p>“Rara felicidade deste tempo, onde é permitido pensar o que se quiser e dizer o que se pensa.”</p> <p>“Os bens e os males não são os que pensa o vulgo; e muitos que parecem mergulhados na adversidade são felizes e outros em meio a opulência são desgraçados.”</p>	- Liberdade
Epicteto (55-135) - filósofo estóico grego	Anais Manual	<p>“E se você gostaria de também vir a possuir estes (elementos) - cargo e riqueza - pode ser que você não venha a alcançar os altos intentos, apenas pelo fato que o seu desejo está fixado nos primeiros e certamente falhará em alcançar aquelas coisas que trazem consigo a liberdade e a felicidade.” (p.468-484)</p>	- Não riqueza
Marco Aurélio (121-180) - imperador e filósofo romano	Meditações	<p>“O homem não tem senão uma vida; e a vossa está já próxima do fim, contudo, continuais a não ter olhos para a vossa própria honra e estais a hipotecar a vossa felicidade às almas de outros homens.” (p.36)</p> <p>“Difícilmente encontrarás um homem a quem a indiferença pelas actividades de outra alma traga infelicidade; mas para aqueles que não prestam atenção aos movimentos da sua própria, a infelicidade é certamente a recompensa.” (p.36)</p>	- Honra - Condições subjetivas

	<p>“Vendo então que tudo o resto é herança comum de tais espécies, a única singularidade do homem bom reside na sua aceitação de bom grado de todas as experiências que o Destino lhe teceu, na sua recusa em manchar a divindade que se senta no seu peito, ou perturbá-la com impressões desordenadas, e na sua decisão em mantê-la em serenidade e digna obediência a Deus, não admitindo qualquer deslealdade para com a verdade, nas palavras, e para com a justiça, nos actos. Mesmo que todo o mundo desconfie dele por viver numa felicidade simples e auto-respeitadora, não se ofende com nada, e continua a pisar, sem vacilar, a estrada em direcção ao fim da vida, onde o dever o manda chegar em pureza e em paz, sem relutância em partir, em harmonia perfeita e voluntária com o rateio do destino.” (p.45)</p> <p>“Vê como todas as coisas estão sempre a nascer da mudança; ensina-te a ti próprio a ver que a mais elevada felicidade da Natureza reside em mudar as coisas que existem e formar novas coisas da mesma espécie. Tudo aquilo que existe é, em certo sentido, a semente do que irá nascer de si.” (p.52)</p> <p>“Sê como o promontório contra o qual as ondas quebram e voltam a quebrar; mantém-se firme até que, por fim, as águas tumultuosas à sua volta se rendem e vão descansar. ‘Que infeliz sou, o que me havia de acontecer!’ De modo nenhum; diz antes, ‘Que feliz que eu sou em não ter ficado com azedume, mas antes inabalado pelo presente e sem receio do futuro’.” (p.54)</p> <p>“Eis, então, uma regra a recordar no futuro, quando alguma coisa te tentar a sentires-te amargo: não ‘Isto é uma infelicidade’, mas ‘Suportar isto dignamente é uma felicidade’.” (p.54)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Resignação - Religiosidade - Boa conduta
		<ul style="list-style-type: none"> - Mudança
		<ul style="list-style-type: none"> - Condições subjetivas
		<ul style="list-style-type: none"> - Condições subjetivas

	<p>“Felicidade, por derivação, significa “um bom deus interior”*; isto é, uma boa razão-mestra. Então, vá Fantasia, que andas tu a fazer aqui? Vai-te, em nome de Deus, como vieste; não quero nenhuma de vós. Eu sei que o que vos traz aqui é um longo hábito, e não vos quero mal; mas ponde-vos a andar.” (p.79)</p> <p>(*). Isto é o significado de eudaimonia, a palavra grega para felicidade.</p> <p>“A natureza não misturou o espírito com o corpo tão inextricavelmente que o impeça de estabelecer as suas próprias fronteiras e de controlar os seus próprios domínios. É perfeitamente possível ser semelhante a deus, mesmo que não se seja reconhecido como tal. Lembra-te sempre disto; e lembra-te também de que o que é preciso para uma vida feliz é muito pouco. O domínio da dialéctica ou da física pode ter-te iludido, mas isso não é razão para desesperares de conquistar a liberdade, o respeito próprio, a generosidade e a obediência à vontade de Deus.” (p.85)</p> <p>“A cada um a sua felicidade. Para mim, a solidez da minha faculdade soberana, a razão; sem afastamento da humanidade e das suas vicissitudes; a capacidade de abranger e aceitar todas as coisas afavelmente, e tratá-las de acordo com os seus méritos.” (p.93)</p> <p>“A vontade do meu vizinho não é mais importante para a minha vontade do que a sua respiração ou a sua carne. O eu de cada homem tem os seus próprios direitos, independentemente do quanto nós fomos criados uns para os outros. Doutra maneira, o mal do meu vizinho tornar-se-ia o meu mal; e Deus não quis isto, para que a ruína da minha felicidade não ficasse nas mãos de outrem.” (p.95)</p>	<p>- Conhecimento</p> <p>- Condições subjetivas</p> <p>- Condições subjetivas</p> <p>- Conhecimento</p> <p>- Resignação</p> <p>- Independência</p>
--	--	--

	<p>“Feliz da alma que, em qualquer altura que chegue a hora de se separar do corpo, esteja também pronta para encarar a extinção, a dispersão ou a sobrevivência.” (p.117)</p>	- Resignação
	<p>“A felicidade do homem depende de si mesmo.”</p>	- Condições subjetivas

IDADE MÉDIA

(de 476 a 1453)

<i>Autor</i>	<i>Obra</i>	<i>Trecho/Fragmento</i>	<i>Elemento de significação</i>
<p>Santo Agostinho (354-430) - filósofo latino</p>	<p>As Confissões</p>	<p>“Senhor, Deus de verdade, acaso te agradará quem conhecer essas coisas [as ciências e as filosofias]? Infeliz do homem que, conhecendo-as todas, te ignora; mas feliz de quem te conhece, embora as ignore! Quanto ao que conhece a ti e a elas, este não é mais bem-aventurado por causa de seu saber, mas só é feliz por ti, se, conhecendo-te, te glorifica como Deus, e te dá graças, e não se desvanece em seus pensamentos.” (p.102-103)</p> <p>“E como hei de te buscar, Senhor? Quando te procuro, meu Deus, estou à procura da felicidade. Procurar-te-ei para que minha alma viva, porque meu corpo vive de minha alma, e minha alma vive de ti.” (p.229)</p> <p>“E há diversos modos de ser feliz: quer possuindo realmente a felicidade, quer possuindo apenas sua esperança.” (p229)</p>	<p>- Religiosidade</p> <p>- Religiosidade</p> <p>- Esperança</p>

		<p>“É que a felicidade é a alegria que provém da verdade. E essa alegria é a que nasce de ti, que és a própria Verdade, ó meu Deus, minha luz, saúde do meu rosto! Todos querem essa vida, a única feliz, essa alegria que se origina na verdade.” (p.232)</p> <p>“A vida feliz não consiste em viver conforme a razão pura, senão conforme a Deus, ou seja, conforme a razão ilustrada pela fé.”</p> <p>“Aqui podemos chamar-nos felizes se temos paz, tão pequena como seja possível ter em uma boa vida.”</p>	<p>- Alegria</p> <p>- Verdade</p> <p>- Religiosidade</p> <p>- Paz</p>
	<p>Retratações</p> <p>A Cidade de Deus</p>		
<p>Severino Boécio (480-524)</p> <p>- filósofo e estadista romano</p>	<p>O Consolo da Filosofia (ou Sobre a Consolação Pela Filosofia)</p>	<p>“Não se há de buscar a felicidade fora de nós quando só podemos encontrá-la dentro de nós mesmos.”</p>	<p>- Condições subjetivas</p>
<p>Santo Anselmo de Cantuária (1033-1109)</p> <p>- filósofo e santo católico italiano</p>	<p>Monológio</p>	<p>“O que haveria de grande numa vida longa senão que ela esteja verdadeiramente livre de toda espécie de moléstia? Com efeito, aquele que, enquanto vive, subjaz a moléstias, quer porque as sofre, quer porque as recebe, ou é enganado por uma falsa segurança, acaso não vive miseramente? Entretanto, aquele que está livre de tudo isso vive feliz. Mas é completamente absurdo que, amando sempre aquele que é sumamente bom e onipotente, se possa viver sempre miseramente. É evidente, portanto, que a alma humana é de tal natureza que, se perseverar nos objetivos para os quais foi feita, um dia ela haverá de viver felizmente, de verdade: livre da própria morte e de toda outra moléstia.” (p.91)</p>	<p>- Saúde</p> <p>- Religiosidade</p>

<p>São Francisco de Assis (1182-1226) - santo católico</p>	<p>O Cântico das Criaturas</p>	<p>"Felizes os que se encontrarem em tuas santíssimas vontades, porque a morte segunda não lhes fará mal."</p>	<p>- Religiosidade</p>
<p>Santo Tomás de Aquino (1225-1274) - filósofo e santo católico italiano</p>	<p><i>Summa Theologica</i></p>	<p>"O que é potencialmente tal pode atualizar-se pelo que é tal atualmente; assim, o cáldo potencial vem a atualizar-se pelo que atualmente já o é. Ora, o homem tem a felicidade em potência. Logo, pode tornar-se feliz em ato, por meio do anjo que o é atualmente."</p> <p>"Ninguém pode nesta vida ter satisfeitas as suas aspirações, porque nunca um bem criado sacia as aspirações humanas de felicidade."</p> <p>"O fim último de todas as ações que o homem executa livremente é a felicidade, ou o que é o mesmo, o bem."</p> <p>"Dentre todos os estudos aos quais se dedicam os homens, o estudo da sabedoria supera a todos em perfeição, em sublimidade, em utilidade e em alegria que proporciona. Supera em perfeição, pois, quanto mais o homem se dedica à sabedoria, tanto mais participa da verdadeira felicidade." (p.64)</p> <p>"A fé constitui um certo antegozo daquele conhecimento que nos fará felizes no futuro." (p.77)</p>	<p>- Religiosidade</p> <p>- Virtude</p> <p>- Conhecimento</p> <p>- Religiosidade</p>
<p>Dante Alighieri (1265- 1321) - escritor italiano</p>	<p><i>Il convívio</i></p>	<p>"A verdadeira felicidade só se adquire pela contemplação da verdade."</p>	<p>- Verdade</p>

IDADE MODERNA (de 1453 a 1789)			
<i>Autor</i>	<i>Obra</i>	<i>Trecho/Fragmento</i>	
Erasmus de Rotterdam (Desidério Erasmo) (1465-1536) - pensador humanista holandês	Elogio da Loucura	<p>“Afirmo, [...], que a felicidade da velhice supera a da meninice. Não se pode negar que a infância é muito feliz; mas, nessa idade, não se tem o prazer de tagarelar, de resmungar por trás de todos, como fazem os velhos, prazer que constitui o principal condimento da vida.” (p.24)</p>	- Velhice
		<p>“Vê-se claramente que o homem não nasceu para gozar aqui na terra de uma felicidade perfeita.” (p.25)</p>	- Religiosidade
		<p>“[...] a felicidade consiste, sobretudo, em querer ser o que se é.” (p.34)</p>	- Condições subjetivas
		<p>“[...] afirmo que os que se aplicam ao estudo das ciências estão muito longe da felicidade e são duplamente loucos, porque se esquecendo de sua condição natural e querendo viver como outros tantos deuses, fazem à natureza, com as máquinas de arte, uma guerra de gigantes.” (p.49)</p>	- Não-conhecimento
		<p>“É uma grande extravagância querer fazer consistir a felicidade do homem na realidade das coisas, quando essa realidade depende exclusivamente da opinião que dela se tem. Tudo na vida é tão obscuro, tão diverso, tão oposto, que não podemos certificar-nos de nenhuma verdade.” (p.64)</p>	- Não-realidade

<p>Nicolau Maquiavel (1469-1527) - filósofo italiano</p>	<p>O Príncipe</p>	<p>“É que Severo possuiu tanto valor que, conservando os soldados como seus amigos, ainda que o povo fosse por ele oprimido, pode sempre reinar com felicidade, pois aquelas suas virtudes o tornavam tão admirável no conceito dos soldados e do povo, que este ficava por assim dizer atônito e aturdido e aqueles reverentes e satisfeitos.” (p.42)</p> <p>“Disto depende, ainda, a variação do conceito de bem, porque, se alguém se orienta com prudência e paciência e os tempos e as situações se apresentam de modo a que a sua orientação seja boa, ele alcança a felicidade; mas, se os tempos e as circunstâncias se modificam, ele se arruína, visto não ter mudado seu modo de proceder.” (p.53)</p>	<p>- Virtude</p> <p>- Prudência - Paciência</p>
<p>Ludovico Ariosto (1474-1533) - poeta italiano</p>	<p>Orlando Furioso</p>	<p>“Aquele que é feliz raramente conhece o ser de que possui inteiramente o coração.”</p>	<p>- Amor</p>
<p>Thomas More (1477-1535) - escritor inglês</p>	<p>Utopia</p>	<p>“Por isso, estou plenamente convencido de que não pode haver distribuição equitativa e justa das riquezas, nem felicidade perfeita entre os homens, a menos que a propriedade seja abolida.” (p.496)</p> <p>“Mas a primeira e principal questão é saber em que consiste a felicidade do homem. Mas nesse ponto quase todos se inclinam para o prazer, em que pensam consistir, se não toda, pelo menos a maior parte da felicidade.” (p.75)</p> <p>“A alma é imortal e a bondade de Deus criou-a para a felicidade.” (p.75)</p> <p>“[...] a felicidade consiste não em qualquer prazer, mas apenas nos prazeres bons e honestos, [...]” (p.76)</p>	<p>- Não-propriedade</p> <p>- Prazer</p> <p>- Religiosidade</p> <p>- Prazer</p>

		<p>“A razão inspira, em primeiro lugar, ao homem, o amor e a veneração pela majestade divina, a cuja bondade devemos o ser e a possibilidade de atingir a felicidade. E, em segundo, ensina-nos e incita-nos a viver alegremente e sem tristezas, levando-nos a auxiliar e a desenvolver nos outros o respeito pela natureza, que nos leva a obter tal felicidade.” (p.76)</p> <p>“É próprio da sabedoria procurar a felicidade sem violar as leis.” (p.77)</p>	<p>- Religiosidade</p> <p>- Alegria</p> <p>- Natureza</p> <p>- Sabedoria</p>
<p>Heinrich Cornelius Agrippa (1486-1534)</p> <p>- filósofo alemão</p>		<p>_____</p> <p>“A verdadeira felicidade consiste, não no conhecimento de boas coisas, e sim numa vida feliz. Não em compreender, mas, em viver compreensivamente. Também não é uma grande erudição, mas a boa vontade que une os homens a Deus.”</p>	<p>- Viver</p>
<p>Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616)</p> <p>- escritor espanhol</p>	<p>Dom Quixote</p>	<p>“Feliz de quem recebeu do céu um pedaço de pão e não precisa de agradecer a ninguém além do próprio céu.”</p> <p>“A estirpe herda-se e a virtude conquista-se; e a virtude vale por si só o que a estirpe não vale”</p>	<p>- Religiosidade</p> <p>- Virtude</p>
<p>Giordano Bruno (1548-1600)</p> <p>- filósofo italiano</p>	<p><i>Il Candelaio</i></p>	<p>“Feliz na tristeza, triste na alegria”</p>	<p>- Tristeza</p>
<p>William Shakespeare (1564 - 1616)</p> <p>- dramaturgo e poeta inglês</p>	<p><i>As You Like It</i></p> <p>_____</p>	<p>“Amarga coisa é considerar a felicidade através dos olhos alheios.”</p> <p>“Uma vida inteira de felicidade. Nenhum ser vivo suportaria isso: seria o inferno na terra”.</p>	<p>- Auto percepção</p> <p>- Superestimada</p>

<p>Tommaso Campanella (1568-1639) - filósofo italiano</p>	<p>A Cidade do Sol</p>	<p>“Acrescentam que a principal causa dos males públicos reside na maneira errônea de considerar a geração e a educação, que devem ser religiosamente atribuídas à sabedoria do magistrado, como primeiros elementos da felicidade de um povo.” (p.13)</p>	<p>- Educação</p>
<p>René Descartes (1596-1650) - filósofo racionalista e matemático francês</p>	<p>Regras para a Direção do Espírito</p>	<p>“Pretendo falar dos fins honestos e dignos de louvores, já que muitas vezes eles nos enganam de um modo mais sutil, como quando cultivamos as ciências pela utilidade que trazem para o bem-estar da existência, ou por aquele prazer que se encontra na contemplação da verdade, e que é quase a única felicidade completa desta vida, que nenhum dissabor vem perturbar.” (p.74)</p>	<p>- Verdade</p>
<p>Pe. Antonio Vieira (1608-1697) - escritor e pregador católico luso-brasileiro</p>	<p>Sermão II - Maria Rosa Mística</p> <p>Sermão dos Bons Anos</p>	<p>“Pedem vida, sem reparar em que a felicidade da vida não está em ser larga, senão em ser boa, [...].”</p> <p>“De sorte que, assim como antes da Redenção houve suspirar e gemer, assim depois da Redenção haverá possuir e gozar; e assim como os suspiros e gemidos duraram por tantos anos, assim as felicidades e bens permanecerão sem termo e sem limite.”</p> <p>“Nem nos desconfiem estas esperanças os temores que propusemos ao princípio da variedade dos sucessos da guerra, da inconstância das felicidades do Mundo; porque só as felicidades que vêm por mão dos homens, são inconstantes; mas as que vêm por mão de Deus, são firmes, são permanentes.”</p> <p>“[...] porque se sobre tudo amarmos a Deus, cumprindo perfeitamente sua vontade, sem dúvida se inclinará o Senhor a ouvir e satisfazer os afectos da nossa, perpetuando a sucessão de nossas felicidades na perseverança de sua graça [...].”</p>	<p>- Vida boa</p> <p>- Religiosidade</p> <p>- Inconstância</p> <p>- Religiosidade</p> <p>- Religiosidade</p>

<p>François de La Rochefoucauld (1613-1680) - escritor francês</p>	<p>Máximas</p>	<p>“Não se é jamais tão feliz ou tão desgostoso como alguém se imagina.”</p>	<p>- Superestimada</p>
<p>Molière (Jean Baptiste Poquelin) (1622-1673) - comediógrafo francês</p>	<p>Escola de Mulheres</p>	<p>“Ainda que se goze cem vezes de uma felicidade perfeita, não se está contente se alguém não o sabe.”</p>	<p>- Divulgada</p>
<p>Blaise Pascal 1623-1662 - cientista e filósofo francês</p>	<p>Pensamentos</p>	<p>“[...] o único bem da vida presente é a esperança de uma vida futura; que só somos felizes na medida em que dela nos aproximamos; e que, não havendo mais infelidades para os que têm uma inteira certeza da eternidade, também não há felicidade para os que não possuem luz alguma.” (p.5-6)</p> <p>“É preciso que, para tornar o homem feliz, ela [a verdadeira religião] lhe mostre que há um Deus; que se é obrigado a amá-lo; que a nossa verdadeira felicidade é estar nele, e o nosso único mal estar separado dele; que reconheça que estamos cheios de trevas que nos impedem de conhecê-lo e de amá-lo; e que, assim, obrigando-nos os nossos deveres a amar a Deus, e as nossas concupiscências a desviar-nos dele, estamos cheios de injustiça.” (p.15)</p> <p>“Sem Jesus Cristo, é preciso que o homem esteja no vício e na miséria; com Jesus Cristo, o homem fica isento de vício e de miséria. Nele estão toda a nossa virtude e toda a nossa felicidade; [...]” (p.56)</p>	<p>- Esperança</p> <p>- Religiosidade</p> <p>- Religiosidade</p>

		<p>“Temos uma idéia tão grande da alma do homem que não podemos tolerar que sejamos desprezados e não sejamos estimados por uma alma, e toda a felicidade dos homens consiste nessa estima.” (p.93)</p>	- Religiosidade
<p>Baruch Spinoza (1632-1677) – filósofo cartesiano holandês</p>	<p>Tratado da Correção do Intelecto</p>	<p>“De fato, via as comodidades que se adquirem pela honra e pelas riquezas, e que precisava abster-me de procurá-las, se tencionasse empenhar-me seriamente nessa nova pesquisa. Verificava, assim, que se, por acaso, a suprema felicidade consistisse naquelas coisas, iria privar-me delas; se, porém, nelas não se encontrasse e só a elas me dedicasse, também careceria da mesma felicidade.” (p.4)</p>	<p>- Não-honraria - Não-riquezas</p>
		<p>“Esses males [sofrimento, perseguição, perigos, morte] pareciam provir de que toda a felicidade ou infelicidade consiste somente numa coisa, a saber, na qualidade do objeto ao qual aderimos pelo amor.” (p.5)</p>	- Amor
		<p>“Este é, portanto, o fim ao qual tendo: adquirir uma natureza assim e esforçar-me por que muitos a adquiram comigo; isto é, pertence também à minha felicidade fazer com que muitos outros entendam o mesmo que eu, a fim de que o intelecto deles e seu apetite convenham totalmente com o meu intelecto e o meu apetite.” (p.6-7)</p>	- Social
	<p>Ética</p>	<p>“A felicidade não é o prêmio da virtude, mas a própria virtude; e não gozamos dela por refrearmos as nossas paixões, mas, ao contrário, é porque gozamos dela que nos é possível refrear as paixões.” (p.406)</p>	- Virtude
		<p>“A felicidade consiste no amor a Deus, amor esse que nasce do terceiro gênero de conhecimento [ciência intuitiva]; assim, esse amor deve ser referido à alma enquanto ativa, e, por conseguinte, é a própria virtude.” (p.406)</p>	<p>- Religiosidade - Virtude</p>

		<p>“Ademais, quanto mais se expande a alma nesse amor divino ou felicidade, tanto mais conhece; isto é, maior é o seu poder sobre as paixões e tanto menos é passiva em relação às paixões que são más; em consequência de a alma gozar do amor divino ou felicidade, tem ela o poder de refrear as paixões.” (p.406)</p>	- Religiosidade
<p>Jean de La Bruyère (1645-1696) - escritor francês</p>	<p>Os Caracteres</p>	<p>“Existe uma espécie de vergonha em ser feliz à vista de certas misérias.”</p>	- Social
<p>Alexander Pope (1688-1744) - poeta inglês</p>	<p>Ensaio sobre o Homem</p>	<p>"Oh, felicidade! Fim e algo do nosso ser! / Bem, prazer, bem-estar, satisfação! Qualquer que seja teu nome / Aquele algo que leva ao suspiro eterno, / Que nos faz suportar a vida e ousar a morte."</p>	<p>- Bem - Prazer - Bem-estar - Satisfação</p>
		<p>"Sabe então esta verdade (basta ao homem sabê-la): / A virtude é a única felicidade cá na Terra."</p>	- Virtude
	<p>Ode à Solidão</p>	<p>"Feliz quem seus desejos e cuidados / A uns acres paternos limita, / Contente em respirar seu ar nativo / Em sua própria terra."</p>	- Social
	<p><i>Thoughts on Various Subjects</i></p>	<p>“O divertimento é a felicidade daqueles que não sabem pensar.” “Feliz do homem que não espera nada, pois nunca terá desilusões.”</p>	<p>- Conhecimento - Não-esperança</p>

<p>Montesquieu (Charles-Louis de Secondat, Barão de La Brède e de Montesquieu) (1689-1755) Jurista e filósofo francês</p>	<p>Cadernos</p>	<p>"Se a gente quisesse ser apenas feliz, isso não seria difícil. Mas a gente quer ficar mais feliz do que os outros, e isso é quase sempre difícil, porque nós sempre achamos os outros mais felizes do que são."</p>	<p>- Autopercepção</p>
<p>Philip Dormer Stanhope Chesterfield (1694-1773) - político e escritor inglês</p>	<p>Letters</p>	<p>"A maior parte das pessoas fica feliz com a inferioridade dos seus melhores amigos."</p>	<p>- Infelicidade alheia</p>
<p>Voltaire (François-Marie Arouet) (1694-1778) - escritor e filósofo francês</p>	<p>Dicionário Filosófico</p>	<p>"Só é dado a Deus, que penetra em todos os corações, decidir que homem é o mais feliz." "Cada um põe a felicidade onde pode e quando pode, ao seu gosto." (p.55) "Raramente são os homens dignos de se governar por si mesmos. Tal felicidade não deve pertencer senão a povos pequenos, que se insulem em ilhas ou entre montanhas, como coelhos a se esconderem dos carnívoros. Mas sempre acabam sendo descobertos e devorados." (p.110)</p>	<p>- Religiosidade - Escolhas - Social</p>
	<p>Lê Sottisien</p>	<p>"Os homens que procuram a felicidade são como bêbados que não conseguem encontrar a própria casa, mas que sabem que têm uma."</p>	<p>- Autopercepção</p>

<p>David Hume (1711-1776) – filósofo e historiador escocês</p>	<p>Ensaio Sobre o Entendimento Humano</p>	<p>“[...] a paixão precede o prazer e sem a primeira o último jamais teria podido existir; que esta é precisamente a situação das paixões denominadas altruístas e que, por conseguinte, um homem não está mais interessado quando aspira à sua própria glória do que quando a felicidade de seu amigo é o objeto de seus desejos [...]” (p.8)</p> <p>“Como o homem é um ser racional e está continuamente à procura da felicidade, que espera alcançar para a satisfação de alguma paixão ou afeição, raramente age, pensa ou fala sem propósito ou intenção.” (p.14)</p> <p>“Há numerosos filósofos que, depois de examinarem atentamente todos os fenômenos da natureza, concluem que o Todo, considerado como um sistema, está ordenado com perfeita benevolência em todos os períodos de sua existência; e que no final resultará a máxima felicidade possível para todos os seres criados, sem nenhuma mistura de mal ou de miséria positiva ou absoluta.” (p.69)</p> <p>“Tenho consciência de que, segundo a experiência passada da humanidade, a amizade é a principal alegria da vida humana e a moderação, a única fonte de tranquilidade e felicidade.” (p.95)</p> <p>“Mas, mesmo conhecendo sua origem, a disposição em si, da qual depende nossa felicidade ou infelicidade, isto é, nosso comportamento na vida, permanece a mesma.” (p.95)</p>	<p>- Sucesso - Amizade</p>
<p>Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) – escritor e filósofo</p>	<p>Rousseau Juge de Jean-Jacques Carta ao Sr. De Malesherbes</p>	<p>“A natureza fez o homem feliz e bom, mas a sociedade deprava-o e torna-o miserável.”</p> <p>“A espécie de felicidade de que preciso não é tanto a de fazer o que quero, mas a de não fazer o que não quero.”</p>	<p>- Boa conduta - Desejo</p>

francês		<p>“Sejamos bons e depois seremos felizes. Ninguém recebe o prêmio sem primeiro fazer por isso.”</p> <p>“Eu quisera nascer num país em que o soberano e o povo só pudessem ter um único e mesmo interesse, a fim de que todos os movimentos da máquina tendessem sempre unicamente à felicidade comum; como isso só poderia ser feito se o povo e o soberano fossem a mesma pessoa, resulta que eu quisera nascer sob um governo democrático, sabiamente moderado.” (p.4)</p> <p>“E, se a Providência a isso tivesse acrescentado ainda uma situação encantadora, um clima temperado, um país fértil e o aspecto mais delicioso que há sob o céu, eu não teria desejado, para cumular a minha felicidade, senão gozar de todos esses bens no seio dessa pátria feliz, vivendo pacificamente em uma doce sociedade com os meus concidadãos, exercendo para com eles, a seu exemplo, a humanidade, a amizade e todas as virtudes, e deixando, depois da minha morte, a memória de um homem de bem e de um honesto e virtuoso patriota.” (p.4-5)</p> <p>“[...] não sois nem bastante ricos para vos enervardes pelo ócio e perderdes em vãs delícias o gesto da verdadeira felicidade e das sólidas virtudes, [...]” (p.6)</p> <p>“Possa durar sempre, para a felicidade dos seus cidadãos e o exemplo dos povos, uma república tão sabiamente e com tanta felicidade constituída! Cabe-vos, doravante, não fazer a vossa felicidade, porque vossos ancestrais vos evitaram esse trabalho, mas torná-la durável pela sabedoria de bem aproveitá-la.” (p.6)</p>	<p>- Boa conduta</p> <p>- Social</p> <p>- Social</p> <p>- Virtude</p> <p>- Social</p>
---------	--	---	---

		<p>“Mas, se os desregramentos de uma louca juventude me fizeram esquecer durante algum tempo tão sábias lições, tenho a felicidade de experimentar enfim que, se alguma tendência se tem para o vício, é difícil que uma educação na qual entra o coração seja perdida para sempre.” (p.7)</p> <p>“Se se responde que eles não têm bastantes luzes para julgar de maneira sã o seu estado e o nosso, replicarei que a estima da felicidade é menos negócio da razão que do sentimento.” (p.63)</p> <p>_____</p> <p>“Felicidade: uma boa conta bancária, uma boa cozinha e uma boa digestão.”</p> <p>“Por que é sempre reta a vontade geral, e por que desejam todos, constantemente, a felicidade de cada um, se não pelo fato de não haver quem não se aproprie dos termos cada um e não pense em si mesmo ao votar por todos? Isso prova que a igualdade de direito e a noção de justiça que aquela produz derivam da preferência que cada qual se atribui, e, por conseguinte, da natureza do homem; [...]” (p.16)</p> <p>“Eis o que fôçou, em todos os tempos, os pais das nações a recorrer à intervenção celeste e honrar os deuses por sua própria sabedoria, a fim de que os povos, submetidos às leis do Estado como às da Natureza, e reconhecendo o mesmo poder na formação do homem e na da cidade, obedeam com liberdade e aceitem docilmente o jugo da felicidade pública.” (p.22)</p>	<p>- Educação - Amor</p> <p>- Sentimento</p> <p>- Dinheiro - Alimentação - Saúde</p> <p>- Social</p> <p>- Social</p>
	<p>Do Contrato Social</p>		

		<p>“Quanto melhor estiver o Estado constituído, tanto mais os negócios públicos prevalecerão sobre os particulares no espírito dos cidadãos. Chega mesmo a haver muito menor número de negócios privados, porque a soma de felicidade comum fornece maior porção à felicidade de cada indivíduo, de modo que menos lhe resta a procurar em suas ocupações particulares.” (p.45)</p>	- Social
<p>Adam Smith (1723-1790) - economista escocês</p>	<p>A Riqueza das Nações</p>	<p>“Estando o trabalhador em seu estado normal de saúde, vigor e disposição, e no grau normal de sua habilidade e destreza, ele deverá aplicar sempre o mesmo contingente de seu desembarço, de sua liberdade e de sua felicidade.” (v.1, p.89)</p>	- Saúde
		<p>“A menos, porém, que esses poucos se vejam em situações demasiado peculiares, suas grandes capacidades, embora honrosas para eles próprios, possivelmente contribuem muito pouco para o bom governo ou felicidade de sua sociedade.” (v.2, p.245)</p>	- Social
		<p>“O covarde é mais desprezível e digno de comisseração do que o mutilado fisicamente, já que a felicidade e a sordidez, que residem totalmente no espírito, forçosamente dependem mais da condição saudável ou doentia da mente, mais da condição mutilada ou íntegra da mente, do que da do corpo.” (p.248)</p>	- Saúde mental
<p>Immanuel Kant (1724-1804) – filósofo alemão</p>	<p>Crítica da Razão Prática</p>	<p>“Todos os princípios práticos materiais são, como tais, sem exceção, de uma mesma classe, pertencendo ao princípio universal do amor a si mesmo, ou seja, à felicidade própria.” (p.16)</p>	- Amor próprio
		<p>“Pois bem; a consciência que um ser racional tem da agradabilidade da vida e que, sem interrupção, acompanha-o em toda a existência, é a <i>felicidade</i>, e o princípio que faz desta o supremo fundamento da determinação do arbítrio é o princípio do amor em si mesmo.” (p.16)</p>	- Amor

	<p>“Assim, pois, todos os princípios materiais que colocam o fundamento da determinação do arbítrio no prazer ou na dor que se sente pela realidade de algum objeto, são completamente da <i>mesma classe</i>, quando todos eles pertencem ao princípio do amor correlato a si mesmo ou à própria felicidade.” (p.16)</p> <p>“O princípio da felicidade própria, seja qual for o uso que nele se faça da inteligência e da razão, não pode conter outros princípios de determinação para a vontade além dos próprios à faculdade <i>inferior</i> de desejar, [...]” (p.19)</p> <p>“Cada um coloca o seu bem-estar ou felicidade nisto ou naquilo, de acordo com a sua opinião particular do prazer ou da dor, fazendo as variações desta opinião experimentar diferentes necessidades ao mesmo indivíduo; [...]” (p.19)</p> <p>“Desse modo, a lei de favorecer a felicidade de outros não resulta da suposição de que seja o mesmo um objeto para o livre-arbítrio de cada indivíduo, mas apenas indica que a forma da universalidade, necessitada pela razão como condição para dar um valor de lei objetiva à máxima do amor próprio, chega a ser o fundamento determinante da vontade; não era, portanto, o objeto (a felicidade dos demais) o fundamento de determinação da vontade pura, mas apenas a mera forma legal pela qual eu limitava a minha máxima, fundamentada na inclinação, para proporcionar-lhe a universalidade de uma lei, tornando-a assim adequada à razão pura prática, podendo dessa limitação — não da adição de um impulso exterior — derivar apenas o conceito imediato da <i>obrigação</i> de estender à felicidade alheia a máxima do meu amor próprio.” (p.26)</p>	<p>- Amor próprio</p> <p>- Desejo</p> <p>- Prazer</p> <p>- Social</p>
--	---	---

	<p>“Toda a matéria de regras práticas assenta sempre em condições subjetivas, as quais não proporcionam aos seres racionais nenhuma universalidade além da universalidade condicionada (no caso de eu <i>desejar</i> isto ou aquilo, o que deva fazer para obtê-lo), girando todas elas ao redor do princípio da <i>felicidade própria</i>.” (p.26)</p> <p>“Pode até resultar em dever, sob certos aspectos, cuidar da própria felicidade; é que ela contém, em parte (já que a ela pertencem a habilidade, a saúde e a riqueza), meios para o cumprimento do dever e, em parte, porque a carência da mesma (por exemplo, a pobreza) encerra tentações de infligir o dever.” (p.65)</p> <p>“Que a <i>virtude</i> (como dignidade de ser feliz) seja a mais elevada condição de tudo o que nos possa parecer apenas apetecível e, por conseguinte, também de toda a nossa busca de felicidade, demonstrou-se por meio da analítica, onde ficou patente ser ela o bem <i>mais elevado</i>. Mas nem por isso constitui o bem mais completo e acabado como objeto da faculdade de desejar nos seres racionais finitos, pois para sê-lo também se exige <i>felicidade</i>, e isto, em verdade, não só na opinião da pessoa parcial que de si mesmo faz o fim, como, também, no juízo de uma razão imparcial que a considera no mundo, em geral, como fim em si mesmo.” (p.77)</p> <p>“O sumo bem é para nós prático; isto é, devemos realizá-lo mediante a nossa vontade, concebendo nele a virtude e a felicidade necessariamente ligados, de modo que não é possível, para uma razão pura prática, admitir aquela e não admitir esta.” (p.79)</p>	<p>- Condições subjetivas</p> <p>- Dever</p> <p>- Virtude</p> <p>- Virtude</p>
--	--	--

	<p>Fundamentação da Metafísica dos Costumes</p>	<p>“O poder, a riqueza, a honra, mesmo a saúde, e todo o bem-estar e contentamento com a sua sorte, sob o nome de <i>felicidade</i>, conferem ânimo que muitas vezes, por isso mesmo, desanda em soberba caso não exista também a boa vontade que corrija a sua influência sobre a alma e, ao mesmo tempo, o princípio complexo da ação.” (p.21)</p> <p>“[...] parecendo assim constituir a boa vontade a condição indispensável do fato mesmo de sermos dignos de felicidade.” (p.21)</p> <p>“Essa vontade [boa] na verdade não será todo o bem, nem o único bem; contudo terá de ser o bem supremo e a condição de todo o resto, mesmo de toda a aspiração à felicidade.” (24)</p> <p>“Garantir cada qual a sua própria felicidade é um dever (pelo menos indireto), pois, na ausência de contentamento com a sua própria situação, aquele que é molestado por muitos cuidados sem ter satisfeitas as suas necessidades poderia facilmente ser uma vítima da tentação de infringir seus deveres.” (p.26)</p> <p>“[...] continua a existir uma lei, qual seja, a de que cabe a cada um procurar a sua própria felicidade, não por inclinação, mas por dever – e é somente então que a sua conduta tem um verdadeiro valor moral.” (p.27)</p> <p>“O homem sente em si mesmo um forte contrapeso contra todos os mandamentos do dever que a razão representa como tão dignos de respeito: são as suas necessidades e inclinações, cuja inteira satisfação compreende-se sob o nome de <i>felicidade</i>.” (p.32)</p>	<p>- Boa vontade</p> <p>- Boa vontade</p> <p>- Boa vontade</p> <p>- Dever</p> <p>- Dever</p> <p>- Satisfação</p>
--	--	---	--

		<p>“Há, no entanto, um fim do qual se pode dizer que todos os seres racionais o perseguem realmente [...]; há um propósito que não só podem ter, mas que podem pressupor com segurança que todos o têm por uma necessidade natural. E esse propósito é a felicidade.” (p.46)</p> <p>“Mas infelizmente o conceito de felicidade é tão indeterminado que, ainda que todo homem a queira alcançar, jamais ele pode dizer ao certo, e de acordo consigo mesmo o que propriamente deseja e quer.” (p.48)</p> <p>“Dá-se com a felicidade o que se dá com os relógios; quanto menos complicados, menos se avariam.”</p> <p>“Felizes os que nada esperam, nunca serão desiludidos.”</p>	<p>- Meta</p> <p>- Desejo</p> <p>- Simplicidade</p> <p>- Não-esperança</p> <p>- Sensibilidade</p> <p>- Realidade</p> <p>- Consciência</p> <p>- Saúde</p> <p>- Trabalho</p> <p>- Liberdade</p> <p>- Ser ignorado</p> <p>- Social</p>
<p>Sébastien-Roch Nicolas de Chamfort (1741-1794) - escritor francês</p>	<p>Máximas e Pensamentos</p>	<p>“Quando se afirma que as pessoas menos sensíveis são, afinal de contas, as mais felizes, ocorre-me o provérbio hindu: estar sentado é melhor do que estar em pé, deitado melhor do que sentado, e ainda melhor que tudo isso é estar morto.”</p> <p>“O prazer pode apoiar-se sobre a ilusão, mas a felicidade repousa sobre a realidade.”</p>	
<p>Thomas Jefferson 1743-1826 - político norte-americano</p>	<p><i>Notes on Virginia</i></p>	<p>“A felicidade é o resultado de uma boa consciência, boa saúde, ocupação liberal e liberdade para fazer o que se crê justo.”</p>	
<p>Jeremy Bentham (1748-1832) - jurista e filósofo</p>	<p>Carta a John Adams</p> <p>Táticas Políticas</p>	<p>“O mais feliz é aquele de quem o mundo nada fala, bem ou mal.”</p> <p>“Trabalhando para nossa própria felicidade buscamos a maior felicidade do maior número.”</p>	

inglês	Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) - escritor alemão	Poesia e Verdade	“A humanidade em conjunto é o homem verdadeiro e o indivíduo não pode ser feliz senão quando tem o valor de sentir-se no todo.”	- Social
		Viajem pela Itália	“A felicidade, grande ou pequena, é sempre de uma espécie e sempre agradável.”	- Agradável
		Goetz von Barlichingen	“Só pode ser feliz e grande aquele que para chegar a se-lo não necessita mandar nem obedecer.”	- Não- autoridade
		Werther	“Está escrito que o que faz feliz ao homem seja também a fonte de sua desventura.”	- Ambígua
		Wühelm Meister	“Aquele que nasceu com talento para uma coisa, encontra nela a felicidade da vida.”	- Talento
		El Gran Copto	“Ninguém pode ser feliz só, senão que deve buscar em sua felicidade a felicidade dos demais.”	- Social
		Lila	“Há de mover-se o homem em busca de sua felicidade e apressá-la; os deuses favoráveis não podem fazer outra coisa que guiá-lo e bendize-lo.”	- Ação
		Máximas e Reflexões	“A visão de um ser verdadeiramente feliz nos faz felizes.”	- Social
			“A suprema felicidade é aquela que emenda nossas faltas e abranda nossos defeitos.”	- Reparadora
			“O homem mais feliz é aquele que pode unir o final de sua vida com o princípio.”	- Total

IDADE CONTEMPORÂNEA

(de 1789 à atualidade)

<i>Autor</i>	<i>Obra</i>	<i>Trecho/Fragmento</i>	<i>Elemento de significação</i>
Madame de Staël	Influência das paixões	“A felicidade é o que sempre busca o homem, inclusive quando se sacrifica.”	- Sacrifício

<p>(Anne Louise de Staël) (1766-1817) - escritora francesa</p>	<p>Corinne</p>	<p>“A felicidade consiste no desenvolvimento de nossas faculdades.”</p>	<p>- Conhecimento</p>
<p>Ludwig van Beethoven (1770-1827) - compositor alemão</p>	<p>Carta a Wegeler</p>	<p>“Não há para ti felicidade alguma fora de ti mesmo; deves criá-la toda dentro de ti; só no mundo ideal encontrarás alegria.”</p>	<p>- Condições subjetivas</p>
	<p>Carta a Franz Liszt</p>	<p>“Fazer felizes a muitos outros homens, não há nada melhor nem mais belo.”</p>	<p>- Social</p>
	<p>_____</p>	<p>“Recomende a os seus filhos moralidade; somente isso, e não dinheiro, poderá fazê-los felizes.”</p>	<p>- Moralidade</p>
<p>Marquês de Maricá (Mariano José Pereira da Fonseca) (1773-1848) - político brasileiro</p>	<p>Máximas, Pensamentos e Reflexões</p>	<p>“Queremos todos ser felizes; mas cada um de nós define a felicidade a seu modo e diversamente dos outros: é Providência Divina que assim seja para que a felicidade chegue a todos pela variedade e diversidade dos objetos apetecidos e reputados capazes de fazer felizes pela sua posse e fruição.”</p>	<p>- Religiosidade</p>
		<p>“Em vão procuramos a verdadeira felicidade fora de nós, se não possuímos a sua fonte dentro de nós.”</p>	<p>- Condições subjetivas</p>
		<p>“A ambição de poder e mando tem feito infeliz a muita gente que seria feliz se não fosse ambiciosa.”</p>	<p>- Não-ambição</p>
		<p>“A felicidade consiste em não sofrer: quando não sofremos, gozamos necessariamente.”</p>	<p>- Não-sofrimento</p>
		<p>“A felicidade das criaturas inteligentes cresce e avulta proporcionalmente com a noção progressiva que concebem de Deus e seus divinos atributos.”</p>	<p>- Inteligência</p>
		<p>“A felicidade dos entes racionais aumenta com o progresso da sua inteligência; os de maior intelecto são os que gozam mais da sua existência e do mundo em que residem.”</p>	<p>- Religiosidade</p>
			<p>- Inteligência</p>

		<p>“A felicidade humana será sempre frágil e fugaz enquanto não tiver a sua origem e fundamento no amor e temor de Deus.”</p> <p>“A felicidade pela fortuna é de pouca duração; a que provém do trabalho, inteligência, economia e probidade, tem maior extensão e permanência.”</p> <p>“A felicidade que o luxo confere é temporária: mas a miséria que depois ocasiona, permanente.”</p> <p>“A felicidade sensual consiste na saúde, a moral na virtude, a intelectual no estudo da natureza e a religiosa no amor e temor de Deus.”</p> <p>“A ambição comete, com relação ao poder, o mesmo erro que a ganância em relação à riqueza: começa acumulando-o como um meio de felicidade e acaba continuando a acumulá-lo como um objetivo.”</p> <p>“Encontra a felicidade em seu trabalho ou nunca serás feliz.”</p> <p>“É difícil não exagerar a felicidade que não se goza.”</p> <p>“A beleza é apenas a promessa da felicidade.”</p> <p>“A maior felicidade que o amor pode dar é o primeiro aperto de mão da mulher que amamos.”</p> <p>“Só existe uma lei no amor; tornar feliz a quem se ama.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Religiosidade - Trabalho - Inteligência - Economia - Probidade - Não-luxo - Saúde - Virtude - Conhecimento - Religiosidade - Poder - Trabalho - Exagerada - Beleza - Amor - Amor
Charles Caleb Colton (1780-1832) - poeta e ensaísta inglês			
Stendhal (Marie Henri Beyle) (1783-1842) - escritor francês			

		<p>“Sempre uma pequena dúvida a acalmar, eis o que faz a sede de todos os instantes, eis o que constitui a vida do amor feliz. Como o receio nunca o abandona, os seus prazeres não podem nunca entediar. O carácter desta felicidade é a sua extrema seriedade.”</p>	- Amor
<p>George Gordon Byron (1788-1824) - poeta inglês</p>	<p><i>Marino Falieri</i></p>	<p>“Só temos alegrias se as repartirmos: a felicidade nasceu gêmea.”</p>	- Social
<p>Arthur Schopenhauer (1788-1860) - filósofo alemão</p>		<p>“A recordação da felicidade já não é felicidade; a recordação da dor ainda é dor.”</p>	- Presente
		<p>“A individualidade do homem estabeleceu de antemão a medida de sua felicidade possível.”</p>	- Individual
		<p>“Nossa felicidade depende do que somos, enquanto amiúde não se tem em conta senão o que temos ou representamos.”</p>	- Individual
		<p>“A felicidade é para os que se bastam a si mesmos; cada qual, em definitivo, está reduzido a si mesmo.”</p>	- Auto-suficiência
		<p>“O homem mais feliz é o que passa a vida sem grandes dores físicas ou morais e não o que tem maiores e intensas alegrias.”</p>	- Sofrimento
	<p>Aforismos sobre a Sabedoria da Vida</p>	<p>“Em geral, nove décimos da nossa felicidade baseiam-se exclusivamente na saúde. Com ela, tudo se transforma em fonte de prazer.”</p>	- Saúde
	<p>A Arte de Insultar</p>	<p>“Existe apenas <i>um único</i> erro inato, que é o de acreditarmos que vivemos para sermos felizes. Toda a satisfação, ou o que em geral se chama de felicidade, é sempre e apenas <i>negativa</i> na sua essência, nunca positiva. Tudo na vida demonstra que a felicidade terrena é destinada a ser reconhecida como malograda ou como uma ilusão.”</p>	- Ilusão

		<p>“Quando a felicidade se apresenta devemos abrir-lhe todas as portas porque jamais foi considerada inoportuna.”</p> <p>“O que temos dentro de nós é o essencial para a felicidade humana.”</p> <p>“O dinheiro é uma felicidade humana abstracta; por isso aquele que já não é capaz de apreciar a verdadeira felicidade humana, dedica-se completamente a ele.”</p> <p>“O que torna infeliz a <i>primeira metade da vida</i>, que apresenta tantas vantagens em relação à segunda, é a busca da felicidade, com base no firme pressuposto de que esta deva ser encontrável na vida: o resultado são esperanças e insatisfações continuamente frustradas. Visualizamos imagens enganosas de uma felicidade sonhada e indeterminada, entre figuras escolhidas por capricho, e procuramos em vão o seu arquétipo. Na <i>segunda metade da vida</i>, a preocupação com a infelicidade toma o lugar da aspiração sempre insatisfeita à felicidade; no entanto, encontrar um remédio para tal problema é objectivamente possível. De facto, a essa altura já estamos finalmente curados do pressuposto há pouco mencionado e buscamos apenas tranquilidade e a maior ausência de dor possível, o que pode ocasionar um estado consideravelmente mais satisfatório do que o primeiro, visto que ele deseja algo atingível, e que prevalece sobre as privações que caracterizam a segunda metade da vida.”</p> <p>“Quem foi <i>generosamente dotado</i> pela natureza (aqui a expressão cabe no seu sentido intrínseco) não necessita de mais nada do exterior além do tempo livre para poder usufruir a sua riqueza interior. Se isso lhe bastar, essa pessoa será realmente a mais feliz das criaturas.”</p>	<p>- Oportuna</p> <p>- Condições subjetivas</p> <p>- Não-dinheiro</p> <p>- Ilusão</p> <p>- Condições subjetivas</p>
	<p>A Arte de Ser Feliz</p>		

		<p>“[...] uma filosofia mais séria faz com que justamente a busca do passado seja sempre inútil, e a preocupação com o futuro o seja com frequência, de modo que somente o presente constitui o cenário da nossa felicidade, mesmo se a qualquer momento se vier a transformar-se em passado e, então, tornar-se tão indiferente como se nunca tivesse existido.”</p> <p>“Na juventude, em especial, a meta da nossa felicidade se fixa na forma de algumas imagens que se implantam na nossa mente, freqüentemente pela vida inteira ou por metade dela, mas na realidade não passam de fantasmas que zombam de nós: pois, no momento em que as alcançamos, desfazem-se no nada, e vemos que não cumprem nada daquilo que prometem.”</p>	<p>- Presente</p>
<p>Condessa de Blessington (Marguerite Power Blessington) (1789–1849) - escritora inglesa</p>	<p>—</p>	<p>"Não há cosmético mais eficiente para manter a beleza feminina do que a felicidade."</p>	<p>- Beleza</p>
<p>Thomas Carlyle (1795-1881) - historiador, ensaísta, crítico inglês</p>	<p><i>Frederick the Great</i></p>	<p>“Feliz do povo cujos anais estão vazios nos livros de história!”</p>	<p>- Social</p>

<p>Augusto Comte (1798–1857) - filósofo francês</p>	<p>Discurso Preliminar Sobre o Espírito Positivo</p>	<p>“De acordo com a teoria positiva da Humanidade, irrecusáveis demonstrações, apoiadas sobre a imensa experiência que agora a nossa espécie possui, determinarão exatamente a influência real, direta ou indireta, privada e pública, peculiar a todo ato, a todo hábito e a todo pendor ou sentimento; donde naturalmente resultarão, como outros tantos corolários inevitáveis, as regras de proceder, quer gerais, quer especiais, mais conformes à ordem universal e que, por conseguinte, deverão ser ordinariamente mais favoráveis à felicidade individual.” (p.45)</p> <p>“Não somente a ativa preocupação do bem público será sempre representada como a maneira mais conveniente de assegurar a felicidade privada; mas, por uma influência, ao mesmo tempo mais direta e mais pura, enfim mais eficaz, o exercício tão completo quanto possível dos pendoros generosos se tomará a principal fonte da felicidade pessoal, mesmo quando não deva excepcionalmente proporcionar outra recompensa além de inevitável satisfação interior.” (p.47)</p> <p>“Se, realmente, como não se poderia duvidar, a felicidade resulta sempre de criteriosa atividade, deve ela depender principalmente dos instintos simpáticos, embora nossa organização lhes não conceda ordinariamente preponderante energia.” (p.48)</p>	<p>- Individual</p>
<p>Pensamientos y sentencias de Comte (Deherme)</p>		<p>“Viver para outro não é somente a lei do dever, é também a lei da felicidade.”</p>	<p>- Ação</p> <p>- Social</p>

Ferdinand Victor Eugène Delacroix (1798-1863) - pintor francês	Diário	“O ignorante é feliz, para ele tudo está ordenado na natureza; empreende tudo o que é pela razão de que é.”	- Não- conhecimento
Alexander Puschkin (1799-1837) - poeta russo	Eugénio Oneguín	“O céu deu-nos o hábito, bom substituto da felicidade.”	- Ação
Honoré de Balzac (1799-1850) - escritor francês	Psicologia do Casamento	“A maior felicidade para o ser humano é de poder viver para aquilo pelo qual estaria pronto a morrer.”	- Resignação
	Massimila Doni	“O gozo da felicidade diminuirá sempre à felicidade mesma.”	- Efêmera
	O Lírio no Vale	“A felicidade dos demais se converte na alegria dos que não podem ser já felizes.”	- Social
	Eugenia Grandel	“Terrível condição do homem! não há uma de suas felicidades que não provenha de uma ignorância qualquer.”	- Não- conhecimento
Victor Hugo (1802- 1885) - escritor francês	A Comédia Humana	“É possível amar e não ser feliz, é possível ser feliz e não amar, mas amar e simultaneamente ser feliz, isso seria milagre.”	- Amor
Benjamín Disraeli (1804-1881) - político inglês	Os Miseráveis	“Uma vez em posse da felicidade, falsa meta da vida, esquecemos a verdadeira, que é o dever.”	- Ilusão
John Stuart Mill	A Biography	“A ação nem sempre traz felicidade, mas não há felicidade sem ação.”	- Ação
	Autobiografia	“Perguntai a vós mesmos se sois felizes e deixareis de sê-lo.”	- Efêmera

(1806-1873) – filósofo e economista inglês		“Aprendi a procurar a felicidade limitando os desejos, em vez de tentar satisfazê-los.”	- Não-desejo
Abraham Lincoln (1809-1865) - político norte-americano	Biografia de Lincoln (Emil Ludwig)	“Houvera podido ser feliz se não me angustiasse a idéia de ser causa da infelicidade de outro ser humano; não posso ser feliz enquanto outro não o seja.”	- Social
Charles Dickens (1812-1870) - escritor inglês	David Copperfield	“Renda anual de vinte libras, despesa de dezenove libras, dezenove xelins e seis pence, resultado: felicidade. Renda anual de vinte libras, despesa anual de vinte libras e seis pence, resultado: desespero.”	- Dinheiro
Ivan Turgueniev (1818-1883) - escritor russo	Na Véspera	"A felicidade de todo homem é construída sobre a infelicidade de outro."	- Infelicidade alheia
Gustavo Flaubert (1821-1880) - romancista francês	Pensées	“A felicidade é como a saúde: se não sentes a falta dela, significa que ela existe.”	- Real
Henri Frédéric Amiel (1821-1881) - filósofo e poeta suíço	Diário Íntimo	“Quem busca a felicidade, não deixa de encontrar castigo.”	- Ambígua
	Lettre à une amie	“Três condições requer a felicidade: ser imbecil, ser egoísta e gozar de boa saúde.”	- Não-conhecimento
		“Quando o meu amigo está infeliz, vou ao seu encontro; quando está feliz, espero por ele.”	- Amizade
		“Recorda e verás que ao fazer felizes aos outros é maior a felicidade para ti mesmo.”	- Social
Fedor Dostoievski	Libreto de Notas	“O homem deve ganhar sua felicidade mediante o sofrimento; é a lei da terra.”	- Sofrimento

(1821-1881) - escritor russo	Demônios	“O homem é desgraçado porque não sabe que é afortunado; aquele que se dá conta, imediatamente, é feliz, no mesmo instante.”	- Autopercepção
		“Não é um dom inato a verdadeira felicidade interior; deve adquirir-se a custa de esforços penosos.”	- Sofrimento
Leon Tolstoi (Lev Nikoláievich Tolstói) (1828- 1910) - escritor russo	A Casa de Roemer	“A felicidade é antes de tudo o sentimento tranqüilo, contente e seguro da inocência.”	- Inocência
	_____	“As famílias felizes se assemelham; entre as infelizes, cada uma é infeliz a seu modo.”	- Semelhante
Ana Karenina	_____	“Não há mais que uma maneira de ser feliz: viver para os demais.”	- Social
		“A felicidade não é um prêmio e sim uma consequência. O sofrimento não é um castigo e sim um resultado.”	- Consequência
Robert Green Ingersoll (1833-1899) - político norte-americano	Wisdom of Ingersoll (Haldeman)	“Podemos ser felizes sem sermos ricos nem famosos; mas não é seguro que sendo-o se consiga ser feliz.”	- Incerteza
		“A felicidade é o fruto de nobres e boas ações, não é o presente de nenhum deus; deve ser merecida e conquistada.”	- Ação - Conquistada
George Clemenceau (1841-1929) - estadista francês	Confissões de Clemenceau	“O tempo de ser feliz é hoje; o lugar, este; o caminho, fazer a felicidade dos demais.”	- Presente - Pocial
		“Neste mundo desprezível devemos nos apressar em tomar a felicidade que nos corresponde; não sabemos se mais adiante a encontraremos; faltam dados.”	- Individual
		“Amar e crer são os segredos da felicidade.”	- Amor - Religiosidade

<p>Gustave Le Bon (1841–1931) - psicólogo e sociólogo francês</p>	<p>As Opiniões e as Crenças</p>	<p>“Qualquer que seja a raça ou o tempo considerado, o objetivo constante da atividade humana foi sempre a pesquisa da felicidade, a qual consiste, em última análise, ainda o repito, em procurar o prazer e evitar a dor.” (p.30)</p> <p>“O poder de transformação social atribuído hoje à razão facilmente se explica. Sendo consideráveis os progressos que ela tem realizado nas ciências, tornou-se natural supor que métodos suscetíveis de produzir tais resultados podiam transformar as sociedades e criar a felicidade universal.” (p.67)</p> <p>“Feliz de quem passou, por entre a mágoa / E as paixões da existência tumultuosa, / Inconsciente como passa a rosa, / E leve como a sombra sobre a água. // Era-te a vida um sonho indefinido / E tênue, mas suave e transparente. / Acordaste... sorriste... e vagamente / Continuaste o sonho interrompido.”</p> <p>“Todos querem abeirar-se do trono; é a sua loucura — como se a felicidade estivesse no trono!” (p.26)</p> <p>“Voluptuosidade, só és um veneno deleitoso para os melancólicos; para os que têm a vontade do leão, és o maior cordial, o vinho dos vinhos, que se economiza religiosamente. Voluptuosidade, és a maior felicidade simbólica para a ventura e a esperança superior.” (p.100)</p> <p>“O mínimo, precisamente, o mais tênue, o mais leve, um roçar de lagarto, um sopro, um cht!, um abrir e fechar de olhos, o pouco é o característico da melhor felicidade.” (p.148)</p> <p>“A fórmula de nossa felicidade: um Sim, um Não, uma linha reta, uma <i>meta</i>...” (p.2)</p>	<p>- Prazer</p> <p>- Conhecimento</p>
<p>Antero de Quental (1842-1891) - escritor português</p>	<p>Zara</p>	<p>- Inconsciente</p>	
<p>Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) - filósofo alemão</p>	<p>Assim Falava Zaratustra</p>	<p>- Poder</p> <p>- Voluptuosidade</p> <p>- Breve</p> <p>- Ambígua</p>	

		<p>“O que é felicidade? – A sensação de que o poder <i>aumenta</i> – de que uma resistência foi superada.” (p.3)</p> <p>“A essência da felicidade é não ter medo.”</p>	<p>- Poder</p> <p>- Não-medo</p>
	Historia de Cômicos	<p>“A necessidade é o caminho da felicidade, a satisfação soberana, o maior dos bens num mundo bem organizado.”</p>	- Necessidade
	A Vida Literária	<p>“A vida nos ensina que não podemos ser felizes senão ao preço de certa ignorância.”</p>	- Não-conhecimento
	Tais	<p>“Somente os loucos põem a felicidade aonde não chega seu poder.”</p> <p>“Somente somos felizes no mundo quando nos esquecemos do mundo.”</p>	- Poder
		<p>“A aptidão para a felicidade não é igual em todos os homens. Ao que me parece, ela é mais forte nos medíocres, do que nos homens superiores e nos imbecis.”</p>	- Ambígua
Anatole France (Jacques-Anatole Thibault) (1844-1924) - escritor francês	A Vida em Flor	<p>“Os medíocres têm mais capacidade para a felicidade que os homens superiores e que os imbecis; devemos desejar aos seres que amamos a mediocridade do cérebro e do coração a do estado social e todas as mediocridades.”</p>	- Mediocridade
	A Camisa	<p>“Não é feliz aquele que não se dá conta de sua felicidade; não se vive se se ignora que se vive.”</p> <p>“Sempre a felicidade é vítima da ansiosa ambição.”</p> <p>“A felicidade consiste no dar-se conta de si mesmo.”</p>	- Autopercepção
	Os Deuses Têm Sede	<p>“A ignorância é a condição necessária da felicidade dos homens, e é preciso reconhecer que as mais das vezes a satisfazem bem.”</p>	- Não-conhecimento
		<p>“A riqueza é um dos meios para vivermos felizes, mas os homens fizeram dela o único objetivo de vida.”</p>	- Riqueza

<p>Joaquim Nabuco (J. Aurélio Barreto N. de Araújo) (1849-1910) - diplomata e poeta brasileiro</p>	<p><i>Pensées Détachées et Souvenirs</i></p>	<p>"Há máquinas de felicidade dispendiosas, que funcionam com enorme desperdício, e há outras econômicas que, com as migalhas da sorte, criam alegria para uma existência inteira." "Numa vida profundamente atormentada seria possível muitas vezes encontrar-se felicidade para várias outras existências. Da felicidade que um homem malbarata, sem lhe suspeitar o valor, outros homens tirariam alegria para toda a vida, assim como as sobras da mesa do rico dariam para sustento de mais de um pobre."</p>	<p>- Ambigua</p>
<p>Guy de Maupassant (1850-1893) - escritor francês</p>	<p><i>Trastes Velhos</i></p>	<p>"A felicidade está somente na esperança, na ilusão sem fim."</p>	<p>- Esperança - Ilusão</p>
<p>Robert-Louis Stevenson (1850-1894) - escritor inglês</p>	<p><i>Virginibus Puerisque</i></p>	<p>"Não há dever que subestimemos mais do que o dever de ser feliz"</p>	<p>- Dever</p>
<p>Sigmund Freud (1856-1939) - psiquiatra austríaco</p>	<p>O Mal-estar na Civilização</p>	<p>"Voltar-nos-emos, portanto, para uma questão menos ambiciosa, a que se refere àquilo que os próprios homens, por seu comportamento, mostram ser o propósito e a intenção de suas vidas. O que pedem eles da vida e o que desejam nela realizar? A resposta mal pode provocar dúvidas. Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer. Essa empresa apresenta dois aspectos: uma meta positiva e uma meta negativa. Por um lado, visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer; por outro, à experiência de intensos sentimentos de prazer. Em seu sentido mais restrito, a palavra 'felicidade' só se relaciona a esses últimos."</p>	<p>- Não-sofrimento - Prazer</p>

	<p>“O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica.”</p> <p>“Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas. Assim, nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição.”</p> <p>“Não admira que, sob a pressão de todas essas possibilidades de sofrimento, os homens se tenham acostumado a moderar suas reivindicações de felicidade - tal como, na verdade, o próprio princípio do prazer, sob a influência do mundo externo, se transformou no mais modesto princípio da realidade -, que um homem pense ser ele próprio feliz, simplesmente porque escapou à infelicidade ou sobreviveu ao sofrimento, e que, em geral, a tarefa de evitar o sofrimento coloque a de obter prazer em segundo plano.”</p> <p>“Contra o sofrimento que pode advir dos relacionamentos humanos, a defesa mais imediata é o isolamento voluntário, o manter-se à distância das outras pessoas. A felicidade passível de ser conseguida através desse método é, como vemos, a felicidade da quietude.”</p> <p>“Assim como a satisfação do instinto equivale para nós à felicidade, assim também um grave sofrimento surge em nós, caso o mundo externo nos deixe definir, caso se recuse a satisfazer nossas necessidades. Podemos, portanto, ter esperanças de nos libertarmos de uma parte de nossos sofrimentos, agindo sobre os impulsos instintivos.”</p>	<p>- Satisfação</p> <p>- Condições subjetivas</p> <p>- Não-sofrimento</p> <p>- Prazer</p> <p>- Quietude</p> <p>- Necessidade</p>
--	---	--

	<p>“[...] pode-se tentar recriar o mundo, em seu lugar construir um outro mundo, no qual os seus aspectos mais insuportáveis sejam eliminados e substituídos por outros mais adequados a nossos próprios desejos. Mas quem quer que, numa atitude de desafio desesperado, se lance por este caminho em busca da felicidade, geralmente não chega a nada.”</p> <p>“[...] uma das formas através da qual o amor se manifesta — o amor sexual — nos proporcionou nossa mais intensa experiência de uma transbordante sensação de prazer, fornecendo-nos assim um modelo para nossa busca da felicidade.”</p> <p>“É que nunca nos achamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos, nunca tão desamparadamente infelizes como quando perdemos o nosso objeto amado ou o seu amor. Isso, porém, não líquida com a técnica de viver baseada no valor do amor como um meio de obter felicidade.”</p> <p>“Daqui podemos passar à consideração do interessante caso em que a felicidade na vida é predominantemente buscada na fruição da beleza, onde quer que esta se apresente a nossos sentidos e a nosso julgamento — a beleza das formas e a dos gestos humanos, a dos objetos naturais e das paisagens e a das criações artísticas e mesmo científicas. A atitude estética em relação ao objetivo da vida oferece muito pouca proteção contra a ameaça do sofrimento, embora possa compensá-lo bastante.”</p> <p>“Existem, como dissemos, muitos caminhos que <i>podem</i> levar à felicidade passível de ser atingida pelos homens, mas nenhum que o faça com toda segurança.”</p>	<p>- Não-sofrimento</p> <p>- Prazer</p> <p>- Amor</p> <p>- Beleza</p> <p>- Segurança</p>
--	---	--

	<p>“Descobriu-se que uma pessoa se torna neurótica porque não pode tolerar a frustração que a sociedade lhe impõe, a serviço de seus ideais culturais, inferindo-se disso que a abolição ou redução dessas exigências resultaria num retorno a possibilidades de felicidade.”</p>	<p>- Não-social</p>
	<p>“O impulso de liberdade, portanto, é dirigido contra formas e exigências específicas da civilização ou contra a civilização em geral. Não parece que qualquer influência possa induzir o homem a transformar sua natureza na de uma térmita. Indubitavelmente, ele sempre defenderá sua reivindicação à liberdade individual contra a vontade do grupo. Grande parte das lutas da humanidade centralizam-se em torno da tarefa única de encontrar uma acomodação conveniente — isto é, uma acomodação que traga felicidade — entre essa reivindicação do indivíduo e as reivindicações culturais do grupo, e um dos problemas que incide sobre o destino da humanidade é o de saber se tal acomodação pode ser alcançada por meio de alguma forma específica de civilização ou se esse conflito é irreconciliável.”</p>	<p>- Liberdade</p>
	<p>“[...] minha intenção de representar o sentimento de culpa como o mais importante problema no desenvolvimento da civilização, e de demonstrar que o preço que pagamos por nosso avanço em termos de civilização é uma perda de felicidade pela intensificação do sentimento de culpa.”</p>	<p>- Não-culpa</p>
	<p>“No processo de desenvolvimento do indivíduo, o programa do princípio do prazer, que consiste em encontrar a satisfação da felicidade, é mantido como objetivo principal. A integração numa comunidade humana, ou a adaptação a ela, aparece como uma condição dificilmente evitável, que tem de ser preenchida antes que esse objetivo de felicidade possa ser alcançado.”</p>	<p>- Prazer - Social</p>

		“[...] é que os juízos de valor do homem acompanham diretamente os seus desejos de felicidade, e que, por conseguinte, constituem uma tentativa de apoiar com argumentos as suas ilusões.”	- Ilusão
George Bernard Shaw (1856-1950)	Cândida	"Não temos o direito de consumir felicidade sem produzi-la, mais do que consumir riquezas sem as produzir."	- Ação
- compositor, comediógrafo, escritor, dramaturgo, crítico irlandês	Misalliance	"O segredo para ser infeliz é ter tempo livre para se preocupar se se é feliz ou não."	- Ação
Alexandru Vlahuta (1858-1919)	_____	"Procura desenvolver os dotes intelectuais e morais e a felicidade apresentar-se-á."	- Moralidade - Inteligência
- escritor romeno	Pensamentos	"A sorte é um acaso, a felicidade uma vocação."	- Condições subjetivas
Jules Renard (1864-1910)	Journal	"Se se construísse a casa da felicidade, a maior divisão seria a sala de espera."	- Esperada
- escritor francês		"Quando penso em todos os livros que ainda posso ler, tenho a certeza de ainda ser feliz."	- Conhecimento
Vicente de Carvalho (1866-1924)	Poemas e Canções (Velho Tema)	"Essa felicidade que supomos, / Árvore milagrosa que sonhamos / Toda arreada de dourados pomos // Existe, sim: mas nós não a alcançamos, / Porque está sempre apenas onde a pomos / E nunca a pomos onde nós estamos."	- Inalcançável
- poeta brasileiro		"O dinheiro não pode fazer com que sejamos felizes; mas é a única coisa que nos compensa do facto de não o sermos."	- Não-dinheiro
Jacinto Benavente y Martínez (1866-1954)	La Virtud Sospechosa	"Essa história de que o dinheiro não dá felicidade é um boato espalhado pelos ricos para que os pobres não tenham muita inveja deles."	- Dinheiro
- dramaturgo espanhol		"É melhor imaginar a felicidade do que possuí-la."	- Imaginada

<p>Émile-Auguste Chartier (1868-1951) - ensaísta e filósofo francês</p>	<p>Considerações sobre a Felicidade</p>	<p>“O homem não é feliz senão por querer e inventar.” “A felicidade não é fruto da paz, é a própria paz.”</p>	<p>- Desejo - Paz</p>
	<p>Edipo</p>	<p>“A felicidade não me foi dada; eu a conquistei.” “Uma felicidade feita de erro e ignorância não a quero.”</p>	<p>- Conquistada - Conhecimento</p>
<p>André Gide (1869-1951) - escritor francês</p>	<p>El Rey Candaulus</p>	<p>“Há certas formas de felicidade que alguém mata antes que poder partilhá-las.” “Aquele que goza de sua felicidade, que se esconda ou que esconda dos demais sua felicidade.” “Mais vale crer-se feliz que tratar de sê-lo.”</p>	<p>- Efêmera - Solidão - Auto-percepção</p>
	<p>Diário</p>	<p>“Passamos três quartos da vida a preparar a felicidade; mas não se deve crer que por isso passamos o último quarto a gozá-la.”</p>	<p>- Efêmera</p>
	<p>O Imoralista</p>	<p>“Invejar a felicidade alheira é loucura; não nos saberíamos servir dela. A felicidade não se quer de confecção, mas sob medida.”</p>	<p>- Individual</p>
<p>Marcel Proust (1871-1922) - escritor francês</p>	<p>O Tempo Redescoberto</p>	<p>“A felicidade é salutar para o corpo, mas só a dor enrijece o espírito.”</p>	<p>- Saúde</p>
<p>Paul Ambroise Valery (1871-1945) - poeta, ensaísta e crítico</p>	<p>Miscelânea</p>	<p>“Homem feliz é aquele que, ao despertar, se reencontra com prazer, e se reconhece como aquele que ele gosta de ser.” “A felicidade tem os olhos fechados.”</p>	<p>- Prazer - Cega</p>

francês	Pensamentos e Outros Maus	<p>“Os povos felizes não têm história’. De onde se infere que a supressão da história tornaria os povos mais felizes. O menor olhar sobre os acontecimentos deste mundo reencontra essa mesma conclusão. O esquecimento é o benefício que a história quer corromper. Nada, na história, serve para ensinar aos homens a possibilidade de viverem em paz. É o ensino oposto que dela se destaca - e se faz acreditar.”</p>	- Esquecimento
Bertrand Russell (1872-1970) – filósofo e matemático inglês	A Conquista da Felicidade	<p>“Quanto mais objectos de interesse um homem tem, mais ocasiões tem também de ser feliz e menos está á mercê do destino, pois se perder um pode recorrer a outro. A vida é demasiado curta para nos permitir interessar-nos por todas as coisas, mas é bom que nos interessemos por tantas quantas forem necessárias para preencher os nossos dias.”</p> <p>Ser humano: “Toda a paixão é para ele uma forma de intoxicação, [...]. Quando não há tal doença, a felicidade provém da plena posse das suas faculdades. É nos momentos em que o espírito está mais activo, em que menos coisas são esquecidas que se sentem alegrias mais intensas. Esta é, sem dúvida, uma das melhores pedras de toque da felicidade. A felicidade que exige intoxicação de não importa que espécie é falsa e não dá qualquer satisfação. A felicidade que satisfaz verdadeiramente é acompanhada pelo completo exercício das nossas faculdades e pela compreensão plena do mundo em que vivemos.”</p>	- Interesses
			- Conhecimento

		<p>“A raiz do mal reside no facto de se insistir demasiadamente que no êxito da competição está a principal fonte da felicidade. Não nego que o sentimento do triunfo torna a vida mais agradável. [...]. Não nego também que o dinheiro, até um certo limite, é capaz de aumentar a felicidade; para lá desse limite, julgo que não. O que eu afirmo é que o êxito só pode ser um dos vários elementos da felicidade e que é demasiado o preço pelo qual se obtém se a ele se sacrificam todos os outros.”</p> <p>“O animal humano, como os outros animais, está adaptado para uma certa luta pela vida e quando, graças à sua riqueza, o <i>homo sapiens</i> pode satisfazer todos os desejos sem esforço, a simples ausência do esforço na sua vida afasta dele um elemento essencial de felicidade.”</p> <p>“O homem que adquire facilmente as coisas pelas quais sente apenas um desejo moderado, conclui que a realização do desejo não dá felicidade. Se tem disposição para a filosofia, conclui que a vida humana é essencialmente desprezível, pois o homem que tem tudo o que precisa ainda assim é infeliz. Esquece-se de que privar-se de algumas coisas que precisa é parte indispensável da felicidade.”</p> <p>“Desde que teve início a história, a maior parte da humanidade tem vivido sob o peso da miséria, sofrimento e crueldade, e sente-se impotente sob o tacão de poderes hostis ou friamente impessoais. Esses males não mais são necessários para a existência da civilização; podem ser afastados graças à ciência moderna e à tecnologia moderna, desde que ciência e tecnologia sejam utilizadas com espírito humanitário e com adequada compreensão dos móveis da vida e da felicidade.”</p> <p>(p.27)</p>	<p>- Sucesso</p>
			<p>- Ação</p>
	<p>A Autoridade e o Indivíduo</p>		<p>- Não-desejo</p> <p>- Conhecimento</p>

		<p>“Sugiro que os <i>principais</i> objetivos do governo sejam três: segurança, justiça e conservação. Trata-se de três coisas da maior importância para a felicidade humana, e que só o governo pode proporcionar.” (p.29)</p> <p>“Homens vigorosos têm adorado mais o poder do que a felicidade e a amizade singelas; [...]” (p.40)</p> <p>“Os homens que arquitetam reformas administrativas e esquemas de melhoria social são, na maioria, homens graves que não mais são jovens. Demasiado frequentemente têm esquecido que para a maioria das pessoas não só a espontaneidade, mas certa espécie de orgulho pessoal é necessária para a felicidade.” (p.40)</p> <p>“Quando se diz às pessoas que a felicidade é uma questão simples, querem-nos sempre mal.”</p> <p>“Não possuir algumas das coisas que desejamos é parte indispensável da felicidade.”</p> <p>“O segredo da felicidade é o seguinte: deixar que os nossos interesses sejam tão amplos quanto possível, e deixar que as nossas reacções em relação às coisas e às pessoas sejam tão amistosas quanto possam ser.”</p> <p>“Uma vida feliz deve ser em grande parte uma vida tranqüila, pois só numa atmosfera calma pode existir o verdadeiro prazer.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Segurança - Justiça - Conservação - Poder - - Espontaneidade - Amor próprio - Simplicidade - Não-satisfação - Interesses - Amizade - Tranqüilidade - Prazer - Não-prazer
<p>Sidonie Gabrielle Colette (1873-1954) - novelista francesa</p>	<p>Vocabulário</p>	<p>“À força de prazeres a nossa felicidade cai no abismo.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Não-prazer

Gilbert Keith Chesterton (1874-1936) - escritor inglês	_____	“A felicidade é um mistério, como a religião, e jamais devia ser racionalizada.”	- Mistério
Albert Einstein (1879-1955) - físico alemão	Como vejo o mundo	“O caminho para a existência alegre e feliz conduz através de renúncias e limitações da própria pessoa que há de gozá-las”	- Resignação
Franz Kafka 1883-1924 - escritor tcheco de língua alemã	Diário	“As promessas de qualquer espécie de felicidade se parecem com as esperanças de vida eterna; vistas de certa distância parecem firmes e ninguém se atreve a aproximar-se mais.”	- Esperança
André Maurois (1885-1967) - escritor francês	Lélia ou a vida de Jorge Sand	“Má conduta não exclui a felicidade.”	- Má conduta
	Memórias	“A felicidade é uma flor que não se deve colher.”	- Natureza
Will Durant (1885-1981) - historiador e ensaísta norte-americano	Filosofia da Vida	“A felicidade é inconsciente; só nos bafeja quando somos naturais; se nos detemos a analisá-la, desaparece, porque não é natural determo-nos a analisar uma coisa.”	- Inconsciente
Georg Trakl (1887-1914) - poeta expressionista austríaco	Aforismos	“Só aquele que despreza a felicidade terá o conhecimento.”	- Não-conhecimento

Edouard Bourdet (1887-1945) - dramaturgo francês	_____	“O dinheiro é como as mulheres: se não lhe dermos atenção ele irá fazer a felicidade de outro.”	- Dinheiro
Gilberto Amado (1887-1969) - jornalista e diplomata brasileiro	A Chave de Salomão	"Felicidade é sinónimo de tranquilidade. Ser feliz é ser tranqüilo."	- Tranquilidade
Fernando Antônio Nogueira Pessoa (1888-1935) - poeta português	Mensagem	“Triste de quem é feliz! / Vive porque a vida dura. / Nada na alma lhe diz / Mais que a lição da raiz / Ter por vida a sepultura”	- Tristeza
	Reflexões Pessoais	“Em sua essência a vida é monótona. A felicidade consiste pois numa adaptação razoavelmente exacta à monotonia da vida. Tornarmo-nos monótonos é tornarmos-nos iguais à vida; é, em suma, viver plenamente. E viver plenamente é ser feliz.”	- Monotonia - Vida plena
Eugene O’Neill (1888-1953) - teatrólogo norte-americano	Livro do Desassossego	“Todo o homem de acção é essencialmente animado e optimista porque quem não sente é feliz.”	- Não-sentimento
	Extranho Interlúdio	“Não temer a nossa própria sombra, essa deve ser a felicidade máxima do paraíso.”	- Não-medo
Edgar Allan Poe (1889-1949) Escritor norte americano	_____	“Ser feliz é o meio mais seguro de se aproximar do bem.”	- Bem
	O Poder das Palavras	“Para sermos felizes até certo ponto é preciso que tenhamos sofrido até o mesmo ponto.”	- Sofrimento
	_____	“Não é na ciência que está a felicidade, mas na aquisição da ciência.”	- Conhecimento

<p>Mário de Andrade (1893-1945) - poeta e escritor brasileiro</p>	<p>A Lição do Amigo</p>	<p>"Só há um jeito feliz de viver a vida: é ter espírito religioso. Explico melhor: não se trata de ter espírito católico ou budista, trata-se de ter espírito religioso para com a vida, isto é, viver com religião a vida."</p>	<p>- Religiosidade</p>
<p>Aldous Huxley (1894-1963) - escritor inglês</p>	<p>Limbo</p>	<p>"Posso simpatizar com as tristezas dos outros, mas não com os seus prazeres. Há algo de curiosamente enfadonho na felicidade de qualquer outra pessoa."</p>	<p>- Infelicidade alheia</p>
	<p>Contraponto</p>	<p>"A felicidade é como o coque: algo que se obtém como um subproduto no processo de fabricar outra coisa."</p>	<p>- Indireta</p>
	<p>Um Mundo Feliz</p>	<p>"O segredo da felicidade é o mesmo que o segredo da virtude: amar o que se deve fazer."</p>	<p>- Virtude</p>
<p>Louis Bromfield (1896-1956) - escritor americano</p>	<p><i>Com los Esclavos en la Noria</i></p>	<p>"A felicidade consiste em um ato do intelecto, primordial e substancialmente, antes que em um ato da vontade."</p>	<p>- Conhecimento</p>
<p>Jorge Luis Borges (1899-1986) - escritor argentino</p>	<p>_____</p>	<p>"A felicidade é uma coisa bizarra: as pessoas que jamais a conheceram talvez não sejam realmente infelizes."</p>	<p>- Ambígua</p>
	<p>_____</p>	<p>"No passado cometi o maior pecado que um homem pode cometer: não fui feliz."</p>	<p>- Dever</p>
	<p>_____</p>	<p>"O dever de todas as coisas é ser uma felicidade."</p>	<p>- Dever</p>

<p>Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944) - escritor francês</p>	<p>Cidadela</p>	<p>“Embora a experiência me tenha ensinado que se descobrem homens felizes em maior proporção nos desertos, nos mosteiros e no sacrifício do que entre os sedentários dos oásis férteis ou das ilhas ditas afortunadas, nem por isso cometi a asneira de concluir que a qualidade do alimento se opusesse à natureza da felicidade. Acontece simplesmente que, onde os bens são em maior número, oferecem-se aos homens mais possibilidades de se enganarem quanto à natureza das suas alegrias: elas, efectivamente, parecem provir das coisas, quando eles as recebem do sentido que essas coisas assumem em tal império ou em tal morada ou em tal propriedade. Para já, pode acontecer que eles, na abundância, se enganem com maior facilidade e façam circular mais vezes riquezas vãs. Como os homens do deserto ou do mosteiro não possuem nada, sabem muito bem donde lhes vêm as alegrias e é-lhes assim mais fácil salvarem a própria fonte do seu fervor.”</p> <p>“Atolavam-se na ilusão da felicidade que extraíam dos bens possuídos. Ora a felicidade o que é senão o calor dos actos e o contentamento da criação? Aqueles que deixam de trocar seja o que for deles próprios e recebem de outrem o alimento, nem que fosse o mais bem escolhido e o mais delicado, aqueles que ouvem subtilmente os poemas alheios sem escreverem os poemas próprios, aproveitam-se do oásis sem o vivificarem, consomem cânticos que lhes fornecem, e fazem lembrar os que se apegam as mangedouras no estábulo e, reduzidos ao papel de gado, mostram-se prontos para a escravatura.”</p>	<p>- Não-riqueza</p> <p>- Ação</p> <p>- Criatividade</p>
<p>Cecília Meireles (1901-1964) - poetisa brasileira</p>	<p>Viagem</p>	<p>“És precária e veloz. Felicidade, / Custas a vir, e, quando vens, não te demoras. / Foste tu que ensinaste aos homens que havia tempo, / e, para te medir, se inventaram as horas.”</p>	<p>- Breve</p>

<p>Theodore Adorno (1903-1969) - filósofo alemão</p>	<p><i>Minima Moralia</i></p>	<p>“Com a felicidade acontece o mesmo que com a verdade: não se possui, mas está-se nela. Sim, a felicidade não é mais do que o estar envolvido, reflexo da segurança do seio materno. Por isso, nenhum ser feliz pode saber que o é. Para ver a felicidade, teria de dela sair: seria então como um recém-nascido. Quem diz que é feliz mente, na medida em que jura, e peca assim contra a felicidade. Só lhe é fiel quem diz: fui feliz. A única relação da consciência com a felicidade é o agradecimento: tal constitui a sua incomparável dignidade.”</p>	<p>- Envolvimento - Segurança - Inconsciente</p>
<p>Marguerite Yourcenar (Marguerite de Crayencour) (1903-1987) - escritora francesa</p>	<p>Memórias de Adriano</p>	<p>“A felicidade é uma obra-prima: o menor erro falseia-a, a menor hesitação altera-a, a menor falta de delicadeza desfeia-a, a menor palermice embrutece-a.”</p>	<p>- Frágil</p>
<p>Érico Veríssimo (1905-1975) - escritor brasileiro</p>	<p>Olhai os Lírios do Campo</p>	<p>“A felicidade é provavelmente uma infelicidade que se suporta melhor.”</p>	<p>- Infelicidade suportável</p>
<p>Alberto Moravia (Alberto Pincherle) (1907-1990) - escritor italiano</p>	<p>_____</p>	<p>“Felicidade é a certeza de que a nossa vida não está se passando inutilmente.”</p>	<p>- Vida útil</p>
<p>Cesare Pavese (1908-1950) - escritor italiano</p>	<p><i>Il Mestiere di Vivere</i></p>	<p>“Quanto mais felizes somos, menos damos atenção à felicidade.”</p>	<p>- Ignorada</p>
		<p>“Quando se sofre, julga-se que para lá do círculo existe a felicidade; quando não se sofre, sabe-se que a felicidade não existe e sofre-se, então, por não sofrer.”</p>	<p>- Inexistente</p>

<p>Simone de Beauvoir (1908-1986) - escritora francesa</p>	<p>A Força da Idade</p>	<p>“A beleza ainda é mais difícil de contar do que a felicidade.”</p>	<p>- Beleza</p>
<p>Rachel de Queiroz (1910- 2003) - escritora brasileira</p>	<p>100 Crónicas Escolhidas</p>	<p>"Para o homem da cidade, ser feliz se traduz em 'ter coisas': ter apartamento, rádio, geladeira, televisão, bicicleta, automóvel. Quanto mais engenhocas mecânicas possuir, mais feliz se presume. Para isso se escraviza, trabalha dia e noite, e se gaba de bem-sucedido. O homem daqui, seu conceito de felicidade é muito mais subjetivo: ser feliz não é ter coisas; ser feliz é ser livre, não precisar de trabalhar. E, mormente, não trabalhar obrigado."</p>	<p>- Ambígua</p>
	<p>Cartas a um Amigo Alemão</p>	<p>“O heroísmo de pouco vale, a felicidade é mais difícil.” “Toda a infelicidade dos homens provém da esperança.”</p>	<p>- Difícil - Não-esperança</p>
<p>Albert Camus (1913-1960) - escritor francês</p>	<p>O Homem Revoltado</p>	<p>“Parece que, por vezes, as grandes almas se sentem menos apavoradas pelo sofrimento do que pelo facto de este não durar. À falta de uma felicidade incansável, um longo sofrimento ao menos constituiria um destino. Mas não; as nossas piores torturas terão um dia de acabar. Certa manhã, após tantos desesperos, uma irrimável vontade de viver virá anunciar-nos que tudo acabou e que o sofrimento não possui mais sentido do que a felicidade.”</p>	<p>- Não-sofrimento</p>
	<p>A Peste</p>	<p>“Não há que ter vergonha de preferir a felicidade.” “Quando procuro o que há de fundamental em mim, é o gosto da felicidade que eu encontro.” “Não é nenhuma vergonha ser-se feliz; vergonhoso é ser feliz sozinho.”</p>	<p>- Escolha - Condições subjetivas - Social</p>
<p>Vergílio António Ferreira</p>	<p>Pensar</p>	<p>“Por que é que dizes quem me dera ser feliz e não dizes quem me dera ser medíocre? Porque dirias a mesma coisa. E o que provas ao dizê-lo é só que afinal já</p>	<p>- Ignorada</p>

(1916-1996) - romancista português		o eras.”	
Gesualdo Bufalino (1920-1996) - escritor italiano	<i>Il Malpensante</i>	“Às vezes acontece sentirmo-nos felizes por um minuto. Não se deixem levar pelo pânico: é uma questão de segundos e depois passa.”	- Breve
Louis Pauwels (1920-1997) - jornalista e escritor francês	Carta Aberta às Pessoas Felizes	“É difícil ser feliz; requer espírito, energia, atenção, renúncia e uma espécie de cortesia que é bem próxima do amor. Às vezes é uma graça ser feliz. Mas pode ser, sem a graça, um dever. Um homem digno desse nome agarra-se à felicidade, como se amarra ao mastro em mau tempo, para se conservar a si mesmo e aos que ama. Ser feliz é um dever. É uma generosidade”	- Dever
Millôr Fernandes (n. 1923) - escritor brasileiro	Confúcio Disse	“O dinheiro não dá felicidade. Mas paga tudo o que ela gasta.”	- Dinheiro
Alexandre O'Neill (Alexandre Manuel Vahia de Castro O'Neill de Bulhões) 1924-1986 - escritor português	Uma Coisa em Forma de Assim	“Como pode ser-se idiota e, ao mesmo tempo, feliz, pergunta-me um leitor? Pois explico já. A idiotia e a felicidade são idéias muito vagas, difíceis de cingir em conceitos de circulação universal, digamos. Mas, pensando melhor, acho que certa idiotia é susceptível de conferir ao idiota ser proprietário (ou seu prisioneiro) de uma espécie de segurança em si próprio que o levará, em determinados momentos, julgo eu, a uma beatitude muito próxima do que se pode chamar estado de felicidade. Assim sendo, não vejo incompatibilidade entre o ser-se idiota e o ser-se feliz.”	- Não- conhecimento
Sofocleto (Luis Felipe Angell)	Sinlogismos	“O saber é a parte mais considerável da felicidade.”	- Conhecimento

(1926-2004) - humorista peruano			
L. De Crescenzo (n. 1928) - escritor italiano	<i>Così Parlò Bellavista</i>	"Para se fazer um amigo, leva-se quase uma vida inteira. É preciso terem sido pobres juntos e, às vezes, felizes."	- Amizade
Anne Frank (1929-1945) - escritora alemã	Diário	"Quem for feliz quererá tornar os outros felizes também."	- Social
Walter Benjamin (1892-1940) - filósofo alemão	Sobre o conceito da história	"[...] nossa imagem da felicidade é totalmente marcada pela época que nos foi atribuída pelo curso da nossa existência. A felicidade capaz de suscitar nossa inveja está toda, inteira, no ar que já respiramos, nos homens com os quais poderíamos ter conversado, nas mulheres que poderíamos ter possuído."	- Social
S. Ceccato (n. 1940) - cientista italiano	<i>Ingegneria della Felicità</i>	"A tarefa de ser feliz pode ser desempenhada. Estuda."	- Conhecimento

2.2 A CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA

2.2.1 Os Elementos de Significação

Através da Análise de Conteúdo, como proposta por Bardin (2000), e encontrada também em Garcia (2002) e Orlandi (1983), na fase de tratamento dos resultados, de inferência e de interpretação, em se tratando de uma análise qualitativa, a inferência fundamentou-se na presença do tema - no caso, a felicidade - nas unidades de registro – no caso, os trechos/fragmentos sobre felicidade. O procedimento de classificação temática dos elementos de significação, contidos nos trechos/fragmentos sobre felicidade, efetuado pela análise qualitativa (interpretação do significado psicológico) das unidades de registro, resultou do recorte dos trechos/fragmentos sobre felicidade a nível semântico, “o tema”.

Assim, cada trecho/fragmento sobre felicidade foi analisado tematicamente em seu conteúdo, para o estabelecimento de elementos de significação comuns a dois ou mais trechos/fragmentos, o que permitiu seu agrupamento em categorias, formando um sistema de classificação, no qual cada categoria reúne os trechos/fragmentos em função dos elementos de significação comuns, estabelecida por aproximação ou contigüidade semântica desses elementos.

Dessa forma, na análise temática a inferência apoiou-se sobre as mensagens/textos – os trechos/fragmentos sobre felicidade -, onde se procurou atingir as significações que se nos apresentam através dos indicadores, a partir de temas recorrentes; a sucessão da repetição desses indicadores por vezes tem revelado significações subjacentes expostas pela análise. A análise temática estabeleceu os indicadores para a análise dos trechos/fragmentos sobre felicidade, a partir de, por exemplo, qualidades individuais, valores, condutas pragmáticas, padrão de condutas valorizadas ou desvalorizadas, juízos etc.

Do processo de classificação temática dos trechos/fragmentos sobre felicidade, através da interpretação do seu significado psicológico, resultou 140 (cento e quarenta) elementos de significação, conforme apresentados em ordem alfabética no Quadro 2.

Quadro 2. Os Elementos de Significação.

Ação	Agradável	Alegria	Alimentação	Ambígua
Amizade	Amor	Amor próprio	Autopercepção	Auto-suficiência
Beleza	Bem	Bem-estar	Boa conduta	Boa vontade
Breve	Casamento	Cega	Compartilhada	Condições subjetivas
Conhecimento	Conquistada	Consciência	Conseqüência	Criatividade
Desejo	Desperdiçada	Dever	Difícil	Dinheiro
Divulgada	Durável	Economia	Educação	Efêmera
Envolvimento	Escolhas	Esperada	Esperança	Espontaneidade
Esquecimento	Exagerada	Experiência	Família	Frágil
Glória	Honra	Ignorada	Ilusão	Imaginada
Inalcançável	Incerteza	Inconsciente	Indireta	Individual
Inexistente	Infelicidade alheia	Infelicidade suportável	Inocência	Inteligência
Interesses	Justiça	Liberdade	Má conduta	Mediocridade
Meta	Mistério	Monotonia	Moralidade	Mudança
Não-ambição	Não-conhecimento	Não-culpa	Não-desejo	Não-dinheiro
Não-esperança	Não-honraria	Não-luxo	Não-medo	Não-prazer
Não-propriedade	Não-prosperidade	Não-riqueza	Não-satisfação	Não-sentimento
Não-social	Não-sofrimento	Natureza	Necessidade	Oportuna
Paciência	Parcial	Paz	Perseverança	Poder
Prazer	Presente	Probidade	Prosperidade	Prudência
Quietude	Real	Realidade	Recursos materiais	Religiosidade
Reparadora	Resignação	Riqueza	Sabedoria	Sacrifício
Satisfação	Saúde	Saúde mental	Segurança	Semelhante
Sensatez	Sensibilidade	Sentimento	Ser ignorado	Simplicidade
Social	Sofrimento	Solidão	Sucesso	Superestimada
Talento	Temperança	Total	Trabalho	Tranqüilidade
Tristeza	Velhice	Verdade	Vida boa	Vida completa
Vida plena	Vida útil	Virtude	Viver	Voluptuosidade

2.2.2 O Sistema de Categorias

A criação de cada categoria – cujo título foi deduzido dos elementos de significação agrupados – teve o objetivo de introduzir uma ordem, reveladora de uma estrutura interna no sistema de classificação e permitir a inferência. As categorias foram criadas após a análise e classificação temática do conteúdo dos trechos/fragmentos sobre felicidade, agrupados nas

categorias de acordo como o estabelecimento dos elementos de significação comuns a dois ou mais trechos/fragmentos.

Em função de alguns trechos/fragmentos terem revelado mais de um elemento de significação, optou-se pela possibilidade de sua inclusão em mais de uma categoria temática (a despeito da qualidade de ‘exclusão mútua’ descrita em Bardin, 2000).

Ademais, foram criadas tantas categorias temáticas quantas foram necessárias para o agrupamento dos elementos de significação encontrados no conjunto total de trechos/fragmentos sobre felicidade compilados. Os elementos de significação resultantes da análise dos trechos/fragmentos sobre felicidade foram agrupados em 08 (oito) categorias temáticas dicotômicas, sendo 02 (duas) categorias divididas em 02 (duas) subcategorias cada uma, conforme descritas no Quadro 3., formando um sistema de classificação.

A categoria nº 5 reúne os elementos de significação que se reportam aos Valores Terminais e aos Valores Instrumentais, conforme descritos por Rockeach (*apud* Gunther, 1981). Os valores Terminais são: Amor maduro (intimidade sexual e espiritual); Auto-respeito (auto-estima); Equilíbrio interior (livre de conflito interno); Felicidade (contentamento); Igualdade (fraternidade, oportunidade igual para todos); Liberdade (independência, escolha livre); Mundo de beleza (beleza da natureza e das artes); Mundo de paz (livre de guerra e conflito); Prazer (vida agradável, ociosa); Reconhecimento social (respeito, admiração); Sabedoria (compreensão amadurecida da vida); Salvação (salvar-se, vida eterna); Segurança da família (cuidar dos seres amados); Segurança nacional (proteção contra ataque); Sentimento de realização (contribuição duradoura); Verdadeira amizade (íntimo companheirismo); Vida confortável (vida próspera); e Vida excitante (vida estimulante, ativa). E os Valores Instrumentais são: Alegre (despreocupado, divertido); Ambicioso (trabalhador, pretendente); Amoroso (afetuoso, terno); Capaz (competente, eficiente); Controlado (reservado, autodisciplinado); Corajoso (defendendo sua convicção); Honesto (sincero, correto); Imaginativo (ousado, criador); Independente (seguro de si, auto-suficiente); Intelectual (inteligente, refletivo); Limpo (asseado, ordeiro); Lógico (consistente, racional); Obediente (cumpridor do dever, respeitador); Perdoar (disposto a desculpar outrem); Polido (cortês, bem-educado); Prestativo (trabalhar pelo bem-estar dos outros); Responsável (coerente, digno de confiança); e Tolerante (mentalmente aberto).

As demais categorias reúnem os elementos de significação que se reportam, por sua vez, à teoria das Representações Sociais, conforme Moscovici (2003) e outros, e ao que encontramos sugerido pela própria teoria da Análise de Conteúdo, como em Bardin (2000), Garcia (2002) e Orlandi (1983).

Quadro 3. As Categorias Temáticas e sua Descrição

<i>Nº</i>	<i>Categoria</i>	<i>Subcategoria</i>	<i>Descrição</i>
01	Referente à ordem individual	Referente à ordem afetiva	Relativa aos fenômenos de ordem emocional.
		Referente à ordem comportamental	Relativa às condutas apresentadas pelo indivíduo.
	Referente à ordem coletiva	Referente a vivências interpessoais	Relativa aos relacionamentos ao nível privado, íntimo.
		Referente a vivências sociais	Relativa às relações ao nível da coletividade, ao nível social.
02	Referente a valores do Ego	Relativa à independência, reconhecimento, amor-próprio, dominação, segurança emocional, prestígio.	
	Referente a valores sociais	Relativa a experiências novas, excitação, aventura, beleza, humor, lazer, auto-expressão, criatividade, progresso pessoal.	
03	Referente ao bem-estar físico e mental	Relativa à saúde, ausência de dor ou de sofrimento.	
	Referente ao bem-estar emocional	Relativa ao amor, à afeição, à emoção.	
04	De sentido denotativo	Relativa à realidade tangível, concreta.	
	De sentido conotativo	Relativa a idéias, ao abstrato.	
05	Referente a valores terminais	Relativa aos valores terminais.	
	Referente a valores instrumentais	Relativa aos valores instrumentais.	
06	De sentido geral	De idéias vagas, imprecisas.	
	De sentido específico	De idéias descritivas, precisas.	
07	De representação normativa	De caráter ético, de valores morais, crenças, ideais (relativo ao bem, ao dever, à justiça).	
	De representação realística	De caráter real, do que é percebido objetivamente.	
08	De sentido prático	Relativa a valores de ordem prática, de bens materiais, posses, trabalho, dinheiro, segurança econômica e social.	
	De sentido cognitivo	Relativa a valores de ordem racional, com objetivo de aquisição de conhecimento.	

Assim, a partir desses delineamentos, cada categoria reuniu os trechos/fragmentos em função dos elementos de significação comuns, estabelecida por aproximação ou contigüidade semântica desses elementos, conforme apresentado no Quadro 4. Alguns elementos de significação foram incluídos em mais de uma categoria temática.

Quadro 4. As Categorias Temáticas e os Elementos de Significação.

<i>Nº</i>	<i>Categoria</i>	<i>Subcategoria</i>	<i>Elemento de Significação</i>
01	Referente à ordem individual	Referente à ordem afetiva	Autopercepção, Bem, Bem-estar, Condições subjetivas, Consciência, Desejo, Não-desejo, Envolvimento, Incerteza, Inocência, Não-ambição, Não-culpa, Não-medo, Resignação, Sacrifício, Satisfação, Não-satisfação, Sensatez, Tristeza, Voluptuosidade.
		Referente à ordem comportamental	Má conduta, Conquistada, Experiência, Mudança, Simplicidade, Viver.
	Referente à ordem coletiva	Referente a vivências interpessoais	Amizade, Amor, Casamento, Compartilhada, Família, Ser ignorado, Solidão.
		Referente a vivências sociais	Compartilhada, Educação, Infelicidade alheia, Não-honraria, Não-luxo, Semelhante, Social.
02	Referente a valores do Ego	Amor próprio, Auto-suficiência, Criatividade, Espontaneidade, Proibidade, Quietude, Sabedoria, Segurança, Sensatez, Sensibilidade, Talento, Tranquilidade, Vida completa.	
	Referente a valores sociais	Amizade, Beleza, Boa conduta, Boa vontade, Compartilhada, Liberdade, Moralidade, Paz, Poder, Prosperidade, Não-prosperidade, Riqueza, Não-riqueza, Social, Não-social, Sucesso, Vida boa, Vida plena, Vida útil.	
03	Referente ao bem-estar físico	Alimentação, Necessidade, Saúde, Sofrimento, Não-sofrimento.	
	Referente ao bem-estar emocional	Alegria, Tristeza, Glória, Infelicidade suportável, Sentimento, Não-sentimento, Sofrimento, Não-sofrimento, Saúde mental.	
04	De sentido denotativo	Natureza, Real, Realidade, Tangível.	
	De sentido conotativo	Inconsciente, Mediocridade, Mistério, Monotonia, Religiosidade.	

<i>Nº</i>	<i>Categoria</i>	<i>Subcategoria</i>
05	Referente a valores terminais	Ação, Amizade, Amor, Liberdade, Paz, Prazer, Não-prazer, Prosperidade, Religiosidade, Sabedoria, Segurança.
	Referente a valores instrumentais	Alegria, Amor, Auto-suficiência, Criatividade, Dever, Inteligência, Paciência, Perseverança.
06	De sentido geral	Agradável, Ambígua, Breve, Difícil, Durável, Efêmera, Esperada, Ignorada, Imaginada, Inalcançável, Indireta.
	De sentido específico	Cega, Desperdiçada, Divulgada, Exagerada, Frágil, Individual, Inexistente, Natural, Oportuna, Parcial, Presente, Reparadora, Superestimada, Total.
07	De representação normativa	Esperança, Não-esperança, Honra, Justiça, Prudência, Religiosidade, Temperança, Verdade, Virtude.
	De representação realística	Conseqüência, Escolhas, Não-propriedade, Trabalho, Velhice.
08	De sentido prático	Dinheiro, Não-dinheiro, Economia, Recursos materiais.
	De sentido cognitivo	Conhecimento, Não-conhecimento, Esquecimento, Ilusão, Inteligência, Interesses, Meta.

3. DISCUSSÃO

Com o objetivo de discutir e interpretar os resultados obtidos com o presente estudo, reportamo-nos a sua proposta inicial de investigação dos aspectos essenciais ao estado de felicidade, através da análise dos trechos/fragmentos relativos ao significado de ser feliz, encontrados nas obras de diversos pensadores ao longo da história do desenvolvimento do pensamento ocidental. Partindo do cruzamento dos aspectos concernentes à felicidade e ao bem-estar subjetivo dos atuais estudos da psicologia social, como explicitados na Revisão de Literatura, com os resultados encontrados na análise de conteúdo dos trechos/fragmentos sobre felicidade²¹, conforme a classificação categorial resultante da análise de conteúdo dos trechos/fragmentos sobre felicidade empreendida no presente trabalho, passamos a avaliar os aspectos contidos nas idéias sobre a felicidade que se apresentam enquanto representação.

Elaborados pelos filósofos e literatos de modo singular no processo de conhecimento dos aspectos da sua realidade, os trechos/fragmentos sobre felicidade – ou as representações sociais da felicidade – utilizados no presente trabalho, foram determinados historicamente e no aqui-e-agora desses indivíduos, definindo sua identidade social e dando sentido às suas práticas sociais. Sendo tais representações sociais a verbalização das concepções desses indivíduos sobre o mundo que o cercava, tiveram origem no cotidiano das suas comunicações interpessoais, organizando suas realidades.

Entendemos, como Guareschi e Jovchelovitch (2000, p.19), que as “vidas individuais não são realidades abstraídas de um mundo social; pelo contrário, elas só tomam forma e se constroem em relação a uma realidade social”. Salientamos, como Sá (Spink, 1995), a concretude e a singularidade histórica dos comportamentos individuais, tanto quanto dos fatos sociais, dados os conteúdos dos fenômenos psicossociais e a influência dos contextos sociais sobre os comportamentos, estados e processos individuais, e a participação destes na construção das próprias realidades sociais.

Como um assunto que sempre chamou a atenção, o interesse e a curiosidade das pessoas e, assim, solicitou a compreensão desses pensadores no dia-a-dia das suas relações interpessoais, as idéias sobre felicidade foram veiculadas através de conjuntos de conceitos, afirmações e explicações - as representações sociais da felicidade -, que, como demonstra Sá (Spink, 1995), articularam diferentes questões em uma estrutura global de implicações, a qual

²¹ No sentido de ilustrar nossa reflexão e não tornar o texto demasiadamente longo e cansativo, serão citados apenas os conceitos de felicidade que consideramos mais pertinentes e ilustrativos dos tópicos analisados, assim como as categorias temáticas cuja relação com os elementos de significação são mais evidentes.

reuniu informações e julgamentos de valor recolhidos em suas várias experiências pessoais e grupais, pelas quais interpretaram e construíram suas realidades sociais. As suas reações aos acontecimentos, suas respostas aos estímulos, estavam relacionadas à determinada definição, comum a todos os membros da comunidade à qual pertenciam, como diria Moscovici (2003). E enquanto essas representações, partilhadas por muitos, penetraram e influenciaram a mente de cada um, elas foram re-pensadas, re-citadas e re-apresentadas.

No presente trabalho, trazemos, então, os trechos/fragmentos sobre felicidade produzidos no âmbito dos universos consensuais, para serem analisados no âmbito do universo reificado da ciência e da teorização, visto que ambos os universos, como indica Moscovici (2003), atuam simultaneamente para moldar a nossa realidade. Assim, o conceito de representação social tem nos auxiliado a compreender como e porque os homens agem e pensam de determinada maneira, afirmando o caráter histórico da consciência e, a partir dessas representações sociais da felicidade, pudemos inferir, até certo ponto, os valores, as ideologias e as contradições desses pensadores a respeito do tema.

Referindo-se ao que as pessoas pensam e como se sentem a respeito de suas vidas, o bem-estar subjetivo é definido em termos da perspectiva interna do indivíduo (Diener, Suh e Oishi, 1997), ao lado da “tendência em caracterizar o constructo de bem-estar sob o enfoque da subjetividade.” (Pereira, 1997, p.36) Dessa forma, suas condições subjetivas peculiares são de fundamental importância para a avaliação de sua felicidade. Assim, na categoria referente à ordem individual, subcategoria referente à ordem afetiva, já encontramos essa perspectiva em Epicuro (Antologia de Textos, p.14): “O essencial para a nossa felicidade é a nossa condição íntima; e desta somos nós os amos.”; em Marco Túlio Cícero (*De finibus*): Não consiste a felicidade na alegria, nem na lascívia, nem no riso, nem na trapaça, companheira da leviandade, senão que reside muitas vezes na triste firmeza e constância.”; em Plutarco (O banquete dos sete sábios): “A felicidade não consiste nas bênçãos externas da fortuna, senão na perfeição interna e na riqueza do espírito.”; em Marco Aurélio (Meditações):

A natureza não misturou o espírito com o corpo tão inextricavelmente que o impeça de estabelecer as suas próprias fronteiras e de controlar os seus próprios domínios. É perfeitamente possível ser semelhante a deus, mesmo que não se seja reconhecido como tal. Lembra-te sempre disto; e lembra-te também de que o que é preciso para uma vida feliz é muito pouco. O domínio da dialéctica ou da física pode ter-te iludido, mas isso não é razão para desesperares de conquistar a liberdade, o respeito próprio, a generosidade e a obediência à vontade de Deus. (p.85),

e “A felicidade do homem depende de si mesmo.”; em Severino Boécio (O Consolo da Filosofia): “Não se há de buscar a felicidade fora de nós quando só podemos encontrá-la

dentro de nós mesmos.”; em Erasmo de Rotterdan (Elogio da Loucura, p.34): “[...], a felicidade consiste, sobretudo, em querer ser o que se é.”; em Immanuel Kant (Crítica da Razão Prática):

Toda a matéria de regras práticas assenta sempre em condições subjetivas, as quais não proporcionam aos seres racionais nenhuma universalidade além da universalidade condicionada (no caso de eu desejar isto ou aquilo, o que deva fazer para obtê-lo), girando todas elas ao redor do princípio da felicidade própria. (p.26),

no Marquês de Maricá (Máximas, Pensamentos e Reflexões): “Em vão procuramos a verdadeira felicidade fora de nós, se não possuímos a sua fonte dentro de nós.”; em Arthur Schopenhauer: “O que temos dentro de nós é o essencial para a felicidade humana.” e em Sigmund Freud (O Mal-estar na Civilização): “Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas. Assim, nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição.”

Ao mesmo tempo, é imprescindível que a pessoa se perceba feliz, como encontramos em Públio Siro (Sentenças), referente à autopercepção: “Não é feliz quem não se considera como tal.”; em Voltaire (*Lê Sottisien*): “Os homens que procuram a felicidade são como bêbados que não conseguem encontrar a própria casa, mas que sabem que têm uma.”; em Fedor Dostoievski (Demônios): “O homem é desgraçado porque não sabe que é afortunado; aquele que se dá conta, imediatamente, é feliz, no mesmo instante.”; em Anatole France (A Camisa) “A felicidade consiste no dar-se conta de si mesmo.” e “Não é feliz aquele que não se dá conta de sua felicidade; não se vive se se ignora que se vive.”; e em André Gide El Rey (*Candaules*) “Mais vale crer-se feliz que tratar de sê-lo.”

Ainda na categoria referente à ordem individual, subcategoria referente à ordem afetiva, em William Shakespeare (*As You Like It*) encontramos a autopercepção quanto a felicidade na dependência da avaliação de outrem: “Amarga coisa é considerar a felicidade através dos olhos alheios.” e em Montesquieu (Cadernos), em comparação com a felicidade alheia: “Se a gente quisesse ser apenas feliz, isso não seria difícil. Mas a gente quer ficar mais feliz do que os outros, e isso é quase sempre difícil, porque nós sempre achamos os outros mais felizes do que são.”

Embora os três componentes primários do bem-estar subjetivo: satisfação, afeto prazeroso e baixo nível de afeto desprazeroso formem um fator global de variáveis inter-relacionadas (Diener, Suh, Oishi, 1997; Diener, Suh, Lucas e Smith, 1999), cada um deles pode ser subdividido: a satisfação global, em satisfação nos vários âmbitos da vida (como no lazer, no amor, na amizade e outros); o sentimento agradável, em emoções e humores

específicos, (como alegria, carinho e amor-próprio); e o sentimento desagradável, em emoções e estados de humor específicos (como vergonha, culpa, tristeza, raiva e ansiedade).

Neste sentido, no âmbito satisfação com a vida, na categoria referente à ordem coletiva, subcategoria referente a vivências interpessoais, distinguimos em alguns pensadores uma ênfase no amor e na amizade, sendo consideradas as bases para a felicidade. Com relação ao amor, como em Platão (*O Banquete*, p.127, em referência a Eros): “Se obtivermos sua amizade e lhe conquistarmos as boas graças, haveremos de descobrir e encontrar aqueles a quem amamos, felicidade só propiciada a poucos entre os vivos. [...] a humanidade encontraria a perfeita felicidade se abandonasse às injunções do amor [...].”; em Stendhal (*Do Amor*): “Só existe uma lei no amor; tornar feliz a quem se ama.” e “Sempre uma pequena dúvida a acalmar, eis o que faz a sede de todos os instantes, eis o que constitui a vida do amor feliz. Como o receio nunca o abandona, os seus prazeres não podem nunca entediar. O carácter desta felicidade é a sua extrema seriedade.”

E com relação à amizade, como em Aristóteles (*Ética a Nicômaco*): “Mas parece estranho, quando se atribui tudo o que é bom ao homem feliz, não lhe dar amigos, que são considerados os maiores bens exteriores.” (p.209) e

Não seria menos estranho fazer do homem sumamente feliz um solitário, pois ninguém desejaria ser o dono do mundo se para isso a condição fosse viver só, pois o homem é um ser político e está em sua natureza viver em sociedade. Portanto, mesmo o homem bom deverá viver em companhia de outros, visto possuir ele as coisas que são boas por natureza. E certamente é melhor passar os dias com amigos e pessoas boas que com estranhos ou companheiros casuais. Desse modo, o homem feliz necessita de amigos. (p.211),

em Epicuro (*Antologia de Textos*, p.20): “De todas as coisas que nos oferece a sabedoria para a felicidade de toda a vida, a maior é a aquisição da amizade.”; em Menandro: “Feliz daquele que encontrou um amigo digno desse nome.”; Marco Túlio Cícero (*Loelius Seu De Amititia*):

Em todo caso, que Cipião haja nascido, é o que faz a nossa felicidade e será para Roma, enquanto ela existir, um tema de alegria. Assim, pois, como já tenho dito, o destino foi inteiramente favorável a Cipião. Só foi cruel para mim. Fui o primeiro a entrar na vida e terei de sair também por primeiro. Todavia, a lembrança da nossa amizade é para mim tão grata, que tenho por felicidade o viver por haver vivido com Cipião. (p.5),

e “A felicidade de um amigo dilata um coração virtuoso, assim como o contrai uma desventura.” (p.13); em David Hume (*Ensaio Sobre o Entendimento Humano*, p.95): “Tenho consciência de que, segundo a experiência passada da humanidade, a amizade é a principal alegria da vida humana e a moderação, a única fonte de tranqüilidade e felicidade.”; em Henri Frédéric Amiel (*Diário Íntimo*): “Quando o meu amigo está infeliz, vou ao seu encontro; quando está feliz, espero por ele.” e em L. De Crescenzo (*Così Parlò Bellavista*): “Para se

fazer um amigo, leva-se quase uma vida inteira. É preciso terem sido pobres juntos e, às vezes, felizes.” Em contraste, encontramos também quem perceba a felicidade baseada na infelicidade dos amigos, como em Philip Dormer Stanhope Chesterfield (*Letters*) “A maior parte das pessoas fica feliz com a inferioridade dos seus melhores amigos.”

No âmbito do sentimento agradável, na categoria referente ao bem-estar emocional, com referência à alegria, em Santo Agostinho (*As Confissões*, p.232) a felicidade aparece pautada na alegria proveniente da verdade divina: “É que a felicidade é a alegria que provém da verdade. E essa alegria é a que nasce de ti, que és a própria Verdade, ó meu Deus, minha luz, saúde do meu rosto! Todos querem essa vida, a única feliz, essa alegria que se origina na verdade.” e no que diz respeito ao amor-próprio, Immanuel Kant (*Crítica da Razão Prática*) o retrata equivalente à felicidade:

Assim, pois, todos os princípios materiais que colocam o fundamento da determinação do arbítrio no prazer ou na dor que se sente pela realidade de algum objeto, são completamente da *mesma classe*, quando todos eles pertencem ao princípio do amor correlato a si mesmo ou à própria felicidade. (p.16)

Já no âmbito do sentimento desagradável, na categoria referente ao bem-estar emocional, Giordano Bruno (*Il Candelaio*) contrapõe felicidade e tristeza como facetas distintas e opostas, mas inexoravelmente convivendo num mesmo sentimento: “Feliz na tristeza, triste na alegria”.

Em Diener (1984), encontramos as definições de bem-estar subjetivo e felicidade organizadas em três categorias: a categoria que concebe o bem-estar através de critérios externos - tais como virtude ou santidade; a categoria que investiga os questionamentos sobre o que leva as pessoas a avaliarem suas vidas em termos positivos; e a categoria que considera o bem-estar como sendo o estado que denota uma preponderância dos afetos positivos sobre os negativos.

Na categoria de representação normativa, encontramos as virtudes, tópico de reflexão central e obrigatória nas principais correntes filosóficas, indelévelmente relacionadas à felicidade e ao bem-estar humano, desde os pensadores do período clássico até os filósofos e literatos modernos e contemporâneos. Assim, em Aristóteles (*Ética a Nicômaco*) a felicidade identifica-se tanto com a prática da virtude em geral quanto com algum tipo específico de virtude:

Com efeito, algumas pessoas identificam a felicidade com a virtude, outras com a sabedoria prática, outras com uma espécie de sabedoria filosófica, e outras, ainda, a identificam com tudo isso, ou uma delas, acompanhadas do prazer, ou sem que lhe falte o prazer, e finalmente outras incluem a prosperidade exterior. Também nossa concepção se harmoniza com a dos

que identificam a felicidade com a virtude geral ou com alguma virtude particular, pois a felicidade é a atividade conforme a virtude. (p.29),

mas não se apresenta em proporções idênticas em todos os indivíduos (A Política):

Constituindo a felicidade coisa bastante excelente, e cifrando-se na prática da virtude, além do mais sucedendo com freqüência que uns possuem uma grande parcela de ventura e outros uma parcela pequena ou mesmo nenhuma, aí está, de modo evidente, a razão de toda essa diversidade de Estados e governos. (p.131)

e Epicuro (Antologia de Textos) considera a virtude e a felicidade inseparáveis: “A felicidade e a virtude são duas irmãs que não se separam jamais.”

Virgílio (Geórgicas), no entanto, apresenta a virtude contraposta à felicidade, como se o exercício da primeira atrapalhasse a vivência da segunda: “Filho lego-te a virtude, a pena que não mente. Outros ensinar-te-ão a felicidade.” Mas em Nicolau Maquiavel (O Príncipe), voltamos a observar virtude e felicidade relacionadas:

É que Severo possuiu tanto valor que, conservando os soldados como seus amigos, ainda que o povo fosse por ele oprimido, pode sempre reinar com felicidade, pois aquelas suas virtudes o tornavam tão admirável no conceito dos soldados e do povo, que este ficava por assim dizer atônito e aturdido e aqueles reverentes e satisfeitos.” (p.42),

e em Baruch Spinoza (Ética, p.406), voltam a se identificar: “A felicidade não é o prêmio da virtude, mas a própria virtude; e não gozamos dela por refrearmos as nossas paixões, mas, ao contrário, é porque gozamos dela que nos é possível refrear as paixões.”. Assim se dá também em Jean-Jacques Rousseau (Discurso Sobre a Origem da Desigualdade Entre os Homens, p.6): “[...] não sois nem bastante ricos para vos enervardes pelo ócio e perderdes em vãs delícias o gesto da verdadeira felicidade e das sólidas virtudes, [...]”, em Immanuel Kant (Crítica da Razão Prática, p.79): “O sumo bem é para nós prático; isto é, devemos realizá-lo mediante a nossa vontade, concebendo nele a virtude e a felicidade necessariamente ligados, de modo que não é possível, para uma razão pura prática, admitir aquela e não admitir esta.”, em Aldous Huxley (Um Mundo Feliz): “O segredo da felicidade é o mesmo que o segredo da virtude: amar o que se deve fazer.” e em Alexander Pope (Ensaio sobre o Homem): “Sabe então esta verdade (basta ao homem sabê-la): / A virtude é a única felicidade cá na Terra.”

Especificamente, entre as virtudes cardeais encontramos a prudência, exaltada por Epicuro (Antologia de Textos) como a principal para se viver com felicidade:

[...] o princípio e o maior bem é a prudência, da qual nascem todas as outras virtudes; ela nos ensina que não é possível viver agradavelmente sem sabedoria, beleza e justiça, nem possuir sabedoria, beleza e justiça sem doçura. As virtudes encontram-se por sua natureza ligadas à vida feliz, e a vida feliz é inseparável delas. (p.19)

e “[...] a prudência é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a própria filosofia; é dela que originaram todas as demais virtudes; é ela que nos ensina que não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça sem felicidade.” (Carta a Meneceu, p.45); e em Nicolau Maquiavel (O Príncipe, p.53): “[...] se alguém se orienta com prudência e paciência e os tempos e as situações se apresentam de modo a que a sua orientação seja boa, ele alcança a felicidade”.

A justiça, outra das virtudes cardeais, a encontramos em Platão (A República) como a virtude central, que possibilita a felicidade:

A justiça é virtude e sabedoria, e a injustiça maldade e ignorância [...]. Então, a alma justa e o homem justo viverão bem, e o injusto, mal. [...] Mas sem dúvida o que vive bem é feliz e venturoso, e o que não vive bem, inversamente. [...] Logo, o homem justo é feliz, e o injusto é desgraçado. (p.43),

e também é apontada por Platão (A República, p.44) como figurando entre as espécies de bem, que pode proporcionar a felicidade: “Em qual delas colocas a justiça? Acho que na mais bela, a que se deve estimar por si mesma e pelas suas conseqüências quem quiser ser feliz.” e

Crendo que a alma é imortal e capaz de suportar todos os males e todos os bens, seguiremos sempre o caminho para o alto, e praticaremos por todas as formas a justiça com sabedoria, a fim de sermos caros a nós mesmos e aos deuses, enquanto permaneceremos aqui; e, depois de termos ganho os prêmios da justiça, [...], seremos então felizes. (p.319)

Também entre as virtudes cardeais encontramos a temperança, virtude de quem é moderado e comedido, que Epicuro (Antologia de Textos, p.17) indica como necessária para se produzir a felicidade: “Nem a posse das riquezas nem a abundância das coisas nem a obtenção de cargos ou o poder produzem a felicidade e a bem-aventurança; produzem-na a ausência de dores, a moderação nos afetos e a disposição de espírito que se mantenha nos limites impostos pela natureza.”

Entre as virtudes definidas por Aristóteles, em Ética a Nicômaco, encontramos o amor à honra, a amizade e a veracidade, indispensáveis para uma vida feliz. Aristóteles (Ética a Nicômaco) identifica honra com felicidade:

Pode-se dizer, com efeito, que existem três tipos principais de vida: a vida que acabamos de mencionar [a vida agradável], a vida política e a vida contemplativa. Um exame dos tipos principais de vida mostra que as pessoas de maior refinamento e de índole mais ativa identificam a felicidade com a honra, pois a honra é, pode-se dizer, o objetivo da vida política. (p.21),

assim como em Marco Aurélio (Meditações, p.36), para quem abrir mão da honra se relaciona com abrir mão também da felicidade: “O homem não tem senão uma vida; e a vossa está já próxima do fim, contudo, continuais a não ter olhos para a vossa própria honra e estais a hipotecar a vossa felicidade às almas de outros homens.”

Com relação à amizade, Aristóteles (*Ética a Nicômaco*) a aponta como necessária e um tipo de prosperidade para se alcançar a felicidade:

De fato, o homem de muito má aparência, ou mal-nascido, ou solitário e sem filhos, não tem muitas probabilidades de ser feliz, e tê-las-ia ainda menos se seus filhos ou amigos fossem extremamente maus, ou se a morte lhe houvesse roubado bons filhos ou bons amigos. Como dissemos, pois, o homem feliz parece necessitar também desse tipo de prosperidade, [...]. (p.30)

David Hume (*Ensaio Sobre o Entendimento Humano*) entende que a felicidade do amigo é tão importante quanto a própria glória:

[...] a paixão precede o prazer e sem a primeira o último jamais teria podido existir; que esta é precisamente a situação das paixões denominadas altruístas e que, por conseguinte, um homem não está mais interessado quando aspira à sua própria glória do que quando a felicidade de seu amigo é o objeto de seus desejos [...].(p.8)

E Bertrand Russell afirma que o caminho para se ser feliz está na ação amistosa: “O segredo da felicidade é o seguinte: deixar que os nossos interesses sejam tão amplos quanto possível, e deixar que as nossas reacções em relação às coisas e às pessoas sejam tão amistosas quanto possam ser.”

Outra das virtudes descritas por Aristóteles é a veracidade, que em Santo Agostinho (*As Confissões*, p.232) aparece conjugada com a alegria e a felicidade e se reveste de um sentido religioso: “É que a felicidade é a alegria que provém da verdade. E essa alegria é a que nasce de ti, que és a própria Verdade, ó meu Deus, minha luz, saúde do meu rosto! Todos querem essa vida, a única feliz, essa alegria que se origina na verdade.” Embora isenta da conotação religiosa, podemos encontrar a conjugação da felicidade com a verdade também em Dante Alighieri (*Il convívio*): “A verdadeira felicidade só se adquire pela contemplação da verdade.” e em René Descartes (*Regras para a Direção do Espírito*):

Pretendo falar dos fins honestos e dignos de louvores, já que muitas vezes eles nos enganam de um modo mais sutil, como quando cultivamos as ciências pela utilidade que trazem para o bem-estar da existência, ou por aquele prazer que se encontra na contemplação da verdade, e que é quase a única felicidade completa desta vida, que nenhum dissabor vem perturbar. (p.74)

Entre as virtudes teológicas, a fé, enquanto uma piedosa reverência aos deuses, é referida por Empédocles (*Purificações*, p.243) como necessária para a felicidade: “Feliz o que de entranhas divinas adquiriu tesouro, e mísero o que sobre deuses obscura opinião mantém.” A mesma relação – felicidade e fé, ou o exercício da religiosidade –, encontramos em Platão (*O Banquete*, p.128): “Se formos piedosos para com os nossos deuses, Eros nos conduzirá ao antigo estado natural, nos há de curar e nos assegurará perfeita felicidade.”, em Santo

Agostinho (As Confissões, p.229): “E como hei de te buscar, Senhor? Quando te procuro, meu Deus, estou à procura da felicidade. Procurar-te-ei para que minha alma viva, porque meu corpo vive de minha alma, e minha alma vive de ti.”, em São Francisco de Assis (O Cântico das Criaturas): “Felizes os que se encontrarem em tuas santíssimas vontades, porque a morte segunda não lhes fará mal.”, em Santo Tomás de Aquino (*Summa Theologica*): “Ninguém pode nesta vida ter satisfeitas as suas aspirações, porque nunca um bem criado sacia as aspirações humanas de felicidade.”, em Thomas More (Utopia, p.75): “A alma é imortal e a bondade de Deus criou-a para a felicidade.”, em Pe. Antonio Vieira (Sermão dos Bons Anos): “De sorte que, assim como antes da Redenção houve suspirar e gemer, assim depois da Redenção haverá possuir e gozar; e assim como os suspiros e gemidos duraram por tantos anos, assim as felicidades e bens permanecerão sem termo e sem limite.”, em Blaise Pascal (Pensamentos):

É preciso que, para tornar o homem feliz, ela [a verdadeira religião] lhe mostre que há um Deus; que se é obrigado a amá-lo; que a nossa verdadeira felicidade é estar nele, e o nosso único mal estar separado dele; que reconheça que estamos cheios de trevas que nos impedem de conhecê-lo e de amá-lo; e que, assim, obrigando-nos os nossos deveres a amar a Deus, e as nossas concupiscências a desviar-nos dele, estamos cheios de injustiça. (p.15)

em Baruch Spinoza (Ética, p.406): “A felicidade consiste no amor a Deus, amor esse que nasce do terceiro gênero de conhecimento [ciência intuitiva]; assim, esse amor deve ser referido à alma enquanto ativa, e, por conseguinte, é a própria virtude.”, em Voltaire (Dicionário Filosófico): “Só é dado a Deus, que penetra em todos os corações, decidir que homem é o mais feliz.”, em Marquês de Maricá (Máximas, Pensamentos e Reflexões): “A felicidade das criaturas inteligentes cresce e avulta proporcionalmente com a noção progressiva que concebem de Deus e seus divinos atributos.” e em George Clemenceau (Confissões de Clemenceau): “Amar e crer são os segredos da felicidade.”

Relativo aos componentes do bem-estar subjetivo, o afeto positivo reflete o quanto uma pessoa se sente entusiasmada, ativa e alerta; em altos níveis representa um estado de alta energia, total concentração e satisfação, enquanto em baixos níveis, é caracterizado por tristeza e letargia. E o afeto negativo é uma dimensão geral de angústia e insatisfação, que englobam estados de humor aversivos, como raiva, culpa, desgosto e medo; pelo contrário, baixos níveis de afeto negativo representam um estado de calma e serenidade. (Tellegen, 1985 *apud* Giacomoni, 2002). E encontramos em Pereira (1997, p.36), a proposta de três modalidades de componentes, consideradas isolada ou no conjunto: “1) nível de satisfação com a vida, 2) nível dos estados afetivos e 3) fatores psicossociais da saúde mental.” O outro

componente do bem-estar subjetivo, o nível dos estados afetivos da experiência é um indicador emocional da avaliação subjetiva da vida.

Na categoria referente ao bem-estar emocional, entre os afetos positivos, a alegria é representada por Thomas More (Utopia) como uma maneira de se obter a felicidade:

A razão inspira, em primeiro lugar, ao homem, o amor e a veneração pela majestade divina, a cuja bondade devemos o ser e a possibilidade de atingir a felicidade. E, em segundo, ensina-nos e incita-nos a viver alegremente e sem tristezas, levando-nos a auxiliar e a desenvolver nos outros o respeito pela natureza, que nos leva a obter tal felicidade. (p.76)

Na categoria referente ao bem-estar emocional, outro dos afetos positivos, o amor aparece em Platão (O Banquete, p.106) como o mais importante dos estados afetivos capazes de levar à felicidade: “[...] de todos os deuses o Amor é o mais antigo, o mais augusto de todos, o mais capaz de tornar o homem virtuoso e feliz durante a vida e após a morte.”, assim como em Immanuel Kant (Crítica da Razão Prática, p.16): “Pois bem; a consciência que um ser racional tem da agradabilidade da vida e que, sem interrupção, acompanha-o em toda a existência, é a felicidade, e o princípio que faz desta o supremo fundamento da determinação do arbítrio é o princípio do amor em si mesmo.”, em Stendhal (Do Amor): “A maior felicidade que o amor pode dar é o primeiro aperto de mão da mulher que amamos.”

Por outro lado, assim como para Baruch Spinoza (Tratado da Correção do Intelecto, p.5) o amor pode resultar tanto na felicidade quanto na infelicidade: “Esses males [sofrimento, perseguição, perigos, morte] pareciam provir de que toda a felicidade ou infelicidade consiste somente numa coisa, a saber, na qualidade do objeto ao qual aderimos pelo amor.”, para Honoré de Balzac (A Comédia Humana) é quase impossível a coexistência entre felicidade e amor: “É possível amar e não ser feliz, é possível ser feliz e não amar, mas amar e simultaneamente ser feliz, isso seria milagre.” E Sigmund Freud (O Mal-estar na Civilização) nos alerta para o risco de insistirmos no amor como um meio de alcançarmos a felicidade:

É que nunca nos achamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos, nunca tão desamparadamente infelizes como quando perdemos o nosso objeto amado ou o seu amor. Isso, porém, não liquida com a técnica de viver baseada no valor do amor como um meio de obter felicidade.

Em relação aos afetos negativos, componentes do bem-estar subjetivo, o sentimento de ameaça levou Epicuro a considerar uma vida obscura como condição de felicidade: “Feliz é quem se esconde e vive obscuro.” e a André Gide (El Rey Candaules) a aconselhar não se revelar a própria felicidade: “Aquele que goza de sua felicidade, que se esconda ou que esconda dos demais sua felicidade.” Relacionada com o sofrimento, encontramos a felicidade da resignação apontada por Marco Aurélio (Meditações, p.117): “Feliz da alma que, em qualquer altura que chegue a hora de se separar do corpo, esteja também pronta para encarar a

extinção, a dispersão ou a sobrevivência.”, assim como por Honoré de Balzac (Psicologia do Casamento): “A maior felicidade para o ser humano é de poder viver para aquilo pelo qual estaria pronto a morrer.” e por Albert Einstein (Como vejo o mundo): “O caminho para a existência alegre e feliz conduz através de renúncias e limitações da própria pessoa que há de gozá-las”. E para Marguerite Yourcenar (Memórias de Adriano) a felicidade é uma infelicidade suportável, tolerável: “A felicidade é provavelmente uma infelicidade que se suporta melhor.”

O componente fatores psicossociais da saúde, conforme Pereira (1997), também são abordados como modalidades de indicadores do bem-estar subjetivo: auto-estima, timidez, *locus* de controle, alienação, desamparo, desesperança, estresse, ansiedade, apatia, otimismo, esperança, motivação, entre outros. Na categoria de representação normativa, no tocante a esperança, Santo Agostinho (As Confissões, p.229) a representa como uma forma de felicidade: “E há diversos modos de ser feliz: quer possuindo realmente a felicidade, quer possuindo apenas sua esperança.” e Blaise Pascal (Pensamentos), como uma perspectiva futura de felicidade:

[...] o único bem da vida presente é a esperança de uma vida futura; que só somos felizes na medida em que dela nos aproximamos; e que, não havendo mais infelicidades para os que têm uma inteira certeza da eternidade, também não há felicidade para os que não possuem luz alguma. (p.5-6)

Em contrapartida, Alexander Pope (*Thoughts on Various Subjects*) representa a felicidade como dependente de uma não-esperança: “Feliz do homem que não espera nada, pois nunca terá desilusões.”, assim como Sébastien-Roch Nicolas de Chamfort (Máximas e Pensamentos): “Felizes os que nada esperam, nunca serão desiludidos.” E para Albert Camus (Cartas a um Amigo Alemão) a esperança nos traria, não a felicidade, mas a infelicidade: “Toda a infelicidade dos homens provém da esperança.”

A qualidade da vida de uma pessoa, propõe Csikszentmihalyi (1999), é determinada também pelas suas decisões sobre o modo como o seu tempo será investido, pois é possível fazer escolhas pessoais, controlando e administrando o tempo entre três tipos principais de atividades: atividades produtivas - o que deve fazer para gerar energia para sua sobrevivência e conforto (como trabalhar e estudar); atividades de manutenção – os cuidados com a casa e com a alimentação (cozinhar, limpar, fazer compras), e os cuidados pessoais (tomar banho, vestir-se); e atividades de lazer – assistir TV, leitura, ocupar-se com *hobbies*, esportes, filmes, contato social e repouso.

A esse respeito, na categoria representação realística, no que tange às escolhas, Voltaire (Dicionário Filosófico, p.55) propõe que cada um escolha onde colocar a sua

felicidade: “Cada um põe a felicidade onde pode e quando pode, ao seu gosto.” Quanto ao trabalho, Aristóteles (*Ética a Nicômaco*) o compreende como capaz de proporcionar felicidade:

[...] tendo em vista o fato de que todo conhecimento e todo trabalho visa a algum bem, quase todos estão de acordo, pois tanto o vulgo, como os homens de cultura superior dizem que esse bem supremo é a felicidade e consideram que o bem viver e o bem agir equivalem a ser feliz; [...]. (p. 19-20),

Thomas Jefferson (*Notes on Virgínia*) representa a felicidade como resultado do exercício de uma ocupação: “A felicidade é o resultado de uma boa consciência, boa saúde, ocupação liberal e liberdade para fazer o que se crê justo.” e Charles Caleb Colton (*Lacon*), como a única possibilidade de se encontrar felicidade: “Encontra a felicidade em seu trabalho ou nunca serás feliz.”

Csikszentmihalyi (1999) também argumenta que o envolvimento em atividades interessantes e prazerosas proporciona bem-estar subjetivo, quando provê um nível ótimo de novas informações ao indivíduo e produz uma experiência altamente aprazível de “fluxo”, se o desafio da atividade é equivalente às habilidades da pessoa. A “experiência de fluxo” é a serenidade experimentada quando desejos, intenções e pensamentos se harmonizam, e costuma ocorrer quando a pessoa se concentra num conjunto claro de metas que exigem respostas compatíveis com suas habilidades, oferecendo-lhe um *feedback* imediato do seu desempenho. Fazemos uma analogia entre a experiência de fluxo e o ‘estado divino da virtude’ descrito por Sócrates: “a virtude se identificava com a própria felicidade. O conceito de virtude, para Sócrates, era o de cuidado da alma para aperfeiçoá-la, para torna-la mais próxima do estado divino” (Navarro, 2001, p.35). Assim, para Sócrates, aquele que se dedica à filosofia e à ciência é um bem-aventurado, cumulado de felicidade, pois cria em si mesmo uma contínua fonte de satisfação espiritual independente do exterior (Navarro, 2001). A felicidade do sábio é produzida pela ação virtuosa daquele que se dedica à ciência.

Nesse sentido, na categoria de sentido cognitivo, estudar, adquirir conhecimento, exercitar-se intelectualmente, – enquanto um exemplo das atividades produtivas propostas por Csikszentmihalyi -, são atividades capazes de proporcionar felicidade, como representado por Thales (Vida de Tales, Diógenes Laercio, p.28): “Feliz é o sábio de corpo, dotado de inteligência e abundante de riquezas.”, por Platão (O Banquete):

[...] é quando busca o bem pelas vias da sabedoria e da justiça, em nós ou nos deuses, que Eros manifesta todo o seu poder e nos proporciona uma felicidade perfeita, tornando-nos capazes de viver em paz com os nossos semelhantes e com aqueles que nos são superiores - os deuses. (p.119),

por Aristóteles (*A Política*):

Admitamos, portanto, que para o homem não existe ventura maior do que a virtude e a razão, e que, igualmente, por isso, ele deve regular o seu procedimento. [...]. Uma consequência fundada nos mesmos motivos é ser o Estado perfeito concomitantemente feliz e próspero. Ora, não é possível ser feliz quando não se faz o bem, e o bem nunca é possível, tanto para um homem quanto para um Estado, sem a virtude e a razão.” (p.119)

por Epicuro (Carta a Meneceu, p.21): “Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz.”, por Marco Aurélio (Meditações, p.79): “Felicidade, por derivação, significa “um bom deus interior”²²; isto é, uma boa razão-mestra.”, por Santo Tomás de Aquino (Súmula contra os gentios):

Dentre todos os estudos aos quais se dedicam os homens, o estudo da sabedoria supera a todos em perfeição, em sublimidade, em utilidade e em alegria que proporciona. Supera em perfeição, pois, quanto mais o homem se dedica à sabedoria, tanto mais participa da verdadeira felicidade. (p.64)

por Madane de Staël (*Corinne*): “A felicidade consiste no desenvolvimento de nossas faculdades.”, por Gustave Le Bon (As Opiniões e as Crenças):

O poder de transformação social atribuído hoje à razão facilmente se explica. Sendo consideráveis os progressos que ela tem realizado nas ciências, tornou-se natural supor que métodos suscetíveis de produzir tais resultados podiam transformar as sociedades e criar a felicidade universal. (p.67)

por Jules Renard: “Quando penso em todos os livros que ainda posso ler, tenho a certeza de ainda ser feliz.”, por Bertrand Russell (A Conquista da Felicidade), se referindo ao ser humano:

Toda a paixão é para ele uma forma de intoxicação, [...]. Quando não há tal doença, a felicidade provém da plena posse das suas faculdades. É nos momentos em que o espírito está mais activo, em que menos coisas são esquecidas que se sentem alegrias mais intensas. Esta é, sem dúvida, uma das melhores pedras de toque da felicidade. A felicidade que exige intoxicação de não importa que espécie é falsa e não dá qualquer satisfação. A felicidade que satisfaz verdadeiramente é acompanhada pelo completo exercício das nossas faculdades e pela compreensão plena do mundo em que vivemos.

por Edgar Allan Poe: “Não é na ciência que está a felicidade, mas na aquisição da ciência.”, por Aldous Huxley (*Con los Esclavos en la Noria*): “A felicidade consiste em um ato do intelecto, primordial e substancialmente, antes que em um ato da vontade.”, por Sofocles (Sinlogismos): “O saber é a parte mais considerável da felicidade.” e por S. Ceccato (*Ingegneria della Felicità*): “A tarefa de ser feliz pode ser desempenhada. Estuda.”

Em contraste, encontramos também a felicidade representada pelo não-conhecimento, pela ignorância de certas informações e realidades, como em Anatole France (A Vida

²² Isto é o significado de eudaimonia, a palavra grega para felicidade.

Literária): “A vida nos ensina que não podemos ser felizes senão ao preço de certa ignorância.”, e “A ignorância é a condição necessária da felicidade dos homens, e é preciso reconhecer que as mais das vezes a satisfazem bem.” (Os deuses têm sede), em Honoré de Balzac (Eugenia Grandel): “Terrível condição do homem! não há uma de suas felicidades que não provenha de uma ignorância qualquer.”, em Gustavo Flaubert (*Lettre à une amie*): “Três condições requer a felicidade: ser imbecil, ser egoísta e gozar de boa saúde.” e em Alexandre O'Neill (Uma Coisa em Forma de Assim):

Como pode ser-se idiota e, ao mesmo tempo, feliz, pergunta-me um leitor? Pois explico já. A idiotia e a felicidade são idéias muito vagas, difíceis de cingir em conceitos de circulação universal, digamos. Mas, pensando melhor, acho que certa idiotia é susceptível de conferir ao idiota ser proprietário (ou ser prisioneiro) de uma espécie de segurança em si próprio que o levará, em determinados momentos, julgo eu, a uma beatitude muito próxima do que se pode chamar estado de felicidade. Assim sendo, não vejo incompatibilidade entre o ser-se idiota e o ser-se feliz.

Na categoria referente ao bem-estar físico e mental, por sua vez, a alimentação – enquanto exemplo das atividades de manutenção propostas por Csikszentmihalyi -, é uma atividade que pode envolver o sentimento de felicidade, como representado por Jean-Jacques Rousseau: “Felicidade: uma boa conta bancária, uma boa cozinha e uma boa digestão.”

E o contato social, na categoria referente a valores sociais – enquanto um exemplo das atividades de lazer propostas por Csikszentmihalyi - também é uma atividade geralmente relacionada com a felicidade, como representado por Platão (A República, p.100) quando expressa a idéia de felicidade no âmbito social, a felicidade da coletividade, condicionando-a à perfeita organização da cidade:

[...] nem de resto tínhamos fundado a cidade com o fito de que esta raça, apenas, fosse especialmente feliz, mas que o fosse, tanto quanto possível, a cidade inteira. Supúnhamos na verdade, que seria numa cidade desta espécie que se encontraria mais a justiça, e na mais mal organizada que, inversamente, se acharia a injustiça: observando-as, determinaríamos o que há muito estamos a procurar. Ora, presentemente estamos a modelar, segundo cremos, a cidade feliz, não tomando à parte um pequeno número, para os elevar a este estado, mas a cidade inteira [...]. Deste modo, quando toda a cidade tiver aumentado e for bem administrada, consentir a cada classe que participe da felicidade conforme a sua natureza.

Pensamento semelhante é exposto por Aristóteles (Ética a Nicômaco, p.30), para quem a felicidade pode ser compartilhada por muitas pessoas, pois a virtude, da qual depende a felicidade, pode ser aprendida por todos, como em: “[...] a felicidade também deve ser partilhada por grande número de pessoas, pois quem quer que não esteja mutilado em sua capacidade para a virtude pode conquistá-la por meio de um certo tipo de estudo e de esforço.” e em:

De outro modo, tirando a felicidade dos guerreiros, Sócrates pretende que o legislador deve fazer a felicidade do Estado inteiro. Ora, não é possível que todo o Estado seja feliz, se todos os cidadãos, se a maioria deles, se até poucos não gozam a felicidade. Pois não sucede com a felicidade o que se passa com os algarismos que constituem um número par: uma soma pode dar um número par, e nenhuma de suas partes precisa sê-lo. Contudo, no caso da felicidade isso não é possível. (A Política, p.48).

Encontramos também a possibilidade de se encontrar a felicidade através da convivência social em Marco Túlio Cícero (*Loelius Seu De Amititia*):

Pois nada existe que procure mais seus semelhantes e que mais força tenha para atraí-los do que a natureza. Assim, é a meu ver constante, Fannius e Scévola, que entre as pessoas de bem existe necessariamente a afeição, e que lá está o princípio da amizade indicado pela natureza. Porém esta mesma afeição se estende a todos os homens; porque não é inhumana a virtude, nem exclusiva, nem desdenhosa; de todos cuida, pois vemo-la defender a povos inteiros, velar pela sua felicidade. (p.13),

em Baruch Spinoza (Tratado da Correção do Intelecto):

Este é, portanto, o fim ao qual tendo: adquirir uma natureza assim e esforçar-me por que muitos a adquiram comigo; isto é, pertence também à minha felicidade fazer com que muitos outros entendam o mesmo que eu, a fim de que o intelecto deles e seu apetite convenham totalmente com o meu intelecto e o meu apetite. (p.6-7),

em Jean-Jacques Rousseau (Discurso Sobre a Origem da Desigualdade Entre os Homens):

Eu quisera nascer num país em que o soberano e o povo só pudessem ter um único e mesmo interesse, a fim de que todos os movimentos da máquina tendessem sempre unicamente à felicidade comum; como isso só poderia ser feito se o povo e o soberano fossem a mesma pessoa, resulta que eu quisera nascer sob um governo democrático, sabiamente moderado. (p.4)

em Jeremy Bentham (Táticas Políticas): “Trabalhando para nossa própria felicidade buscamos a maior felicidade do maior número.”, em Johann Wolfgang von Goethe (Poesia e Verdade): “A humanidade em conjunto é o homem verdadeiro e o indivíduo não pode ser feliz senão quando tem o valor de sentir-se no todo.” e “Ninguém pode ser feliz só, senão que deve buscar em sua felicidade a felicidade dos demais.” (*El Gran Copto*), em Ludwig van Beethoven (Carta a Franz Liszt): “Fazer felizes a muitos outros homens, não há nada melhor nem mais belo.”, em George Gordon Byron (*Marino Falieri*): “Só temos alegrias se as repartirmos: a felicidade nasceu gêmea.”, em Augusto Comte (*Pensamientos y sentencias de Comte*): “Viver para outro não é somente a lei do dever, é também a lei da felicidade.”, em Honoré de Balzac (O Lírio no Vale): “A felicidade dos demais se converte na alegria dos que não podem ser já felizes.”, em Abraham Lincoln (*Biografia de Lincoln*, Emil Ludwig): “Houvera podido ser feliz se não me angustiava a idéia de ser causa da infelicidade de outro ser humano; não posso ser feliz enquanto outro não o seja.”, em Henri Frédéric Amiel (Diário Íntimo): “Recorda e verás que ao fazer felizes aos outros é maior a felicidade para ti mesmo.”,

em Leon Tolstói (*Ana Karenina*): “Não há mais que uma maneira de ser feliz: viver para os demais.”, em Sigmund Freud (*O Mal-estar na Civilização*):

No processo de desenvolvimento do indivíduo, o programa do princípio do prazer, que consiste em encontrar a satisfação da felicidade, é mantido como objetivo principal. A integração numa comunidade humana, ou a adaptação a ela, aparece como uma condição dificilmente evitável, que tem de ser preenchida antes que esse objetivo de felicidade possa ser alcançado.

em Albert Camus (*A Peste*): “Não é nenhuma vergonha ser-se feliz; vergonhoso é ser feliz sozinho.” e em Anne Frank (*Diário*): “Quem for feliz quererá tornar os outros felizes também.”

Por outro lado, observamos em Sigmund Freud (*O Mal-estar na Civilização*) a possibilidade de felicidade dependendo de um certo afastamento do convívio social e de suas exigências: “Descobriu-se que uma pessoa se torna neurótica porque não pode tolerar a frustração que a sociedade lhe impõe, a serviço de seus ideais culturais, inferindo-se disso que a abolição ou redução dessas exigências resultaria num retorno a possibilidades de felicidade.”

Frente aos acontecimentos, as reações que as pessoas apresentam dependem da proporção de suas emoções prazerosas e desprazerosas em relação ao tempo em que ocorrem, porque raramente essas emoções são intensas. Assim, quando falam sobre sua felicidade as pessoas dão relevância à avaliação da quantidade de tempo em que experimentam os afetos, prazerosos ou não. (Diener e Lucas, 2000) Além disso, o bem-estar subjetivo não é resultado de um julgamento momentâneo, baseado em influências passageiras, mas um fenômeno relativamente global e estável. (Pavot, Diener, Colvin e Sandvik, 1991)

Nesse sentido, na categoria de sentido geral, Aristóteles (*Ética a Nicômaco*) aborda a felicidade do ponto de vista de sua duração no tempo, a felicidade em longo prazo, durável:

[...] o bem do homem vem a ser a atividade da alma em consonância com a virtude e, se há mais de uma virtude, em consonância com a melhor e mais completa entre elas. Mas é preciso acrescentar “em uma vida inteira”, pois uma andorinha não faz verão, nem um dia tampouco; e da mesma forma um só dia, ou um curto espaço de tempo, não faz um homem feliz e venturoso. (p.27); [...] para a felicidade é preciso não apenas virtude completa, mas também uma vida completa, visto que muitas mudanças e vicissitudes de toda sorte ocorrem no decorrer da vida, e o mais próximo pode ser vítima de grandes infortúnios na velhice, e a ninguém ocorreria dizer que é feliz aquele que experimentou tais vicissitudes e terminou tão miseravelmente. (p.32); e [...] porque a felicidade para nós é algo de permanente e não facilmente sujeito a mudanças, enquanto cada indivíduo pode sofrer muitas voltas da roda da fortuna. É evidente que, se fossemos seguir o passo de duas vicissitudes, deveríamos chamar o mesmo homem ora de feliz, ora de infeliz, fazendo dele uma espécie de camaleão. (p.33)

Afirmção semelhante aparece em Jean-Jacques Rousseau (Discurso Sobre a Origem da Desigualdade Entre os Homens):

Possa durar sempre, para a felicidade dos seus cidadãos e o exemplo dos povos, uma república tão sabiamente e com tanta felicidade constituída! Cabe-vos, doravante, não fazer a vossa felicidade, porque vossos ancestrais vos evitaram esse trabalho, mas torná-la durável pela sabedoria de bem aproveitá-la. (p.6)

Em contrapartida, encontramos também a opinião oposta, daqueles que afirmam ser a felicidade breve e fugaz, como Eurípedes (*As Suplicantes*): “Ninguém é feliz toda sua vida.”, como Friedrich Wilhelm Nietzsche (*Assim Falava Zaratustra*, p.148): “O mínimo, precisamente, o mais tênue, o mais leve, um roçar de lagarto, um sopro, um cht!, um abrir e fechar de olhos, o pouco é o característico da melhor felicidade.”, como Cecília Meireles (*Viagem*): “És precária e veloz. Felicidade,/ Custas a vir, e, quando vens, não te demoras./ Foste tu que ensinaste aos homens que havia tempo,/ e, para te medir, se inventaram as horas.” e como Gesualdo Bufalino (*Il Malpensante*): “Às vezes acontece sentirmo-nos felizes por um minuto. Não se deixem levar pelo pânico: é uma questão de segundos e depois passa.”

Encontramos em Diener, Suh e Oishi (1997) que, além das respostas emocionais das pessoas, o bem-estar subjetivo inclui os domínios de satisfação e os julgamentos globais de satisfação de vida. Na ‘satisfação’, além dos afetos positivo e negativo, pode-se distinguir o nível de avaliação global da própria vida do nível de avaliação específica de diferentes domínios da vida. Com relação a esse tema, na categoria de sentido específico, Alexander Pope (*Ensaio sobre o Homem*) nos apresenta uma noção de felicidade frente à satisfação com a totalidade da vida: “Oh, felicidade! Fim e algo do nosso ser!/ Bem, prazer, bem-estar, satisfação! Qualquer que seja teu nome/ Aquele algo que leva ao suspiro eterno,/ Que nos faz suportar a vida e ousar a morte.”, assim como Immanuel Kant (*Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, p.32): “O homem sente em si mesmo um forte contrapeso contra todos os mandamentos do dever que a razão representa como tão dignos de respeito: são as suas necessidades e inclinações, cuja intera satisfação compreende-se sob o nome de felicidade.”

No entanto, Sigmund Freud (*O Mal-estar na Civilização*) assevera exatamente o oposto, no sentido da satisfação ser possível apenas em episódios esparsos: “O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica.” E Bertrand Russell atribui à não-satisfação do desejo um papel relevante na felicidade: “Não possuir algumas das coisas que desejamos é parte indispensável da felicidade.”

As causas do bem-estar subjetivo diferem entre as pessoas e podem mudar com o tempo, dependendo dos seus valores, dos seus desejos, do sucesso em atingir seus objetivos e da maneira como utilizam as estratégias compatíveis tanto com suas personalidades quanto com os seus ambientes, assim como dependem também dos dispositivos situacionais (Diener, Suh e Oishi, 1997). Os objetivos podem ser examinados em um nível amplo tal, como os seus valores, em um nível um tanto mais estreito, tal como as suas tarefas de vida, ou em um nível bem mais estreito, tal como os seus interesses atuais (Cantor, Little, Klinger e Emmons *apud* Diener e Lucas, 1999). No tocante às metas e objetivos, Immanuel Kant (Fundamentação da Metafísica dos Costumes, p.46) declara ser a própria felicidade o objetivo a ser alcançado por todos os indivíduos: “Há, no entanto, um fim do qual se pode dizer que todos os seres racionais o perseguem realmente [...]; há um propósito que não só podem ter, mas que podem pressupor com segurança que todos o têm por uma necessidade natural. E esse propósito é a felicidade.”

No âmbito dos valores que tanto influenciam o bem-estar subjetivo, distinguimos entre as categorias referentes aos valores do ego, os valores sociais, os valores terminais e os valores instrumentais. Entre os valores do ego, encontramos o amor próprio, que Immanuel Kant (Crítica da Razão Prática, p.16) concebe como fazendo parte do princípio universal da felicidade própria: “Todos os princípios práticos materiais são, como tais, sem exceção, de uma mesma classe, pertencendo ao princípio universal do amor a si mesmo, ou seja, à felicidade própria.” Quanto à auto-suficiência, encontramos sua representação em Platão (A República, p.60), ao discorrer sobre o homem honesto: “[...] um homem assim se basta perfeitamente a si mesmo para viver feliz e que, diferentemente dos outros, precisa muito pouco de outrem.”, assim como em Aristóteles (Ética a Nicômaco), que classifica a felicidade como auto-suficiente:

Definimos a auto-suficiência como aquilo que, em si mesmo, torna a vida desejável por não ser carente de nada. E é desse modo que entendemos a felicidade; além disso, a consideramos a mais desejável de todas as coisas, e não como um bem entre outros, pois, em caso contrário, é evidente que ela se tornaria mais desejável mediante a adição até do menor bem que fosse, uma vez que dessa adição resultaria um bem maior, e quando se trata de bens, é sempre mais desejável o maior. Assim, a felicidade é algo absoluto e auto-suficiente, e a finalidade da ação. (p.26)

e em Arthur Schopenhauer (Eudemonologia), que declara que a felicidade está reservada aos auto-suficientes: “A felicidade é para os que se bastam a si mesmos; cada qual, em definitivo, está reduzido a si mesmo.”

No que tange à criatividade, Antoine de Saint-Exupéry (Cidadela) nos exorta a buscar a felicidade no prazer de criar:

Atolavam-se na ilusão da felicidade que extraíam dos bens possuídos. Ora a felicidade o que é senão o calor dos actos e o contentamento da criação? Aqueles que deixam de trocar seja o que for deles próprios e recebem de outrem o alimento, nem que fosse o mais bem escolhido e o mais delicado, aqueles que ouvem subtilmente os poemas alheios sem escreverem os poemas próprios, aproveitam-se do oásis sem o vivificarem, consomem cânticos que lhes fornecem, e fazem lembrar os que se apegam as manjedouras no estábulo e, reduzidos ao papel de gado, mostram-se prontos para a escravatura.

Com referência à espontaneidade, Bertrand Russell (A Autoridade e o Indivíduo) a define como necessária para a felicidade:

Os homens que arquitetam reformas administrativas e esquemas de melhoria social são, na maioria, homens graves que não mais são jovens. Demasiado freqüentemente têm esquecido que para a maioria das pessoas não só a espontaneidade, mas certa espécie de orgulho pessoal é necessária para a felicidade. (p.40)

Sobre a probidade, o Marquês de Maricá (Máximas, Pensamentos e Reflexões) a declara como sendo a base da manutenção da felicidade: “A felicidade pela fortuna é de pouca duração; a que provém do trabalho, inteligência, economia e probidade, tem maior extensão e permanência.”

Quanto à quietude, Sigmund Freud (O Mal-estar na Civilização) a evidencia como uma possibilidade de ser feliz: “Contra o sofrimento que pode advir dos relacionamentos humanos, a defesa mais imediata é o isolamento voluntário, o manter-se à distância das outras pessoas. A felicidade passível de ser conseguida através desse método é, como vemos, a felicidade da quietude.”

No que diz respeito à sabedoria, Demócrito (Sobre a Boa Disposição ou Bem-Estar, p.330) a destaca como caminho para a felicidade: “Não é pelo corpo, nem pela riqueza que os homens são felizes, mas pela retidão e muita sabedoria.”, como também Thomas More (Utopia, p.77): “É próprio da sabedoria procurar a felicidade sem violar as leis.”

No tocante à segurança, Bertrand Russell (A Autoridade e o Indivíduo, p.29) chama a atenção para o seu papel com relação à felicidade: “Sugiro que os principais objetivos do governo sejam três: segurança, justiça e conservação. Trata-se de três coisas da maior importância para a felicidade humana, e que só o governo pode proporcionar.”, assim como Theodore Adorno (*Minima Moralia*): “Com a felicidade acontece o mesmo que com a verdade: não se possui, mas está-se nela. Sim, a felicidade não é mais do que o estar envolvido, reflexo da segurança do seio materno.” Por outro lado, Sigmund Freud (O Mal-estar na Civilização) nos alerta para o fato de nunca estarmos seguros de que alcançaremos a

felicidade: “Existem, como dissemos, muitos caminhos que podem levar à felicidade passível de ser atingida pelos homens, mas nenhum que o faça com toda segurança.”

No que se refere à sensibilidade, Sébastien-Roch Nicolas de Chamfort (Máximas e Pensamentos) sugere a contradição ou o absurdo em não pensá-la como fator de felicidade: “Quando se afirma que as pessoas menos sensíveis são, afinal de contas, as mais felizes, ocorre-me o provérbio hindu: estar sentado é melhor do que estar em pé, deitado melhor do que sentado, e ainda melhor que tudo isso é estar morto.”

A respeito do talento, é visto por Johann Wolfgang von Goethe (*Wühelm Meister*) como o fundamento da felicidade: “Aquele que nasceu com talento para uma coisa, encontra nela a felicidade da vida.”

E referente à tranqüilidade, Marco Túlio Cícero (*Loelius Seu De Amititia*, p.21) propõe ser indispensável para a felicidade: “É, digo, numa tal sociedade que se encontram todos os bens desejáveis, a honestidade, a glória, a tranqüilidade e a alegria da alma, todos os bens, em uma palavra, que tornam a vida feliz, e sem a qual ela não poderia sê-lo.”, da mesma forma que Bertrand Russell: “Uma vida feliz deve ser em grande parte uma vida tranqüila, pois só numa atmosfera calma pode existir o verdadeiro prazer.” e que Gilberto Amado (A Chave de Salomão): "Felicidade é sinônimo de tranqüilidade. Ser feliz é ser tranqüilo."

Entre os valores sociais, encontramos a amizade, que Jean-Jacques Rousseau (Discurso Sobre a Origem da Desigualdade Entre os Homens) afirma ser fator de felicidade:

E, se a Providência a isso tivesse acrescentado ainda uma situação encantadora, um clima temperado, um país fértil e o aspecto mais delicioso que há sob o céu, eu não teria desejado, para cumular a minha felicidade, senão gozar de todos esses bens no seio dessa pátria feliz, vivendo pacificamente em uma doce sociedade com os meus concidadãos, exercendo para com eles, a seu exemplo, a humanidade, a amizade e todas as virtudes, e deixando, depois da minha morte, a memória de um homem de bem e de um honesto e virtuoso patriota. (p.4-5)

A beleza ou atratividade física exerce um intenso efeito no bem-estar subjetivo, principalmente em mulheres jovens (Agnew, 1984 *apud* Giacomoni, 2002). Nesse sentido, em Aristóteles a beleza aparece como finalidade da virtude que produz felicidade:

A felicidade consiste em ações perfeitamente conformes à virtude, e entendemos por virtude não a virtude relativa, mas a virtude absoluta. Entendemos por virtude relativa a que diz respeito às coisas necessárias e por virtude absoluta a que tem por finalidade a beleza e a honestidade.

Segundo a Condessa de Blessington a felicidade é que mantém a beleza: “Não há cosmético mais eficiente para manter a beleza feminina do que a felicidade.” e para Sigmund Freud (O Mal-estar na Civilização)

[...] a felicidade na vida é predominantemente buscada na fruição da beleza, onde quer que esta se apresente a nossos sentidos e a nosso julgamento — a beleza das formas e a dos gestos humanos, a dos objetos naturais e das paisagens e a das criações artísticas e mesmo científicas. A atitude estética em relação ao objetivo da vida oferece muito pouca proteção contra a ameaça do sofrimento, embora possa compensá-lo bastante.

Por outro lado, Stendhal (Do Amor) entende a beleza como não sendo, ainda, a felicidade: “A beleza é apenas a promessa da felicidade.” e Simone de Beauvoir (A Força da Idade) revela que é mais fácil ser feliz do que belo: “A beleza ainda é mais difícil de contar do que a felicidade.”

Com relação à boa conduta, Aristóteles (Ética a Nicômaco, p.29) propõe ser a felicidade reguladora das boas ações: “[...] o homem feliz vive bem e age bem, visto que definimos a felicidade como uma espécie de boa vida e boa ação.” e “Se as atividades são, como dissemos, o que dá caráter à vida, nenhum homem feliz pode tornar-se desgraçado, porque ele jamais praticará atos odiosos ou ignóbeis.” (p.34) O mesmo pensamento encontramos em Lúcio Aneu Sêneca (Cartas a Lucílio):

Meu bem-amado Lucílio, conjuro-te a tomar o único partido que pode garantir a felicidade. Dispensa e pisoteia os esplendores de fora, as suas promessas, os seus lucros; volta o olhar para o vero bem; sê feliz mercê do teu próprio cabedal. [...] O ávido desejo do verdadeiro bem não oferece risco algum. [...] é a boa consciência, as intenções virtuosas, as rectas acções, o desprezo pelos eventos fortuitos, o desenvolvimento tranqüilo e regular de uma existência que anda por um só caminho.

E encontramos idéia semelhante em Marco Aurélio (Meditações), para quem a felicidade tem relação com as ações justas:

Vendo então que tudo o resto é herança comum de tais espécies, a única singularidade do homem bom reside na sua aceitação de bom grado de todas as experiências que o Destino lhe teceu, na sua recusa em manchar a divindade que se senta no seu peito, ou perturbá-la com impressões desordenadas, e na sua decisão em mantê-la em serenidade e digna obediência a Deus, não admitindo qualquer deslealdade para com a verdade, nas palavras, e para com a justiça, nos actos. Mesmo que todo o mundo desconfie dele por viver numa felicidade simples e auto-respeitadora, não se ofende com nada, e continua a pisar, sem vacilar, a estrada em direcção ao fim da vida, onde o dever o manda chegar em pureza e em paz, sem relutância em partir, em harmonia perfeita e voluntária com o rateio do destino. (p.45)

Para David Hume (Ensaio Sobre o Entendimento Humano, p.95) a felicidade depende do bom comportamento: “Mas, mesmo conhecendo sua origem, a disposição em si, da qual depende nossa felicidade ou infelicidade, isto é, nosso comportamento na vida, permanece a mesma.”, tanto quanto para Jean-Jacques Rousseau (Correspondência): “Sejamos bons e depois seremos felizes. Ninguém recebe o prêmio sem primeiro fazer por isso.” e para Robert

Green Ingersoll (*Wisdom of Ingersoll*): “A felicidade é o fruto de nobres e boas ações, não é o presente de nenhum deus; deve ser merecida e conquistada.”

No âmbito da boa vontade, para Immanuel Kant (*Fundamentação da Metafísica dos Costumes*) a felicidade depende dela, principalmente para nossa fortuna não se transforme em soberba:

O poder, a riqueza, a honra, mesmo a saúde, e todo o bem-estar e contentamento com a sua sorte, sob o nome de felicidade, conferem ânimo que muitas vezes, por isso mesmo, desanda em soberba caso não exista também a boa vontade que corrija a sua influência sobre a alma e, ao mesmo tempo, o princípio complexo da ação. [...] parecendo assim constituir a boa vontade a condição indispensável do fato mesmo de sermos dignos de felicidade. (p.21)

E “Essa vontade [boa] na verdade não será todo o bem, nem o único bem; contudo terá de ser o bem supremo e a condição de todo o resto, mesmo de toda a aspiração à felicidade.” (p.24)

Relativa a liberdade como condição para a felicidade, encontramos a opinião de Tucídides (*A Guerra do Peloponeso*): “Ponham a felicidade na liberdade e a liberdade na bravura.”, de Tácito (*História*): “Rara felicidade deste tempo, onde é permitido pensar o que se quiser e dizer o que se pensa.”, Sigmund Freud (*O Mal-estar na Civilização*):

O impulso de liberdade, portanto, é dirigido contra formas e exigências específicas da civilização ou contra a civilização em geral. Não parece que qualquer influência possa induzir o homem a transformar sua natureza na de uma térmita. Indubitavelmente, ele sempre defenderá sua reivindicação à liberdade individual contra a vontade do grupo. Grande parte das lutas da humanidade centralizam-se em torno da tarefa única de encontrar uma acomodação conveniente — isto é, uma acomodação que traga felicidade — entre essa reivindicação do indivíduo e as reivindicações culturais do grupo, e um dos problemas que incide sobre o destino da humanidade é o de saber se tal acomodação pode ser alcançada por meio de alguma forma específica de civilização ou se esse conflito é irreconciliável.

A respeito da moralidade, sua relação com a felicidade é explicitada por Ludwig van Beethoven: “Recomende a os seus filhos moralidade; somente isso, e não dinheiro, poderá fazê-los felizes.” e por George Bernard Shaw: “Procura desenvolver os dotes intelectuais e morais e a felicidade apresentar-se-á.”

Referente a paz, Santo Agostinho (*A Cidade de Deus*) a coloca como condição da felicidade: “Aqui podemos chamar-nos felizes se temos paz, tão pequena como seja possível ter em uma boa vida.” e Émile-Auguste Chartier (*Considerações sobre a Felicidade*) identifica a felicidade com ela : “A felicidade não é fruto da paz, é a própria paz.”

Com relação ao poder, Charles Caleb Colton nos chama a atenção para a falácia de acumula-lo para conseguir felicidade: “A ambição comete, com relação ao poder, o mesmo erro que a ganância em relação à riqueza: começa acumulando-o como um meio de felicidade

e acaba continuando a acumulá-lo como um objetivo.”, o que é semelhante ao pensamento expressado por Friedrich Wilhelm Nietzsche (Assim Falava Zaratustra, p.26) em: “Todos querem abeirar-se do trono; é a sua loucura — como se a felicidade estivesse no trono!” e em “O que é felicidade? – A sensação de que o poder aumenta – de que uma resistência foi superada.” (O Anticristo, p.3), e ao que lembra Bertrand Russell (A Autoridade e o Indivíduo, p.40): “Homens vigorosos têm adorado mais o poder do que a felicidade e a amizade singelas; [...]”

No âmbito de prosperidade, Ésquilo (*Agamêmnon*) a reconhece como necessária para a felicidade: “Só é feliz de fato o homem cuja vida transcorre até o fim serenamente próspera.”, sendo, no entanto, apenas sugerida por David Hume (Ensaio Sobre o Entendimento Humano):

Há numerosos filósofos que, depois de examinarem atentamente todos os fenômenos da natureza, concluem que o Todo, considerado como um sistema, está ordenado com perfeita benevolência em todos os períodos de sua existência; e que no final resultará a máxima felicidade possível para todos os seres criados, sem nenhuma mistura de mal ou de miséria positiva ou absoluta. (p.69)

Pensamento oposto é revelado por Tácito (História), que defende a idéia de que a prosperidade traz perigo para a felicidade, que entendemos sugerir a não-prosperidade como condição para a felicidade: “A prosperidade põe a prova às almas com os agulhões mais agudos, porque as misérias se suportam, porém a felicidade nos põe a perder.”

No que tange a riqueza, Anatole France enfatiza sua relação com a felicidade: “A riqueza é um dos meios para vivermos felizes, mas os homens fizeram dela o único objetivo de vida.” Entretanto, Demócrito (Sobre a Boa Disposição ou Bem-Estar, p.341) enfatiza a idéia de felicidade relacionada com a não-riqueza: “A felicidade não mora em rebanhos nem em ouro.”, como também Horácio (Odes) em: “Não terás razão em chamar feliz àquele que muito possui.” e “Feliz aquele que longe dos negócios,/ Como a antiga raça dos homens,/ Cultiva os campos paternos com seus bois,/ Isento de toda usura.” (*Épodes*), e Epicteto (Manual) em:

E se você gostaria de também vir a possuir estes (elementos) - cargo e riqueza - pode ser que você não venha a alcançar os altos intentos, apenas pelo fato que o seu desejo está fixado nos primeiros e certamente falhará em alcançar aquelas coisas que trazem consigo a liberdade e a felicidade. (p.468-484)

Pensamento na mesma direção podemos conferir em Baruch Spinoza (Tratado da Correção do Intelecto):

De fato, via as comodidades que se adquirem pela honra e pelas riquezas, e que precisava abster-me de procurá-las, se tencionasse empenhar-me seriamente nessa nova pesquisa. Verificava, assim, que se, por acaso, a

suprema felicidade consistisse naquelas coisas, iria privar-me delas; se, porém, nelas não se encontrasse e só a elas me dedicasse, também careceria da mesma felicidade. (p.4)

e em Antoine de Saint-Exupéry (Cidadela):

Embora a experiência me tenha ensinado que se descobrem homens felizes em maior proporção nos desertos, nos mosteiros e no sacrifício do que entre os sedentários dos oásis férteis ou das ilhas ditas afortunadas, nem por isso cometi a asneira de concluir que a qualidade do alimento se opusesse à natureza da felicidade. Acontece simplesmente que, onde os bens são em maior número, oferecem-se aos homens mais possibilidades de se enganarem quanto à natureza das suas alegrias: elas, efectivamente, parecem provir das coisas, quando eles as recebem do sentido que essas coisas assumem em tal império ou em tal morada ou em tal propriedade. Para já, pode acontecer que eles, na abundância, se enganem com maior facilidade e façam circular mais vezes riquezas vãs. Como os homens do deserto ou do mosteiro não possuem nada, sabem muito bem donde lhes vêm as alegrias e é-lhes assim mais fácil salvarem a própria fonte do seu fervor.

Relativo ao sucesso, Aristóteles (Ética a Nicômaco, p. 33-34) afirma trazer mais felicidade: “[...] uma grande e freqüente quantidade de sucesso tornará nossa vida mais feliz, não apenas porque isso, por sua própria natureza, fez aumentar a beleza da vida, mas também porque pode ser usado de maneira nobre e boa; [...]”, o que também é expressado por Bertrand Russell (A Conquista da Felicidade), embora dentro de certos limites:

A raiz do mal reside no facto de se insistir demasiadamente que no êxito da competição está a principal fonte da felicidade. Não nego que o sentimento do triunfo torna a vida mais agradável. [...]. Não nego também que o dinheiro, até um certo limite, é capaz de aumentar a felicidade; para lá desse limite, julgo que não. O que eu afirmo é que o êxito só pode ser um dos vários elementos da felicidade e que é demasiado o preço pelo qual se obtém se a ele se sacrificam todos os outros.

Sobre a vida boa, Platão (A República) a identifica com a felicidade:

Se descobrires uma vida melhor do que governar, para os que devem governar, podes conseguir um Estado bem administrado. Pois só nesse mandarão aqueles que são realmente ricos, não em dinheiro, mas naquilo em que deve abundar quem é feliz – uma vida boa e sensata. (p.216),

como também o Pe. Antonio Vieira (Sermão II - Maria Rosa Mística): “Pedem vida, sem reparar em que a felicidade da vida não está em ser larga, senão em ser boa, [...]”

Quanto à vida plena, Fernando Antônio Nogueira Pessoa (Reflexões Pessoais) a considera idêntica à felicidade: “Em sua essência a vida é monótona. A felicidade consiste pois numa adaptação razoavelmente exacta à monotonia da vida. Tornarmo-nos monótonos é tornarmo-nos iguais à vida; é, em suma, viver plenamente. E viver plenamente é ser feliz.”

No que diz respeito à vida útil, Érico Veríssimo (Olhai os Lírios do Campo) assevera que nos faz sermos felizes: "Felicidade é a certeza de que a nossa vida não está se passando inutilmente.”

Entre os valores terminais, a ação é compatível com a felicidade, segundo Aristóteles: “A felicidade e a saúde são incompatíveis com a ociosidade.”, assim como para Johann Wolfgang von Goethe (Lila): “Há de mover-se o homem em busca de sua felicidade e apressá-la; os deuses favoráveis não podem fazer outra coisa que guiá-lo e bendize-lo.”, para Augusto Comte (Discurso Preliminar Sobre o Espírito Positivo, p.48): “Se, realmente, como não se poderia duvidar, a felicidade resulta sempre de criteriosa atividade, deve ela depender principalmente dos instintos simpáticos, embora nossa organização lhes não conceda ordinariamente preponderante energia.” e para Benjamín Disraeli (*A Biography*): “A ação nem sempre traz felicidade, mas não há felicidade sem ação.”, sendo sugerido também por George Bernard Shaw (*Misalliance*): “O segredo para ser infeliz é ter tempo livre para se preocupar se se é feliz ou não.”

Em relação ao prazer, este pode ser proporcionado pela felicidade, no entender de Sófocles (As Tarquíneas): “A felicidade, ainda que venha tarde, quando alguém se enteira dela, lhe proporciona prazer.”, assim como na opinião de Aristóteles (Ética a Nicômaco):

[...] a felicidade é, portanto, a melhor, a mais nobre e a mais aprazível coisa do mundo, e esses atributos não devem estar separados como na inscrição existente em Delos: ‘das coisas, a mais nobre é a mais justa, e a melhor é a saúde; porém a mais doce é ter o que amamos.’ Todos esses atributos estão presentes nas mais excelentes atividades, e entre essas - a melhor -, nós a identificamos como felicidade. (p.30) e Se certos prazeres são maus, isso não impede que o sumo bem seja algum prazer, da mesma forma que o sumo bem pode ser uma espécie de conhecimento, embora certas espécies de conhecimentos sejam más. Talvez seja até necessário, se a cada disposição pode corresponder uma atividade desimpedida, que, sendo a felicidade a atividade sem obstáculos de todas as nossas disposições ou de algumas delas, seja essa disposição a coisa mais digne de nossa escolha; e essa atividade é o prazer. (p.167)

O mesmo raciocínio encontramos em Epicuro (Carta a Meneceu), em cuja filosofia felicidade e prazer estão inelutavelmente imbricados:

É por essa razão que afirmamos que o prazer é o início e o fim de uma vida feliz. Com efeito, nós o identificamos como o bem primeiro e inerente ao ser humano, em razão dele praticamos toda escolha e toda recusa, e a ele chegamos escolhendo todo bem de acordo com a distinção entre prazer e dor. (p.37),

Da mesma forma, observamos uma relação estreita entre prazer e felicidade em Thomas More (Utopia, p.75) em: “Mas a primeira e principal questão é saber em que consiste a felicidade do homem. Mas nesse ponto quase todos se inclinam para o prazer, em que pensam consistir, se não toda, pelo menos a maior parte da felicidade.” e em “[...] a felicidade consiste não em qualquer prazer, mas apenas nos prazeres bons e honestos, [...]” (p.76); como também em Immanuel Kant (Crítica da Razão Prática, p.19): “Cada um coloca o seu bem-

estar ou felicidade nisto ou naquilo, de acordo com a sua opinião particular do prazer ou da dor, fazendo as variações desta opinião experimentar diferentes necessidades ao mesmo indivíduo; [...]”, em Gustave Le Bon (*As Opiniões e as Crenças*, p.30): “Qualquer que seja a raça ou o tempo considerado, o objetivo constante da atividade humana foi sempre a pesquisa da felicidade, a qual consiste, em última análise, ainda o repito, em procurar o prazer e evitar a dor.” e em Paul Ambroise Valery (*Miscelânea*): “Homem feliz é aquele que, ao despertar, se reencontra com prazer, e se reconhece como aquele que ele gosta de ser.”

Em Sigmund Freud (*O Mal-estar na Civilização*) a conexão prazer-felicidade também aparece, como ao se referir àquilo que os homens mostram ser o propósito e a intenção de suas vidas:

Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer. Essa empresa apresenta dois aspectos: uma meta positiva e uma meta negativa. Por um lado, visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer; por outro, à experiência de intensos sentimentos de prazer. Em seu sentido mais restrito, a palavra 'felicidade' só se relaciona a esses últimos.

e quando especifica a relação entre felicidade e prazer sexual: “[...] uma das formas através da qual o amor se manifesta — o amor sexual — nos proporcionou nossa mais intensa experiência de uma transbordante sensação de prazer, fornecendo-nos assim um modelo para nossa busca da felicidade.”

Em contraste, apreciamos também uma ligação entre felicidade e o que denominamos não-prazer, como encontrado em Heráclito (*Sobre a Natureza*, *apud* Alberto Magno, p.85): “Heráclito disse que se felicidade estivesse nos prazeres do corpo, diríamos felizes os bois, quando encontram ervilhas para comer.” e em Sidonie Gabrielle Colette (*Vocabulário*): “À força de prazeres a nossa felicidade cai no abismo.”

Na categoria de sentido conotativo, com referência à religiosidade, Santo Agostinho (*As Confissões*) evidencia sua estreita relação com a felicidade:

Senhor, Deus de verdade, acaso te agrada quem conhecer essas coisas [as ciências e as filosofias]? Infeliz do homem que, conhecendo-as todas, te ignora; mas feliz de quem te conhece, embora as ignore! Quanto ao que conhece a ti e a elas, este não é mais bem-aventurado por causa de seu saber, mas só é feliz por ti, se, conhecendo-te, te glorifica como Deus, e te dá graças, e não se desvanecer em seus pensamentos. (p.102-103),

da mesma forma que Santo Tomás de Aquino (*Summa Theologica*): “Ora, o homem tem a felicidade em potência. Logo, pode tornar-se feliz em ato, por meio do anjo que o é atualmente.”, que Miguel de Cervantes Saavedra (*Dom Quixote*): “Feliz de quem recebeu do céu um pedaço de pão e não precisa de agradecer a ninguém além do próprio céu.”, que Pe. Antonio Vieira (*Sermão dos Bons Anos*): “[...] só as felicidades que vêm por mão dos

homens, são inconstantes; mas as que vêm por mão de Deus, são firmes, são permanentes.”, que o Marquês de Maricá (Máximas, Pensamentos e Reflexões): “A felicidade humana será sempre frágil e fugaz enquanto não tiver a sua origem e fundamento no amor e temor de Deus.” e que Baruch Spinoza (Ética):

Ademais, quanto mais se expande a alma nesse amor divino ou felicidade, tanto mais conhece; isto é, maior é o seu poder sobre as paixões e tanto menos é passiva em relação às paixões que são más; em consequência de a alma gozar do amor divino ou felicidade, tem ela o poder de refrear as paixões. (p.406)

Na categoria referente à ordem coletiva, subcategoria referente a vivências interpessoais, a respeito da família, Platão (O Banquete, p.153) demonstra sua relação com a felicidade: “Aqueles cuja fecundidade reside no corpo dirigem-se de preferência às mulheres e assim realizam a sua maneira de amar, acreditando que pela criação de filhos atingem a imortalidade, a celebridade e a felicidade eternas.”, do mesmo modo que Lúcio Aneu Sêneca (*Phoenissae*): “Felizes aqueles a quem a sorte favorável deu tão boas mães!”

Na categoria referente à ordem individual, subcategoria referente à ordem afetiva, encontramos o desejo relacionado à felicidade em Aristóteles (Ética a Nicômaco):

Além disso, o desejo se relaciona com os fins, e a escolha com os meios. Por exemplo, *desejamos* ter saúde, mas *escolhemos* os atos que nos tornarão saudáveis, desejamos ser felizes, e confessamos esse desejo, mas não podemos dizer acertadamente que ‘escolhemos’ ser felizes, pois, em geral, a escolha parece relacionar-se com as coisas que estão ao nosso alcance. (p.61),

tanto quanto em Epicuro (Carta a Meneceu), que os considera fundamentais para uma vida feliz:

[...] dentre os desejos, há os que são naturais e os que são inúteis; dentre os naturais, há uns que são necessários e outros, apenas naturais; dentre os necessários, há alguns que são fundamentais para a felicidade, outros, para o bem-estar corporal, outros, ainda, para a própria vida. E o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo. (p.35),

assim como é insinuado em Jean-Jacques Rousseau (Carta ao Sr. De Malesherbes): “A espécie de felicidade de que preciso não é tanto a de fazer o que quero, mas a de não fazer o que não quero.”, em Immanuel Kant (Crítica da Razão Prática, p.19): “O princípio da felicidade própria, seja qual for o uso que nele se faça da inteligência e da razão, não pode conter outros princípios de determinação para a vontade além dos próprios à faculdade inferior de desejar, [...]” e “Mas infelizmente o conceito de felicidade é tão indeterminado que, ainda que todo homem a queira alcançar, jamais ele pode dizer ao certo, e de acordo

consigo mesmo o que propriamente deseja e quer.” (Fundamentação da Metafísica dos Costumes, p.48) e em Émile-Auguste Chartier (Considerações sobre a Felicidade): “O homem não é feliz senão por querer e inventar.”

Ao contrário, vemos que a felicidade também é vinculada à supressão do desejo, à sua limitação, ou ao não-desejo, como para Lúcio Aneu Sêneca (Da vida bem-aventuada): “O homem feliz é aquele que graças à razão nada tem nem deseja nada.”, para John Stuart Mill (Autobiografia): “Aprendi a procurar a felicidade limitando os desejos, em vez de tentar satisfazê-los.” e para Bertrand Russell (A Conquista da Felicidade):

O homem que adquire facilmente as coisas pelas quais sente apenas um desejo moderado, conclui que a realização do desejo não dá felicidade. Se tem disposição para a filosofia, conclui que a vida humana é essencialmente desprezível, pois o homem que tem tudo o que precisa ainda assim é infeliz. Esquece-se de que privar-se de algumas coisas que precisa é parte indispensável da felicidade.

Na *Self-Discrepancy Theory*, Carver, Sutton e Scheier (2000) sustentam que as pessoas relacionam suas percepções de seus eus reais a diversos *self*-guias, que podem ser de dois tipos: 1) os ideais - qualidades que a pessoa deseja incorporar - aspirações, esperanças, desejos positivos para o *self*, algo que é intrinsecamente desejado; e 2) os deveres - definidos por um sentido de obrigação, de responsabilidade - o que alguém sente compelido a ser mais do que deseja intrinsecamente ser; os deveres parecem ter uma qualidade de duplo motivo, assemelhando-se a uma tentativa de evitar um valor indesejado por aproximar-se de um valor desejado.

Assim, na categoria referente aos valores instrumentais, no tocante ao dever, sua relação com a felicidade é expressa em Immanuel Kant (Crítica da Razão Prática):

Pode até resultar em dever, sob certos aspectos, cuidar da própria felicidade; é que ela contém, em parte (já que a ela pertencem a habilidade, a saúde e a riqueza), meios para o cumprimento do dever e, em parte, porque a carência da mesma (por exemplo, a pobreza) encerra tentações de infligir o dever. (p.65) e Garantir cada qual a sua própria felicidade é um dever (pelo menos indireto), pois, na ausência de contentamento com a sua própria situação, aquele que é molestado por muitos cuidados sem ter satisfeitas as suas necessidades poderia facilmente ser uma vítima da tentação de infringir seus deveres.” (Fundamentação da Metafísica dos Costumes, p.26)

Também Robert-Louis Stevenson (*Virginibus Puerisque*) estabelece a ligação entre dever e felicidade: “Não há dever que subestimemos mais do que o dever de ser feliz”, assim como Jorge Luís Borges: “O dever de todas as coisas é ser uma felicidade.” e Louis Pauwels (Carta Aberta às Pessoas Felizes):

É difícil ser feliz; requer espírito, energia, atenção, renúncia e uma espécie de cortesia que é bem próxima do amor. Às vezes é uma graça ser feliz. Mas pode ser, sem a graça, um dever. Um homem digno desse nome agarra-se à

felicidade, como se amarra ao mastro em mau tempo, para se conservar a si mesmo e aos que ama. Ser feliz é um dever. É uma generosidade.

Na categoria de sentido cognitivo, referente aos interesses atuais, Bertrand Russell (*A Conquista da Felicidade*) destaca a importância de uma vida repleta de interesses diversos:

Quanto mais objectos de interesse um homem tem, mais ocasiões tem também de ser feliz e menos está á mercê do destino, pois se perder um pode recorrer a outro. A vida é demasiado curta para nos permitir interessar-nos por todas as coisas, mas é bom que nos interessemos por tantas quantas forem necessárias para preencher os nossos dias.

Tanto Csikszentmihalyi (1999) como Diener, Suh, Oishi (1997) indicam que a qualidade de vida e o bem-estar subjetivo de uma pessoa também dependem do uso pleno da sua capacidade intelectual, ou o seu potencial, para atingir objetivos e satisfazer suas necessidades. Nessa perspectiva, também na categoria de sentido cognitivo, com relação à capacidade intelectual, Aristóteles (*Ética a Nicômaco*, p.142) explicita sua relação com a felicidade: “É assim que a sabedoria filosófica produz felicidade, pois sendo ela uma parte da virtude inteira, torna o homem feliz por estar na sua posse e de atualizar-se.”, assim como Virgílio (*Geórgicas*) a sugere: “Feliz aquele que conseguiu compreender as causas dos fenômenos.” e Epicuro (*Carta a Meneceu*) a afirma:

[...] será que pode existir alguém mais feliz do que o sábio, que tem um juízo reverente acerca dos deuses, que se comporta de modo absolutamente indiferente perante a morte, que bem compreende a finalidade da natureza, que discerne que o bem supremo está nas coisas simples e fáceis de obter, e que o mal supremo ou dura pouco, ou só nos causa sofrimentos leves? (p.47) e A sorte [...] o sábio não crê que ela proporcione aos homens nenhum bem ou nenhum mal que sejam fundamentais para uma vida feliz, mas, sim, que dela pode surgir o início de grandes bens e de grandes males. A seu ver, é preferível ser desafortunado e sábio, a ser afortunado e tolo. (p.49)

Através dos processos de socialização da emoção as mães ensinam a seus filhos como modular os seus estados emocionais e seu comportamento expressivo em conformidade com as normas culturais. A socialização da emoção pode ser afetada tanto pela cultura como pelas diferenças individuais entre mães e filhos, o que pode explicar as diferenças na forma e na quantidade de expressão de afeto. (Malatesta, Grigoryev, Lamb, Albin e Culver, 1986 *apud* Diener e Lucas, 1999) Além disso, Csikszentmihalyi (1999) aponta para a importância das emoções, por serem, a um só tempo, os elementos mais subjetivos da consciência e os conteúdos mais objetivos da mente. Além disso, pela evolução da consciência auto-reflexiva, o ser humano desenvolveu um grande número de sentimentos sutis que aparecem, muitas vezes, separadas de qualquer objeto real e desfrutadas por si mesmas.

A felicidade, definida por Csikszentmihalyi (1999, p.26) como “o protótipo das emoções positivas”, ao lado de outras emoções positivas (como força ou alerta) produzem

“negaentropia psíquica” (ou “entropia negativa”), um estado em que a atenção e a energia psíquica podem fluir livremente para qualquer pensamento ou tarefa em que se escolhe investir. Por outro lado, as emoções negativas (como tristeza, medo, ansiedade ou tédio) produzem “entropia psíquica”, em que a atenção e a energia psíquica são usadas para restaurar uma ordem interior subjetiva.

Na categoria referente à ordem individual, subcategoria referente à ordem afetiva, com relação às emoções negativas, Fernando Antônio Nogueira Pessoa (Mensagem) caracteriza a tristeza como integrando a felicidade: “Triste de quem é feliz!/ Vive porque a vida dura./ Nada na alma lhe diz/ Mais que a lição da raiz/ Ter por vida a sepultura.” E em contrapartida, Friedrich Wilhelm Nietzsche concebe a ausência do medo, o não-medo, como essencial para a felicidade: “A essência da felicidade é não ter medo.”, assim como Eugene O’Neill (Extranho Interlúdio): “Não temer a nossa própria sombra, essa deve ser a felicidade máxima do paraíso.”

Apesar de Csikszentmihalyi (1999) afirmar que a maneira como uma pessoa vive depende, em grande parte, de seu sexo, idade e posição social - pois a casualidade do seu nascimento a coloca numa cultura que determina suas experiências -, estudos como o de Diener, Suh, Oishi (1997) sobre variáveis demográficas (como idade, educação, sexo e etnia) apresentam uma fraca relação com o bem-estar subjetivo. Estudos de felicidade e satisfação têm encontrado um pequeno aumento na felicidade com a idade (Argyle, 1999 *apud* Giacomoni, 2002). Campbell, Converse e Rodgers (1976 *apud* Giacomoni, 2002) sugerem que as pessoas, em geral, reajustam suas metas à medida que envelhecem. E Ryff (1991 *apud* Giacomoni, 2002) relatou que adultos mais velhos possuem uma aproximação maior entre o seu ideal de vida e a sua autopercepção do que os mais jovens e são mais satisfeitas.

No âmbito da idade, Epicuro (Antologia de Textos,) propõe que o envelhecimento é capaz de nos proporcionar felicidade:

Não é ao jovem que se deve considerar feliz e invejável, mas ao ancião que viveu uma bela vida. O jovem na flor da juventude é instável e é arrastado em todas as direções pela fortuna; pelo contrário, o velho ancorou na velhice como em um porto seguro e os bens que antes esperou cheio de ansiedade e de dúvida os possui agora cingidos com firme e agradecida lembrança. (p.20)

assim como Erasmo de Rotterdan (Elogio da Loucura , p.24), embora num tom irônico: “Afirmo, [...], que a felicidade da velhice supera a da meninice. Não se pode negar que a infância é muito feliz; mas, nessa idade, não se tem o prazer de tagarelar, de resmungar por trás de todos, como fazem os velhos, prazer que constitui o principal condimento da vida.”

Os estudos transculturais têm demonstrado que os efeitos da variável classe social são maiores sobre o afeto positivo, principalmente em sociedades altamente estratificadas, onde existe uma má distribuição de renda, sendo a influência da classe social sobre a felicidade resultante de um efeito múltiplo de melhores trabalhos, melhores moradias, relacionamentos e lazer. (Argyle, 1999 *apud* Giacomoni, 2002)

Os estudos transculturais têm demonstrado que os efeitos da variável classe social são maiores sobre o afeto positivo, principalmente em sociedades altamente estratificadas, onde existe uma má distribuição de renda, sendo a influência da classe social sobre a felicidade resultante de um efeito múltiplo de melhores trabalhos, melhores moradias, relacionamentos e lazer. (Argyle, 1999 *apud* Giacomoni, 2002)

Na categoria referente à ordem coletiva, subcategoria referente a vivências sociais, referindo-se à classe social ou ao nível do que é social, Aristóteles (Ética a Nicômaco) destaca a felicidade relacionada com o âmbito da convivência social, em:

Ademais, considera-se que o homem feliz deve ter uma vida agradável. Ora, se ele fosse um solitário a vida lhe seria penosa, pois não é fácil a quem está só estar continuamente em atividade; entretanto, com outros e visando aos outros, isso se torna mais fácil. Portanto, em companhia de outras pessoas, sua atividade será mais contínua e agradável em si mesma, como deve ser para um homem sumamente feliz; [...]. (p.210-211) e “A finalidade do Estado é a felicidade da vida. Todas essas instituições visam a felicidade. A cidade é uma reunião de famílias e pequenos burgos que se associam para desfrutarem juntos uma existência inteiramente feliz e independente. (A Política, p.94)

como também Jean-Jacques Rousseau (Do Contrato Social), que concebe a felicidade do indivíduo dependente da felicidade coletiva, m:

Eis o que forçou, em todos os tempos, os pais das nações a recorrer à intervenção celeste e honrar os deuses por sua própria sabedoria, a fim de que os povos, submetidos às leis do Estado como às da Natureza, e reconhecendo o mesmo poder na formação do homem e na da cidade, obedeçam com liberdade e aceitem docilmente o jugo da felicidade pública. (p.22) e Quanto melhor estiver o Estado constituído, tanto mais os negócios públicos prevalecerão sobre os particulares no espírito dos cidadãos. Chega mesmo a haver muito menor número de negócios privados, porque a soma de felicidade comum fornece maior porção à felicidade de cada indivíduo, de modo que menos lhe resta a procurar em suas ocupações particulares. (p.45)

Quanto à variável renda, tanto em Diener, Suh, Oishi (1997) quanto em Csikszentmihalyi (1999), encontra-se uma fraca relação com a satisfação com a vida, parecendo que a influência entre elas ocorre apenas quando as necessidades físicas estão em jogo. O aumento da riqueza faz pouca diferença para a felicidade, dado que, ultrapassado o limite da pobreza, os recursos acrescentados não aumentam significativamente a probabilidade de uma pessoa ser mais feliz. Entretanto, o efeito da variável renda sobre a

felicidade é maior em países mais pobres. Pessoas que tiveram um aumento expressivo em suas rendas, num curto período de tempo, não apresentaram aumentos significativos em seus níveis de bem-estar subjetivo (Diener, Sandvik, Seidlitz e Diener, 1993 *apud* Giacomoni, 2002), dado que, ao longo do tempo, a pessoa adapta-se ao seu novo nível de renda.

Na categoria de sentido prático, relativo ao dinheiro, Charles Dickens (David Copperfield) apresenta uma relação direta entre a renda e a felicidade: “Renda anual de vinte libras, despesa de dezenove libras, dezenove xelins e seis pence, resultado: felicidade. Renda anual de vinte libras, despesa anual de vinte libras e seis pence, resultado: desespero.”, assim como Jacinto Benavente y Martinez (*La Virtud Sospechosa*): “Essa história de que o dinheiro não dá felicidade é um boato espalhado pelos ricos para que os pobres não tenham muita inveja deles.”, como Edouard Bourdet: “O dinheiro é como as mulheres: se não lhe dermos atenção ele irá fazer a felicidade de outro.” e como Millôr Fernandes (Confúcio Disse): “O dinheiro não dá felicidade. Mas paga tudo o que ela gasta.” Além do dinheiro, no que tange ao recursos materiais, Aristóteles (Ética a Nicômaco, p.30) aponta para sua importância para uma vida feliz: “Porém, como dissemos, a felicidade necessita igualmente dos bens exteriores, pois é impossível, ou pelo menos não é fácil, praticar ações nobres sem os devidos meios.”

Alguns estudos apontam para o fato de que o aumento de renda pode ser percebido como negativo, como de Argyle (1999 *apud* Giacomoni, 2002), onde pessoas que receberam grandes quantidades de dinheiro em um pequeno intervalo de tempo (atletas e ganhadores de loterias) revelaram que as mudanças positivas em sua renda resultaram em muito estresse (ocasionado por mudança de *status* social e de estilo de vida, perda de referencial e de apoio social), eliminando os efeitos positivos da prosperidade. Além disso, Diener, Suh, Lucas e Smith (1999 *apud* Giacomoni, 2002) sugerem que as pessoas que valorizam o dinheiro mais do que outros valores, em geral, são menos satisfeitas com as suas vidas e com os seus padrões.

Referente a não valorização do dinheiro, ou ao não-dinheiro, como única via capaz de produzir felicidade, encontramos outra opinião de Aristóteles (Ética a Nicômaco, p.33): “O sucesso ou o fracasso na vida não depende dos valores da fortuna, mas, como dissemos, a vida humana também deve contar com eles; [...]”, de Arthur Schopenhauer: “O dinheiro é uma felicidade humana abstracta; por isso aquele que já não é capaz de apreciar a verdadeira felicidade humana, dedica-se completamente a ele.” e de Jacinto Benavente y Martinez (*La Virtud Sospechosa*): “O dinheiro não pode fazer com que sejamos felizes; mas é a única coisa que nos compensa do facto de não o sermos.” No mesmo sentido, apreciamos em Thomas More (Utopia, p.496) a sugestão da não-propriedade enquanto possibilidade para uma vida

feliz: “Por isso, estou plenamente convencido de que não pode haver distribuição equitativa e justa das riquezas, nem felicidade perfeita entre os homens, a menos que a propriedade seja abolida.”

A variável casamento é apontada como um forte correlato da felicidade e do bem-estar subjetivo, sendo a satisfação com o casamento um preditor da felicidade e da satisfação global com a vida. Pessoas casadas ou que vivem juntas são, em média, mais felizes e estão em melhores condições de saúde física e mental do que as pessoas que vivem sozinhas, que nunca se casaram e que estão viúvas ou separadas. Por outro lado, o casamento também pode ser fonte de estresse e violência, podendo acarretar fortes efeitos negativos. Segundo Argyle e Furnham (1983 *apud* Giacomoni, 2002), os benefícios do casamento se relacionam com a grande fonte de suporte social, tanto emocional quanto material, que ele representa para a maioria das pessoas.

Na categoria referente a ordem coletiva, referente a vivências interpessoais, sobre o casamento, Sócrates (Vidas dos Filósofos, Diógenes Laércio) declara a possibilidade de vir a proporcionar felicidade: “Em todo o caso, casai-vos. Se vos couber em sorte uma boa esposa, sereis felizes; se vos calhar uma má, tornar-vos-eis filósofos, o que é excelente para os homens.”

Referente ao impacto da variável religião sobre o sentimento de bem-estar, Argyle (1999 *apud* Giacomoni, 2002) coloca, de um lado, o fato da igreja ser uma grande fonte de suporte social para seus membros e promover comportamentos de boa saúde física e, de outro lado, o sentimento de aproximação de Deus; essa relação também prevê apoio social através de crenças na existência, na unidade, em objetivos de vida etc. O benefício da religião é, principalmente, cognitivo, por promover uma estrutura interpretativa na qual a pessoa obtém sentido para suas experiências (Ellison, 1991 *apud* Giacomoni, 2002) e aumentar os sentimentos de eficácia, controle e segurança. (Diener, Suh, Lucas e Smith, 1999, *apud* Giacomoni, 2002)

Na categoria de sentido conotativo, no que se refere à religiosidade, encontramos uma ligação indissolúvel entre felicidade e fé em Santo Agostinho (Retratações): “A vida feliz não consiste em viver conforme a razão pura, senão conforme a Deus, ou seja, conforme a razão ilustrada pela fé.”, em Santo Tomás de Aquino (Compêndio de Teologia, p.77): “A fé constitui um certo antegozo daquele conhecimento que nos fará felizes no futuro.” e em Pe. Antonio Vieira (Sermão dos Bons Anos): “[...] porque se sobre tudo amarmos a Deus, cumprindo perfeitamente sua vontade, sem dúvida se inclinará o Senhor a ouvir e satisfazer os afectos da nossa, perpetuando a sucessão de nossas felicidades na perseverança de sua graça

[...].” Mas encontramos também uma ligação bastante significativa entre felicidade e religiosidade no Marquês de Maricá (Máximas, Pensamentos e Reflexões): “Queremos todos ser felizes; mas cada um de nós define a felicidade a seu modo e diversamente dos outros: é Providência Divina que assim seja para que a felicidade chegue a todos pela variedade e diversidade dos objetos apetecidos e reputados capazes de fazer felizes pela sua posse e fruição.” e em Mário de Andrade (A Lição do Amigo): “Só há um jeito feliz de viver a vida: é ter espírito religioso. Explico melhor: não se trata de ter espírito católico ou budista, trata-se de ter espírito religioso para com a vida, isto é, viver com religião a vida.”

Nos estudos sobre o impacto dos eventos da vida sobre o bem-estar subjetivo, os eventos negativos têm recebido maior atenção devido ao seu impacto potencial ameaçador sobre o bem-estar subjetivo. (Suh, Diener e Fujita, 1996 *apud* Giacomoni, 2002) Quando ocorrem mudanças acentuadas na vida de uma pessoa, que provocam alterações bruscas em seu bem-estar subjetivo, segundo Diener, Suh, Oishi, (1997), em geral, desencadeia-se um processo de adaptação - a pessoa inicialmente reage com intensidade, mas com o tempo habitua-se e tende a retornar ao nível original de bem-estar subjetivo. Mas Csikszentmihalyi (1999, p.29) argumenta que “com o tempo algumas pessoas passam a se considerar felizes, independentemente das condições externas, enquanto outras se acostumam a se sentir menos felizes, não importa o que lhes aconteça”.

Na categoria referente ao bem-estar físico e mental, quanto aos eventos negativos, em relação às suas conseqüências, Fedor Dostoievski (Libreto de Notas) reconhece o sofrimento como condição para a felicidade, em: “O homem deve ganhar sua felicidade mediante o sofrimento; é a lei da terra.”, e “Não é um dom inato a verdadeira felicidade interior; deve adquirir-se a custa de esforços penosos.” (Discurso em Cristiannía), assim como Edgar Allan Poe (O Poder das Palavras): “Para sermos felizes até certo ponto é preciso que tenhamos sofrido até o mesmo ponto.”

Ao contrário, a felicidade é percebida como resultado do não-sofrimento por Eurípedes (Electra): “Entre os mortais somente é feliz aquele que não sofre infortúnios e está contente com sua sorte.”, por Sófocles (Édipo Rei): “Enquanto uma pessoa não deixar esta vida sem conhecer a dor, não se pode dizer que foi feliz.”, por Demócrito (Sobre a Boa Disposição ou Bem-Estar):

[...] quem admira os que possuem e são chamados felizes pelos outros homens e os têm presentes a toda hora em seu pensamento, sempre é forçado a empreender uma nova tarefa e a lançar-se por desejo de algo, na realização de uma ação irremediável que as leis proíbem. Por isso, é preciso não ficar pensando muito naquelas coisas, mas com base nessas, ter ânimo comparando a própria vida com a dos que vivem pior e dar-se por feliz

pensando no que eles sofrem e no quanto é boa a tua condição e a sua vida. (p.343),

por Marco Aurélio (Meditações, p.54), em: “Eis, então, uma regra a recordar no futuro, quando alguma coisa te tentar a sentires-te amargo: não ‘Isto é uma infelicidade’, mas ‘Suportar isto dignamente é uma felicidade’.” e em

Sê como o promontório contra o qual as ondas quebram e voltam a quebrar; mantém-se firme até que, por fim, as águas tumultuosas à sua volta se rendem e vão descansar. ‘Que infeliz sou, o que me havia de acontecer!’ De modo nenhum; diz antes, ‘Que feliz que eu sou em não ter ficado com azedume, mas antes inabalado pelo presente e sem receio do futuro’.,

por Arthur Schopenhauer (Eudemonologia): “O homem mais feliz é o que passa a vida sem grandes dores físicas ou morais e não o que tem maiores e intensas alegrias.”, pelo Marquês de Maricá (Máximas, Pensamentos e Reflexões): “A felicidade consiste em não sofrer: quando não sofremos, gozamos necessariamente.” e por Albert Camus (O Homem Revoltado):

Parece que, por vezes, as grandes almas se sentem menos apavoradas pelo sofrimento do que pelo facto de este não durar. À falta de uma felicidade incansável, um longo sofrimento ao menos constituiria um destino. Mas não; as nossas piores torturas terão um dia de acabar. Certa manhã, após tantos desesperos, uma irreprimível vontade de viver virá anunciar-nos que tudo acabou e que o sofrimento não possui mais sentido do que a felicidade.

Pessoas felizes experimentam os eventos como positivos mais freqüentemente, tendem a interpretar os acontecimentos ambíguos como bons e percebem os acontecimentos ‘neutros’ mais positivamente do que as pessoas com baixo nível de bem-estar subjetivo. (Diener, Suh e Oishi, 1997) E as pessoas tendem a descrever a si mesmas muito mais como felizes do que como infelizes, apesar dos problemas que enfrenta em seu cotidiano. (Csikszentmihalyi, 1999)

No que diz respeito a pessoas felizes, encontramos a felicidade representada enquanto resultante das condições exclusivamente internas do indivíduo, relacionada apenas com as suas características subjetivas, sem depender da influência de nenhum fator externo, em Ludwig van Beethoven (Carta a Wegeler): “Não há para ti felicidade alguma fora de ti mesmo; deves criá-la toda dentro de ti; só no mundo ideal encontrarás alegria.”, em Arthur Schopenhauer (A Arte de Ser Feliz): “Quem foi generosamente dotado pela natureza (aqui a expressão cabe no seu sentido intrínseco) não necessita de mais nada do exterior além do tempo livre para poder usufruir a sua riqueza interior. Se isso lhe bastar, essa pessoa será realmente a mais feliz das criaturas.”, em Marco Aurélio (Meditações, p.36): “Difícilmente encontrarás um homem a quem a indiferença pelas actividades de outra alma traga infelicidade; mas para aqueles que não prestam atenção aos movimentos da sua própria, a

infelicidade é certamente a recompensa.”, Alexandru Vlahuta (Pensamentos): “A sorte é um acaso, a felicidade uma vocação.” e em Albert Camus (A Peste): “Quando procuro o que há de fundamental em mim, é o gosto da felicidade que eu encontro.”

Além disso, Erasmo de Rotterdan (Elogio da Loucura, p.64) declara ser a felicidade absolutamente independente da realidade: “É uma grande extravagância querer fazer consistir a felicidade do homem na realidade das coisas, quando essa realidade depende exclusivamente da opinião que dela se tem. Tudo na vida é tão obscuro, tão diverso, tão oposto, que não podemos certificar-nos de nenhuma verdade.”

Quanto à saúde física, também é uma variável entendida como preditora de bem-estar, visto que as pessoas que se encontram em boas condições físicas são capazes de fazer um número maior de coisas que desejam e são ativas social e fisicamente. (Okun, Stock, Haring e Witter, 1984 *apud* Giacomoni, 2002)

Na categoria referente ao bem-estar físico, em relação à saúde física, Platão (O Banquete, p.120), referindo-se a Eros, lhe atribui a capacidade de proporcionar uma grande felicidade: “Este deus é, dentre todas as divindades, o maior amigo dos homens; presta-lhes grande auxílio e procura servir-lhes de médico na cura de doenças cuja completa extinção importaria na maior de todas as felicidades possíveis.” No mesmo sentido se expressa Santo Anselmo de Cantuária (Monólogo):

O que haveria de grande numa vida longa senão que ela esteja verdadeiramente livre de toda espécie de moléstia? Com efeito, aquele que, enquanto vive, subjaz a moléstias, quer porque as sofre, quer porque as receia, ou é enganado por uma falsa segurança, acaso não vive miseramente? Entretanto, aquele que está livre de tudo isso vive feliz. Mas é completamente absurdo que, amando sempre aquele que é sumamente bom e onipotente, se possa viver sempre miseramente. É evidente, portanto, que a alma humana é de tal natureza que, se perseverar nos objetivos para os quais foi feita, um dia ela haverá de viver felizmente, de verdade: livre da própria morte e de toda outra moléstia. (p.91),

como também Adam Smith (A Riqueza das Nações, p.89, v.1): “Estando o trabalhador em seu estado normal de saúde, vigor e disposição, e no grau normal de sua habilidade e destreza, ele deverá aplicar sempre o mesmo contingente de seu desembaraço, de sua liberdade e de sua felicidade.”, Marquês de Maricá (Máximas, Pensamentos e Reflexões): “A felicidade sensual consiste na saúde, a moral na virtude, a intelectual no estudo da natureza e a religiosa no amor e temor de Deus.” e Arthur Schopenhauer (Aforismos sobre a Sabedoria da Vida): “Em geral, nove décimos da nossa felicidade baseiam-se exclusivamente na saúde. Com ela, tudo se transforma em fonte de prazer.” E para Marcel Proust (O Tempo Redescoberto) a felicidade é que traz a saúde: “A felicidade é salutar para o corpo, mas só a dor enrijece o espírito.”

Na categoria referente ao bem-estar emocional, com referência à saúde mental, Adam Smith (A Riqueza das Nações) vê a felicidade na dependência de uma mente saudável:

O covarde é mais desprezível e digno de comiseração do que o mutilado fisicamente, já que a felicidade e a sordidez, que residem totalmente no espírito, forçosamente dependem mais da condição saudável ou doentia da mente, mais da condição mutilada ou íntegra da mente, do que da do corpo. (p.248)

Tanto Diener, Suh, Oishi (1997) quanto Csikszentmihalyi (1999), observam que a qualidade real da vida de uma pessoa e seu bem-estar subjetivo são determinados, em grande parte, por seus pensamentos e emoções e pelo modo como interpreta o mundo. As pessoas podem abrandar ou intensificar suas emoções em função do que pensam e, assim, experimentar emoções mais ou menos intensas. (Diener, Suh, Oishi, 1997).

Na categoria referente ao bem-estar emocional, a respeito das emoções, Jean-Jacques Rousseau (Discurso Sobre a Origem da Desigualdade Entre os Homens, p.63) mostra a felicidade relacionada mais com o âmbito do sentimento do que com o cognitivo: “Se se responde que eles não têm bastantes luzes para julgar de maneira sã o seu estado e o nosso, replicarei que a estima da felicidade é menos negócio da razão que do sentimento.” No tocante ao pensamento, Anaxágoras (Fragmentos) refere-se à felicidade como uma ilusão: “De todos aqueles que consideramos felizes, não há um que o seja.”, assim como Arthur Schopenhauer (A Arte de Insultar) em:

Existe apenas um único erro inato, que é o de acreditarmos que vivemos para sermos felizes. Toda a satisfação, ou o que em geral se chama de felicidade, é sempre e apenas negativa na sua essência, nunca positiva. Tudo na vida demonstra que a felicidade terrena é destinada a ser reconhecida como malograda ou como uma ilusão.

Também em

O que torna infeliz a primeira metade da vida, que apresenta tantas vantagens em relação à segunda, é a busca da felicidade, com base no firme pressuposto de que esta deva ser encontrável na vida: o resultado são esperanças e insatisfações continuamente frustradas. Visualizamos imagens enganosas de uma felicidade sonhada e indeterminada, entre figuras escolhidas por capricho, e procuramos em vão o seu arquétipo. Na segunda metade da vida, a preocupação com a infelicidade toma o lugar da aspiração sempre insatisfeita à felicidade; no entanto, encontrar um remédio para tal problema é objectivamente possível. De facto, a essa altura já estamos finalmente curados do pressuposto há pouco mencionado e buscamos apenas tranqüilidade e a maior ausência de dor possível, o que pode ocasionar um estado consideravelmente mais satisfatório do que o primeiro, visto que ele deseja algo atingível, e que prevalece sobre as privações que caracterizam a segunda metade da vida. (A Arte de Ser Feliz)

Representação semelhante encontramos em Víctor Hugo (Os Miseráveis): “Uma vez em posse da felicidade, falsa meta da vida, esquecemos a verdadeira, que é o dever.”, Guy de Maupassant (Trastes Velhos): “A felicidade está somente na esperança, na ilusão sem fim.” e

em Sigmund Freud (O Mal-estar na Civilização): “[...]: é que os juízos de valor do homem acompanham diretamente os seus desejos de felicidade, e que, por conseguinte, constituem uma tentativa de apoiar com argumentos as suas ilusões.”

A felicidade tem sido representada, também, de outras maneiras, diferentes das que já foram mencionadas, podendo ser relacionadas com certas adjetivações, como características que ora são encontradas na felicidade, ora são desejáveis para a felicidade, ora dificultam experimentar a felicidade, como:

- na categoria de sentido específico: . frágil, encontramos em Ésquilo: “Triste sorte do ser humano: sua felicidade assemelha-se a um leve esboço; chega a infelicidade, passa a borracha, e o desenho se desfaz.”, em Públio Siro (Sentenças): “A felicidade é como o vidro; tem, como ele, o brilho e a fragilidade.” e em Marguerite Yourcenar: “A felicidade é uma obra-prima: o menor erro falseia-a, a menor hesitação altera-a, a menor falta de delicadeza desfeia-a, a menor palermice embrutece-a.”;

. parcial, encontramos em Horácio (Odes): “Nada é feliz sob todos os aspectos.”;

. superestimada, encontramos em William Shakespeare (*As You Like It*): “Uma vida inteira de felicidade. Nenhum ser vivo suportaria isso: seria o inferno na terra”. e François de La Rochefoucauld (Máximas): “Não se é jamais tão feliz ou tão desgostoso como alguém se imagina.”;

. divulgada, encontramos em Molière (Escola de Mulheres): “Ainda que se goze cem vezes de uma felicidade perfeita, não se está contente se alguém não o sabe.”;

. reparadora, encontramos em Johann Wolfgang von Goethe (Máximas e Reflexões): “A suprema felicidade é aquela que emenda nossas faltas e abrandando nossos defeitos.”;

. exagerada, com relação à felicidade alheia, encontramos em Stendhal (Diário): “É difícil não exagerar a felicidade que não se goza.”;

. presente, encontramos em George Gordon Byron (*Marino Falieri*): “A recordação da felicidade já não é felicidade; a recordação da dor ainda é dor.”, em Arthur Schopenhauer (A Arte de Ser Feliz):

[...] uma filosofia mais séria faz com que justamente a busca do passado seja sempre inútil, e a preocupação com o futuro o seja com freqüência, de modo que somente o presente constitui o cenário da nossa felicidade, mesmo se a qualquer momento se vier a transformar-se em passado e, então, tornar-se tão indiferente como se nunca tivesse existido.,

e em Robert Green Ingersoll (*Wisdom of Ingersoll*): “O tempo de ser feliz é hoje; o lugar, este; o caminho, fazer a felicidade dos demais.”

. oportuna, encontramos em Arthur Schopenhauer: “Quando a felicidade se apresenta devemos abrir-lhe todas as portas porque jamais foi considerada inoportuna.”;

. desperdiçada, encontramos em Joaquim Nabuco (*Pensées Détachées et Souvenirs*):

Numa vida profundamente atormentada seria possível muitas vezes encontrar-se felicidade para várias outras existências. Da felicidade que um homem malbarata, sem lhe suspeitar o valor, outros homens tirariam alegria para toda a vida, assim como as sobras da mesa do rico dariam para sustento de mais de um pobre.;

. cega, encontramos em Paul Ambroise Valery (Pensamentos Maus e Outros): “A felicidade tem os olhos fechados.”;

. natureza, encontramos em André Maurois (Memórias): “A felicidade é uma flor que não se deve colher.”;

. inexistente, encontramos em Cesare Pavese (*Il Mestiere di Vivere*): “Quando se sofre, julga-se que para lá do círculo existe a felicidade; quando não se sofre, sabe-se que a felicidade não existe e sofre-se, então, por não sofrer.”;

- na categoria de sentido geral: . efêmera, encontramos em Honoré de Balzac (*Massimila Doni*): “O gozo da felicidade diminuirá sempre à felicidade mesma.”, em John Stuart Mill (Autobiografia): “Perguntai a vós mesmos se sois felizes e deixareis de sê-lo.”, em André Gide (*El Rey Candaules*): “Há certas formas de felicidade que alguém mata antes que poder partilhá-las.” e em André Gide (Diário): “Passamos três quartos da vida a preparar a felicidade; mas não se deve crer que por isso passamos o último quarto a gozá-la.”;

. ambígua, encontramos em Tácito (Anais): “Os bens e os males não são os que pensa o vulgo; e muitos que parecem mergulhados na adversidade são felizes e outros em meio a opulência são desgraçados.”, em Johann Wolfgang von Goethe (*Werther*): “Está escrito que o que faz feliz ao homem seja também a fonte de sua desventura.”, em Gustavo Flaubert (*Pensées*): “Quem busca a felicidade, não deixa de encontrar castigo.”, em Friedrich Wilhelm Nietzsche (O Anticristo, p.2): “A fórmula de nossa felicidade: um Sim, um Não, uma linha reta, uma *meta*...”, em Anatole France (Tais): “Somente somos felizes no mundo quando nos esquecemos do mundo.”, em Rachel de Queiroz (100 Crônicas Escolhidas):

Para o homem da cidade, ser feliz se traduz em 'ter coisas': ter apartamento, rádio, geladeira, televisão, bicicleta, automóvel. Quanto mais engenhocas mecânicas possuir, mais feliz se presume. Para isso se escraviza, trabalha dia e noite, e se gaba de bem-sucedido. O homem daqui, seu conceito de felicidade é muito mais subjetivo: ser feliz não é ter coisas; ser feliz é ser livre, não precisar de trabalhar. E, mormente, não trabalhar obrigado.,

em Joaquim Nabuco *Pensées Détachées et Souvenirs* “Há máquinas de felicidade dispendiosas, que funcionam com enorme desperdício, e há outras econômicas que, com as

migalhas da sorte, criam alegria para uma existência inteira.”, e em Louis Bromfield: “A felicidade é uma coisa bizarra: as pessoas que jamais a conheceram talvez não sejam realmente infelizes.”;

. esperada, encontramos em Jules Renard (*Journal*): “Se se construísse a casa da felicidade, a maior divisão seria a sala de espera.”;

. inalcançável, encontramos em Vicente de Carvalho (Poemas e Canções): “Essa felicidade que supomos,/ Árvore milagrosa que sonhamos/ Toda arreada de dourados pomos./ Existe, sim: mas nós não a alcançamos,/ Porque está sempre apenas onde a pomos/ E nunca a pomos onde nós estamos.”;

. imaginada, encontramos em Jacinto Benavente y Martinez (*La Virtud Sospechosa*): “É melhor imaginar a felicidade do que possuí-la.”;

. indireta, encontramos em Aldous Huxley (Contraponto): “A felicidade é como o coque: algo que se obtém como um subproduto no processo de fabricar outra coisa.”;

. ignorada, encontramos em Alberto Moravia: “Quanto mais felizes somos, menos damos atenção à felicidade.” e em Vergílio António Ferreira (Pensar): “Por que é que dizes quem me dera ser feliz e não dizes quem me dera ser medíocre? Porque dirias a mesma coisa. E o que provas ao dizê-lo é só que afinal já o eras.”;

. agradável, encontramos em Johann Wolfgang von Goethe (Viajem pela Itália) “A felicidade, grande ou pequena, é sempre de uma espécie e sempre agradável.”;

- na categoria de sentido denotativo: . real, encontramos em Ivan Turgueniev: “A felicidade é como a saúde: se não sentes a falta dela, significa que ela existe.”;

- na categoria de sentido conotativo: . inconsciente, encontramos em Will Durant (Filosofia da Vida): “A felicidade é inconsciente; só nos bafeja quando somos naturais; se nos detemos a analisá-la, desaparece, porque não é natural determos a analisar uma coisa.”; e

- na categoria referente à ordem individual, subcategoria referente à ordem comportamental: . conquistada, encontramos em André Gide (Édipo): “A felicidade não me foi dada; eu a conquistei.”

Verificamos, dessa forma, que diversos temas relativos à felicidade foram utilizados por pensadores diferentes em diferentes épocas históricas em suas representações e, portanto, têm permanecido, ao longo da história, como essenciais ao significado de ser feliz, tais como: as condições subjetivas e as características de personalidade, o amor e a amizade, as diversas virtudes, a alegria, a aquisição e o exercício do conhecimento, o contato social, o amor próprio, o prazer, a família, a consecução do desejo, a religiosidade, o dinheiro e a saúde

física e mental, entre outros, o que nos revela, em termos históricos, a perspectiva da longa duração do conceito de felicidade.

Quando observamos todo o conjunto dos elementos de significação, verificamos que os mais recorrentes são aqueles que representam a felicidade como estando vinculada: aos diversos aspectos da vida social, incluindo as relações familiares, à vivência da virtude, à religiosidade, à aquisição e o exercício do conhecimento, às condições subjetivas características da personalidade e do temperamento da pessoa, à fruição do prazer, à experiência da amizade, ao sentimento de amor, aos diversos níveis de ação, ao não-conhecimento dos aspectos desagradáveis da realidade e ao não-sofrimento físico e mental.

Entretanto, quando observamos os elementos de significação separadamente em cada período histórico distinto, verificamos que os mais recorrentes são os que representam a felicidade como estando relacionada a: na Antiguidade, o acúmulo de conhecimento, as condições subjetivas da pessoa, a convivência social, o cultivo da amizade, a manutenção de uma boa conduta, o exercício da virtude da justiça e a obtenção do prazer; na Idade Média, o exercício da religiosidade e a busca e a vivência de acordo com a verdade; na Idade Moderna, os relacionamentos no convívio social, a vivência da religiosidade, a ação de acordo com a virtude e as relações de amor; e na Idade Contemporânea, a experiência da vida social, a obtenção do conhecimento, o não-conhecimento das condições desfavoráveis da vida, as possibilidades de ação sobre a realidade, as condições subjetivas do indivíduo, o alcance do prazer, o exercício da religiosidade e a vivência do Amor.

Assim, como resultado do diálogo entre o nível dos dados inferidos da análise de conteúdo e o nível teórico dos dados levantados da Psicologia Social a respeito do tema da felicidade, tendo como referência as diferentes épocas históricas, destacamos:

<i>Elemento de significação</i>	<i>Psicologia Social</i>	<i>Categoria / Subcategoria</i>	<i>Época histórica</i>	<i>Autor(es)</i>
Condições subjetivas	Estudos sobre o que as pessoas pensam e como se sentem a respeito de suas vidas de Diener, Suh e Oishi (1997), Csikszentmihalyi (1999) e Pereira (1997)	Referente à ordem individual, subcategoria	Antigüidade	Epicuro, Marco Túlio Cícero, Plutarco, Marco Aurélio
			Idade Média	Severino Boécio
		Referente à ordem afetiva	Idade Moderna	Erasmus de Rotterdã e Immanuel Kant
			Idade Contemporânea	Marquês de Marica, Arthur Schopenhauer, Ludwig van Beethoven, Alexandru Vlahuta e Albert Camus

. As **condições subjetivas** peculiares do indivíduo [fundamentais para a avaliação de sua felicidade], tópico dos estudos sobre o que as pessoas pensam e como se sentem a respeito de suas vidas de Diener, Suh e Oishi (1997), Csikszentmihalyi (1999) e Pereira (1997), por exemplo, encontramos nas representações da felicidade vinculadas à categoria Referente à ordem individual, subcategoria Referente à ordem afetiva, que aparecem [na Antigüidade] em [p.109] Epicuro, Cícero, Plutarco, Marco Aurélio; [na Idade Média] em Boécio; [na Idade Moderna] em [p.110] Erasmo e Kant; [na Idade Contemporânea] no Marquês de Marica, Schopenhauer, Beethoven, Vlahuta e [p.143] Camus.

<i>Elemento de significação</i>	<i>Psicologia Social</i>	<i>Categoria / Subcategoria</i>	<i>Época histórica</i>	<i>Autor(es)</i>
Boa conduta	Estudos das causas do bem-estar subjetivo de Diener, Suh e Oishi (1997) e de Diener e Lucas (1999)	Referente aos valores sociais	Antigüidade	Aristóteles, Lúcio Aneu Sêneca e Marco Aurélio
			Idade Moderna	David Hume e Jean-Jacques Rousseau
			Idade Contemporânea	Robert Green Ingersoll

. a **boa conduta** encontramos nas representações que aparecem [na Antigüidade] em Aristóteles, Sêneca e Marco Aurélio; [na Idade Moderna] em Hume e Rousseau; e [na Idade Contemporânea] em [p.129] Ingersoll;

<i>Elemento de significação</i>	<i>Psicologia Social</i>	<i>Categoria / Subcategoria</i>	<i>Época histórica</i>	<i>Autor(es)</i>
Virtude	Estudos sobre a concepção do bem-estar subjetivo através de critérios externos de Diener (1984)	De representação normativa	Antigüidade Idade Moderna Idade Contemporânea	Aristóteles e Epicuro Nicolau Maquiavel, Baruch Spinoza, Jean-Jacques Rousseau e Immanuel Kant Aldous Huxley e Alexander Pope
. A virtude em geral, tópico relacionado aos estudos sobre a concepção do bem-estar subjetivo através de critérios externos de Diener (1984), por exemplo, encontramos nas representações da felicidade, vinculadas à categoria De representação normativa, que aparecem [na Antigüidade] em Aristóteles e [p.113] Epicuro; [na Idade Moderna] em Maquiavel, Spinoza, Rousseau e Kant; e [na Idade Contemporânea] em Huxley e Pope.				

<i>Elemento de significação</i>	<i>Psicologia Social</i>	<i>Categoria / Subcategoria</i>	<i>Época histórica</i>	<i>Autor(es)</i>
Autopercepção	Estudos sobre o que as pessoas pensam e como se sentem a respeito de suas vidas de Diener, Suh e Oishi (1997), Csikszentmihalyi (1999) e Pereira (1997)	Referente à ordem individual, subcategoria Referente à ordem afetiva	Antigüidade Idade Moderna Idade Contemporânea	Públio Siro Voltaire Fedor Dostoievski, Anatole France e André Gide
. E a autopercepção de felicidade encontramos nas representações da felicidade, também vinculadas à categoria Referente à ordem individual, subcategoria Referente à ordem afetiva, como aparecem [na Antigüidade] em Siro; [na Idade Moderna] em Voltaire; e [na Idade Contemporânea] em Dostoievski, Anatole France e André Gide.				

<i>Elemento de significação</i>	<i>Psicologia Social</i>	<i>Categoria / Subcategoria</i>	<i>Época histórica</i>	<i>Autor(es)</i>
Satisfação nos vários âmbitos da vida - na amizade	Estudos sobre os componentes primários do bem-estar subjetivo de Diener, Suh, Oishi (1997) e Diener, Suh, Lucas e Smith (1999)	Referente à ordem coletiva, subcategoria Referente a vivências interpessoais	Antigüidade	Aristóteles, Epicuro, Menandro e Marco Túlio Cícero
			Idade Moderna	David Hume e Henri Frédéric Amiel
			Idade Contemporânea	Bertrand Russell e L. De Crescenzo
. A satisfação nos vários âmbitos da vida, tópico dos estudos sobre os componentes primários do bem-estar subjetivo de Diener, Suh, Oishi (1997) e Diener, Suh, Lucas e Smith (1999), por exemplo, encontramos nas representações vinculadas à categoria Referente à ordem coletiva, subcategoria Referente a vivências interpessoais, que aparecem, no âmbito da amizade , [na Antigüidade] em Aristóteles, Epicuro, Menandro e Cícero; [na Idade Moderna] em Hume e Amiel; e [na Idade Contemporânea] em De Crescenzo.				
<i>Elemento de significação</i>	<i>Psicologia Social</i>	<i>Categoria / Subcategoria</i>	<i>Época histórica</i>	<i>Autor(es)</i>
Trabalho	Estudos sobre a escolha das atividades nas quais a pessoa investe o seu tempo de Csikszentmihalyi (1999)	De representação realística	Antigüidade	Aristóteles
			Idade Moderna	Thomas Jefferson
			Idade Contemporânea	Charles Caleb Colton
. O trabalho , tópico dos estudos sobre a escolha das atividades nas quais a pessoa investe o seu tempo [entre atividades produtivas, de manutenção e de lazer] de Csikszentmihalyi (1999), por exemplo, encontramos nas representações vinculadas a categoria De representação realística, que aparecem [na Antigüidade] em [p.119] Aristóteles; [na Idade Moderna] em Jefferson; e [na Idade Contemporânea] em Colton.				

<i>Elemento de significação</i>	<i>Psicologia Social</i>	<i>Categoria / Subcategoria</i>	<i>Época histórica</i>	<i>Autor(es)</i>
Ação	Estudos das causas do bem-estar subjetivo de Diener, Suh e Oishi (1997) e de Diener e Lucas (1999)	Referente aos valores terminais	Antigüidade	Aristóteles
			Idade Moderna	Johann Wolfgang von Goethe
			Idade Contemporânea	Augusto Comte, Benjamín Disraeli e George Bernard Shaw
. Vinculadas à categoria Referente aos valores terminais, [conforme descritos por Rockeach (1968, 1973)] a ação encontramos nas representações que aparecem [na Antigüidade] em [p. 132] Aristóteles; [na Idade Moderna] em Goethe; e [na Idade Contemporânea] em Comte, Disraeli e Bernard Shaw;				

<i>Elemento de significação</i>	<i>Psicologia Social</i>	<i>Categoria / Subcategoria</i>	<i>Época histórica</i>	<i>Autor(es)</i>
Conhecimento	Estudos sobre a escolha das atividades nas quais a pessoa investe o seu tempo de Csikszentmihalyi (1999)	De sentido cognitivo	Antigüidade	Thales, Platão, Aristóteles, Epicuro e Marco Aurélio
			Idade Média	Santo Tomás de Aquino
			Idade Contemporânea	Madane de Staël, Gustave Le Bon, Jules Renard, Bertrand Russell, Edgar Allan Poe, Aldous Huxley, Sofocleto e S. Ceccato
. O conhecimento , como resultado da atividade produtiva de estudo, encontramos nas representações vinculadas à categoria De sentido cognitivo, que aparecem [na Antigüidade] em Thales, Platão, Aristóteles, [p.120] Epicuro e Marco Aurélio; [na Idade Média] em Santo Tomás de Aquino; e [na Idade Contemporânea] em Madane de Staël, Le Bon, Renard, Russell, Allan Poe, Huxley, Sofocleto e Ceccato.				

<i>Elemento de significação</i>	<i>Psicologia Social</i>	<i>Categoria / Subcategoria</i>	<i>Época histórica</i>	<i>Autor(es)</i>
Social	Estudos sobre a escolha das atividades nas quais a pessoa investe o seu tempo de Csikszentmihalyi (1999)	Referente a valores sociais	Antigüidade	Platão, Aristóteles e Marco Túlio Cícero
			Idade Moderna	Baruch Spinoza, Jean-Jacques Rousseau, Jeremy Benthan e Johann Wolfgang von Goethe
			Idade Contemporânea	Ludwig van Beethoven, George Gordon Byron, Augusto Comte, Honoré de Balzac, Abraham Lincoln, Henri Frédéric Amiel, Leon Tolstói, Sigmund Freud, Albert Camus e Anne Frank
. O contato social , enquanto relacionado com atividades de lazer, encontramos nas representações vinculadas à categoria Referente a valores sociais, como aparecem [na Antigüidade] em Platão, Aristóteles e Cícero; [na Idade Moderna] em Spinoza, Rousseau, Benthan e Goethe; e [na Idade Contemporânea] em Beethoven, Byron, Comte, Balzac, Lincoln, Amiel, [p.123] Tolstói, Freud, Camus e Anne Frank.				

<i>Elemento de significação</i>	<i>Psicologia Social</i>	<i>Categoria / Subcategoria</i>	<i>Época histórica</i>	<i>Autor(es)</i>
Não-riqueza	Estudos das causas do bem-estar subjetivo de Diener, Suh e Oishi (1997) e de Diener e Lucas (1999)	Referente aos valores sociais	Antigüidade	Demócrito, Horácio, Epicteto
			Idade Moderna	Baruch Spinoza
			Idade Contemporânea	Antoine de Saint-Exupéry
. a não-riqueza [ou a não acumulação de bens] encontramos nas representações que aparecem [na Antigüidade] em Demócrito, Horácio e Epicteto; [na Idade Moderna] em Spinoza; e em [na Idade Contemporânea] em [p.131] Saint-Exupéry.				

<i>Elemento de significação</i>	<i>Psicologia Social</i>	<i>Categoria / Subcategoria</i>	<i>Época histórica</i>	<i>Autor(es)</i>
Prazer	Estudos das causas do bem-estar subjetivo de Diener, Suh e Oishi (1997) e de Diener e Lucas (1999)	Referente aos valores terminais	Antigüidade	Sófoles, Aristóteles e Epicuro
			Idade Moderna	Thomas More e Immanuel Kant
			Idade Contemporânea	Gustave Le Bon, Paul Ambroise Valery e Sigmund Freud
	. o prazer encontramos nas representações que aparecem [na Antigüidade] em Sófoles, Aristóteles e Epicuro; [na Idade Moderna] em Thomas More e Kant; e [na Idade Contemporânea] em [p.133] Le Bon, Valery e Freud, principalmente ao se referir à relação entre felicidade e prazer sexual.			

<i>Elemento de significação</i>	<i>Psicologia Social</i>	<i>Categoria / Subcategoria</i>	<i>Época histórica</i>	<i>Autor(es)</i>
Saúde	Estudos da relação da saúde com o bem-estar de Okun, Stock, Haring e Witter (1984)	Referente ao bem-estar físico Referente ao bem-estar emocional	Antigüidade	Platão
			Idade Média	Santo Anselmo de Cantuária
			Idade Moderna	Adam Smith
			Idade Contemporânea	Marquês de Marica, Arthur Schopenhauer e Marcel Proust
	. A saúde [física e mental], tópico dos estudos da relação da saúde com o bem-estar de Okun, Stock, Haring e Witter (1984), por exemplo, encontramos nas representações da felicidade, vinculadas às categorias Referente ao bem-estar físico e Referente ao bem-estar emocional, como aparecem [na Antigüidade] em [p.143] Platão; [na Idade Média] em Santo Anselmo; [na Idade Moderna] em Adam Smith; e [na Idade Contemporânea] no Marquês de Marica, Schopenhauer e Proust.			

<i>Elemento de significação</i>	<i>Psicologia Social</i>	<i>Categoria / Subcategoria</i>	<i>Época histórica</i>	<i>Autor(es)</i>
Religiosidade	Estudos da influência da variável religião sobre o sentimento de bem-estar de Argyle (1999), de Ellison (1991) e de Diener, Suh, Lucas e Smith (1999)	De sentido conotativo	Antigüidade	Empédocles e Platão
			Idade Média	Santo Agostinho, São Francisco de Assis e Santo Tomás de Aquino
			Idade Moderna	Miguel de Cervantes Saavedra, Thomas More, Pe. Antonio Vieira, Blaise Pascal, Baruch Spinoza e Voltaire
			Idade Contemporânea	Marquês de Marica, George Clemenceau e Mário de Andrade
<p>. A religiosidade [ou fé], tópico dos estudos da influência da variável religião sobre o sentimento de bem-estar de Argyle (1999), de Ellison (1991) e de Diener, Suh, Lucas e Smith (1999), por exemplo, encontramos representações da felicidade, vinculadas à categoria De sentido conotativo, que aparecem [na Antigüidade] em Empédocles e Platão; [na Idade Média] em [p.116] Santo Agostinho, São Francisco de Assis e Santo Tomás de Aquino; [na Idade Moderna] em Cervantes, Thomas More, Pe. Antonio Vieira, Pascal, Spinoza e Voltaire; e [na Idade Contemporânea] em Marquês de Marica, Clemenceau e Mário de Andrade.</p>				

E, finalmente, podemos observar uma correspondência entre os itens enfocados nas investigações concernentes à felicidade e ao bem-estar subjetivo, dos atuais estudos da psicologia social, e os temas mais enfatizados pelos pensadores em suas representações de felicidade, entre os quais podemos destacar, entre outros: a referência interna relativa à avaliação do bem-estar subjetivo, com enfoque na subjetividade, os componentes do bem-estar subjetivo: satisfação, afeto prazeroso e baixo nível de afeto desprazeroso, as categorias de definições de bem-estar subjetivo e felicidade, as modalidades de indicadores do bem-estar subjetivo, as escolhas pessoais e o controle e a administração do tempo entre os tipos de atividades, o conceito de experiência de fluxo, a proporção das emoções prazerosas e desprazerosas em relação ao tempo, os domínios de satisfação e os julgamentos globais de satisfação de vida, o sucesso em atingir os objetivos em relação ao bem-estar subjetivo, a influência dos valores sobre o bem-estar subjetivo, a questão dos ideais e dos deveres, o uso da capacidade intelectual para o bem-estar subjetivo, os processos de socialização da emoção e a influência das variáveis demográficas sobre a felicidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo ‘A Representação da Felicidade no Pensamento Ocidental’ se apresenta como uma possibilidade de ampliar as investigações sobre a felicidade, no âmbito da Psicologia Social contemporânea, através da análise qualitativa dos trechos/fragmentos sobre felicidade, que nos legaram alguns dos mais significativos pensadores da história do pensamento ocidental.

Os relevantes estudos que vêm sendo desenvolvidos por pesquisadores como Ed Diener, na área do Bem-Estar Subjetivo, Mihaly Csikszentmihalyi, na área da Qualidade de Vida, e Martin E. P. Seligman, na área da Psicologia Positiva, ao lado de investigações realizadas por outros estudiosos cujas análises nos tem legado resultados igualmente importantes, cobrem uma imensa gama de aspectos relativos à felicidade, ao bem-estar subjetivo, à satisfação com a vida e à qualidade de vida ainda abertos a inúmeras possibilidades de exploração.

Esse campo de pesquisa tem investigado, principalmente, os componentes do bem-estar subjetivo, os modelos explicativos teóricos do bem-estar subjetivo, as influências situacionais e dos fatores intrínsecos sobre a felicidade, as relações entre personalidade e bem-estar subjetivo, os processos de adaptação e *coping*, a relação entre cognição e emoção e sua influência sobre o bem-estar subjetivo, as diferenças transculturais no bem-estar subjetivo e a influência das variáveis demográficas sobre a felicidade, entre outros temas.

Consideramos os trechos/fragmentos sobre felicidade elaborados pelos filósofos e literatos como representações sociais, pois se produziram em suas culturas, mediante suas comunicações interpessoais cotidianas, como verbalizações das suas concepções sobre o mundo que os cercava, quando davam forma à sua vida e organizavam sua realidade social, a partir das determinações históricas e do aqui-e-agora desses indivíduos. Entendemos que a vida individual, com sua singularidade histórica, só se constrói em relação a uma realidade social que influencia os comportamentos, os estados e os processos individuais, que, por sua vez, participam na construção das próprias realidades sociais.

Assim, as idéias sobre felicidade, que solicitaram a compreensão desses pensadores no dia-a-dia das suas relações interpessoais, foram veiculadas através das representações sociais formuladas a partir de informações e julgamentos de valor recolhidos em suas experiências pessoais e grupais. E essas representações, ao penetrar e influenciar a mente de cada um, foram re-pensadas, re-citadas e re-apresentadas.

O procedimento de coleta de dados foi realizado através da seleção e leitura das fontes documentais - obras de autores representativos das principais correntes filosóficas e literárias do pensamento ocidental, da Antiguidade à atualidade, e o concomitante levantamento dos trechos/fragmentos sobre felicidade, que visou à determinação do material a ser submetido à análise de conteúdo. Os dados levantados – os trechos/fragmentos sobre felicidade, considerados enquanto representações sociais da felicidade -, serviram de base para a análise qualitativa dos significados remanescentes do tema.

Partindo do levantamento bibliográfico e do exame das fontes documentais, foram coletados quatrocentos e sessenta trechos/fragmentos sobre felicidade, conforme apresentados no Quadro 1 ‘Os Trechos/fragmentos sobre Felicidade’. Esses trechos/fragmentos foram submetidos a análise temática de seu conteúdo, pela interpretação do seu significado psicológico, para o estabelecimento dos cento e quarenta elementos de significação, como aparece no Quadro 2 ‘Os Elementos de Significação’. Com base nessas análises foi criado um sistema de categorias que englobou oito categorias temáticas dicotômicas, cada categoria englobando os elementos de significação pertinentes e compatíveis com seu sentido, sendo que duas categorias foram subdivididas em duas subcategorias cada uma, conforme descritas no Quadro 3 ‘As Categorias Temáticas e sua Descrição’.

No Quadro 4 ‘As Categorias Temáticas e Os Elementos de Significação’, as categorias ficaram assim dispostas: 1) Referente à ordem individual, subcategorias Referente à ordem afetiva e Referente à ordem comportamental - Referente à ordem coletiva, subcategorias Referente a vivências interpessoais e Referente a vivências sociais; 2) Referente a valores do Ego - Referente a valores sociais; 3) Referente ao bem-estar físico e mental - Referente ao bem-estar emocional; 4) Referente a valores terminais - Referente a valores instrumentais; 5) De sentido denotativo - De sentido conotativo; 6) De sentido geral - De sentido específico; 7) De representação normativa - De representação realística; 8) De sentido prático - De sentido cognitivo.

A reunião dos elementos de significação em categorias de diferentes dimensões de análise nos permitiu estabelecer uma correspondência entre o nível dos dados inferidos da análise de conteúdo sobre os trechos/fragmentos sobre felicidade e o nível teórico dos dados levantados da psicologia social a respeito do tema da felicidade, do bem-estar subjetivo, da satisfação com a vida e da qualidade de vida, pelo estabelecimento de um diálogo com o referencial teórico.

Ao retomar os propósitos do presente estudo observamos que foram plenamente alcançados, dado que, para avaliar quais eram os aspectos contidos na idéia sobre a felicidade

que, transcendendo a história da humanidade, pareciam reapresentar-se periodicamente, enquanto representação, percorremos as principais correntes do pensamento ocidental, através das representações de felicidade expressas por alguns de seus mais significativos representantes, quando encontramos vários temas comuns entre os diferentes trechos/fragmentos sobre o estado de felicidade.

Foi possível, assim, verificar que diversos temas - representados pelos elementos de significação organizados no sistema de categorias - têm permanecido, ao longo da história, como essenciais ao significado de ser feliz, conforme apresentamos na seção 4 'Discussão', dado terem sido utilizados por pensadores diferentes em diferentes épocas históricas em suas representações da felicidade, como: as condições subjetivas e as características de personalidade, o amor e a amizade, as diversas virtudes, a alegria, a aquisição e o exercício do conhecimento, o contato social, o amor próprio, o prazer, a família, a consecução do desejo, a religiosidade, o dinheiro e a saúde física e mental, entre outros, o que nos revela, em termos históricos, a perspectiva da longa duração do conceito de felicidade.

Tomados no conjunto, os elementos de significação mais recorrentes são aqueles que apontam para a felicidade representada como vinculada aos diversos aspectos da vida social, incluindo as relações familiares, à vivência da virtude, à religiosidade, à aquisição e o exercício do conhecimento, às condições subjetivas características da personalidade e do temperamento da pessoa, à fruição do prazer, à experiência da amizade, ao sentimento de amor, aos diversos níveis de ação, ao não-conhecimento dos aspectos desagradáveis da realidade e ao não-sofrimento físico e mental.

Se observados isoladamente em cada período histórico distinto, percebemos que os elementos de significação mais recorrentes são os que indicam a felicidade representada como relacionada com: na Antiguidade, o acúmulo de conhecimento, as condições subjetivas da pessoa, a convivência social, o cultivo da amizade, a manutenção de uma boa conduta, o exercício da virtude da justiça e a obtenção do prazer; na Idade Média, o exercício da religiosidade e a busca e a vivência de acordo com a verdade; Na Idade Moderna, os relacionamentos no convívio social, a vivência da religiosidade, a ação de acordo com a virtude e as relações de amor; e na Idade Contemporânea, a experiência da vida social, a obtenção do conhecimento, o não-conhecimento das condições desfavoráveis da vida, as possibilidades de ação sobre a realidade, as condições subjetivas do indivíduo, o alcance do prazer, o exercício da religiosidade e a vivência do Amor.

Da mesma forma, obtivemos um resultado positivo ao cruzarmos os aspectos concernentes à felicidade e ao bem-estar subjetivo dos atuais estudos da psicologia social com

os resultados encontrados na análise de conteúdo dos trechos/fragmentos sobre felicidade. Foi possível, também, verificar que os temas mais enfatizados pelos pensadores em suas representações de felicidade encontram correspondência nos itens enfocados nas investigações apresentadas na seção 1 ‘Revisão de Literatura’, conforme também apresentamos, concomitantemente, na seção 3 ‘Discussão’, entre os quais destacamos, por exemplo: a referência interna relativa à avaliação do bem-estar subjetivo, com enfoque na subjetividade, os componentes do bem-estar subjetivo: satisfação, afeto prazeroso e baixo nível de afeto desprazeroso, as categorias de definições de bem-estar subjetivo e felicidade, as modalidades de indicadores do bem-estar subjetivo, as escolhas pessoais e o controle e a administração do tempo entre os tipos de atividades, o conceito de experiência de fluxo, a proporção das emoções prazerosas e desprazerosas em relação ao tempo, os domínios de satisfação e os julgamentos globais de satisfação de vida, o sucesso em atingir os objetivos em relação ao bem-estar subjetivo, a influência dos valores sobre o bem-estar subjetivo, a questão dos ideais e dos deveres, o uso da capacidade intelectual para o bem-estar subjetivo, os processos de socialização da emoção e a influência das variáveis demográficas sobre a felicidade, entre outros.

Não foi nossa intenção buscar um conceito geral de felicidade, que representasse uma síntese ou que englobasse todos os trechos/fragmentos sobre felicidade coletados. Pelo contrário, nossa intenção precípua foi a de investigar a multiplicidade, a variedade, a polimorfia e a polissemia dos aspectos através dos quais a felicidade foi sendo compreendida e representada ao longo dos séculos de formação da ‘cultura ocidental’.

Ademais, entendemos que as diferentes abordagens dos estudos sobre felicidade, bem-estar subjetivo, satisfação com a vida e qualidade de vida devem ser vistas como complementares e podem ser integradas na busca de respostas para o questionamento das suas causas. As pesquisas demonstram que as metas pessoais e os fatores objetivos, genéticos, cognitivos e da personalidade desempenham papéis importantes em sua determinação e, portanto, é imprescindível que se perceba e investigue esses fatores em sua complexa inter-relação.

A partir dos resultados do presente estudo, que buscou ampliar a compreensão dos aspectos psicossociais do estado de “ser feliz”, esperamos ter podido acrescentar novos dados ao estudo da felicidade, contribuindo, assim, positivamente para o desenvolvimento deste ramo da psicologia. Parece-nos que esta é uma discussão que continuará sendo atual e instigante.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS BÁSICAS.

ARIÈS, P. **A história das mentalidades**. In LE GOFF, J. **A história nova**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

_____. **Política**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

BELDARRAIN-DURANDEGUI, A.; SOUZA FILHO, E. A. Representações de grupos nacionais entre jovens segundo o grupo étnico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.20, n.3, p.257-266, set./dez 2004.

BRAUDEL, F. **Reflexões sobre a história**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BUSS, D. M. The evolution of happiness. **American Psychologist**, v.55, n.1, p.15-23, 2000.

CAMPANELLA, T. **A cidade do sol**. Disponível em: <http://www.odialetico.hpg.ig.com.br/>. Acesso em 09 fev. 2005.

CAMPBELL, A. Subjective measures of well-being. **American Psychologist**, p.117-124, Feb. 1976.

CARVER, C. S.; SUTTON, S. K.; SCHEIER, M. F. Action, emotion, and personality: emerging conceptual integration. **Personality and Social Psychology Bulletin**, Thousand Oaks, 26(6) p.741-751, jun. 2000.

CHAVES, A. M. O fenômeno psicológico como objeto de estudo transdisciplinar. **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.13, n.1, p.159-165, 2000.

COMTE, A. **Discurso preliminar sobre o espírito positivo**. Disponível em: <http://www.odialetico.hpg.ig.com.br/>. Acesso em 09 fev. 2005.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **A descoberta do fluxo**. A psicologia do envolvimento com a vida cotidiana. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DEMÓCRITO. Sentenças e fragmentos. In: **Os pré-socráticos**. São Paulo: Abril, 1973. Col. Os Pensadores, v.I.

DESCARTES, R. **Regras para a direção do espírito**. São Paulo: Martin Claret, 2000.

DIENER, E. Subjective well-being. **Psychological Bulletin**, v.95, n.3, p.542-575, 1984.

DIENER, E. Subjective well-being: the science of happiness and a proposal for a national index. **American Psychologist**, 55, 34-43, 2000.

DIENER, E.; BISWAS-DIENER, R. New directions in subjective well-being research: the cutting edge. **Indian Journal of Clinical Psychology**, 27, 21-33, 2000.

DIENER, E.; DIENER, M.; DIENER, C. Factors predicting the subjective well-being of nations. **Journal of Personality and Social Psychology**, 69, p.851-64, 1995.

DIENER, E.; FUJITA, F. Resources, personal strivings, and subjective well-being: a nomothetic and idiographic approach. **Journal of Personality and Social Psychology**. v. 68(5), p.926-935, may 1995.

DIENER, E., LARSEN, R. J., LEVINE, S.; EMMONS, R. A. Intensity and frequency: dimensions underlying positive and negative affect. **Journal of Personality and Social Psychology**, 48, p.1253-1265, 1985.

DIENER, E.; LUCAS, R. E. Subjective emotional well-being. In: LEWIS, M.; HAVILAND, J. M. (Eds.) **Handbook of emotions**. 2.ed. New York: Guilford, 2000. p.325-337.

DIENER, E.; LUCAS, R. E. Personality and Subjective well-being. In: KAHNEMAN, D.; DIENER, E.; SCHWARZ, N. (Eds). **Well-being: The foundations of hedonic psychology**. New York: Russell Sage Foundation, 1999. p.213-229.

DIENER, E.; NAPA-SCOLLON, C. K.; OISHI, S.; DZOKOTO, V.; SUH, E. M. Positivity and the construction of life satisfaction judgments: global happiness is not the sum of its parts. **Journal of Happiness Studies**, 1(2), p.159-176, jun. 2000.

DIENER, E.; OISHI, S. Are Scandinavians happier than Asians? Issues in comparing nations os subjective well-being. In F. Columbus (Ed.), **Politics and economics of Asia**. Hauppauge, NY: Nova Science Publishers, 2003.

DIENER, E.; OISHI, S. The nonobvious social psychology of happiness. Invited paper, **Psychological Inquiry**, 2004.

DIENER, E.; SCOLLON, C. N.; LUCAS, R. E. The evolving concept of subjective well-being: the multifaceted nature of happiness. In P. T. Costa; I. C. Siegler (Eds.), **Advances in cell aging and gerontology**, v.15, p.187-220. Amsterdam: Elsevier, 2004.

DIENER, E.; SELIGMAN, M. E. P. Beyond money: toward an economy of well-being. **Psychological Science in the Public Interest**, 5, 1-31, 2004.

DIENER, E.; SUH, E. National differences in subjective well-being. In: KAHNEMAN, D.; DIENER, E.; SCHWARZ, N. (Eds). **Well-being: The foundations of hedonic psychology**. New York: Russell Sage Foundation, 1999. p.434-450.

DIENER, E.; SUH, E. Measuring quality of life: economic, social, and subjective indicators. **Social Indicators Research**, 40, p.189-216, 1997.

DIENER, E.; SUH, E. M.; LUCAS, R. E.; SMITH, H. L. Subjective well-being: three decades of progress. **Psychological Bulletin**, 125(2), p.276-302, mar 1999.

DIENER, E.; SUH, E.; OISHI, S. Recent findings on subjective well-being. **Indian Journal of Clinical Psychology**, 24, 25-41, 1997.

DIENER, E.; TOV, W. Culture and subjective well-being. In S. Kitayama; D. Cohen (Eds.), **Handbook of cultural psychology**. (in press).

DIOGENES LAERCIO. **Vidas de los filósofos más ilustres**. Disponível em: www.ebooksbrasil.com. Acesso em 23 abr. 2004.

EMPÉDOCLES. Purificações. Fragmentos. In: **Os pré-socráticos**. São Paulo: Abril, 1973. Col. Os Pensadores, v.I.

EMMONS, R. A.; DIENER, E. Factors predicting satisfaction judgments: A comparative examination. **Social Indicators Research**, 16, p.157-167, 1985.

ENGELMANN, A. **Os estados subjetivos: uma tentativa de classificação de seus relatos verbais**. São Paulo: Editora Ática, 1978.

EPICURO, LUCRÉCIO, CÍCERO, SÊNECA. **Vida e obra**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. Col Os Pensadores.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade** (a Meneceu). 2.reimp. São Paulo: UNESP, 1998.

ERASMO. **Elogio da loucura**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

FREUD, S. O mal estar na civilização. In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000. Edição Eletrônica Brasileira.

GIACOMONI, C. H. **Bem-estar subjetivo infantil: conceito de felicidade e construção de instrumentos para avaliação**. 248 f. Tese (doutorado)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Porto Alegre, BR-RS, 2002. Disponível em: <http://www.biblioteca.ufrgs.br/bibliotecadigital/>. Acesso em: 26 mar. 2005.

GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

GUNTHER, H. Uma tentativa de traduzir e adaptar a Escala de Valores de Rokeach para uso no Brasil. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, 33(3): 58-72, jul./set. 1981.

HELLER, A. **Sociologia de la vida cotidiana**. 4.ed. Barcelona: Península, 1994.

HERÁCLITO. Sobre a natureza. Fragmentos. In: **Os pré-socráticos**. São Paulo: Abril, 1973. Col. Os Pensadores, v.I.

HUME, D. **Investigação acerca do entedimento humano**. Disponível em: <http://br.egroups.com/group/acropolis/>. Acesso em: 12 dez. 2004.

KANT, I. **Crítica da razão prática**. Disponível em: <http://www.odialetico.hpg.ig.com.br/>. Acesso em 09 fev. 2005.

_____. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

LE BOM, G. **As opiniões e as crenças**. Disponível em: <http://www.odialetico.hpg.ig.com.br/>. Acesso em 09 fev. 2005.

LE GOFF, J. **A história nova**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEITE, C. B. (Org.) **O livro das citações**. Para todas as ocasiões. São Paulo: Tecnoprint, 1989.

LUCAS, R. E., DIENER, E.; SUH, E. Discriminant validity of well-being measures. **Journal of Personality and Social Psychology**, 71, p.616-628, 1996.

MAQUIAVEL, N. **O príncipe**. Disponível em: <http://www.odialetico.hpg.ig.com.br/>. Acesso em 09 fev. 2005.

MARCO AURÉLIO. **Meditações**. Espinho, Portugal: versão portuguesa baseada na tradução inglesa do original, da Edição da Penguin Books, 2002.

MANERO, A. **Diccionario ontológico del pensamiento universal**. Mexico: Unión Tipográfica Hispano americana, 1958.

MORE, T. **A utopia**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MYERS, D. G.; DIENER, E. The science of happiness. **The Futurist**, Washington, Sep/Oct, v.31, n.5, p.S1-S7, 1997.

PAVOT, W.; DIENER, E. Review of the satisfaction with life scale. **Psychological Assessment**, 5, 164-172, 1993.

PAVOT, W., DIENER, E., COLVIN, C. R.; SANDVIK, E. Further validation of the satisfaction with life scale: evidence for the cross-method convergence of well-being measures. **Journal of Personality Assessment**, 57, p.149-161, 1991.

PEREIRA, C. A. A. Um panorama histórico-conceitual acerca das subdimensões de qualidade de vida e do bem-estar subjetivo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 49 (4), 32-48, 1997.

_____; ENGELMANN, A. Um estudo da qualidade de vida universitária no trabalho entre docentes da UFRJ. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 45 (3:4), 12-48, 1993.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

_____. **A república**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

_____. **Banquete**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

POMIAN, K. **A história das estruturas**. In LE GOFF, J. **A história nova**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

RÓNAL, P. **Dicionário universal Nova Fronteira de citações**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ROSSLER, J. H. O desenvolvimento do psiquismo na vida cotidiana: aproximações entre a psicologia de Alexis N. Leontiev e a teoria da vida cotidiana de Agnes Heller. **Cadernos CEDES**, Campinas, v.24, n.62, Abr. 2004.

ROUSSEAU, J-J. **Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens**. Disponível em: www.livros_gratis/origem_desigualdades.htm. Acesso em: 05 jan. 2005.

_____. **Do contrato social**. Disponível em: www.livros_gratis/contrato_social.htm. Acesso em 05 jan. 2005.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

SANTO ANSELMO DE CANTUÁRIA. **Monólogo**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Col. Os Pensadores, v.VII.

SANTO TOMÁS DE AQUINO. **Súmula contra os gentios**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Col. Os Pensadores, v.VIII.

_____. **Compêndio de teologia**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Col. Os Pensadores, v.VIII.

SCHIMMACK, U.; DIENER, E. Affect intensity: separating intensity and frequency in repeatedly measured affect. **Journal of Personality and Social Psychology**, 73, p.1313-1329, 1997.

SELIGMAN, M. E. P. **Felicidade autêntica: usando a nova psicologia positiva para a realização permanente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

SELIGMAN, M. E. P.; CSIKSZENTMIHALYI, M. Positive psychology: an introduction. **American Psychologist**, 55, 5-14, 2000.

SEIDLITZ, L.; DIENER, E. Memory for positive versus negative life events: theories for the differences between happy and unhappy persons. **Journal of Personality and Social Psychology**, 64, p.654-664, 1993.

SEMIN, G. R.; CHASSEIN, J. The relationship between higher order models and everyday conceptions of personality. **European Journal of Social Psychology**, v.15, 1-15, 1985.

Schimmack, U.; Oishi, S.; Diener, E.; Suh, E. Facets of affective experiences: a framework for investigations of trait affect. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v.26, 6, p. 655-668, Jun 2000.

SMITH, A. **A riqueza das nações**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. 2.v.

SOUZA FILHO, E. A.; HENNING, M. G. Representações sociais da AIDS, práticas sexuais e vida social entre heterossexuais, bissexuais e homossexuais em Brasília, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v.8, n.4, p.428-441, out./dez 1992.

SPINK, M. J. P. (Org.). **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SPINOZA, B. **Ética** – demonstrada à maneira dos geômetras. São Paulo: Martin Claret, 2002.

_____. **Tratado da correção do intelecto**. Disponível em: www.virtualbooks.com.br/. Acesso em: 28 jun. 2004.

SUH, E.; DIENER, E.; FUJITA, F. Events and subjective well-being: only recent events matter. **Journal of Personality and Social Psychology**, 70, p.1091-1102, 1996.

VIEIRA, A. **Sermões escolhidos**. São Paulo: Edameris, 1965. 2v. Disponível em: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>. Acesso em: 23 nov. 2004

VOLTAIRE. **Dicionário filosófico**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

WHOQOL – **Instrumentos de avaliação de qualidade de vida**. Versão em português: 1998. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/psiq/whoqol>. Acesso em: 14set.2004.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Normalização da documentação no Brasil. **NBR 10520: Apresentação de Citações em Documentos**. Rio de Janeiro: Autor, Abr.1992.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Normalização da documentação no Brasil. **NBR 6023: Referências Bibliográficas**. Rio de Janeiro: Autor, Ago.1989.

BASTOS, L. R. et al. **Manual para elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses, dissertações e monografias**. 4.ed.rev.amp. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1995.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.

DIENER, E.; BISWAS-DIENER, R. Will money increase subjective well-being? **Social Indicators Research**, v.57, 2, p.119, Feb.2002.

BISWAS-DIENER, R.; DIENER, E.; TAMIR, M. The psychology of subjective well-being. **Daedalus**, 133, 2, Spring 2004.

BURTIN-VINHOLES, S. **Dicionário francês-português, português-francês**. 36.ed. São Paulo: Globo, 1995.

CHÂTELET, F. (Org.) **História da filosofia** – idéias, doutrinas. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

- CSIKSZENTMIHALYI, M. **Psicologia da felicidade**. São Paulo: Saraiva, 1992.
- CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2.ed.rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- DEMO, P. **Dialética da felicidade**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DIENER, E.; OISHI, S.; LUCAS, R. E. Personality, culture, and subjective well-being: Emotional and cognitive evaluations of life. **Annual Review of Psychology**, 54, 2003.
- DOSSE, F. **História e ciências sociais**. Bauru, EDUSC, 2004.
- EDWARDS, P. (Ed.) **The encyclopedia of philosophy**. 4.ed. New York: McMillan, 1972.
- EID, M.; DIENER, E. Global judgments of subjective well-being: situational variability and long-term stability. **Social Indicators Research**, v.65, 3, p.245, Feb.2004.
- FARR, R. M. **As raízes da psicologia social moderna**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FAIRCLOUGH, N. **Critical discourse analysis: the critical study of language**. London: Longman, 1995.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed.rev.aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- GROSS, J. J.; SUTTON, S. K.; KETELAAR, T. Relations between affect and personality: Support for the affect-level and affective-reactivity views. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v.24, 3, p.279-288, Mar 1998.
- GUIMELLI, C. **Structures et transformations des représentations sociales**. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1994.
- HOUAISS, A. **Dicionário inglês-português**. 10.ed. atual. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- _____. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- _____. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=felicidade>. Acesso em: 28 set. 2005.
- LALLANDE, A. **Vocabulaire technique et critique de la philosophie**. Paris: PUF, 1960.
- LANE, S. T. M.; CODO, W. (Orgs.) **Psicologia social: o homem em movimento**. 13.ed. 3.reimp. São Paulo: Brasiliense, 2001.

LAWTON, M. P.; WINTER, L.; KLEBAN, M. H.; RUCKDESCHEL, K. Affect and quality of life: Objective and subjective. **Journal of Aging and Health**, 11(2), P.169-198, may 1999.

LEVIN, J. S.; CHATTERS, L. M. Religion, health, and psychological well-being in older adults: findings from three national surveys. **Journal of Aging and Health**, v.10, 4, p.504-531, Nov 1998.

LU, L. Personal or environmental causes of happiness: a longitudinal analysis. **The Journal of Social Psychology**, v.139, 1, p.79-90, Feb 1999.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**. As formas do discurso. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MACINTOSH, R. A confirmatory factor analysis of the affect balance scale in 38 nations: A research note. **Social Psychology Quarterly**, Washington, 61(1), p.83-91, mar. 1998.

MARQUES, E. A. **Teses e dissertações: estrutura e apresentação**. 2.ed.ver.aum. Rio de Janeiro: UERJ, 1995.

MENDES, C. C. **Autopercepção de bem-estar subjetivo de participantes no grupo de alcoólicos anônimos**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Rio de Janeiro, 1999.

MYERS, D. G. **Psicologia social**. 6.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

NAVARRO, E. A. Sócrates, o mestre da Grécia e do mundo. Perfil biográfico. *In: Apologia de Sócrates*. Banquete. São Paulo: Martin Claret, 2001.

PEREIRA, C. A. A. Receita de felicidade. **Saúde**, n.146, p.34-46, nov. 1995. Entrevista.

_____. *et al.* Ser feliz. **Cláudia**, a.36, n.6, p.14-15, jun. 1997. Entrevista.

_____. **Resposta a 13 perguntas sobre felicidade**. Manuscrito de sete páginas, 1995.

PEREIRA, H. B. C. **Michaelis – pequeno dicionário espanhol-português, português-espanhol**. São Paulo: Melhoramentos, 1996.

REIS, H. T.; SHELDON, K. M.; GABLE, S. L.; ROSCOE, J.; RYAN, R. M. Daily well-being: The role of autonomy, competence, and relatedness. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v.26, 4, 419-435, Apr 2000.

RUSSEL, B. **The conquest of happiness**. London: George Allen & Unwin, 1948.

SALOMON, D. V. **Como fazer uma monografia**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

SATTERFIELD, J. M. Happiness, excellence, and optimal human functioning. **Western Journal of Medicine**, v.174, 1, p. 26-29, Jan 2001.

SELIGMAN, M. E. P.; CSIKSZENTMIHALYI, M. Positive psychology. An introduction. **American Psychologist**, v.55, n.1, p.5-14, 2000.

SEMIN, G. R.; CHASSEIN, J. The relationship between higher order models and everyday conceptions of personality. **European Journal of Social Psychology**, v.15, 1-15, 1985.

SERPA, O. **Dicionário escolar inglês-português, português-inglês**. 8.ed. 12.tir. Rio de Janeiro: FAE, 1994.

SILVA, M. C., BRAYNER, S. **Normas técnicas de editoração – teses, monografias, artigos e papers**. 2.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

SOUZA, F. A. **Novo diccionario latino-portuguez**. Paris: Librairie Aillaud, Bastos, [s.d.].

STREY, M. N. *et al.* **Psicologia social contemporânea**: livro texto. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

UFRJ. S/BI. **Manual para elaboração e normalização de dissertações e teses**. 3.ed. rev. atual. ampl. Rio de Janeiro: 2004. Série Manual de Procedimentos, n. 05. Disponível em: www.sibi.ufrj.br. Acesso em 27 abr. 2005.

VILAR, P. **Iniciación al vocabulario del análisis histórico**. Barcelona: Editorial Critical, 1980.